

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

DAVID ALEJANDRO RAMÍREZ PALACIOS

**Élisée Reclus e a Geografia da Colômbia
cartografia de uma interseção**

**São Paulo
2010**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA**

**Élisée Reclus e a Geografia da Colômbia
cartografia de uma interseção**

David Alejandro Ramírez Palacios

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para optar ao título de Mestre em Geografia Humana.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto

**São Paulo
2010**

A Dianis, por su amor y su complicidad

RESUMO

O seguinte ensaio interessa-se pelos momentos de conjunção entre a obra do geógrafo e cartógrafo anarquista francês Élisée Reclus (1830-1905) e um país chamado Colômbia, em cujas montanhas chegou a morar por um par de anos –quando ainda tinha por nome Nova Granada e incluía o Panamá– e sobre o qual escreveu em diferentes ocasiões. Procura avançar na compreensão das lógicas dominantes do projeto intelectual deste autor mediante o mapeamento do jogo de referências desatado por ele nos capítulos «Colômbia» (1893) e «Panamá» (1891) da sua *Nova Geografia Universal*, tentando identificar e organizar seus elementos, procurando obter algum tipo de retorno em termos de filosofia política.

Considera especialmente a participação do geógrafo e cartógrafo colombiano Francisco Javier Vergara y Velasco, interlocutor e colaborador de Reclus no processo de criação desses capítulos por meio do estudo da correspondência inédita dirigida a ele pelo francês, formulando a partir da mesma algumas questões sobre o funcionamento do eurocentrismo.

Aspira, enfim, deixar preparado o terreno para uma imersão mais vertical nestes textos, centrada na procura da formação territorial da Colômbia.

Colômbia	História	Geografia
Cartografia	Élisée Reclus	Francisco Javier Vergara y Velasco

ABSTRACT

The following essay is interested on conjunction moments between french anarchist, geographer and cartographer Élisée Reclus (1830-1905) works and a country named Colombia, in which mountains he even lived for a couples years –when its name still was New Granada and included Panama– and which he wrote several times about. It tries to advance on comprehension of the main logics of the intellectual project of this author by mapping the set of references untied by him on chapters «Colombia» (1893) e «Panama» (1891) of his *New Universal Geography*, trying to identify and organize its elements and looking to get some kind of return in terms of political philosophy.

It specially considers the role of Colombian geographer and cartographer Franciso Javier Vergara y Velasco, Reclu's interlocutor and collaborator, on the making up of this chapters process by studying the unpublished letters sent to him by the french, formulating on base of it some questions about the running of euro-centrism.

It aspires, after all, to prepare the terrain for a more vertical submersion on this texts, centered on the quest of Colombia's territorial formation.

Colombia	History	Geography
Cartography	Élisée Reclus	Francisco Javier Vergara y Velasco

Índice

	p.
Preâmbulo	10
Algumas palavras sobre Élisée Reclus	15
«Quem conhece hoje a Élisée Reclus»	16
Alicerces	29
Desenvolvimentos	44
Auto-descoberta de um tema de pesquisa,	53
Primeiros avanços e atualizações	54
Território: Poder, Coletivo, Historicidade	85
Reclus, Vergara... e alguns outros	91
Eurocentrismo, atribuição do saber e «geografia da geografia»	101
A cartografia «reclusiana» e os mapas dos capítulos «Colômbia» e «Panamá»	109
Uma outra «nova» Geografia Universal	139
Recapitulação	147
Bibliografia	152
Documentação	156
Mapas citados	158
Arquivos / Periódicos e jornais	160
Websites	161

Anexos e apêndices

	p.
Apêndice A	
Cronologia biográfica de Élisée Reclus	162
Apêndice B	
Obras de Reclus sobre a Colômbia	163
Apêndice C	
Estrutura da <i>Nova Geografia Universal</i> de Élisée Reclus	164
Apêndice D	
Fontes do capítulo «Panamá» (1891) da <i>Nova Geografia Universal</i>	165
Apêndice E	
Fontes do capítulo «Colômbia» (1893) da <i>Nova Geografia Universal</i>	168
Apêndice F	
Materiais fornecidos a Élisée Reclus por F. J. Vergara y Velasco	173
Apêndice G	
Escalas dos mapas do capítulo «Panamá» da <i>Nova Geografia Universal</i>	174
Apêndice H	
Escalas dos mapas do capítulo «Colômbia» da <i>Nova Geografia Universal</i>	175
Anexo 1	
Mapas, tipos humanos e vistas de paisagens dos capítulos «Panamá» e «Colômbia» da <i>Nova Geografia Universal</i> de Élisée Reclus	176
Anexo 2	
Correspondência de Élisée Reclus a Francisco Javier Vergara y Velasco	213

Agradecimentos

São tantas as pessoas que têm contribuído de forma significativa nesta etapa de meu trabalho, que seria para mim impossível enumerá-las por extenso. Desejo mencionar particularmente algumas delas, e de antemão peço desculpas pelas possíveis injustiças que nisto possa incorrer.

Desejo agradecer em primeiro lugar ao professor André Roberto Martins, por haver-me aberto as portas desta Universidade, pela qual desejo também exprimir meu carinho e agradecimento.

Em segundo lugar, ao meu orientador, professor Manoel Fernandes de Sousa Neto, por aceitar-me como orientando, por haver-me dado a oportunidade de aprofundar com ele na compreensão da metodologia aqui intentada, pelos múltiplos espaços de discussão por ele gestados em que foi possível testar algumas das idéias aqui expostas e conhecer pesquisas diferentes com perguntas importantes em comum, pela sua amizade, confiança e paciência, por sua ajuda na correção do texto, seu ânimo e seu apoio, e por haver-me ressaltado que nosso primeiro dever moral como seres humanos é a procura da felicidade.

Igualmente, ao professor Antonio Carlos Robert Morais, por haver-me iniciado no pensamento geográfico contemporâneo, pelas múltiplas discussões que teve a bem conceder-me, por descobrir-me o território –que ainda para mim é incógnita, mas pelo menos agora é procura– e por sua exigência de realismo.

Da mesma forma, desejo agradecer à professora Iris Kantor, por haver-me introduzido de forma mais consciente no mundo dos velhos mapas, assim como aos companheiros do Laboratório de Estudos de Cartografia Histórica, Flora, Julia, Newton, Iuri, Isa, Maga e Roger, pela sua amizade.

E, finalmente, a Flora de novo, a Paul Sutermeister, a Ana María Hernández e a Marie-Pier Roberge, por sua inestimável ajuda linguística, paleográfica e bibliográfica.

Logicamente, a responsabilidade pelos possíveis erros, vácuos e outras deficiências deste trabalho, corresponde-me exclusivamente.

O sexto planeta era dez vezes mais vasto. Era habitado por um senhor idoso que escrevia livros enormes.

– Bravo! Eis um explorador! Exclamou ele, logo que viu o pequeno príncipe.
 O pequeno príncipe assentou-se na mesa, ofegante. Já viajara tanto!

– De onde vens? perguntou-lhe o ancião.

– Que livro grosso é esse? perguntou-lhe o pequeno príncipe. Que faz o senhor aqui?
 – Sou um geógrafo, respondeu o ancião.

– Que é um geógrafo? perguntou o pequeno príncipe.

– É um sábio que sabe onde se encontram os mares, os rios, as cidades, as montanhas, os desertos.

– É bem interessante, disse o pequeno príncipe. Eis, afinal, uma verdadeira profissão! E lançou um olhar, em torno de si, no planeta do geógrafo. Nunca havia visto planeta tão majestoso.

– É o seu planeta muito bonito. Haverá oceanos nele?
 – Não posso saber, disse o geógrafo.

– Ah! (O pequeno príncipe estava decepcionado.) E montanhas?
 – Não posso saber, disse o geógrafo.

– E cidades, e rios, e desertos?
 – Também não posso saber, disse o geógrafo.

– Mas o senhor é geógrafo!

– É claro, disse o geógrafo, mas não sou explorador. Tenho uma falta absoluta de exploradores. Não é o geógrafo que vai contar as cidades, os rios, as montanhas, os mares, os oceanos e os desertos. O geógrafo é muito importante para ficar deambulando. Não deixa um instante seu gabinete. Mas recebe os exploradores. Os interroga, toma nota de suas memórias. E se as memórias de algum lhe parecem interessantes, o geógrafo abre um inquérito sobre a moralidade do explorador.

– Por quê?
 – Porque um explorador que mentisse produziria catástrofes nos livros de geografia. Como um explorador que bebesse demais.

– Por quê? perguntou o pequeno príncipe.

– Porque os bêbados vêm dobrado. Então o geógrafo anotaria duas montanhas lá onde há uma só.

– Conheço alguém, disse o pequeno príncipe, que seria um mau explorador.

– É possível. Pois bem, quando a moralidade do explorador parece boa, faz-se uma investigação sobre a sua descoberta.

– Vai-se ver?

Não. Seria muito complicado. Mas exige-se do explorador que ele forneça provas. Se trata-se por exemplo da descoberta de uma grande montanha, se lhe exige que traga grandes pedras.

O geógrafo, de súbito, se entusiasmou:

– Mas tu vens de longe. Tu és explorador! Tu me vais descrever o teu planeta!

E o geógrafo, tendo aberto o seu caderno, apontou o seu lápis. Anotam-se primeiro a lápis as narrações dos exploradores. Espera-se, para cobrir à tinta, que o explorador tenha fornecido provas.

“Je ne suis pas d'avis d'aller d'abord à México. Il y a des passeports, de la police, des gendarmes... et Santa-Anna, autre Napoléon III, élu par la volonté du Peuple.”

Le Popocatepetl et l'Orizaba et le Perote et le plateau de l'Anahuac et les mines de Xihuatitlan et les magueys et les voleurs, tout cela est sans doute fort intéressant à voir, mais dans la Nouvelle-Grenade, nous trouverons une nature tout aussi belle que celle du Mexique et beaucoup plus imprévue. La Nouvelle-Grenade est un pays à découvrir: c'est le pays qui porte les destinées de l'Amérique méridionale, parce que c'est là que toutes les forces viennent s'accumuler et se déverser à la fois dans deux mers, etc. Que dis-tu du plateau d'Ambato où les saisons sont superposées plus que partout ailleurs et où, d'un même coup d'œil, on peut embrasser les flots bleus du Pacifique et les torrents que descendent vers l'Amazone... Là, point de passeports et de gendarmes, et, si je ne me trompe, de braves gens fort peu yankees. Autre raison concluante: de Nouvelle-Orléans à Vera-Cruz, 25 piastres ; de Nouvelle-Orléans à Chagres, 25 piastres ; de Chagres à Darien, supposons rien pour mieux nous entendre. De Darien à Bogotá, pedibus, joie, tourteaux de maïs, aboiements à la lune et plaisirs pantagruelsques. Mexico viendra plus tard. Qu'en dis-tu?

[Acho que finalmente não vou passar mais por México: passaportes, policia, gendarmes... e Santa Anna, outro Napoleão III, eleito pela vontade do povo.

O Popocatepetl e o Orizaba e o Perote e o planalto de Anahuac e as minas de Xihuatitlan e os magueis e os ladrões, tudo isso é sem dúvida muito interessante de se ver, mais na Nova Granada encontraremos uma natureza tão bela quanto a do México e muito mais insólita. A Nova Granada é um país a ser descoberto: é o país que carrega os destinos da América meridional, pois é lá que todas as forças vem se acumular para ir se verter em dois mares, etc. Que diz tu do planalto de Ambato [Ecuador, na verdade] onde as estações superpõem-se como em nenhuma outra parte e onde, com um só golpe de olho, podem abraçar-se as ondas azuis do Pacífico e os torrents que descem em direção do Amazônas... Lá, nada de passaportes ou gendarmes.

Outra razão concluinte: de Nova Orleans a Vera Cruz [México], 25 contos; de Nova Orleans a Chagres [Panamá], 25 contos; de Chagres a Darien, vamos dizer, nada. De Darien a Bogotá, a pé, alegria, tortas de milho [arepas], latidos à lua e prazeres pantagruelscos. México será depois. Que tu diz?]

Carta de Élisée Reclus a seu irmão Elie
Plantação Fortier, Louisiana, 1855

[RECLUS, Elisée, Correspondance. Tome premier, Décembre 1850 – mai 1870, Paris, Librairie Schleicher Frères, 1911 p. 89-90]

«Verdadeiro puritano em sua maneira de viver e, desde o ponto de vista intelectual, do tipo do filósofo enciclopedista francês do século XVIII; o anarquista cujo anarquismo não é mais do que o resumo de seu vasto e profundo conhecimento das manifestações da vida humana sob todos os climas e em todas as idades da civilização.»

Kropotkin acerca de Reclus

«Jamais, desde as primeiras discussões dos Gregos sobre a excelência da vida pública, se falou de política sem falar de natureza; ou, além disso, jamais se fez apelo à natureza, senão para dar uma lição de política. Sequer uma só linha foi escrita –pelo menos na tradição ocidental– em que a palavra natureza, de ordem da natureza, de lei natural, de direito natural, de causalidade inflexível, de leis imprescritíveis, não tenha sido seguida, algumas linhas, alguns parágrafos, algumas páginas adiante, por uma afirmação concernente à maneira de reformar a vida pública. [...] Concepções da política e concepções da natureza sempre formaram uma dupla tão rigidamente unida como os dois lados de uma gangorra, em que um se abaixa quando o outro se eleva e inversamente. Jamais houve outra política senão a *da* natureza e outra natureza senão a *da* política.»

Bruno Latour,

Políticas da Natureza, EDUSC, Bauru, 2004 [1999], p. 58-5

Preâmbulo

Faz já quase um lustro que este «geógrafo anarquista francês» Élisée Reclus cruzou o meu caminho pela primeira vez e que comecei a adotá-lo, embora que intermitentemente, como objeto de atenção.

A amplitude, profundidade e diversidade de seu pensamento constituem até hoje para mim um enorme desafio, diante do qual eu ainda sinto-me inferior.

Reclus levou uma vida austera, muito dinâmica, militante e em ocasiões convulsa, *heroica*, tem-se dito.

As páginas de sua obra contam-se por dezenas de milhares, e versam sobre a história e a geografia da humanidade inteira.

Percorreu meio mundo em incontáveis viagens –antes do carro e do avião– e dominava um número indeterminado de línguas.

Chegou a inspirar personagens de Verne, que costumava aliás documentar seus romances sobre a fronteira geográfica nas últimas pesquisas do ramo, entre as quais não raro as do nosso autor.

Organizou e deu título às três obras fundamentais do anarquismo: *A conquista do pão* e as *Palavras de um revoltado* de Kropotkin, e *Deus e o Estado* de Bakunin.

No contexto da Primeira Internacional, sua postura junto a este último nas discussões entre «libertários» e «autoritários» valeu-lhe palavras fortes por parte de Marx e Engels, que qualificavam-o em suas cartas de «vulgar», «divisionista» e «impotente».

Participou ativamente na Comuna de Paris, foi capturado com as armas na mão e conheceu como resultado a prisão e o desterro.

Gozou em vida, no entanto, do completo reconhecimento da comunidade científica. Suas obras geográficas, largamente divulgadas, foram conhecidas e apreciadas tanto pela burguesia quanto pelos círculos operários organizados de boa parte do mundo ocidental.

No entanto, a geografia universitária francesa, que surge quando Reclus era já

um escritor consagrado –e da qual, decerto, ele nunca chegou a formar parte–, desenvolveu e acabou por consagrar um modelo geográfico essencialmente diferente, incompatível com o seu. Muitas das suas formulações, em consequência, ficaram sem continuidade. Durante muito tempo, sua obra foi simplesmente ignorada, quando não etiquetada como «apenas descritiva», «antiquada», «politizada» ou «pré-científica».

Três décadas atrás, um grupo de geógrafos franceses encabeçados por Béatrice Giblin e Yves Lacoste, da revista *Hérodote*, incitaram a recuperação do pensamento reclusiano, que para eles teria muito a dizer à geografia contemporânea e cuja história explicaria muito dos caminhos percorridos desde então pela geografia francesa, de influência mundial. A *Hérodote* publica em 1976 o artigo fundacional da «redescoberta» de Reclus, firmado por Giblin, e dedica, posteriormente, em 1981, um número inteiro ao esquecido geógrafo francês, tentando explicar as causas –políticas– do seu banimento da geografia oficial, conseguindo finalmente recolocar seu nome em circulação, repercutindo não só nos manuais de história da disciplina, mas estimulando o que hoje já constitui uma bibliografia considerável de pesquisas aprofundadas e originais.

No ano de 2005, por ocasião do centenário de sua morte, celebraram-se três colóquios internacionais em seu nome, em Montpellier, Lyon e Milão.

A *Hérodote*, pela sua parte, apresentou-se nesse ano com um novo dossiê, declarando em seu editorial que Reclus estava «na moda».

Desde então, não tem deixado de aparecer, aqui e ali, em diferentes línguas, estudos, reuniões e *sites* dedicados a Élisée Reclus, assim como algumas traduções de textos escolhidos. Não é possível dizer, é claro, que este seja um autor «bem conhecido», comparando com a produção relativa a contemporâneos seus como Vidal ou Marx, tradicionalmente muito mais estudados. No Google, a entrada «Élisée Reclus» retorna 107.000 resultados contra 330.000 para «Vidal de la Blache» e quase 4 milhões para «Karl Marx»!

O presente é meu modesto aporte.

Forma parte de um projeto maior que procura os sentidos, os alcances, as implicações e as ramificações dos diferentes trabalhos geográficos e cartográficos de Reclus acerca da Colômbia e que no fundo procura o lugar da história dos conhecimentos geográficos e cartográficos na história política da formação territorial.

Apenas um cruzamento entre inúmeros possíveis, apenas um arranjo particular...

A metodologia de abordagem deste projeto, mais do que como sistema, pode ser descrita como um *caminho*, que tem como portão de entrada a reconstrução do processo criativo destes textos, e que aspira, no ponto de chegada, conseguir develar algum tipo de sentido em termos de filosofia política.

Os capítulos dedicados à Colômbia na monumental *Nova Geografia Universal* de Reclus (considerando aqui além do capítulo «Colômbia» (1893) o capítulo «Panamá» (1891), que formava então, ainda que apenas formalmente, parte do mesmo grande corpo político) apresentam uma síntese bastante completa do «estado da arte» do conhecimento geográfico e cartográfico então vigente sobre o país –provavelmente uma das mais abrangente de seu tempo, só comparável com a do geógrafo e cartógrafo colombiano Francisco Javier Vergara y Velasco, interlocutor, tradutor e colaborador «local» do francês. Tentar reconstituir o processo de elaboração destes textos e seus respectivos mapas implica percorrer com Reclus o caminho (os *caminhos*, múltiplos, n-dimensionais, vivos e mortos, existentes e projetados, plausíveis e inverosímeis, coerentes e contraditórios) da história do conhecimento geográfico e cartográfico desta parte do mundo. Tal percurso, acreditamos, pode-nos ensinar alguma coisa, por mínima que seja, sobre o papel destas práticas na dinâmica geral da conformação do coletivo dos humanos e seus parceiros não-humanos, que no sentido político-espacial é conhecido com o nome de formação territorial. A hipótese subjacente –que talvez já seja óbvia neste ponto– é que há um vínculo histórico essencial entre os conhecimentos produzidos pelas ciências da terra, ou melhor pelos «cientistas da terra» –na época uma dúzia de homens brancos– e a ordem espacial do Coletivo, neste particular canto do Novo Mundo.

O objetivo deste trabalho é cartografar o jogo de referências desatado por Reclus na elaboração de seus capítulos sobre a Colômbia da *Nova Geografia Universal* assim como as lógicas prevalentes da seleção, transformação e combinação das mesmas, enfocando principalmente o caso da cartografia e destacando a participação neste processo do citado Vergara y Velasco.

Divide-se o texto em cinco capítulos. O primeiro tenta perfilar as matrizes e as notas dominantes do pensamento deste autor e vislumbrar seu lugar na história da

disciplina, fazendo ênfase na etapa iniciática da sua formação, na qual acontece sua experiência novo-granadina e ficam estabelecidas as bases de seu sistema geográfico. Este capítulo divide-se em três momentos: o primeiro pretende, ainda que de forma incompleta, apontar os pontos mais relevantes da discussão bibliográfica diretamente relacionada com «a questão reclusiana»; a segunda procura os fundamentos do pensamento e do projeto geográfico deste autor; e, a terceira, resenha brevemente o perfil dos principais desenvolvimentos involucrados posteriormente, salientando no entanto a notável unidade do seu discurso, desde o princípio até o fim.

O segundo capítulo está dividido em duas seções: a primeira registra com ânimo reflexivo a história do envolvimento do autor destas linhas com estes geógrafos e com as ferramentas conceituais até agora experimentadas, revendo rapidamente o resultado da etapa anterior da pesquisa com a ajuda de «nova» documentação em francês, desconsiderada pela minha parte nesse então por razões de barreiras linguísticas; e, uma segunda, de caráter mais experimental, que procura explorar as possibilidades de uma síntese entre a premissa principal da tradição da geografia política e dos estudos sobre formação territorial –segundo a qual o território é definido primordialmente pela conformação de unidades políticas de grande escala– com alguns resultados dos «estudos sobre as ciências» acerca da política do conhecimento e da historicidade dos objetos. Em outras palavras, tenta estabelecer os pressupostos de uma leitura da história da geografia e da cartografia em chave de formação territorial.

O terceiro capítulo dedica-se à catalogação do conjunto de autores e documentos utilizados por Reclus na elaboração dos ditos capítulos da sua *Geografia Universal*, tentando classificar e hierarquizar seus elementos. Esta reconstituição bibliográfica, acredito, é uma das consecuições mais relevantes desta etapa da pesquisa. Este capítulo conta também com uma subseção que tenta juntar em um só problema a questão da ordem eurocêntrica, a questão dos mecanismos de atribuição do saber e a questão da espacialidade do conhecimento. Pergunta-se pelo papel do eurocentrismo e das localizações geográficas respectivas de Élisée Reclus e seu colaborador colombiano no funcionamento dos mecanismos não só de circulação de referências mas também de atribuição da propriedade intelectual. É aqui que foi possível fazer um maior uso das partes desconhecidas até agora da correspondência de Reclus a Vergara, isto é, aquelas

que não correspondem aos poucos trechos traduzidos para o espanhol e publicados pelo filho deste último, sendo a transcrição completa desta série documental uma outra das conquistas para mim mais significativos da presente etapa da investigação.

O capítulo quarto, com uma introdução bibliográfica acerca dos particulares interesses cartográficos de Reclus e seu círculo de geógrafos afins, retoma o exercício feito com a bibliografia dos capítulos Colômbia e Panamá da *Nova Geografia Universal*, mas, desta vez, aplicando-o aos mapas.

E, finalmente, um capítulo conclusivo que por intermédio da correspondência recebida por Vergara y Velasco tempo depois do falecimento de Reclus por parte dos representantes da «nova» geografia universitária francesa em procura de sua assistência no processo de substituição da *Geografia Universal*, tenta juntar as duas pontas deste ensaio por meio da comparação dos respetivos episódios de focalização da Colômbia do estilo reclusiano e o modelo vidaliano.

Acompanham este texto dois anexos: o primeiro contem tanto os mapas quanto as gravuras de paisagens, tipos humanos e cultura material dos capítulos Colômbia e Panamá da *Nova Geografia Universal* de Reclus; e, o segundo, a citada transcrição das cartas de Reclus a Vergara y Velasco.

Finalmente, acompanha esta pesquisa um *website* titulado «Élisée Reclus e a geografia da Colômbia»,¹ repositório bibliográfico e documental da mesma. Encontram-se ali versões digitais dos diferentes textos de Reclus sobre este país; todos os mapas e gravados dos capítulos «Panamá» e «Colômbia» da *Nova Geografia Universal*; uma compilação (em construção) dos mapas provavelmente usados por Reclus como referência para a elaboração dos próprios; uma coletânea das tabelas estatísticas dispersas nestes capítulos; uma reconstrução quase completa da bibliografia neles citada, boa parte dela já vinculada a seus correspondentes objetos digitais; imagens fotográficas e a transcrição da correspondência dirigida por Reclus a Vergara; uma coletânea das alusões feitas a Élisée Reclus na imprensa colombiana da época que consegui achar até agora; um apanhado da bibliografia fundamental acerca deste autor; e, finalmente, um levantamento da produção bibliográfica sobre a história da geografia e a cartografia na Colômbia.

1 <http://reclus.wordpress.com>

Em todos os casos as citações foram passadas para o português, exceto quando pareceu justa ou necessária a conservação do original francês ou espanhol.

Capítulo 1

Algumas palavras sobre Élisée Reclus

«Quem conhece hoje a Élisée Reclus?»

É verdade que apesar dos muitos aspectos interessantes da sua obra Élisée Reclus é ainda bem menos conhecido e mal entra normalmente no consagrado grupo de autores clássicos e fundadores da Geografia Moderna –Humboldt, Ritter, Ratzel, Vidal e até Kropotkin, muitas vezes considerado ele só o geógrafo anarquista–, no qual ele só veio ganhar lugar –ainda que secundário– em tempos relativamente recentes. Nem imaginar, evidentemente, encontrar Reclus alguma vez listado no panteão dos grandes comentaristas ou cientistas de seu tempo, junto com Marx ou Pasteur!

No entanto, foi Reclus em vida um autor extensamente reconhecido. Havendo debutado como redator de guias e de relatos de viagem depois de sua longa estadia em América, passou rapidamente a colaborar intensamente nos periódicos geográficos mais importantes da França e posteriormente a escrever obras exitosas para grandes casas editoriais, entre as principais um tratado de geografia física, uma enciclopédia geográfica e uma história universal, sua «trilogia». Isto por não mencionar sua ativa participação nos jornais anarquistas da Europa, movimento do qual foi um dos líderes espirituais mais notório, comprometido e radical. Chegou mesmo a ser considerado a máxima autoridade geográfica de seu tempo e foram suas leituras universitárias na Bélgica, na etapa final de sua vida, entusiasticamente acompanhadas por centenas de ávidos estudantes. Tudo somado, conforma vários milhares de mapas, mais de 200 títulos e alguma coisa perto das 30.000 páginas... uma entrada por si já um pouco intimidante.²

A primeira obra da citada trilogia intitula-se *A Terra*, «descrição dos fenômenos

² Um catálogo extenso da obra de Élisée Reclus (e da produção bibliográfica concernente) encontra-se em: <http://raforum.info/reclus/>
A mesma encontra-se digitalizada praticamente completa na Gallica, Biblioteca Numérica da Biblioteca Nacional da França: <http://gallica.bnf.fr/>

da vida do globo»,³ e constitui um tratado geral de geografia física em dois volumes com um capítulo final dedicado ao ser humano, um verdadeiro sucesso de múltiplas edições que permaneceu vigente por décadas e colocou seu autor como autoridade na matéria. A segunda é a monumental *Nova Geografia Universal*, «a terra e os homens»,⁴ uma enciclopédia geográfica mundial em 19 volumes trabalhada por duas décadas, amplamente documentada e generosamente ilustrada com mapas e gravuras, merecedora em 1892 da medalha de ouro da Sociedade de Geografia de Paris, da qual seu autor era membro sumamente ativo. A terceira, *O Homem e a Terra*,⁵ anunciada já no fim da *Geografia Universal* como «obra de conclusão e síntese» –que acabou tornando-se uma história universal em seis volumes, a maioria publicados postumamente–, descrita por seu autor como obra de «geografia social», e considerada pela crítica como a mais importante, relevante, atual e significativa.

Sem embargo, depois do seu falecimento, sua obra foi depressa declarada obsoleta pela academia, considerada ultrapassada e desqualificada como «apenas descritiva», ficando em consequência rapidamente relegada ao estrito passado pelos novos geógrafos franceses, que procuravam então consolidar uma disciplina em processo de institucionalização, segundo modelo completamente diferente, fundamentalmente identificado com os trabalhos do consagrado «pai da geografia francesa», Paul Vidal de la Blache, contemporâneo seu. Reclus passou assim em poucos anos, como diz Béatrice Giblin, uma destacada estudiosa de sua obra, «do renome para o esquecimento».⁶

O impulso cardinal dado à recuperação do pensamento de Élisée Reclus depois de mais de meio século deve-se à revista *Hérodote*, e em particular a dois autores, hoje seus co-diretores: Yves Lacoste, o fundador, e a recém citada Giblin, discípula sua então. A publicação, criada segundo Lacoste para dar a batalha por reintroduzir a política na geografia, achou em Reclus, como ele mesmo reconheceu tempo depois, «um poderoso meio de contestar a conceição a-política tradicional da geografia universitária francesa»,⁷ que permitia-lhe aliás, segundo ele, não só esgrimir um

3 *La Terre, Description des phénomènes de la vie du globe*, Paris, Hachette, 1868-1869, 2 v.

4 *Nouvelle Géographie Universelle. La Terre et les Hommes*, Paris, Hachette, 1876-1894, 19 v.

5 *L'Homme et la Terre*, Paris, Librairie Universelle, 1905-1908, 6 v.

6 GIBLIN, Béatrice, “Élisée Reclus, 1830-1905”, *Hérodote*, n° 22, 1981a, p. 8.

7 LACOSTE, Yves, “Editorial: Hérodote et Reclus”, *Hérodote*, n° 117, 2005a, p. 5. Disponível no

exemplo de geopolítica não-ratzeliana, mas mostrar as limitações comparadas do modelo vidaliano e contestar radicalmente o argumento de alguns sucessores deste último que quando começaram a achar, na segunda metade do século, grandes vácuos no modelo estabelecido – a indústria e as cidades, por exemplo, normalmente tratadas em Reclus –, os atribuíram à imaturidade relativa da então nascente disciplina.⁸ Daí que a revista fizesse questão de dedicar dois números inteiros ao grande geógrafo francês, um em 1981 (nº 22) e o outro em 2005 (nº 117), centenário de sua morte – motivo aliás de vários colóquios internacionais.⁹

Uns anos antes, em 1976, no segundo número da revista, Giblin inaugura, com a pergunta que encabeça este aparte, a discussão geográfica contemporânea sobre o caráter e o valor da obra de Élisée Reclus, no que seria a primeira publicação francesa sobre este autor desde os textos biográficos clássicos de seus achegados e simpatizantes contemporâneos. Seu artigo «Élisée Reclus: géographie, anarchisme»,¹⁰ deixa ali bem

site da revista: http://www.herodote.org/article.php3?id_article=159

8 Vale a pena reproduzir dois parágrafos, que sintetizam bem as idéias de Lacoste neste respeito:

«A obra de Reclus poderá ser tão “descritiva” –mas não é somente isso– como para merecer o maior interesse, em razão mesmo da diversidade dos fatores e problemas que leva em consideração, não em uma enumeração analítica de pretensão enciclopédica, mas em suas interações e em função de uma dinâmica global. Dizer que um geógrafo leva em consideração não somente a repartição da população e os processos de povoamento, mas também a urbanização, a agricultura e as formas de propriedade, a indústria e o comércio, a educação e a ciência, pode parecer banal hoje, sobretudo a aqueles que não sabem muito da evolução epistemológica da Escola geográfica francesa.

Deve levar-se em conta que, durante décadas, seus mestres tem apresentado o *Tableau géographique de la France* (1905) de Vidal de la Blache como o modelo de descrição e de raciocínio geográficos, embora ele não involucrasse praticamente questões relativas às cidades ou à indústria, muito menos à evolução econômica e social do país. Decerto, este *Tableau* que deixa de lado tantas coisas é o primeiro tomo de “A história da França desde os origens até a Revolução” (sobre a que os geógrafos não dizem nada) dirigida por Ernest Lavisse que encarrega Vidal de desenhar o decorado de uma França pré-industrial.

Entretanto, as cidades tinham já jogado um rol importante, mas o geógrafo, então ao serviço dos historiadores, não outorga mais do que 5 páginas a Paris de 386. Não só os discípulos de Vidal, que foram os mestres da Escola geográfica francesa, tem imposto este livro como modelo de geografia histórica, mas durante décadas os “brancos” deste quadro [*Tableau*] não tem sido preenchidos, e muito menos o silêncio desta obra modelo enquanto aos problemas econômicos, sociais e políticos. *Ce n'était pas de la géographie !*» LACOSTE, Yves, “Géographicité et géopolitique : Élisée Reclus”, *Hérodote*, nº 22, 1981b, p. 14-55.

9 Um em Montpellier, outro em Milã e mais um em Lyon, o mais conhecido, titulado “Élisée Reclus et nos géographies. Textes et prétextes”. Vários dos textos ali apresentados foram posteriormente publicados em revistas diversas e se encontram dispersos na Internet. A programação do evento pode ver-se aqui: <http://calenda.revues.org/download.php?id=3687>

10 GIBLIN, Béatrice, “Géographie et anarchie: Élisée Reclus”, *Hérodote*, nº 2, 1976, p. 30-49. Com base em seu trabalho de doutorado: *Elisée Reclus. Pour une géographie*, Thèse de troisième cycle, Université de Paris-Vincennes, 1971.

colocados vários dos pontos centrais do debate posterior, particularmente dois: a relação entre a geografia de Reclus e seu pensamento político (questão na realidade presente desde sempre, desde a bibliografia clássica, e necessariamente aludida ou eludida, por favoráveis ou contrários, mesmo em vida do autor) e o assunto, por outra parte, também polêmico, de sua influência no posterior desenvolvimento da geografia francesa.

Sobre este segundo ponto, tanto Giblin quanto Lacoste denunciam categoricamente o submetimento da obra de Reclus a um verdadeiro *black-out* intencional por parte da geografia universitária francesa, segundo eles, executado em virtude de considerações eminentemente políticas. Giblin localiza diretamente no ideário anarquista de Reclus –sempre declarado e abertamente defendido– uma evidente fonte de receio e o motivo básico para que a instituição preferisse exercer sobre ele, por dizer de alguma forma, uma «conspiração do silêncio». Giblin tem, sem dúvida, boa parte de razão: um ex-comuneiro, ex-presidiário, anarquista declarado, com um prestígio tal, podia para muitos representar com certeza uma figura incômoda. Lembrese, por exemplo, da polêmica suscitada por sua presença na Universidade Libre de Bruxelas, onde tinha sido convidado, já como escritor consagrado, a exercer como professor de geografia, pela primeira vez na sua vida (exceção feita de uma série de lições sobre o Mediterrâneo dadas na Suíça, no seu período de exílio): Estando ainda muito fresca no ambiente a imagem do atentado e posterior execução do anarquista Auguste Vaillant na câmara dos deputados da França, um ala da comunidade opôs-se ferreamente à instalação de Reclus na universidade, conseguindo suspender as leituras iniciais já programadas. O assunto só chegou a ser resolvido com um cisma da esquerda socialista/proudhoniana e a subsequente criação de uma Universidade Nova em que Reclus ministrou suas aulas e dirigiu o Instituto de Geografia criado por ele até o final da sua vida.¹¹

11 Para um relato do incidente DUNBAR, Gary, *Elisée Reclus: Historian of Nature*, Archon Books, Hamden, 1978, p. 98 et seq. Para um comentário da cátedra de Geografia comparada de Élisée Reclus na Bélgica e um balanço da produção do Instituto de Geografia e da Sociedade Anônima de Estudos e Edições Geográficas que criou para financiá-lo, ver: VICENTE Mosquete, Teresa, “Élisée Reclus y su labor geográfica en la Universidad Nueva de Bruselas”, BERDOULAY, Vincent & MENDOZA, Héctor (eds.), *Unidad y perspectivas del pensamiento geográfico en el mundo. Retos y perspectivas*, México, IG-UNAM/INEGI, 2003, p. 249-270. Tal vez seja a Espanha –junto com a Inglaterra, onde foi introduzida com sucesso por Patrick Geddes (DUNBAR, [1978], p. 130)– o país em que a geografia de Reclus teve maior influência, no caso graças em boa parte às instâncias do movimento anarquista nesse país. Teresa Vicente Mosquete

O argumento de Lacoste, que não se aparta muito de Giblin, é porém mais sutil: não é exatamente a sua militância anarquista a causa da exclusão acadêmica de Reclus, e sim *a consideração mesma do político na geografia*, que a nascente disciplina francesa universitária repelia por definição, segundo ele, com o fim de salvaguardar seu ainda frágil *status* de cientificidade e contrapor-se à geografia (política) alemã. Para Lacoste, este «princípio sistemático de exclusão do político», que segundo ele fundamenta e constitui mesmo a preocupação epistemológica mais premente da tradição geográfica universitária francesa, seria totalmente incompatível com a perspectiva reclusiana, sempre atenta aos conflitos sociais, às estratégias de dominação, ao funcionamento do Estado e às rivalidades territoriais. Mais ainda, o modelo vidaliano, para Lacoste, implica uma retração frente à geografia de Reclus, uma redução em termos de «geograficidade» –conceito por ele importado da historiografia para referir-se a quantidade e a heterogeneidade dos fenômenos que podem interessar à geografia ou que esta é capaz de considerar–, uma perda, enfim, aliás, segundo ele, completamente injustificada: por que os franceses, pergunta, não tentaram responder à geopolítica alemã do *lebensraum* com uma geopolítica francesa, em vez de simplesmente pretender eludir a política, mesmo sendo evidente a influência dos fenômenos políticos e da agência do Estado na organização do espaço?

Além de uma certa «geografia fundamental», cara em todas as épocas aos distintos tipos de «homens de ação», havia já na França, desde o século XVIII, segundo Lacoste, uma geografia «administrativa» ou «geopolítica», diretamente atida aos assuntos de Estado, encarregada por exemplo da planificação territorial administrativa pós-revolucionária. Para ele, o giro vidaliano de começo do século XX significou, frente a esta tradição, deixar mesmo à geografia «numa situação epistemológica bem difícil, [pois] rompeu com aquilo que tinha sido uma das suas evidentes razões de ser e operou uma redução considerável do campo da geograficidade, sem fornecer argumentos sérios para justificar está contração».¹² Desde este ponto de vista, e em contraste tanto com a geografia de Estado quanto com a nova geografia acadêmica, a originalidade da

é a mais consagrada investigadora da presença de Reclus na ciência espanhola, havendo dedicado também seu doutorado a esta questão: *La incorporación del pensamiento de Élisée Reclus a la ciencia española: geografía y anarquismo*. Tesis doctoral, Universidad de Salamanca, 1987, 2 v.

¹² LACOSTE, (1981b), p. 49.

geografia de Reclus, diz Lacoste, não radica na inclusão em si do político, mas no jeito crítico, libertário, em que os fenômenos políticos são por ele abordados.¹³

Em relação à escola geográfica francesa, definitivamente, Reclus ocupou uma «posição marginal» –segundo a curiosa classificação criada por Vincent Berdoulay na sua já clássica obra sobre os «círculos de afinidades» da escola geográfica francesa, para agrupar junto com ele seu irmão Onésimo, seu sobrinho Paul e seu primo Max Schrader, uma espécie de seletor clube familiar de *outsiders* geográficos, considerados subversivos e em consequência descartados pelo sistema universitário.¹⁴

Há autores, em todo caso, que não compartilham a teoria do *black-out* de Giblin/Lacoste/(e um pouco Berdoulay). Gary Dumbar, por exemplo, autor do trabalho mais representativo sobre Reclus em língua inglesa e um dos mais importantes responsáveis pelo re-conhecimento da sua obra, rejeita não só o argumento de Giblin relativo ao banimento de Reclus em razão de sua militância anarquista, mas sua premissa inicial de que este tenha sido «apagado» da geografia. Atribui a diminuição de sua fama ao natural passo do tempo, e não a uma conspiração. Reconhece, sim, que a geografia de Reclus podia ser um tanto «perigosa» –aspas suas–, principalmente em virtude de seu ênfase anti-malthusianista na demonstração da capacidade da Terra para sustentar todo mundo e de suas observações críticas sobre «certos erros passados na administração das pessoas e dos recursos», considerando a este respeito que em geral a geografia, assim como outras ciências, devia ter sempre algo de «subversiva», como fiscalizadora crítica das políticas públicas. «Subversão», entretanto, era com certeza para Reclus um pouco mais do que isso, e não era decerto palavra que agradasse muito aos geógrafos acadêmicos franceses...

Dumbar pergunta, não sem razão: «quantos contemporâneos de Reclus são melhor conhecidos?» É verdade que em 1978, ano de publicação de seu livro, os estudos modernos em história da geografia, em boa dose inspirados na sociologia das ciências, davam seus primeiros passos, e pensadores como Ritter ou Ratzel eram apenas um pouco menos desconhecidos do que Reclus –brecha que, a partir de então, neste tipo de estudos, só se foi alargando em detrimento deste último. No entanto, à pergunta de

13 *Ibid.*, p. 35.

14 BERDOULAY, (1981), p. 171.

Dumbar, Giblin ou Lacoste podiam talvez ter respondido já então: «Pelo menos *um*, Vidal de la Blache».

Jean-Baptiste Arrault, também contrário à teoria do «apagamento», apresentou no coloquio de Lyon um trabalho que rastreia a «referência Reclus»¹⁵ nos textos da escola geográfica francesa, principalmente na revista *Anais de Geografia*, fundada e dirigida por Vidal. Arrault consegue juntar algumas dezenas de alusões feitas a Reclus dispersas neste corpo bibliográfico, se bem, como ele reconhece, na maior parte informações pontuais, pretendendo demonstrar assim, no entanto, que Reclus não foi rejeitado «absolutamente». De fato, o conjunto da comunicação de Arrault, assim como boa parte da evidencia que fornece, favorecem pelo contrário a posição da revista *Hérodote*:

«Existe de entrada uma diferença entre Vidal e seus primeiros discípulos, Dubois, Gallois [que não citou Reclus jamais, segundo Arrault mesmo] ou Raveneau, e uma segunda geração de "vidalianos", Brunhes, Demangeon, de Martonne, Sorre... A geografia de Reclus acompanha a formação dos primeiros, mas para os segundos, ele já faz parte do passado, da história.»¹⁶

E acrescenta:

«A morte de Reclus joga aqui um rol, mas, se a referência tende a fazer-se mais rara após 1905, não se pode afirmar que se sistematizou o olvido.»¹⁷

Arrault chega também a mostrar alguns episódios soltos de reconhecimento póstumo ou até de simpatia com Reclus por parte de alguns geógrafos franceses importantes, como Max Sorre –precisamente, um dos principais responsáveis da

15 ARRAULT, Jean-Baptiste, “La « référence Reclus ». Pour une relecture des rapports entre Elisée Reclus et l’Ecole française de géographie”, Lyon, *Colloque Élisée Reclus et nos géographies*, Lyon, 2005, 14 p. Disponível em:

http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/10/02/97/PDF/JB_ARRAULT_La_reference_Reclus_.pdf

16 *Ibid.* p. 9.

17 *Ibidem.*

humanização da geografia—, mas trata-se, precisamente, de simples alusões soltas, explicáveis pela inércia mesma da grande obra de Reclus, que tardou, como se desprende da citação anterior, uma geração para ser freada. Mesmo que o esquecimento de Reclus possa não ter sido sistemático no sentido de «completo», o importante é que foi sim sistematizado e consagrado um outro modelo, diferente, incompatível com o reclusiano, e as razões eminentemente políticas desta incompatibilidade.

Um episódio importante da formação da escola geográfica francesa que vale a pena lembrar é aludido por Lacoste como parte de seu argumento sobre o lugar de Reclus nesta história: refere-se ao último texto de Vidal, *La France de l'Est (Lorraine-Alsace)* (1917, plena guerra), quase apócrifo, excluído do catálogo da biblioteca do Instituto de Geografia de Paris da Sorbone –tal como as obras de Reclus–, enterrado no porão da mesma, onde foi achado por ele seguindo indícios de pesquisadores norte-americanos, e revelado ao público francês.¹⁸ Em contraste com o *Tableau géographique de la France* (1905) –que aliás nem toca no tema da Alsácia e a Lorena, apesar de sua evidente importância geográfica–, consagrado pela corporação como modelo metodológico da geografia francesa, Lacoste achou com estupefação que Vidal tinha abordado sim «todas as formas do político» e do geopolítico.¹⁹ No livro, segundo a fria resenha de seu discípulo Lucien Gallois,²⁰ Vidal procura mostrar a unidade histórica da

18 Num artigo titulado “À bas Vidal? Viva Vidal !” (*Hérodote*, n° 16, 1979, p. 68-81) assim como em um posfácio a *La géographie, ça sert d'abord à faire la guerre*, develando todo «um outro Vidal», antes e depois da morte de seu filho no frente de batalha.

19 LACOSTE, Yves, “Élisée Reclus, une très large conception de la géographicit  et une bienveillante géopolitique”, *Hérodote*, n° 117, 2005b, p. 33 et seq. Também disponível no site da revista: http://www.herodote.org/article.php3?id_article=149

Lacoste aponta que se os geógrafos franceses houvessem conhecido *A França do Leste* poderiam ter contestado facilmente seus primeiros ataques a Vidal, o que de fato não aconteceu.

20 GALLOIS, Lucien, “La France de l'Est, par P. Vidal de la Blanche, *Annales de Géographie*, v. 27, n° 145, 1918, p. 11-24. Trasluz o desconforto de Gallois com o fato de ter que resenhar o livro nos *Anais*. Começa quase que se desculpando: «O resumo que eu acredito devo apresentar aos leitores dos *Annales de Géographie* não sair  do quadro habitual de nossos estudos, e não tenho tido, para escrevê-lo, que fazer nenhum esforço para permanecer fiel à probidade científica que, depois de vinte cinco anos, tem sido sempre nossa regra. [...] O terreno sob o qual se jogam os destinos humanos é sempre o mesmo: há realidades geográficas com as quais deve sempre contar a história.» *Ibid.*, p. 11. Tal advertência demonstra a semi-cidadania de um livro como esse no campo da geografia, que devia ser resenhado por tratar-se de uma obra do Maestro, mas que levava ao limite as regras aceitas de cientificidade e chega finalmente ultrapassar as fronteiras disciplinares estabelecidas e penetrar no campo da história, que gozava então do monopólio do político. (Lembre-se também que o *Tableau* mesmo foi publicado pela primeira vez como introdu o a um livro de história.)

Alsácia-Lorena com a França e sua ruptura definitiva com o mundo além-Rhin desde a Revolução, discute os «direitos dos povos» e a questão nacional e repudia a situação desfavorável da indústria francesa do norte e do leste, privadas de seus portos naturais e de suas reservas de ferro e carvão desde 1871. Analisa a relação entre as idéias de força e expansão na origem do Império Alemão e denuncia suas ambições «descaradas» pelo posicionamento e controle estratégico da Mancha e de todo o litoral do mar do Norte, assim como seu projeto de unir o Rhin com o Danúbio para criar uma ameaçante linha de navegação contínua até o mar Negro, que a restituição da Alsácia à França impediria. Eis, segundo o resumo de Gallois, a mensagem enfática do livro:

«É [nada menos que] uma garantia para as liberdades da Europa que a França esteja presente no mar do Norte. É uma outra garantia de essas liberdades que ela recupere o aceso ao Rhin, e que se renove este feixe de vias, preparado pela natureza, que une o Rhin ao Oceano e ao Mediterrâneo. Pelo triunfo das grandes causas que ela tem sempre defendido, a França deve ser forte. Destinada hoje, por sua situação geográfica, a servir de baluarte a nossas civilizações ocidentais, é preciso que ela guarde todos seus meios de ação.»²¹

Mas, voltemos a Reclus. Lacoste refere seu primeiro encontro com o autor, bastante significativo: sendo um jovem geomorfólogo anticolonialista, em um sebo de Paris, achou por casualidade os seis grandes volumes de *O Homem e a Terra*, da qual nunca tinha ouvido falar. Sabia sim que seu autor tinha sido um anarquista célebre, e que tinha escrito uma geografia universal «ultrapassada». Mas, na medida em que folhava os volumes, segundo ele, foi-se revelando uma «descoberta apaixonante»: «um formidável quadro (4000 páginas), tanto histórico quanto geográfico, das diversas civilizações lutando, na história, com as dificuldades dos meios naturais, e das rivalidades que nós chamamos agora geopolíticas», uma história da mundialização, uma explicação dos impérios passados e do imperialismo contemporâneo, «mais completa e mais complexa do que os esquemas economicistas de Hilferding e Lenin».²²

21 *Ibid.*, p. 24.

22 LACOSTE, Yves, (2005b), p. 33.

Em seu primeiro artigo sobre Reclus,²³ então, fazendo referência principalmente a este livro –para ele o mais importante e o «mais esquecido»–, Lacoste sublinha não só a amplitude de sua geograficidade em relação com a estreites da geografia posterior, mas a riqueza de suas observações geopolíticas –ou seja relativas às rivalidades territoriais dos países e as grandes potências–, colocando propositada ênfase neste conceito, «geopolítica», ainda na época fatalmente associado ao expansionismo alemão e ao hitlerismo, e portanto estritamente proscrito e até escandaloso. Pouco depois deste artigo, a revista, sub-titulada até então «*stratégies, géographies, idéologies*», passou a chamar-se *Hérodote: Revue de géographie et de géopolitique*...²⁴

No Brasil, a literatura sobre Reclus reflete alguns momentos de sua contraparte francesa: Reclus visitou o país em 1893 como parte da preparação do último volume da *Geografia Universal*, conseguindo gerar, apenas com sua presença, agudas polêmicas no seio tanto do Instituto Histórico e Geográfico –que acabou por rejeitar sua associação– quanto da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.²⁵ A parte brasileira do volume, publicado no ano seguinte,²⁶ foi traduzida e anotada por Benjamim Franklin Ramiz Galvão, «barão de Ramiz», e publicado com todo e os seus noventa e um mapas no ano de 1900.²⁷ Nesta edição, aliás, o barão do Rio Branco, então ministro de relações exteriores, comenta em 24 notas de rodapé –que constituem um texto tão extenso quanto o original– o apêndice sobre a controvérsia limítrofe entre a França e o Brasil com que Reclus fecha seu capítulo sobre este último país.

Oitenta e três anos depois –haverá outras referências no intervalo?– Antônio Carlos Robert Moraes, na obra de história da geografia mais difundida no país, dedica um parágrafo a nosso autor, localizando-o no grupo de «outros» autores, reconhecendo sua singularidade política entre os geógrafos, mas negando-lhe qualquer aporte

23 LACOSTE, Yves, (1981b).

24 LACOSTE, Yves, (2005a), p. 6.

25 MIYAHIRO, Marcelo Augusto, “A viagem científica de Élisée Reclus ao Rio de Janeiro da Primeira República”, *II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico*, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2009.

http://enhpgii.files.wordpress.com/2009/10/texto_marcelo_augusto_miyahiro.pdf

26 RÉCLUS, Élisée, *Nouvelle Géographie Universelle. La Terre et les Hommes*, Paris, Hachette, v. XIX: *L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine*, 1894.

27 RÉCLUS, Élisée, *Estados Unidos do Brasil. Geographia, Ethnographia, Estatística*, Tradução e Breves Notas de B. F. Ramiz e Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco, H. Garnier, Rio de Janeiro/Paris, 1900.

importante ao pensamento geográfico. Verifica aliás sua escassa influência no desenvolvimento da geografia francesa, que atribui principalmente à sua condição de desterrado. Sem embargo, como temos visto, os livros de Reclus não compartilharam o exílio de seu autor, e foram, pelo contrário, na época, conhecidos de todos os geógrafos da França.²⁸

Pouco depois desta publicação, o professor Vesentini, em artigo acerca de Kropotkin, consagra a Reclus uma nota de rodapé assumindo parte dos pontos de vista da *Hérodote* (citando o número 22) sobre a amplitude temática de sua geografia, mantendo um pé no entanto na posição tradicional segundo a qual o anarquismo de nosso geógrafo se limitava a declarações no começo e no fim de suas obras.²⁹

Manuel Correia de Andrade, pouco depois, organizou uma coletânea de textos de Reclus que constituem até hoje o único material deste autor traduzido para o português –aparte de alguns outros textos soltos, difundidos principalmente nos meios anarquistas. Com base nos artigos de Giblin e Lacoste, Correia reivindica o interesse e a atualidade do pensamento de Reclus, segundo ele, uma espécie de mistura de positivismo evolucionista e dialética marxista. Apresentá-lo como um defensor da «unidade da

28 O parágrafo referido diz assim: «Em termos de outros autores, um relevo deve ser dado à figura de Élisée Reclus, menos por suas formulações do que por seu engajamento político, ímpar entre os geógrafos. Reclus foi um militante anarquista, que pertenceu à Primeira Internacional e participou da Comuna de Paris. Entretanto, suas obras, *Geografia Universal*, publicada em dezenove volumes, e *A Terra e o homem*, em quatro volumes [seis na realidade], foram pouco revolucionárias em termos de método e de propostas. Além do mais, Reclus viveu grande parte de sua vida exilado, tendo assim pouca influência na evolução da Geografia francesa.», MORAES, Antonio Carlos Robert, (1983), *Geografia: Pequena História Crítica*, São Paulo, HUCITEC, p. 68.

29 Diz Vesentini: «É bem verdade que Élisée Reclus, especialmente na obra *L'Homme et la Terre* (cujo título, por si só, representa uma inversão do rótulo que simboliza o paradigma da geografia tradicional: a Terra e o Homem), aborda temas avançados para o discurso geográfico da sua época, tais como a luta de classes, a educação e as ciências, as formas de propriedade, o colonialismo e a dominação dos países desenvolvidos em relação aos demais. Todavia, apesar de Reclus proclamar seu ideal libertário na introdução e/ou na conclusão das suas obras geográficas, predomina em *L'Homme et la Terre* e, principalmente, nos 19 volumes da sua *Nouvelle Géographie Universelle*, uma geografia separável do anarquismo e onde os elementos físicos, em especial as bacias hidrográficas e as unidades do relevo que servem como seus divisores, têm destaque como agentes definidores das paisagens. Mas Reclus, longe de representar uma “geografia descritiva”, que teria se tornado ultrapassada com o surgimento da obra de Vidal de La Blache (como argumentam certos trabalhos que tematizam a denominada história do pensamento geográfico), na realidade aponta para caminhos negligenciados até muito recentemente pela geografia.» VESENTINI, José William, “Apresentação: Geografia e Liberdade em Piotr Kropotkin”, *Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, n° 13, 1986, São Paulo, p. XIV-XV.

geografia» frente a dualidade francesa geografia física/geografia humana (embora esta seja, em todo caso, posterior a ele) e, comentando a descrição do «estado material e social da população» do citado capítulo Brasil, afirma a completa vigência da lista de problemas ali postulada.³⁰

Bom –já tem aparecido alguns elementos–, mas, em que consiste, então, esta «geografia de Reclus», que dá pé, aliás, a semelhantes usos e polêmicas? A resposta, como sempre, não é simples. As vertentes, matizes e variantes do pensamento de Reclus são múltiplas, e as vezes contraditórias. Não seria possível reconstruir completamente, com todo detalhe, suas idéias e a mudança das mesmas. Semelhante propósito pareceria com o famoso «mapa do reino» de Borges! Classificar rigorosamente um autor no espectro filosófico –e, seja-me permitido, um autor tão prolífico e complexo– é sempre, aliás, uma tarefa sofisticada, que requer treinamento e habilidades que decerto não possuo. Sem embargo, é possível sim localizar, reconhecer em grandes traços, as influências chave que ele foi recolhendo ao longo de sua vida e que foram formando suas idéias e posicionamentos.

Sua biografia é por si cativante, quase um romance –de fato, pelo menos duas personagens de Verne foram inspiradas em Reclus, seu companheiro de casa editorial durante um tempo, de cujas obras era afeto e informavam seus romances geográficos: Miguel Strogoff de *A Ilha misteriosa*, que representa a conquista e colonização branca, e cuja arma era o saber, como observa Lacoste,³¹ e Jacques-Eliacin-François-Marie Paganel, de *Os filhos do capitão Grandt*, o sábio que aporta as referências geográficas durante a aventura–,³² cujos episódios chave vão marcando de forma muito definida as

30 ANDRADE, Manuel Correia de, “Atualidade do pensamento de Élisée Reclus”, ANDRADE, Manuel Correia de (comp.), *Élisée Reclus: Geografia*, Ática, São Paulo, 1985. Os problemas do Brasil seriam, segundo resumo do professor Andrade: o caráter espoliativo e primitivo dos processos agrícolas, que provoca a erosão dos solos, a dependência econômica ao café, o financiamento estrangeiro dos engenhos centrais de açúcar, os latifúndios improdutivos, a concessão da exploração ferroviária a empresas estrangeiras. Reclus questiona também a divisão político-administrativa do país e observa o manutenção das estruturas e a mínima significação econômica e social da proclamação da República –opinião, aliás, similar à que esgrimia acerca da Revolução Francesa.

31 LACOSTE (2005a).

32 Cf. LEJEUNE, Dominique, *Les sociétés de géographie em France et l'expansion coloniale au XIXe siècle*, Paris, Éditions Albin Michel, 1993, p. 119. Este excelente livro, que examina o jogo entre interesses coloniais e o que podemos chamar de «apolitismo cientificista» no seio das corporações geografias francesas, dedica várias páginas a nosso autor, revelando a importância de

etapas de sua obra e pensamento, razão pela qual seus comentaristas tem usado, talvez com maior frequência do que com outros autores, apelar em suas análises a considerações de tipo biográfico. Acontece com Reclus o contrário do que ocorre com Marx: a obra de este último é, diríamos, excessivamente conhecida, entretanto poucas pessoas conhecem grande coisa de sua biografia, ao passo que, entre geógrafos, quem já ouviu falar de Reclus sabe mais de suas viagens ou de sua militância na Comuna, do que características certas de sua obra.

É Reclus positivista? É possibilista ou determinista? Anarquista de que tipo? Republicano, marxista, socialista? Darwinista? Moderno? Ilustrado? Romântico? Idealista? Materialista? Kantiano? Hegeliano? Por ventura, reclusiano?

Seu pensamento tem pelo menos cinco partes integrantes, influências chave, elementos constantes ou vertentes principais. O puritanismo protestante do seu pai, em primeiro lugar, que deixa-lhe como legado uma ética de autonomia individual e estrita liberdade de consciência, que vai marcar definitivamente o caráter radical e irredutível de seus posicionamentos –podendo mesmo considerar Reclus, neste aspecto, da linha Ché Guevara ou Dom Quixote. Em segundo lugar, a geografia de Carl Ritter, iniciador de Reclus na geografia moderna, cujo curso teve a chance de assistir em Berlim sendo aluno de teologia, principalmente suas idéias sobre a unidade harmônica do homem e a natureza e sobre a influência da forma dos continentes no desenvolvimento histórico das sociedades. Terceiro, o romantismo e as correntes socialistas, e de forma cada vez mais explícita e específica o anarquismo –que ele ajuda a formular– entendido como doutrina anti-estatal, anti-capitalista, baseada no princípio de solidariedade e da livre associação e que, como característica primordial, identifica fundamentalmente a Liberdade com a Natureza e atribui o avanço da história à vontade individual. Quarto, a teoria da evolução –não o mecanismo de seleção natural, que ataca explicitamente–, que considera ser uma prova deste princípio de solidariedade. E, quinto, a crença na inelutável tendência histórica ao progresso, a cuja vanguarda marcharia a civilização ocidental e cuja máxima expressão seriam a ciência e a técnica modernas, entre as quais a geografia jogaria um papel fundamental, como pedagogia da natureza e orientadora da redistribuição geral do mundo. «Um homem de seu tempo», como costuma-se dizer.

seu aporte à Sociedade de Geografia de Paris.

Uma síntese particular, como qualquer outra. Original, aparentemente. E, acredito, minimamente interessante.

Alicerces

O pensamento de Reclus não mudou muito, depois de formado. Refina-se, é claro, mas os elementos centrais permanecem. O caminho percorrido na sua trilogia, que começa pela compreensão das dinâmicas globais na forma mais geral e impessoal (geológica, climática), continua com uma descrição pormenorizada e multiescalar da configuração geográfica do mundo (incluindo seus habitantes humanos e as atividades destes), para culminar com uma história universal da ação humana (sobre o meio e sobre si mesma), obedece a um plano de pesquisa traçado com antecedência, desenvolvido pelo autor ao longo dos anos.

Um documento recentemente publicado apresenta algumas novidades e proporciona alguns detalhes sobre fatos pouco conhecidos com respeito à infância e a primeira juventude de Élisée Reclus. Trata-se de um caderno descoberto pelo investigador Federico Ferretti nos Arquivos de Estado da Federação Russa, na documentação relativa ao geógrafo anarquista, colaborador de Reclus, Leão Metchnikoff, redigido por volta de 1887 atendendo solicitude deste último por Loïse Trigant-Reclus, a irmã mais nova de Élisée.³³ Na bibliografia, tinha-se insistido principalmente na relação conflitiva entre Élisée e seu pai, Jacques Reclus –de fato uma figura psicológica chave–, sabia-se algo de sua experiência temporã de viagem e residência na Alemanha, de sua posterior aproximação das idéias socialistas, de suas fugazes tentativas universitárias e de sua assistência em Berlim ao curso de geografia mundial do velho mestre Carl Ritter.

33 FERRETI, Federico, “Comment Élisée Reclus est devenu athée. Un nouveau document biographique”, 2010a, *Cybergeo*, Epistémologie, Histoire de la Géographie, Didactique, article 493, <http://cybergeo.revues.org/index22981.html>

A parte publicada da correspondência de Reclus³⁴ –que constitui a base documental de suas biografias– inicia sua cobertura precisamente no ponto em que o relato de Loïs finaliza: na noite em que seu irmão, que apenas regressava de estudar na Alemanha, devia partir agora para o exílio. O novo documento retrata uma infância dividida entre a paisagem bucólica ao «ar livre» da Gironda e o estrito regime de conduta imposto em casa pelo pai, pastor calvinista, que segundo palavras da autora costumava outorgar uma «gravidade terrível» a cada ação, palavra e pensamento, e até chegava a fazer uso de castigos severos quando considerava-o necessário, ao mesmo tempo que encarregava-se de iniciar seus filhos no latim, no grego e inclusive no hebreu. A leitura da Bíblia constituía a atividade formativa básica da família, e Loïs Reclus chega a referir a emoção da leitura furtiva das histórias dramáticas do Antigo Testamento. Segundo ela, enfim, «o traço característico que por si só fornece a chave da vida de Élisée, o fundo de sua natureza, a essência mesma de seu ser, vem-lhe com certeza do pai: o respeito absoluto de sua consciência, uma inteira submissão a tudo que ela ordene».³⁵

A senhora Reclus, Marguerite Zéline Trigant, proveniente de «uma das boas famílias do Libourne», tinha tido o privilegio da educação, que não só transmitia a seus filhos, mas que aproveitava como mentora de pequenas escolas, primeiro em Sainte-Foy-la-Grande, cidade de nascimento de Élisée, e depois nas localidades da região onde as prédicas do marido levavam a família. De fato, devido a um incidente doutrinário, o reverendo Reclus decide abandonar sua antiga igreja em La-Roche-Chalais, perto de Sainte-Foy, e dirigir-se com sua família a pastorear uma comunidade dissidente recentemente criada, chamada Igreja Livre, na área de influência da *ville* de Orthez, nos Pirineus Atlânticos. A família já contava então com Suzanne (1824-1844) e Elie (1827-1904), posteriormente etnólogo e mitólogo, e sempre muito próximo de seu camarada Élisée (1830-1905), que era o terceiro. Ainda estavam por vir Loïs (1832-1910), autora do relato que agora comentamos; Marie (1834-1918); Zéline (1836-1911); Onésime (1837-1916), também geógrafo, colaborador de seu irmão; Loise (1839-1913), encarregada depois de preparar a publicação da correspondência de Élisée; Noémie

34 RECLUS, Élisée, *Correspondance*, Paris, Schleicher frères, 1911, 2 v. e Costes, 1925, v. 3.

35 FERRETTI, (2010a).

(1841-1916); Armand (1843-1927), marinheiro, explorador, co-autor junto com Bonaparte Wyse da rota do canal de Panamá, cujos livros, mapas e anotações, tempo depois, vão ser usadas por seu irmão Élisée no capítulo dedicado a este país numa futura geografia universal; Yohanna (1845-1937); e Paul (1847-1914), médico cirurgião, estudioso da cocaína como analgésico.

A situação econômica da família era evidentemente apertada –em boa parte a raiz da desestima do pastor Reclus pelos bens mundanos–, e era coberta em sua maior parte pela senhora mãe, que continuava com afinco seu labor educativo. Os avós maternos reclamaram então para si uma das crianças, e é assim que Élisée passa sua primeira infância com eles, em La Roche-Chalais, onde, segundo sua irmã, pela primeira vez «se impregna da natureza exterior». Com oito anos de idade é reintegrado à família nuclear, e depois de um par de anos mais de vida de campo em Castértarbes, esta se traslada a cidade de Orthez, devendo os irmãos mais velhos, Suzanne e Elie, encaminhar-se a Neuwied, Alemanha, no baixo Reno, a completar sua educação na escola dos irmãos moravos, passando então Élisée a exercer as funções de irmão mais velho. Por pouco tempo, pois, com onze anos, e destinado pelo pai a reunir-se com seus irmãos na Alemanha, efetuando para tal efeito, sozinho, a longa viagem, parando somente em Metz e Paris, em casa de amigos da família. «Era digno desta confiança».

Esta viagem e a experiência de dois anos em Neuwied foram importantes para Reclus em vários sentidos, pois além da educação rigorosa que de fato recebeu com os irmãos moravos e da aquisição de um alemão fluente, familiarizou-se com a idéia de viagens longas, reforçou seu caráter autônomo, e aprendeu enfim a morar e conviver num país estrangeiro.

Em 1844 Élisée Reclus retorna à cidade natal para concluir seus estudos, passando a morar dessa vez, junto com Elie, em casa de uma tia materna e seu marido – um advogado mesquinho que acaba servindo aos irmãos de anti-figura e estímulo de sua viragem para o socialismo. Está-se operando então, precisamente, segundo palavras de Loïs Reclus, «a grande evolução juvenil» de Élisée, isto é, «a substituição lenta e progressiva de sua fé cristã pelas idéias socialistas». Apesar de ter feito, mediante cerimônia, manifestação pública de sua pertença à igreja protestante, Élisée interessava-se, igual que seu irmão, por autores como Fourier, Owen e Saint-Simon. De fato,

segundo Loïs, depois do 1848 Élisée deixou de ler o Evangelho para seus irmãos mais novos, trocou-lhes as velhas poesias românticas de Vitor Hugo pelas militantes de Mickiewicz, e preferia falar-lhes das nações oprimidas, de Garibaldi e da resistência húngara.

Completando nesse mesmo ano seu *baccalauréat*, com o Evangelho na mão e com um pé no socialismo, e principalmente às instâncias de seu pai, que ansiava ver ele e seu irmão convertidos em ministros, Élisée Reclus encaminha-se a Montauban com o fim de enrolar-se como estudante de teologia na Universidade Protestante dessa cidade, onde pouco depois vai ser alcançado por seu irmão Elie, que estudava teologia na Suíça desde 1847. Desde lá, Élisée escreve à sua irmã Loïs em cartas que escaparam da publicação mas que são por ela reveladas no documento achado por Ferretti: «O princípio do meu socialismo é Jesus Cristo. Sim, sou cristão, sim, sou socialista; acredito que a sociedade deve estar baseada no amor e não sobre o egoísmo e o privilegio». Cristão e socialista, sim, mas, em todo caso, dificilmente padre. Pouco depois, em nova carta, confessava à sua irmã: «agora que as minhas idéias tem-se modificado tão profundamente, como poderia tornar-me pastor e entristecer assim o espírito do meu pai, em plena igreja, frente uma assembleia que vai achar que eu conduzo à falsidade? Eis algo que eu não desejo fazer».³⁶

Em um capítulo conhecido, os irmãos Reclus, que então por certo preferiam a leitura de Oken, Schelling, Leroux e Proudhon do que assistir às aulas de teologia, empreendem, sem autorização, uma viagem a pé até o mar Mediterrâneo, a uns cento e sessenta quilômetros de Montauban em linha reta. Tempo depois, na nota necrológica dedicada a seu irmão, Élisée Reclus refere haver mordido de emoção o ombro de seu irmão até fazê-lo sangrar perante a primeira visão do objetivo da viagem, sendo este o primeiro episódio documentado de êxtase paisagística na biografia de Élisée Reclus.

Tal escapada acabou por colmar a paciência dos padres da Universidade Protestante. Os irmãos Reclus recebem uma forte reprimenda e apuram sua saída. Elie se dirige a Estrasburgo a continuar o curso de teologia. Élisée, por sua parte decide retornar à Alemanha, onde tinha a chance de ganhar a vida trabalhando como professor assistente em sua antiga escola em Neuwied –longe, aliás, da figura paterna.

36 FERRETTI, (2010a).

Pouco depois de seu retorno à escola dos irmãos moravos, Élisée Reclus começa a achar-se exasperado, tanto por causa dos duros castigos físicos a que estes costumavam submeter seus estudantes, mas, principalmente, pela sua obrigação de guardar silêncio sobre esse e outros respeitos e, enfim, como explica em carta à sua irmã Loïs, de «amputar sua consciência». Decide então partir para Berlim, com o objetivo de inscrever-se na faculdade de teologia da universidade dessa cidade, pois sua ruptura com a fé ainda não era completa, e, segundo o relato de sua irmã, atraído pelo renome do velho mestre Carl Ritter, cujo curso de geografia de fato assiste.

Sabia-se que a tradução para o francês de um artigo de Ritter, publicada por Reclus em 1859, tinha sido feita «por demanda e sob os olhos do autor», declaração que tinha feito supor aos pesquisadores a existência de algum contato pessoal entre eles, mas não havia clareza se isto tinha acontecido nesta época de estudante ou na visita de Reclus à Alemanha um mês antes do falecimento do mestre, no mesmo ano da publicação. O relato de Loïs Reclus tira as dúvidas: «No curso de geografia, o ilustre sábio repara cedo no jovem francês, que seguia suas palavras com inteira atenção, e a amizade do professor foi uma das grandes alegrias do discípulo». A famosa tradução, segundo se desprende do texto de Loïs, permaneceu guardada quase por dez anos até ser resgatada por Élisée, depois de seu longo exílio na América, quando tentava instalar-se como geógrafo profissional em Paris, convertendo-a em uma de suas primeiras publicações importantes e na primeira tradução de Ritter para a língua francesa.³⁷

Diferentes autores tem reparado na importância da influência de Ritter no pensamento de Reclus, embora poucos deles tenham detido-se a examiná-la com amplitude. Ritter (1779-1859), que no momento do contato com Reclus contava setenta e um anos, fornecia seu curso de geografia mundial comparativa na Universidade de Berlim desde 1825. Foi, com Humboldt, segundo palavras do professor Antonio Carlos Robert Moraes –autor de um dos poucos trabalhos sobre Ritter escritos em língua românica–, o principal responsável de «assentar as pedras» do futuro edifício da geografia moderna, das suas primeiras colocações normativas de método, elucidações conceituais, e, em geral, reflexões teórico-metodológicas sistemáticas.³⁸ Seu trabalho,

37 RITTER, Carl, (1859) [1850], “De la configuration des continents sur la surface du globe, et leurs fonctions dans l'histoire”, *Revue germanique*, vol. 8, n° 11, 1859, p. 241-267.

38 MORAES, Antonio Carlos Robert, *A gênese da geografia moderna*, São Paulo, Hucitec-Edusp,

Die Erdkunde im Verhältniss zur Natur und zur Geschichte des Menschen (A ciência da Terra em relação à Natureza e à História da Humanidade), escrito desde 1817 até sua morte, introduz na geografia precisamente a antiga questão das relações entre homem e natureza, tentando estabelecer o papel das condições naturais no desenvolvimento histórico da humanidade. Para Ritter –aliás não menos religioso do que Reclus, pois militava na igreja pietista–, a Terra constitui uma unidade viva, harmônica e dinâmica, submetida a leis, dotada por Deus com um fim determinado desde a Eternidade, e da qual o homem faria parte integral, fundamentando a idéia da geografia como ciência de síntese.

Moraes localiza a base filosófica deste pensamento na matriz do «idealismo pós-kantiano da Alemanha da virada do século XVIII, notadamente no idealismo transcendental da filosofia da natureza de Schelling e na filosofia da história de Herder».³⁹ Como fica expresso no título da obra, para Ritter, segundo Moraes, a Terra, «fator de unidade», estaria composta de dois elementos: «Natureza» e «História», constituindo a primeira tudo aquilo não originado pelo homem e cabendo a este a responsabilidade da segunda. Sua *Erdkunde*, «notícia da Terra», seria para ele não só a «descrição comparativa» das partes da mesma, mas, em suas próprias palavras, uma «ciência das relações espaciais terrestres», em toda sua heterogeneidade.⁴⁰ A finalidade da ciência seria filosófica: revelar a ordem divina por meio do estudo da natureza –e, por inevitável reflexo, procurar a adaptação da ordem social a dita ordem universal.

Vários autores tem indicado a existência de profundas linhas de continuidade entre Ritter e Reclus. Este último, decerto, «assumiu muito das formulações geográficas» daquele, como reconhece Moraes, que comentando a citada tradução publicada em 1859, destaca sua posição «aberta e justa, contrária ao sectarismo que alguns esperariam de um dito “anarquista radical”».⁴¹ Mais ainda, chega a dizer, no prefácio da sua tradução do mestre:

2002, p. 147.

39 *Ibid.*, p. 161.

40 *Ibid.*, p. 175 e 179.

41 *Ibid.*, p. 144.

«Foi ele [Ritter] quem retirou a geografia do miserável barranco das nomenclaturas, que tem-nos feito estudar com o mesmo espírito a história da terra e a dos astros, que tem nos ensinado como um dogma imutável a vida do nosso globo. Graças a ele sabemos que os continentes, as mesas, os rios e a beira-mar estão dispostos, não por azar, mas em virtude de leis do movimento, leis eternas que fazem gravitar os astros em torno dos astros, os continentes e os mares em torno de um eixo central.»⁴²

Não tinha Ritter, com certeza, nada de parecido com um anarquista. De fato, foi pessoa muito próxima da nobreza e do Estado prussiano –nada menos que preceptor do rei, vivendo igual do que Humboldt na contradição de ser ao mesmo tempo cortesanos e republicanos, como observa Ferretti–,⁴³ e inclusive existe a noção segundo a qual o Estado-organismo e o *lebensraum* de Ratzel teriam sua origem nele. Como é possível então haver tal continuidade entre Ritter e Reclus? E, por outra parte, até onde chega a mesma, quais seriam, no pensamento deste último, os elementos diferentes, específicos ou inovadores?

Para começar, é claro que mesmo com bases filosóficas análogas a conceição da ordem social desejável ou necessária pode com certeza variar muito entre um autor e outro. Vem ao caso a observação de Nicolas-Obadia: «As três ideologias saídas do século XIX –o imperialismo, o comunismo e o anarquismo– foram todas influenciadas (através de seus alunos Frederico Guilherme IV, K. Marx e Elisée Reclus, respectivamente) em diferentes graus por Carl Ritter.»⁴⁴

Se bem para este último a geografia tinha um fim primordialmente filosófico como revelação do plano divino, para Reclus o que estava no primeiro plano era a «questão política»: seus temas de interesse foram sempre os regimes políticos, as rivalidades geopolíticas, os sistemas de dominação, o colonialismo, a expansão européia, as guerras, as revoltas, as revoluções, o funcionamento do capitalismo, e o mais político de todos: a transformação da Terra pela ação humana. Ou, de forma mais geral, a correspondência entre a ordem cósmica e a ordem da sociedade, que, para

42 RECLUS, [Prefacio], em: RITTER, (1859), p. 242.

43 FERRETTI, (2007a), p. 33.

44 NICOLAS-OBADIA, G., “Biographie de Carl Ritter”, em: RITER, Carl, *Introduction a la géographie générale comparée*, Paris, Les Belles Lettres, 1974 apud MORAES, (2002), p. 146.

Reclus, não guardava no momento nem o equilíbrio nem a harmonia intrínseca da primeira, bem o contrário. É nesse sentido que Reclus proclamava não reconhecer nem obedecer outras leis que as da natureza, únicas que para ele garantiriam uma ordem social harmônica e equilibrada.

Esta última característica de seu pensamento tinha sido já observada por Béatrice Giblin, no seu primeiro artigo, mas tinha sido atribuída por ela a uma influência de tipo rousseauiano.⁴⁵ É verdade que o romantismo alemão, que impregnava o nascimento da geografia moderna, tinha em Rousseau um de seus inspiradores, e que o mesmo Ritter foi mentor de uma escola rousseuista inspirada no Emílio, cujas opiniões sobre a relação entre natureza, ordem e liberdade, como lembra-nos Giblin, são muito próximas das de Reclus. Este último era decerto mais romântico do que rousseuista, mas não havia que sê-lo para pretender extrair a lei humana da ordem natural, como seja que uma e outra possam ser compreendidas ou enunciadas, como lembra o trecho de Latour colocado na frente deste texto como epígrafe. Bastava com ser moderno.

Do romantismo Reclus terá os elementos centrais: exaltação do indivíduo e da natureza, assim como da supremacia do universo sensorial sobre o universo da razão, de onde suas constantes alusões ao papel da visão na geografia e a importância dada à noção de paisagem na primeira etapa da sua obra. Veremos que, posteriormente, a pesar de manter seus pronunciamentos em favor da «observação direta da natureza», na prática seu método vai depender cada vez mais da avaliação da mirada de outros.

Dumbar foi também sensível em seu livro à forte herança ritteriana na geografia de Élisée Reclus, ressaltando principalmente a idéia de unidade e harmonia da natureza e o ênfase no laço místico entre homem e natureza.⁴⁶ Igualmente no caso de Berdoulay, que, na obra citada, também observa linhas de continuidade entre Ritter e seu discípulo, exatamente na questão da relação entre natureza e liberdade:

«Paradoxalmente, esta convicção possui grandes semelhanças com aquela dos proponentes do liberalismo econômico segundo os quais os mecanismos de mercado obedecem a leis “naturais” que asseguram o interesse geral. É assim fácil compreender porque as idéias de harmonia

45 GIBLIN, (1976), p. 33 e 34.

46 DUMBAR, (1978), p. 43.

terrestre de Ritter casam bem com as concepções sociais de Reclus, apesar de suas divergências ideológicas».⁴⁷

Reclus era certamente favorável ao comércio e de fato via nele a fonte por excelência de civilização, e explicava como Ritter a «superioridade» da européia na sua configuração morfológica «favorável às trocas». O anarquismo, é claro, é filho do liberalismo, mas um filho anti-capitalista e revolucionário, a pesar dos autodenominados «anarco-capitalismos» existentes então e agora, eles sim muito próximos da argumentação neo-liberal. Reclus, em todo caso, muito bem sabia que o mercado no capitalismo não podia ser livre, mas controlado pelos capitalistas.

No entanto, é de novo Federico Ferretti quem tem tido a chance de fazer uma análise mais precisa da herança ritteriana no pensamento de Reclus e seu «círculo de afinidade», cujo balanço de seis pontos podemos resumir assim: uma concepção do mundo e da geografia segundo um princípio dinâmico, do movimento da geologia a aquele da humanidade, e a conseguinte aproximação comparante, de investigação aberta e em devir; a assunção neste sentido de uma perspectiva global, da terra e da humanidade; a consequente crítica do documento cartográfico (sobre a qual voltaremos); a utilização de uma dialética, binária ou serial, com o homem e a natureza como polos interagindo; a constante dimensão histórica do método e a concepção da história e a geografia como dois aspetos da mesma pesquisa, como dois termos em constante tensão; e, finalmente, consciência da natureza política do saber.⁴⁸

Neste último ponto, Ferretti acrescenta:

«Se o saber do *Erdkunde* visava fornecer argumentos para a revolução burguesa, aquele de Reclus e seus sócios visava fazê-lo em favor da revolução social em termos do anarquismo comunista. A diferença está no fato de que a intensão política faz-se explícita, e o geógrafo está disposto a combater não só com a sua cátedra, mas também em um batalhão da Comuna de Paris.»⁴⁹

47 BERDOULAY, (1981), p. 172-173.

48 FERRETTI, (2007a), p. 33-34.

49 *Ibidem*.

Mas, voltando ao relato, Reclus era ainda apenas um estudante francês na Alemanha. Não tinha condições financeiras de ficar muito tempo em Berlim, a pesar de haver arranjado alguns ingressos como professor particular. Decide retornar a casa, a pé, numa famosa passeata junto com o seu irmão e uma cachorrinha dormindo ao ar livre. Elie acabava de concluir seus estudos de teologia com uma tese sobre o «Principio de autoridade» na Universidade de Estrasburgo, onde Élisée passa a buscar-lo para empreender a viagem que segundo o interessante detalhe geográfico que ressalta a citada Loïs pretendem fazer em linha reta, atravessando diagonalmente a França sem se desviar.

Durante esta viagem Élisée elabora um escrito publicado postumamente titulado «Desenvolvimento da liberdade no mundo»,⁵⁰ no qual aparece pela primeira vez na sua obra a palavra «anarquismo», na famosa frase recolhida pelos trabalhadores catalães, segundo a qual «a anarquia é a mais alta expressão da ordem».



Chegam a Orthez justo a tempo para o auto-golpe de Luís Napoleão –Napoleão III desde então– ao qual reagem organizando o movimento local de resistência e emitindo uma proclama. Essa mesma noite de 2 de dezembro de 1851, segundo o relato de Loïs, um funcionário local fez chegar à senhora Reclus um envelope com um par de passaportes. A mensagem estava suficientemente clara e os dois irmãos partem de imediato para o exílio que no caso de Élisée irá se estender por cinco anos levando-lo pela Inglaterra, a Irlanda, os Estados Unidos e a Colômbia, chamada então Nova Granada, onde tenta falidamente estabelecer-se como colono agricultor.

O primeiro destino é Londres, onde costumam frequentar os círculos de socialistas e exilados. Entanto que Elie fica em Londres mais um tempo antes de voltar direto para a França, Élisée aceita um oferecimento para administrar uma plantação na Irlanda, dirigindo-se a esse país –no qual, aliás, como veremos, concebe o plano da sua primeira grande obra, *La Terre*, publicada quinze anos depois. Suas cartas da época –já entre as publicadas e comentadas pelos estudiosos– revelam seu desconforto com a

50 RECLUS, Élisée, "Développement de la liberté dans le monde", *Le Libertaire*, Paris, 1925.

miséria generalizada da ilha, que atribui diretamente à dominação inglesa.

Dirige-se então a Liverpool com a idéia de conseguir transporte para Nova Iorque, mas não conseguindo embarcar-se senão em um buque com destino da cidade de Nova Orleans. Emprega-se em um principio nesta cidade como *dockworker*, mas só até conseguir a muito melhor posição de tutor dos meninos Fortier na mansão *Felicity* da fazenda açucareira dessa família, cinquenta milhas adentro do Mississípi. Permanece ali um bom par de anos. Efetua nesse tempo várias viagens pela Luisiana e chega a visitar Chicago. Escreve à sua família da febre amarela e do esclavismo, que repudia visceralmente, e do apoio eclesiástico a este sistema. Vem aqui a sua declaração de ateísmo, mas como víamos, a sua fé vinha quebrantando-se gravemente de tempo atrás.

Béatrice Giblin, no artigo de 1976, interpreta este movimento como uma substituição de Deus pela Ciência no pensamento de Reclus, e cita a seguinte frase tipicamente cientificista deste último sobre o método científico, extraída de um texto muito posterior a esta etapa: «A ciência não procura a verdade mais do que na observação da natureza, controlada pela experiência e guiada de hipótese em hipótese.»⁵¹ Acredito, no entanto, que quem passa a ocupar o lugar de Deus não é exatamente a Ciência e sim a Natureza, uma outra entidade transcendente, fonte de ordem. A ciência não seria mais do que um intermediário. Giblin mesma, em artigo posterior, salienta a forma em que o pastor Reclus entendia a liberdade como a ausência de intermediários entre Deus e ele, além logicamente das Sagradas Escrituras.⁵² Élisée pela sua parte, podemos dizer, deve aceitar a mediação da Ciência entre ele e a Natureza, pois é aquela a única capaz de revelar as leis desta última, indispensáveis para a compreensão e a reforma da ordem social.

Se um par de anos atrás tinha se completado sua transformação de cristão a socialista libertário, é nesta época que começa a fazer-se visível o geógrafo. É interessante a comparação que efetua a citada Loïs Reclus entre a correspondência de seus dois irmãos no começo de seu exílio: as cartas de Elie, religião e filosofia; as de Élisée, «... paisagens coloridas dos países que habita [...], o maravilhoso talento, a

51 RECLUS, Élisée, *L'Evolution, la révolution et l'ideal anarchique*, Paris, Bibliothèque sociologique, 1898 p. 126 apud GIBLIN, (1976), p. 36.

52 GIBLIN, (1981a), p. 9-10.

elegância, a claridade, a chama, o estilo nobre...»⁵³

Dado o enfoque desta pesquisa, tem duplo interesse registrar o surgimento do interesse de Reclus pela Nova Granada, seu destino seguinte, que é aliás o surgimento do geógrafo. Desde o início de 1855 começam a aparecer nas cartas à sua família alusões rápidas e indiretas relativas a abandonar a plantação Fortier, fala do México, da Nova Granada e de seus projetos agrícolas. Insiste cada vez mais a seu irmão para juntar-se à aventura americana e tranquiliza à sua mãe sobre as possibilidades de ganhar o pão no Sul. A primeira alusão direta e algo desenvolvida é aquela que serve de epígrafe a este texto: no México, um outro Napoleão III, fazendo referência a Antonio López de Santa Anna, onze vezes presidente desse país, que estava então na sua segunda ditadura e fazia-se chamar «alteza sereníssima», e que sofreu pouco depois nesse ano um golpe de Estado do movimento federalista republicano na chamada Revolução de Ayutla e passou exiliar-se um tempo, precisamente, na Colômbia. Este país, diz a seu irmão em uma reflexão muito geográfica, «carrega as forças do continente». É aliás, um país livre, «sem passaportes nem policias», segundo terá lido em quem sabe que jornal. Veremos como com o passo dos tempos a sua opinião a este respeito mudará radicalmente, da mesma forma que o país.

Em uma nova carta, diz a seu irmão em uma muito expressiva carta que vale a pena citar longamente:

«Pela minha parte, estou muito determinado, e, salvo que um raio me esmague, daqui ao mês de março estarei em rota para Santafé. [...] Tenho minhas razões para me esgueirar [da casa Fortier]. Estas razões são um pouco loucas, escusado será dizer, e é precisamente por isso que eu gosto delas [...] Primeiro, estou cansado de comer e de beber, de dormir numa cama e de folgar com o bolso cheio, ou até mesmo de ver a hora num verdadeiro relógio de bolso (*proh pudor!*). Preciso de passar um pouco de fome, de dormir sobre as pedras e de vender meu relógio (lembrança de amizade eterna) por um pedaço de bugio. É claro que tudo isto seria melhor para mim do que roubar os negros que têm bem ganho pelo suor e o sangue o dinheiro que eu coloco no meu bolso; de repercussão em repercussão, sou bem eu que tenho o chicote, e isso agrada-me muito pouco...

E tenho uma outra razão ...

53 FERRETTI, (2010a), p. 10.

Assim pela virtude e a moral, mas sobretudo pelo horror que me produz a escravidão e a igreja e a cavalaria crioula, tudo isso me leva a querer ir embora logo.

"O que eu vou fazer lá?" perguntas sempre, querida e sábia Noemi? [esposa de Elie] Que o Deus inventado uma vez por Voltaire me guarde de saber! Eu irei detrás de mim e me deterei quando tenha vendido meu último botão. Verei a falta de picayunes ou de maravedis como uma manifestação evidente da predileção celeste pelo lugar onde eu estiver, e é lá que eu tentarei ainda violar a miséria para fazê-la procriar um pedaço de pão, um pouco de palha e alguns paletós. Farei-me pastor ou criador de cachorros, ou pintor de prédios ou professor de obstetrícia, ou mesmo besuntarei minha figura de preto para sentir um pouco o status de negro. Tudo me é bom, enquanto ande. Mas assim que você me diga, querida irmã: "Estou chegando!", então eu vou parar em algum belo vale, ao pé do Ande altivo, nas margens de um rio que desce rugindo em direção da Amazônia; cobro da Nova Granada minhas dez hectares, e construo uma casinha charmosa. Vamos lá, vai ser delicioso; mais tarde, depois de que três ou quatro anos de paraíso tenham-te cansado, será hora de rever o velho mundo.

Mas, ainda se você não viesse tão cedo (que Deus não o queira!) eu tenho alguns simulacros de projetos que a sorte me poderia fazer realizar. Você sabe, ou melhor, você não sabe que eu estou grávido há muito tempo de uma criatura geográfica que quero trazer ao mundo em forma de livro; já tenho rabiscado bastante; mas isso não é suficiente, eu quero também ver os Andes para jogar um pouco da minha tinta sobre sua neve imaculada. Para isso, eu compro um burro, burro para que eu já procurei em vão por um nome magnífico, o carrego com uma caixa cheia de fios, agulhas e alfinetes, e vou de montanha em montanha e de cidade em cidade a vendê-los a homens gratos. Lá embaixo, dá para comprar vinte quilos de bananas com três agulhas; acrescentando generosamente sete agulhas por vinte quilos de mandioca, vivo com uma profusão de reis com uma agulha por dia. Não é, Noemi, que todos esses planos são muito sábios?»⁵⁴

54 RECLUS, (1911), p. 104-106.

Um certo enjôo moral com as comodidades de seu estilo de vida e com a origem de seu ingresso, então, misturada com uma intensão agrícola colonizadora e com um interesse geográfico, ambos centrados nas montanhas andinas principalmente, são a fórmula que anima a Reclus a abandonar *Felicity* e tomar rumo sul.

O 13 de novembro de 1855, próximo de partir, escreve à sua mãe, em uma outra carta que apresenta a simultaneidade de seus projetos agrícolas e científicos:

«Parece-me que meu corpo enerva-se e desmancha-se sob esta atmosfera pesada e úmida, falta-me recobrar o vigor e a elasticidade em um país de montanhas e de torrentes. Preciso de andar, de ver novos países, de contemplar sobre tudo essas Cordilheiras com que sonho desde a minha infância e que estão aqui perto, do outro lado do golfo do México. Em tanto não tenha família e não disponha de um troço de terra para arraigar-me no chão, acho que esta ânsia de marchar e de ver não me deixará em repouso. Primeiro, ver a terra, que é para mim estudá-la; o único estudo verdadeiramente sério que eu posso efetuar e o da geografia, e acho que vale muito mais observar a natureza nela mesma do que imaginá-la do fundo do gabinete. Descrição nenhuma, por bela que ela seja, pode ser mesmo verdadeira, pois não pode reproduzir a vida da paisagem, a queda da água, o tremor das folhas, o canto dos pássaros, o perfume das flores, as formas cambiantes das nuvens; para conhecer, é preciso ver. Tinha bem lido algumas frases sobre o mar dos Trópicos, mas não compreendi até que vi com meus próprios olhos suas ilhas verdes e suas sendas de algas, suas longas processões de ousados nautilus e seus grandes mantos de luz fosforescente. Eis por que anseio ver os vulcões da América do Sul. Querida mãe, quem sabe? Pode ser que antes de muito eu não venha te falar.»⁵⁵

Vale a pena citar estas cartas, além de tudo, porque registram o primeiro uso de um dos motivos de seu discurso que daí na frente não vai desaparecer nunca mais de suas obras: aquele relativo à primacia do sentido da vista na metodologia geográfica, a

⁵⁵ *Ibid.* p. 109.

ver a Natureza, a vê-la *diretamente*, e não desde o fundo e uma biblioteca.

Reclus, efetivamente, passou um par de anos na Nova Granada, no litoral Caribe e na Serra Nevada de Santa Marta, deixando suas impressões, não só na correspondência à sua família, mas em um romance titulado *Viagem à Serra Nevada de Santa Marta*, publicado em seus primeiros tempos de geógrafo profissional. Não foi possível para ele ir até Bogotá, como era seu desejo. Era uma viagem longa, descontínua, penosa e bastante custosa, impossível de fazer simplesmente andando, como na Europa. De fato, era mais barato na época chegar de Santa Marta a Paris do que a Bogotá, e Reclus, que enfrentou uma realidade um pouco mais dura do que a abundância edênica que esperava, incluindo uma persistente febre, conseguiu voltar na França só graças à intervenção da família na compra da passagem.

É interessante a comparação da correspondência dirigida por Reclus à sua família com o relato público da mesma experiência. O tema principal da primeira é a abundância das produções da terra, um conhecido «motivo edênico» de longa tradição na literatura americana, que Reclus explora com entusiasmo e que do princípio até o fim é o seu recurso retórico principal na tentativa de atrair seu irmão a colonizar o Novo Mundo.⁵⁶ O livro, pelo contrário, embora recrie amplamente a questão da abundância, está marcado pelo medo aos ares insalubres e às febres endêmicas das partes baixas do país, experimentadas por ele mesmo em carne própria e minimizadas na correspondência. O relato, no entanto, é amenizado com o contraste oferecido pelas montanhas e com o otimismo geral do autor sobre a civilização desta terra e a resolução de seus problemas geográficos.

Veremos, mais adiante, alguns outros episódios de contraste entre o «Reclus público» e o «Reclus privado» e voltaremos sobre sua associação entre «montanha» e «civilização».

⁵⁶ BUARQUE de Holanda, Sérgio, *Visão do Paraíso: os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*, São Paulo, Editora Brasiliense, 2000 [1959].

Desenvolvimentos

Ao seu retorno do Novo Mundo não tinha Reclus levado com si grandes pedras, como os exploradores do pequeno príncipe (embora alguns exploradores costumavam sim colecionar pedras, não grandes, senão pequenas, mas contudo não é este o caso), mas um outro tipo de objeto, mais útil para seus propósitos –e certamente mais fácil de carregar: cadernos, pletóricos de anotações.

Instala-se em Paris, em casa de Elie, tentando colocar-se como escritor de textos políticos ou geográficos, procurando para aquilo ser apresentado a personas chave, ou, dito de outra forma, ligar-se com as redes científicas.

O ano de 1858 é especialmente satisfatório nesse sentido, pois consegue vincular-se com importantes sociedades, publicações e casas editoriais como a Sociedade de Geografia de Paris (e sua incomparável biblioteca), a *Revue Germanique*, a *Tour du Monde*, os *Annales des voyages* e as *Guides Joanne* da casa Hachette, iniciando com esta última uma relação da vida inteira. Na Sociedade de Geografia permanecerá também como membro muito ativo até 1871, quando deve abandonar o país por motivos de força maior. O ano seguinte começa a colaborar com a *Revue des Deux Mondes* com um relato de suas aventuras na América do Sul titulado «A Nova Granada: paisagens da natureza tropical» (1859-1860), publicado um ano depois pela livraria Hachette como *Viagem à Serra Nevada de Santa Marta*.

Deste primeiro período parisiense de quase quinze anos datam mais ou menos cento e oitenta publicações entre resenhas, guias de viagem e artigos científicos, coroando esta etapa com a citada primeira obra da trilogia, *La Terre* (1868-1869), concebida como vimos tempo há, na Irlanda, como lembra Reclus no prefácio da obra, incontáveis vezes citado.⁵⁷

57 «O livro que hoje aparece comecei-o faz quase quinze anos, não no silêncio do gabinete, mas na natureza livre. Foi na Irlanda, na cima de um morro que domina os rápidos do Shanon, seus ilhotes vibrando sob a pressão das águas e o negro desfiladeiro de árvores em que o rio penetra e

A linguagem deste prefácio é muito próxima da esgrimida na correspondência escrita à sua família três lustros atrás, principalmente no lugar central outorgado por Reclus à sensorialidade visual na metodologia da geografia. Fala de «ver com os próprios olhos», de «dirigir-se à terra mesma para conhecer a terra», enumera os múltiplos acontecimentos telúricos que tinha tido em sorte presenciar e termina nada menos que declarando-se um «homem livre»... na frente de um tratado de geografia física!

Esta obra fecha com um capítulo sobre o ser humano que tem sido comentado por diferentes autores pela sua relevância em relação com o posicionamento de Reclus frente ao «determinismo».⁵⁸ Veja-se por exemplo o seguinte trecho:

«O homem, este “ser razoável” que ama tanto vangloriar-se de seu libre arbítrio, não pode no entanto se tornar independente dos climas e das condições físicas do país que habita. Nossa liberdade, em nossas relações com a Terra, consiste em reconhecer suas leis e assim conformar nossa existência. Independentemente da relativa facilidade de maneiras que para nós tem conquistado nossa inteligência e vontade próprias, não deixamos de ser produtos do planeta: adjuntos a sua superfície como imperceptíveis

desaparece depois de um brusco desvio. Deitado sobre a erva, do lado de um resto de muralha que antanho foi um alcácer e que as humildes plantas tem demolido pedra por pedra, desfrutava suavemente dessa imensidade de coisas que manifestavam-se mediante o jogo da luz e das sombras, do estremecimento das árvores e o murmulho da água chocando contra as rochas. Foi ali, nessa primorosa paisagem, onde nasceu em mim a idéia de relatar os fenômenos da terra. E, sem tardança, esbocei o plano da minha obra. Os raios oblíquos de um sol de outono douravam essas primeiras páginas e faziam tremer sobre elas a azulada sombra de um arbusto agitado.

Desde então não tenho parado de trabalhar nesta obra nas diversas regiões onde o amor às viagens e os azares da vida conduziram-me. Tive a felicidade de ver com meus próprios olhos e de estudar no próprio lugar quase todas as cenas de destruição e de renovação, avalanchas e desaparecimento de rios, cataratas, inundações e degelos, erupções vulcânicas, surgimento de bancos de areia e de ilhas, trovões, furacões e tempestades. Não é unicamente aos livros mas a terra mesma eu dirigi-me para obter o conhecimento da terra. Depois de longas buscas entre o pó das bibliotecas, voltava sempre à grande fonte e reanimava meu espírito no estudo dos fenômenos mesmos. As curvas dos arroios, os grãos de areia das dunas, as ondulações da praia, não me ensinaram menos que os meandros dos grandes rios, os poderosos alicerces dos montes e também a superfície imensa do oceano.

E não é tudo. Posso dizer com o sentimento do dever cumprido que para conservar a nitidez do meu ponto de vista e a probidade do meu pensamento, tenho percorrido o mundo como homem livre, tenho contemplado a natureza com mirada cândida e altiva, recordando que a antiga Freia era ao mesmo tempo a deusa da terra e da liberdade». RECLUS, (1868-1869), v. I, p. I-III.

58 DUMBAR, (1978), p. 47; GIBLIN, (1981b), p. 76; LACOSTE, (1981), p. 20.

animáculos, somos carregados em todos seus movimentos e dependemos de todas suas leis»⁵⁹

Essa definição de liberdade parece-nos muito próxima a de Spinoza, segundo a qual esta consistia em compreender a forma em que a determinação da ordem extra-humana era exercida, cabendo ao homem apreender a adequar-se a ela.⁶⁰ Lembre-se que de fato ele e seu irmão se apresentam como «seguidores» deste filósofo na carta dirigida ao editor da *Revue Germanique* oferecendo-lhe seus serviços como resenhistas e tradutores de autores alemães –Ritter por exemplo–, mas esta arista do seu pensamento, que saibamos, não tem sido até agora explorada.

No entanto não há independência possível da mãe terra e esta tem uma influência determinante na história, a «nossa inteligência», ou seja, a nossa ciência, e «nossa vontade» tem-nos conquistado consideráveis facilidades, com respeito evidentemente a *outras* épocas ou outras culturas, isto é, segundo ele a força determinadora da natureza diminui com a civilização. Não é este mas do que outro elemento diretamente ritteriano, caracterizado pelo professor Moraes como «variabilidade histórica da ação dos condicionantes ambientais».⁶¹

É no entanto na ênfase dada sempre por Reclus ao segundo elemento, a vontade, que acredito que este começa a distanciar-se de Ritter e a se aproximar de um paradigma que atribui por principio um peso maior ao indivíduo e à iniciativa individual no processo histórico, mais ajustada ao anarquismo e associada em especial à sua vertente romântica. Em contraste com a predestinação dos lugares de Ritter, que localiza a «última instância» histórica no reino da natureza (divina), Reclus deixa sistematicamente aberta a possibilidade à vontade humana de «impor-se a qualquer obstáculo» e chegar inclusive a aprimorar ou «enfeitar» a natureza, seguindo suas leis, é claro, mediante o recurso fundamental da ciência moderna.

Giblin salienta, examinando esta obra, a sensibilidade de Reclus pelas transformações ambientais a grande escala produzidas pelo capitalismo, cujos efeitos

59 RECLUS, (1868-1869), v. II, p. 622.

60 Esta idéia tem sido retomada pela chamada «Deep Ecology». Cf. NÆS, Anne, “Spinoza and Ecology”, em: *Philosophia*, v. 7, nº 1, 1977, p. 45-54.

61 MORAES, (2002), p. 190.

destrutivos eram já evidentes para quem quisera vê-los. Ressalta a plasticidade e diversidade por ele atribuída às adaptações dos grupos humanos a meios não só muito diferentes entre si, mas também muitas vezes iguais, em diferentes momentos históricos. Giblin chega a chamar Reclus de «ecologista antes de tempo».⁶²

A Guerra Franco-Prussiana e a Comuna de Paris (1870-1871) marcam uma nova viragem na vida de nosso autor. Sua militância política era decerto bastante ativa, e, desde seu encontro com Bakunin em meados da década de 1860, tinha-se radicalizado: colaborava nos jornais do gênero, frequentava seus conciliábulos e inscrevia-se em suas sociedades secretas, protagonizando junto ao russo a oposição ao «socialismo autoritário alemão» na Primeira Internacional.⁶³

Na hora do assédio à capital das tropas capitulacionistas, Reclus adere imediatamente ao levantamento e assume desde o começo um papel muito ativo no governo municipal popular e, com quarenta e um anos de idade, nos *fédérés*, a milícia da comuna. Em uma ofensiva a Versalhes sua companhia cai em uma emboscada e Élisée Reclus é capturado e emprisionado. Permanece neste estado por quase um ano, a maior parte do tempo na prisão de Brest, dando aulas a seus companheiros de cadeia e estudando pela sua vez algo de holandês e flamenco. Neste trance escreve a *História de uma montanha*, corrige as provas da segunda edição de *A Terra* e, como se fosse pouco, assina o contrato e toma algumas notas para seu projeto de edificar uma nova geografia universal.

A pesar de certa pressão exercida pela Sociedade de Geografia em pró de sua liberação, Reclus é sometido a um concelho de guerra e condenado por ele à pena de «deportação simples» (perpétua) à Nova Caledônia, colônia penitenciária francesa na Oceania –no fim do mundo–, onde foram parar muitos comuneiros presos. Em um conhecido episódio, um grupo de cientistas ingleses conseguem do governo francês a comutação desta pena pela de simples desterro, no caso «dez anos de banimento com perda de direitos civis».

Reclus escolhe a Suíça, país onde seu irmão, que tinha sido diretor da Biblioteca

62 GIBLIN, Béatrice, "Reclus: un ecologiste avant l'heure?", em: *Hérodote*, n° 22, 1981c, p. 107-118.

63 Cf. ZEMLIAK, Martin, "Reclus, les anarquistes et les marxistes", em: *Hérodote*, n° 22, 1981, p. 98-106.

Nacional durante a Comuna, tinha conseguido escapar, e, aliás, centro mundial do movimento anarquista, no qual passará os seguintes dezoito anos. O resultado desta etapa é a *Nova Geografia Universal*, uma enciclopédia geográfica mundial em dezenove grossos tomos publicados com regularidade anual entre 1876 e 1894 e recebidos pelo público com considerável sucesso, aquela que Ritter nunca conseguiu levar a cabo.

Os capítulos Colômbia e Panamá desta obra, inclusos nos tomos penúltimo e antepenúltimo respetivamente, constituem o tema principal das seguintes páginas.

Em 1890 Reclus volta a estabelecer-se na França, que visitava com frequência desde a amnistia geral outorgada aos comuneiros uma década antes. Dois anos depois de seu retorno é convidado pela Universidade Livre de Bruxelas, desatando o já anotado incidente e o traslado definitivo de Reclus a esta cidade, na qual passará a última década da sua vida.

Neste período, além de suas ocupações acadêmicas, interessa-se primordialmente por mapas, mas que tudo pela possibilidade de construir reproduções cartográficas em relevo, tridimensionais, sendo a principal delas um grande globo a escala para a cidade de Paris que nunca chegou a ser realizado, e sobre o qual voltaremos mais adiante.

O principal resultado desta etapa final é uma outra enciclopédia, o fim da trilogia, anunciada na saída da *Geografia Universal* como «obra de síntese»: *O Homem e a Terra* (1905-1908, 6 v.), uma história universal de cunho geográfico. É esta a obra de Reclus que mais tem levantado o entusiasmo e merecido a admiração de autores como Lacoste e Giblin, mas até o momento não tem sido parte do meu campo de consideração. No entanto, não pode deixar de ser citado o famoso trecho do prefácio, em que o autor tenta sintetizar em umas quantas frases a lógica fundamental do seu trabalho, que por não estarem até agora traduzidas para o português, vale a pena citar:

«A primeira categoria de eventos que constata o historiador mostramos como, por efeito de um desenvolvimento desigual nos indivíduos e nas sociedades, todos os coletivos humanos com exceção dos povos detidos no naturismo primitivo, desdobram-se por assim dizer, em classes ou castas,

não somente diferentes, mas opostas em interesses e tendências, mesmo inimigas em períodos de crise. [...]

O segundo fato coletivo, consequência necessária do desdobramento dos corpos sociais, é que o equilíbrio quebrado entre indivíduo e indivíduo, entre classe e classe, balança-se constantemente ao redor de seu eixo de repouso: a violação da justiça cria sempre vingança. Daí as incessantes oscilações. [...]

O terceiro grupo de fatos, em relação ao estudo do homem em todas as idades e em todos os países, atestamos que não tem tido evolução nenhuma na existência dos povos que não possa ter sido criada mais do que pelo esforço individual. É na pessoa humana, elemento primário da sociedade, que deve procurar-se o choque impulsivo do meio, destinado a se traduzir em ações voluntárias para expandir as idéias e participar nas obras que modificarão o andar das nações. [...]

A “luta de classes”, a tendência ao equilíbrio e a decisão soberana do indivíduo, tais são as três ordens de fatos que revela-nos o estudo da geografia social e que, no caos das coisas, mostram-se suficientemente constantes como para poder dá-lhes o nome de “leis”. É já muito o conhecê-las e poder dirigir segundo elas a sua própria conduta e pela sua parte de ação na gerência comum da sociedade, em harmonia com as influências do meio, atualmente conhecidas e escrutadas. É a observação da Terra que nos explica os eventos da História, e esta conduz-nos pela sua vez a um estudo mais aprofundado do planeta, a uma solidariedade mais consciente do nosso indivíduo, ao mesmo tempo tão pequeno e tão grande, com o imenso universo.»⁶⁴

Tinha razão sua irmã Loïs, que finaliza o texto citado sublinhando a unidade da vida de Reclus, comparando as palavras do jovem estudante com aquelas do homem cujos cabelos começavam na época de redação do texto a encanecer como as montanhas andinas.

A «luta de classes» é um conceito marxista —e tal vez por isso Reclus coloque-o

64 RECLUS, (1905), p. II-IV.

entre aspas—, e muito fácil de ver como uma constante histórica. A «tendência ao equilíbrio» vem de Ritter, da idéia do mundo como uma entidade harmônica. E o destaque ao individuo encontra-se já na longinqua influência de seu pai, muito favorável à variante mais individualista do socialismo. Finaliza, como nas cartas à sua mãe desde a Nova Granada, com a declaração do ideal de observação direta da natureza, alimentado pela procura de uma suposta solidariedade entre todo o existente.

Isto nos leva, para finalizar, aproveitando um comentário de Lacoste, a ver como a teoria da evolução e a idéia de progresso completam o pensamento de Reclus.

Foi este último um entusiasta da teoria da evolução, é claro —como foram também em geral os capitalistas, os marxistas e alguns racialistas.⁶⁵ Mesmo os geógrafos alemães como lembra Lacoste usaram o darwinismo para justificar a «luta pelo espaço» entre os Estados. Mas, uma coisa é a *teoria da evolução das espécies*, isto é, a afirmação segundo a qual estas *mutam*, e outra coisa é o «mecanismo», usando a palavra da época, que explica esta mutação, que, para Darwin, lembre-se, é uma «luta pela existência». Reclus, observa Lacoste, toma posição contra a posição política reacionária do que tem sido chamado darwinismo social; não admite a rivalidade entre os grupos e as espécies como principio nem a luta pela vida como uma lei da natureza. Opõe a isto um principio geral de solidariedade, muito geral, cósmico, como acabamos de ver. Lacoste cita um aparte de *O Homem e a Terra* em que Reclus toca diretamente no assunto:

«Desde que na segunda metade do século XIX, Darwin, Wallace e seus émulos houvessem tão admiravelmente exposto o sistema de evolução orgânica pela adaptação dos seres ao meio, a maior parte dos discípulos não enxergam mais do que o lado da questão desenvolvido por Darwin com maior detalhe e deixam-se seduzir por uma hipótese simplista, não vendo no drama infinito do mundo vivo mais do que a “luta pela existência”. No entanto o ilustre [Darwin] tem também falado de “acordo pela existência”; ele tem comemorado “as comunidades que, graças à união do maior número de membros estreitamente associados, prosperam melhor

65 Não todos. Cf. LIVINGSTON, (2003).

e levam adiante uma rica progenitura” (*Descent of Man*). Mas pretendidos “darwinistas” desejaram ignorar completamente todos os fatos de entrada apressam-se a vociferar com uma sorte de raiva como se a vista de sangue os exitasse a morte. “O mundo animal é uma arena de gladiadores na que toda criatura está vestida para o combate”. E sob a cobertura da ciência, quantos violentos e cruéis encontraram-se justificados em seus atos de apropriação egoísta e de conquista brutal: todos satisfeitos por estarem entre os fortes, esgrimindo o grito de guerra contra os fracos: “o melhor há vencido”.»⁶⁶

Com a ironia final Reclus demonstra reconhecer a grave tautologia que jazia no fundo da ideologia evolucionista da «supervivência do mais forte» que, à pergunta «quem é mais forte?» só poderia responder: «aquele que sobreviver».

É esta ênfase de Reclus nas relações associativas entre entidades antes que as competitivas a que informa, como reconhece Capel,⁶⁷ não só à sua crítica do modelo da «seleção natural» e sim o conjunto da sua geografia. Seu projeto geográfico tudo aspirava a compreender esta «grande solidariedade universal» que ninguém melhor do que a geografia estava em capacidade de abordar. Suas descrições, as da *Nova Geografia Universal*, por exemplo, que tomaram-lhe mais de vinte anos da sua vida, pretenderam estar unidas, com maior ou menor sucesso, nesta logica associativa.

Mas, esta «evolução» tinha para Reclus uma direção, duas na verdade: progresso e regresso –um pouco como o *corso e ricorso* de Vico, cujo sistema das idades humanas não deixa de lembrar a estrutura de *O Homem e a Terra*: uma outra arista para explorar. As civilizações não eram todas iguais, e, a pesar de seus reflexos anarquistas igualitários, cedeu à tentação subliminal universal de hierarquizá-las.⁶⁸ tinha para ele civilizações «mais» e «menos avançadas», estando à cabeça desta espécie de corrida,

66 RECLUS, (1905), v. I, p. 134-135 apud LACOSTE, (2005b), p. 43-44.

67 CAPEL, Horacio, *Filosofia y ciencia en la geografía contemporánea*, Barcelona, Barcanova, 1981. «Reclus procura na natureza um exemplo e um modelo para a organização anarquista da sociedade, embora para aquilo tem que destacar as dimensões de harmonia, cooperação e simbiose, em lugar das tipicamente darwinistas de concorrência, seleção e luta pela vida.» p. 304.

68 Cf. GOULD, Stephen Jay, *A falsa medida do homem*, São Paulo, Martins Fontes, 2003 [1981], sobre as teorias racialistas da época e os métodos experimentais de antropometria, que mostra a necessidade subjacente em todos os modelos de estabelecer uma pirâmide valorativa das razas.

como é de esperar, a Europa Ocidental, graças principalmente à ciência moderna.

A evolução para Reclus era um processo cumulativo que em um dado momento devia descarregar-se, no melhor dos casos dando em uma revolução, vamos dizer, «positiva», isto é, em direção do progresso, e, no pior, acabando, evidentemente, em um lamentável «regresso».⁶⁹ É interessante ver o parecido desta concepção com a conhecida explicação desenvolvida pelo professor Thomas Kuhn acerca da «estrutura das revoluções científicas», que são para ele da mesma forma resultados explosivos de longos processos acumulativos.

Liberdade de consciência e exaltação do indivíduo, então, a geografia moderna de Carl Ritter e a unidade e tendência a harmonia do mundo e de tudo o existente, as ideologias socialistas libertárias, depois «anarco-comunistas», um voluntarismo inesgotável e a idéia de um devir em duas etapas: evolução e revolução, uma acumulativa e outra de descarga, no melhor dos casos conducente ao progresso. Tais são os elementos que no meu parecer compõem a armação elemental do pensamento de Reclus, roubando uma metáfora, uma espécie de andaime sobre o qual apoiar uma reconstrução talvez melhor.

Contudo, acredito que depois de esta muito breve e seletiva apresentação do nosso autor é já possível para o leitor menos informado ter uma noção embora seja mínima da sua localização no mundo das idéias e na história da geografia –que, seja dito, deve ser reivindicado ainda e não sucumbir, seguindo a advertência de Ferretti, a redução tradicional do debate geográfico e cartográfico da virada do século à oposição «determinismo/possibilismo»–,⁷⁰ ou, pelo menos, do tipo de discussões próprias de umas determinadas coordenadas do pluriverso.

Demos já algumas entradas. Continuemos marcando os pontos base e tecendo o mapa das interseções deste autor e da sua obra com este país chamado Colômbia.

69 Cf. RECLUS, (1898).

70 FERRETTI, (2007a).

Capítulo 2

Auto-descoberta de um tema de pesquisa

Primeiros avanços e atualizações

Escutei o nome de Élisée Reclus pela primeira vez há já uns cinco anos, no curso de História, na disciplina sobre a América Latina republicana: o professor o mencionou de passagem como uma exceção à regra que tendia a dirigir os fluxos de migração européia -e das ideologias européias que estivessem em voga como o anarquismo, socialismo e fascismo- muito mais para a Argentina, Brasil ou Chile do que, por exemplo, para a Colômbia, onde nos meados do século XIX este jovem anarquista francês tinha tentado, sem sucesso, estabelecer-se e edificar uma colônia agrícola.

Na procura de um «tema de pesquisa», inclinava-me mais então pelo estudo das «idéias anarquistas na Colômbia», talvez nos grêmios de artesãos do século XIX, ou nas organizações operárias da primeira metade do XX, ou até nas comunidades indígenas sem-Estado, talvez no mundo pré-hispânico... De forma que, um viajante isolado, embora tivesse deixado um relato de suas aventuras (*Voyage à la Sierra-Nevada de Sainte-Marthe. Paysages de la nature tropicale*, 1861, várias vezes editado em espanhol), ainda que pudesse ser interessante, dificilmente poderia ter tido uma influência significativa em um possível «anarquismo colombiano», e, em todo caso, não parecia ser o que eu estava procurando. No entanto, no fim da aula, aproximei-me do professor com o fito de registrar o estranho nome deste viajante, que, eu pensava, no melhor dos casos podia ter deixado na Colômbia algumas sementes libertárias, ou, pelo menos, podia oferecer uma leitura amena.

Além do *Voyage* descobri que Élisée Reclus era também autor de um livro titulado *Colombia* (1893), na realidade uma tradução dos capítulos V («Panama») do volume XVII («Indes Occidentales: Méxique, Isthmes Américains, Antilles», 1891) e IV («Colombie») do volume XVIII («Amérique du Sud: Les Régions Andines: Trinidad, Vénézuéla, Colombie, Écuador, Pérou, Bolivie et Chile», 1893) de uma enciclopédia geográfica titulada *Nouvelle Géographie Universelle*, escrita, já não pelo viajante, mas pelo *geógrafo* Reclus. Estes dois capítulos tinham sido reunidos, traduzidos e anotados

–muito anotados– «com autorização do autor» por um certo Francisco Javier Vergara y Velasco, que é o co-protagonista desta história. Ditas obras, pode dizer-se, não me provocaram de entrada demasiado entusiasmo. No fim das contas, o que poderia aportar para a história do anarquismo na Colômbia um viajante fugaz ou um geógrafo francês autor de uma geografia universal?

Como tinha dito aquele professor, não parecia ter ocorrido na Colômbia um movimento anarquista relevante, à parte de algumas figuras excêntricas como o famoso Biófilo Panclasta⁷¹ ou de alguma circulação de idéias proudhonianas entre as ditas sociedades de artesãos, e, em todo caso, a documentação nesse sentido parecia ser escassa. Um pouco desanimado, fui desistindo do assunto da história do anarquismo e comecei a recuperar um velho interesse pela ciência e pela história da ciência.

De fato, matriculei-me na disciplina sobre história da ciência na América Latina ministrada pela professora Diana Obregón. No semestre anterior, já tinha feito um trabalho sobre a Expedição Botânica enviada pela coroa espanhola ao Novo Reino de Granada no começo do século XIX –um dos episódios mais célebres da história da ciência na Colômbia– com base num livro do professor Mauricio Nieto,⁷² que já tinha colocado para mim a possibilidade de pesquisar a história da ciência feita *aqui* –eu me interessava mais por Galileu e Newton ou pela física do século XX– e que me aproximou de entrada à metodologia inspiradora deste trabalho: a idéia de que a história natural tem um vínculo essencial com a história política.

O programa da disciplina da professora Obregón, centrado no século XIX latino-americano, não é surpresa, incluía bastante geografia. (Depois de tudo, não era a Geografia uma ciência? E não tinham precisado os Estados-nação de bastante geografia para se conformarem?). Ela mesma, em sua monografia de graduação,⁷³ tinha estudado a Sociedade Geográfica da Colômbia e a Comissão de Limites, duas tentativas colombianas da primeira metade do século XX de completar o anelado «mapa nacional». A disciplina fazia eco, aliás, de uma discussão já bastante bem aclimatada na

71 VILLANUEVA, Martínez Orlando (et al), *Biófilo Panclasta: el eterno prisionero. Aventuras y desventuras de un anarquista colombiano*, Bogotá, Ediciones Proyecto Cultural Alas de Xué, 1992.

72 NIETO Olarte, Mauricio, *Remedios para el Imperio: Historia natural y la apropiación del Nuevo Mundo*, Bogotá, ICANH, 2000.

73 OBREGÓN, Diana, *Sociedades científicas en Colombia: la invención de una tradición, 1859-1936*, Bogotá, Banco de la Republica, 1992.

Colômbia e em boa parte da América Latina conhecida como História Social da Ciência e da Tecnologia, e a professora dirigia um grupo de trabalho que traduzia os textos clássicos de Shapin e Basalla e discutia as proposições do *Strong Program* de David Bloor e «a dimensão social da ciência» –grupo com o qual tive algum contato e que um tempo depois me deu a chance de apresentar os primórdios desta pesquisa. Tomei também nessa disciplina um primeiro contato com um famoso conceito de Bruno Latour que até hoje é peça chave desta pesquisa: «centro de cálculo», o lugar onde as informações são reunidas para serem transformadas em conhecimento e conseqüentemente em capacidade de ação sobre o conhecido. (Veremos que, tanto Reclus quanto Vergara, foram hábeis gerentes de centros de cálculo.)

Seguindo uma sugestão da professora Obregón para o trabalho da disciplina, fiz uma revisão bibliográfica sobre as sociedades geográficas da Colômbia, México, Peru e Brasil que chamei «La Sociedad Geográfica de Colombia y sus antecesoras latinoamericanas» e que depois, de forma bastante accidental, vim apresentar no X EGAL, em São Paulo, em 2005. Na lista de fundadores da Sociedade Geográfica da Colômbia, formada em 1903, aparecia aquele Vergara y Velasco tradutor de Reclus, o famoso astrônomo e matemático Julio Garavito, e mais uma dúzia de personagens, seguramente ilustres. No *Boletín* da sociedade, também, aparecia várias vezes dito nome, «*Vergara, el gran geógrafo*», objeto de diversas honras e homenagens.⁷⁴ Os «grandes nomes» da geografia colombiana do século XIX sempre foram, que eu soubesse, Caldas, «*el sabio*», mártir da Independência, celebrado por seu contato com

74 *Boletín de la Sociedad Geográfica de Colombia*, Vol. XV, Nº 53, 1957: FLÓREZ Alvares, Leonidas, “Palabras pronunciadas por el Coronel Leonidas Flórez Alvarez en el acto verificado en homenaje al General Francisco Javier Vergara y Velasco, y en representación del Ejército Nacional”; LONDOÑO, Julio, “Discurso del General Julio Londoño en nombre de la academia Colombiana de Historia, pronunciado durante el homenaje al Geógrafo Vergara y Velasco”; SOCIEDAD GEOGRÁFICA DE COLOMBIA, “Homenaje al Geógrafo Francisco Javier Vergara y Velasco”; ROZO, Darío, “Discurso del Dr. Darío Rozo M., pronunciado en representación de la Sociedad Geográfica de Colombia, de la Academia e Ciencias y de la Sociedad Colombiana de Ingenieros, durante la ceremonia de inauguración del busto del General Francisco Javier Vergara y Velasco”; y, VERGARA y Vergara, Julio C., “Vergara y Velasco, el gran geógrafo”. No Vol. XV, Nº 54-55, 1957: SOCIEDAD GEOGRÁFICA DE COLOMBIA, “Un justo homenaje”. Vol. XVIII, Nº 68, 1960: AGUILERA, Miguel, “Centenario de un Colombiano Ilustre”; ANDRADE S., Francisco, “Francisco Javier Vergara y Velasco”; MURILLO, Luis María, “Francisco Javier Vergara y Velasco”; SOCIEDAD GEOGRÁFICA DE COLOMBIA, “Acuerdo de honores al General Vergara y Velasco”; Universidad del Cauca, “Resolución Número 60 de 1960”; y, VERGARA y Vergara Adalberto y VERGARA y Vergara Julio Cesar, “Importante carta”.

Humboldt; e Agostinho Codazzi, o explorador e cartógrafo italiano líder da Expedição Corográfica, morto em pleno campo (em 1859, mesmo ano que Humboldt e Ritter) e cujo nome leva o instituto geográfico oficial da Colômbia. Nunca, sem embargo, tinha ouvido falar em Vergara y Velasco. Olhando aqueles textos, reparei que quase todos eles, além de defender a importância do seu trabalho, desconsiderado em vida – contrariamente a Reclus– e esquecido depois –tal como Reclus– enfatizavam seu vínculo com «o grande geógrafo francês», do qual tinha sido interlocutor e colaborador, e até reproduziam alguns fragmentos das honrosas cartas onde este atribui a Vergara o título de «mestre».⁷⁵ No entanto, eu seguia sem enxergar a potencialidade do assunto como tema de pesquisa: nos semestres posteriores ainda vacilava, entre outras possibilidades, entre o «olhar dos viajantes estrangeiros sobre os indígenas» e o processo de padronização do sistema de pesos e medidas na Colômbia –sugestão da professora Obregón–, e ainda passou um tempo antes de decidir realmente (por que não?) estudar Élisée Reclus e o Francisco Javier Vergara y Velasco. No fim das contas, tinha ciência, tinha política, tinha documentação, tinha a ver com a Colômbia e tinha até um anarquista. Assim, começou esta pesquisa. Finalmente, achei um tema. Ou, um tema achou-me a mim.

No momento do EGAL, em São Paulo, onde pude tomar maior consciência da existência de um campo disciplinar particular afim –e de publicações especializadas como a *Terra Brasilis*–, o tema do meu trabalho de graduação estava claro. Pelo menos, os pontos de partida. No último ano da graduação, além de começar o levantamento documental –que nunca acaba– participei em mais algumas disciplinas também

75 As vinte e duas cartas dirigidas por Reclus a Vergara entre 1888 e 1897 repousam no Arquivo Geral da Nação da Colômbia (Bogotá), Sección: *Colecciones*, Fondo: *Francisco Javier Vergara y Velasco*, t. I, f. 2-43. Este fundo documental (daqui em diante *AGN-FJVV*), consta de três volumes: contem no primeiro a correspondência de Vergara com cientistas europeus, latino-americanos e colombianos; no segundo uma coletânea de seus múltiplos e variados escritos de jornal; e o terceiro uma variedade de documentos que abarca desde seus diplomas escolares até o catálogo de sua admirável biblioteca, passando por sua documentação militar, rascunhos dos seus projetos de lei, outros manuscritos vários, sua correspondência oficial, etc. Parte deste projeto é disponibilizar na Internet a maior quantidade possível desses materiais, trabalho tão útil quanto dispendioso, mas que já está algo adiantado. Cf. “Proyecto de Archivo Digital Francisco Javier Vergara y Velasco” (<http://padfranjaver.wordpress.com/>). Por enquanto, encontra-se nesse site uma cronologia das principais obras de Vergara, fotografias de todos os mapas tanto da *Nueva Geografía de Colombia* quanto do *Atlas completo de geografía colombiana*, uma lista de seus escritos de jornal, a correspondência completa de Élisée Reclus, algumas outras cartas e o catálogo de sua biblioteca.

definitivas na minha orientação. Uma, com as professoras Stefania Gallini e Astrid Ulloa, «História ambiental da América Latina» (provavelmente, o ramo mais interessante, renovador e potencialmente mais frutífero das ciências sociais, que tantas vezes parecem tão antiquadas, tão estanques, tão dispersas, tão distantes dos desafios históricos presentes, tão pouco realistas...). Nessa disciplina, pude entrar em contato com os fundamentos da ecologia política não-essencialista⁷⁶ e com o projeto de «desnaturalização da natureza»⁷⁷, que deixa de ser considerada um mundo exterior objetivo, essencial, autônomo, a-histórico e inacessível em-si, para ser uma ordem, singular, bem datada, particular e localizada.⁷⁸ Também conheci nessa disciplina o trabalho de J. B. Harley⁷⁹, um dos mais conhecidos refundadores da história da cartografia, que tem o mérito de ter tentado –com menos sucesso conceitual do que influencia acadêmica– estudar os mapas (considerados textos) com uma mistura de epistemologia foucaultiana (relativa a questão poder/conhecimento), sociologia estilo Programa Forte (referida ao «contexto social» da ciência, neste caso do mapa) e um toque de desconstrucionismo estilo Derridá (análise do discurso, história da arte e iconografia), mas que falha na sua tentativa de conciliar posições radicalmente opostas: aquela que trata a ciência como um epifenômeno da sociedade e aquela que atribui à «esfera discursiva» uma completa autonomia.

Mais duas disciplinas, com o professor Mauricio Nieto, na Universidad de los Andes, foram decisivas no meu encaminhamento. Uma sobre o geógrafo Francisco José de Caldas, «*el sabio*», mártir da Independência, cujos mapas foram confiscados e conduzidos a Espanha pelo exército de reconquista depois de fuzilar seu autor –segundo o capitão, porque «a Espanha não precisa de sábios»–, onde foram encontrados e

76 ESCOBAR, Arturo, *El final del salvaje. Naturaleza, cultura y política en la antropología contemporánea*, Bogotá, ICAN-CEREC, 1999.

77 Com base principalmente no trabalho de DESCOLA, Philippe (2002): “La antropología y la cuestión de la naturaleza”, em: PALACIOS, Germán y ULLOA, Astrid, *Repensando la naturaleza. Encuentros y desencuentros disciplinarios en torno a lo ambiental*, Bogotá: UN-Imani-ICAHN-Colciencias, 2002 p. 155-171.

78 A partir dessas discussões elaborei um texto que acabou sendo publicado: RAMÍREZ, David, “La historiografía ambiental y la cuestión de la naturaleza”, *Revista Espaço Acadêmico*, nº 95, abril de 2009. <http://www.espacoacademico.com.br/095/95palacios.htm>

79 HARLEY, J. B., “Maps, knowledge and power” em: Cosgrove, D. y Daniels, S., *The iconography of landscape: essays on the symbolic representation, design and use of past environments*, Cambridge University Press, Cambridge, 1988.

posteriormente publicados pelo dito professor Nieto.⁸⁰ A Espanha decerto não precisava nesse momento de *criollos* rebeldes sábios com bons mapas nas mãos ou com a capacidade de fazê-los. A cartografia, como é sabido, é um conhecimento estratégico.

A segunda disciplina do professor Nieto tinha por título «A compreensão do Novo Mundo: geografia e história natural no século XVI», uma reflexão sobre os começos da expansão europeia e de sua apropriação progressiva do mundo, que procurava uma explicação do Eurocentrismo e da Modernidade no estudo das práticas científicas, mostrando a compreensão europeia do Novo Mundo como um processo reflexivo de auto-conhecimento.⁸¹ Discutiu-se o vínculo entre a ordem natural e a ordem social produzidas pela geografia e a história natural no século XVI: uma *construção*, sim, mas não «puramente social» –posto que implica não só as pessoas, seus interesses e instituições, mas também as coisas/arranjos (mapas, desenhos, instrumentos, costas, rios, «América», «índios», «europeus», milho, tabaco, varíola, bichos preguiça, homens com mapas, homens com cabeça de cachorro, etc.)– e também não, embora a linguagem participe como ator decisivo, «puramente intelectual» ou «autônoma».

Ambas disciplinas do professor Nieto deram nesse sentido destaque ao pensamento do filósofo francês Bruno Latour⁸² –que até hoje constitui a referência metodológica principal desta pesquisa– e nelas –apesar de haver chamado Latour no meu trabalho de graduação de «autor emblemático dos estudos *sociais* da ciência»– comecei a assimilar a distância que vai da «explicação social» à nova perspectiva:⁸³ que Ciência e Sociedade não são domínios separados da realidade «que podem chegar a se tocar», mas que o papel das ciências é decisivo na configuração geral do Coletivo; que o

80 NIETO Olarte, Mauricio (comp.), *La obra cartográfica de Francisco José de Caldas*, Bogotá, Universidad de los Andes, 2006.

81 Cf. NIETO Olarte, Mauricio, “La comprensión del Nuevo Mundo: geografia e historia natural en el siglo XVI”, BONNETT, Diana & CASTAÑEDA, Felipe (eds.), *El Nuevo Mundo: Problemas y debates*, Bogotá, Universidad de los Andes, 2004.

82 LATOUR, Bruno, *Ciencia en acción. Cómo seguir a los científicos e ingenieros a través de la sociedad*, Barcelona, Editorial Labor, 1992 (1987); “Drawing things together” em: LYNCH, Michael & WOOLGAR, Steve (ed.), *Representation in Scientific Practice*, Cambridge, MIT Press, 1990 (1988), p. 19-68; *La esperanza de Pandora. Ensayos sobre la realidad de los estudios de la ciencia*, Barcelona, Gedisa Editorial, 1999.

83 NIETO Olarte, Mauricio, “Poder y conocimiento científico: nuevas tendencias en historiografía de la ciencia”, *Historia Crítica*, nº 10, 1995, p. 3-14. Pode ver-se também o debate entre Latour e David Bloor em *Studies In History and Philosophy of Science*, vol. 30, nº 1, 1999. Também: LATOUR, Bruno, “One more turn after social turn”, em: Mc MULLIN, Ernan, *The Social Dimensions of Science*, Notre Dame, University of Notre Dame Press, 1992, p. 272-294.

Coletivo não inclui só as pessoas mas também as coisas, particularmente coisas produzidas pelos cientistas; que em vez de tentar *definir* («colocar fins») fatias do real (por exemplo: o que é geográfico e o que não é), de pensar por «recortes», é possível tentar acompanhar, até onde seja possível, as infinitas e complexas séries de relações que definem a historicidade das coisas: o que é, o que não é, o que vem a ser, o que quase é e o que já não é mais; que para dar conta da configuração do Coletivo é preciso levar em consideração ao mesmo tempo *logos*, *physis* e *polis*, a ciência, o mundo, e o poder; que é possível pensar um mundo feito de associações, e não apenas de «sujeitos» e «objetos» puros; e, enfim, que imaginar um mundo de «sujeitos» e «objetos» puros tem consequências políticas graves, ou, melhor, que dita separação define a Modernidade.

No velho paradigma, que podemos chamar de «objetivista», «naturalista» ou «internalista», as afirmações verdadeiras seriam explicadas por sua correspondência com uma ordem externa chamada Natureza, vindo a ser a falsidade ou o «erro» o produto das limitações humanas, das ideologias, dos interesses ou das condições sociais. No «giro social» da sociologia da ciência estilo Programa Forte –de muita influência na América Latina– mais «externalista», tanto a verdade quanto o erro, o conhecimento em geral, teriam uma «causa social» a ser determinada. Na proposta laturiana, tanto a natureza quanto a sociedade são um *produto* do processo de conhecer. Não podem ser a fonte da explicação, pois uma e outra são reconhecíveis (nomeáveis, diferenciáveis) só por meio das ciências. Como é possível afirmar o estado da economia de um país se não é por meio das ciências econômicas e estatísticas, frequentemente tão polêmicas –e, como veremos, tão caras a nossos geógrafos? Como podemos saber se um vírus é *tal* e não outro, ou se mesmo é um vírus? (Reclus atribuía a febre amarela –que ele mesmo padeceu gravemente na Colômbia, que infernizou as obras americanas e francesas do Canal, que causou a morte de Vergara e de Codazzi– aos «miasmas» emanados pela vegetação descomposta das águas estancadas das zonas pantanosas do delta do Magdalena e do entorno da Serra Nevada, e considerava a enfermidade o principal obstáculo à civilização dessa parte do mundo. Um contemporâneo seu, o médico cubano Carlos Juan Finlay, já tinha certeza no começo da década de 1880 que a doença era transmitida pela fêmea do mosquito *Aedes aegypti*. Sem embargo, a comunidade

científica recebeu com frieza sua teoria, que só veio ser recuperada vinte anos depois pelos médicos americanos do exército de ocupação, que a aplicaram com sucesso em Cuba e a levaram de imediato às obras do Canal do Panamá, que leva por isso uma placa em honra do doutor Finlay. No mito huitoto que explica a razão pela qual as crianças não devem ficar brincando sozinhas sem vigilância, a febre amarela tem forma de mulher mosquito...) Estamos na ilha de Cipango, perto das terras do Grande Khan, ou numa «parte nova»? É o mundo alongado como um ovo ou esmagado como uma batata? A solução dessas controvérsias –assim como sua própria formulação– não proveio em nenhum dos casos nem da «Natureza exterior a-histórica inquestionável», nem da Mente superior de cientistas geniais, e muito menos das Massas ignorantes ou desses coitados «outros» pre-modernos, que não sabem distinguir Sociedade e Natureza:⁸⁴ mosquito, vírus, civilização, pântano, canal, miasmas, comunidade científica, exército de ocupação, geógrafos vivos, geógrafos mortos, expedições, instrumentos, arquivos, bibliotecas, nações, instituições... Atores diversos, heterogêneos,⁸⁵ não um mundo dividido em humanos-entre-si e «Natureza inacessível».

Este projeto, conhecido com vários nomes –«*Science Studies*», «*Actor-Network theory*» (ou «teoria de redes de atores»), «teoria pós-representacional», «ecologia política anti-essencialista», entre outros– executa um movimento analítico que parte da história e a sociologia das ciências para se deslocar em direção da filosofia política. Como uma espécie de «antropologia da modernidade», interroga as ciências procurando obter respostas sobre o funcionamento geral do Coletivo, estando este último não mais dividido em duas e apenas duas câmeras: «Sociedade» e «Natureza», com uma correspondente aos «Sujeitos» e a outra aos «Objetos».

Tenta compreender o *conhecer* por meio do estudo empírico das práticas científicas e de tentar tirar daí conclusões sobre a configuração do Coletivo, isto é, elucidar os aspectos dominantes –ou subalternos– da lógica e da dinâmica da construção de uma determinada ordem social/natural. A conclusão principal a que Latour e outros

84 Cf. LATOUR, Bruno, *We Have Never Been Modern. Essay on symmetric anthropology*, Cambridge (MA), Harvard University Press, 1993.

85 Cf. LAW, John Law, “Objects, Spaces and Others”, *Centre for Science Studies*, Lancaster University, 2000.

tem chegado é que os cientistas, na hora de produzir conhecimento, não operam com dois mundos separados de sujeitos e objetos puros, mas mobilizam recursos heterogêneos de diversas procedências, humanos e não-humanos,⁸⁶ para gerar arranjos novos –*imbroglios*, *cyborgs*, quase-objetos– que entram a formar parte do Coletivo formado pelas antigas natureza e sociedade. Ou, que a Constituição Moderna, a distinção entre questões ontológicas e questões epistemológicas –entre natureza e cultura, fatos e valores, realidade e representação, entre o que é e o que deve ser, um sistema de representação para os humanos e outro para os não-humanos– significou o sequestro da política pela exigência de verdade científica e teve como consequência a impossibilidade da vida pública e o fracasso da sociedade.⁸⁷ Sem embargo, do mesmo modo em que o Novo Mundo foi compreendido (apreendido, batizado, desenhado, apropriado) aos poucos pelos europeus, a minha compreensão das possibilidades deste tipo de análise teve idas e vindas.

Com essas influências diretas –entre outras, como a disciplina «Geografias do além» do professor Paolo Vignolo, sobre cosmologia e pensamento espacial ecumênico medieval– redigi um modesto trabalho de graduação titulado “Las Geografias de Reclus y Vergara: Itinerario de una red”.⁸⁸ Dizia ali que queria refletir sobre o sentido e a natureza do conhecimento geográfico e que para isso ia escolher como caminho de entrada, seguindo Latour, o estudo das práticas científicas, «a ciência em ação», «abrir a caixa preta» da Geografia; distinguir entre *Ciência* e *ciências*: a Ciência dos epistemólogos (que cria um mundo bipolar) e o trabalho *real* das ciências (que tece redes), o que os geógrafos dizem que fazem e o que fazem de fato. Seguiu a indicação de Latour segundo o qual ao enxergar a «ciência em processo de elaboração» –em oposição à «ciência elaborada»– diluem-se as distinções tradicionais entre «contexto» e «conteúdo», e que, em vez disso, os cientistas, fazendo ciência, tecem redes heterogêneas de aliados (humanos, instituições, textos, instrumentos) por meio das quais geram, mobilizam e acumulam indícios (referências, informações) em «centros de

86 Cf. DESCOLA, Philippe, (2002).

87 LATOUR, Bruno, *Políticas da natureza. Como fazer ciência na democracia*, Bauru (SP), EDUSC, 2004 [1999].

88 RAMÍREZ, David, «Las Geografias de Reclus y Vergara: Itinerario de una red», Monografía para optar ao título de Historiador, Bogotá, Universidad Nacional de Colombia, dezembro de 2006.

cálculo» que lhes permitem familiarizar-se com o distante, e exercer ação sobre aquilo, «controle a distância» (pense-se em geografia ou cartografia, por exemplo). Tentei então, com aquelas premissas, reconstruir parte das redes forjadas por Reclus e Vergara no processo de construção de suas obras e achar possíveis intersecções entre elas. Consegui então, em mínima parte, começar a traçar seu mapa, hoje, depois de um tempo, um pouco mais amplo, mais claro e com menos lacunas.

Escrevi dois capítulos, em boa parte bio-bibliográficos, um para cada personagem. No primeiro, «Élisée Reclus: uma geografia para não-governar»⁸⁹ tentei acompanhar a evolução metodológica deste autor até o momento da criação dos capítulos sobre a Colômbia da *Nova Geografia Universal* (Panamá, 1891 e Colômbia, 1893), a lógica geral do processo de composição desses capítulos, a participação de Francisco Javier Vergara y Velasco em dito processo, assim como a tradução e o comentário da obra feitos por este último. Constatei que Reclus, primeiro autor de relatos e guias de viagem, interessado em «ver para descrever» (a paisagem, um conceito eminentemente visual), tinha se tornado, na *Geografia Universal*, um «geógrafo de gabinete» –mais parecido com o geógrafo do Pequeno Príncipe, com a diferença que enquanto este não hesita em reconhecer-se cego na ausência de exploradores, Reclus, até o fim da vida, descreveu a geografia como a ciência da «observação direta da natureza». Ele sabia muito bem, pelo contrário, como diz em carta a Vergara, que o sucesso de seu trabalho dependia de colocar o máximo de atenção na tarefa de colecção documental,⁹⁰ trabalho que Reclus, decerto, conscienciosamente fez. Para tal fim, além de procurar permanecer fisicamente próximo dos centros documentais mais importantes da época ou de chegar a fazer longas viagens até eles quando foi preciso, tinha conseguido –sem Internet– tecer uma rede mundial de colaboradores. Nas notas de agradecimento figuram mais de cinquenta nomes só nos volumes sobre América Latina (um dos quais Vergara), sem contar seus cartógrafos e desenhistas e com as vantagens logísticas que proporcionava o fato de trabalhar para uma poderosa editora como Hachette. A ciência é uma atividade coletiva e

89 Com base principalmente em GIBLIN, Beatrice, “Introducción”, RECLUS, Elisée, *El hombre y la tierra*, México, FCE, 1986, p. 13-93.

90 «... as obras geográficas não podem ter mas do que um valor essencialmente transitório; é assim que a minha geografia deverá seu interesse ao zelo que terei em recolher todos os documentos dispersos.» Carta de Reclus a Vergara, Washington, 14 de maio de 1889, *AGN-FJVV*, v. I, f. 10.

comunicativa.

Com base nas cartas de Reclus a Vergara –realmente em umas poucas partes traduzidas por seu filho, Júlio César Vergara, pois a língua da correspondência original era para mim então inacessível, assim como a da bibliografia especializada– consegui recuperar alguns detalhes da realização dos capítulos sobre a Colômbia, das necessidades e critérios do autor, do tratamento dado aos mapas, do funcionamento dos mecanismos de autoridade, assim como do caráter do colaborador «local» (a ação é sempre local, mesmo que possa ter efeitos à distância) e do estado do conhecimento geográfico da Colômbia. Considerei, por último, nesta primeira parte da monografia, a já citada tradução desses capítulos feita por Vergara, cheia de notas de rodapé nas quais o tradutor comentava, discordava, polemizava, corrigia ou acrescentava as colocações do autor e até fazia uma crítica de suas fontes. Concentrei-me no capítulo final do livro, dedicado ao «estado social» da Colômbia, que a pesar da famosa cláusula de moderação imposta a Reclus pelo seu editor constitui uma crítica explícita e demolidora do sistema político colombiano da época, conhecido como «Regeneración» –do qual Vergara era representante. Liderada por Rafael Núñez e Miguel Antônio Caro, a Regeneração tinha conseguido em 1886 derrubar a Constituição liberal federalista que tinha regido o país por vinte anos e impor uma nova carta fundamental com suas bandeiras de forte centralismo e institucionalização da religião católica na frente, como princípios garantes da ordem social.

Reclus mostra-se irônico com o papel outorgado a Igreja no texto, critica o sistema eleitoral, chega comparar as atribuições constitucionais do presidente com as de um rei e vaticina a queda do regime conservador da Regeneração, em virtude do «equilíbrio instável» em que, segundo ele, permanecia este país «dividido em dois partidos de quase igual força».

A Igreja, diga-se de passagem, segundo *Concordata* com o Vaticano, recebeu um ano depois em concessão a metade sul oriental do território nacional para sua direta administração, civilização e catequese –os chamados «Territórios missionais», paradoxalmente também chamados «nacionais», que até hoje constituem o anti-território, a *Terra incógnita*– assim como os direitos exclusivos da educação dos colombianos.

Vergara, em um começo, elaborou uma tradução literal do capítulo, exprimindo honradamente suas reservas sobre o mesmo em uma nota de rodapé. Sem embargo, devido a pressões do governo e da «opinião pública», que conheceu o texto antes da publicação, Vergara teve de modificar o dito capítulo, e acomodar em seu lugar o discurso oficial Regenerador.⁹¹

O segundo capítulo da monografia intitulava-se «Vergara y Velasco: o geógrafo Regenerador». Com a mesma estratégia narrativa (cronológica/bio-bibliográfica), tentei dar conta primeiro do lugar ocupado por Vergara na historiografia colombiana – significativamente, quase nenhum–, esgotar a bibliografia existente sobre ele –pouca, antiga, a maior parte estilo «homenagem», mas também significativa⁹² e apresentar um panorama da sua obra prestando atenção à sua evolução metodológica, às suas posições políticas/(geográficas!) –conservadoras, centralistas, («reclusianas»)–, a sua relação com Élisée Reclus e, enfim, as diversas vicissitudes mundanas (políticas) que envolve o trabalho científico e das quais Vergara não esteve decerto isento.

Militar, historiador, geógrafo, cartógrafo, engenheiro, jornalista, parlamentar, tradutor, professor, editor de periódicos militares, científicos e políticos, bom polemista, católico, conservador, pobre mas ilustrado (como muitos homens das famílias «principais» bogotanas), versado em matemáticas, geometria, artilharia, fortificação, inglês, francês, alemão, etc.–, de biografia mais austera, menos espetacular e bem mais curta –morreu aos cinquenta e quatro anos, de febre amarela, em 1914, durante uma de suas poucas viagens–, é autor de um trabalho verdadeiramente original e interessante, lamentavelmente desconhecido e sub-valorizado, então e agora.

A suas obras principais são duas, ambas inconclusas: a *Nueva Geografía de*

91 Em um duro texto contra Reclus e sobre tudo contra Vergara, titulado “Una traducción... Geográfica” o editor do jornal *El Correo Nacional* de Bogotá (20-06-1893) levanta com indignação o resumo dos agravios proferidos à pátria no capítulo em questão por este geógrafo «cabecilha dos comunistas parisienses de 1871», e clama pela suspensão da publicação. No dia seguinte, o mesmo jornal aplaude a decisão nesse sentido tomada pelo tradutor.

Textos disponíveis em: <https://reclus.wordpress.com/reclus-en-la-prensa-colombiana/>

A Biblioteca Luis Angel Arango, em Bogotá, conserva um exemplar impresso com a tradução literal feita em um começo por Vergara, acompanhada da seguinte nota manuscrita em uma das solapas: «O capítulo IX, página 409, foi modificado por ordem do governo. No presente volume encontra-se tal e como está no original francês».

92 Este aparte da monografia foi publicado como “Historia de la historiografía sobre Francisco Javier Vergara y Velasco”, *Memoria y Sociedad*, Bogotá, Universidad Javeriana, separata vol. 10, nº 20, 2006.

Colombia e o Atlas completo de geografia colombiana.

A primeira, mal editada pela primeira vez em 1888 –ou seja, antes dos capítulos de Reclus sobre a Colômbia da *NGU*–, acrescentada em 1892, foi finalmente publicada com mapas em 1901, em plena «*Guerra de los mil días*» –durante a qual seu autor, ascendido a General de Divisão, devia álias responder pela defesa da capital. Vergara tinha preparados mais dois volumes da obra, que nunca chegaram a ver a luz pública em um país destroçado e empobrecido pelas constantes guerras intestinas, que teve que usar o papel adquirido expressamente para a *Geografia* na impressão do informe do Congresso sobre a perda de Panamá, esta última resultado direto da citada «Guerra dos mil dias» e corolário do primeiro movimento ultramarino do imperialismo *yankee*. Infelizmente, ditos volumes, assim como outras importantes obras de Vergara –vários volumes do índice dos arquivos nacionais, por exemplo–, parecem irremediavelmente perdidos.

O *Atlas completo*, composto de uma centena de mapas xilogravados, publicados por fascículos entre 1906 e 1910, segundo a capa, «sem subvenção nem auxílio algum por parte do erário público», isto apesar de ser considerados por seu autor indubitavelmente superiores aos mapas oficiais vigentes, que eram, segundo ele, produto da interpretação errada dos apontamentos e rascunhos de Codazzi.

A primeira edição da *Nova Geografia da Colômbia* (1888) está dedicada pelo autor a Élisée Reclus e ao seu irmão e colaborador Onésimo (1837-1916), «criadores da geografia moderna, como humilde homenagem de admiração e respeito»⁹³. Tal honra, dada de boa fé pelo geógrafo «local» a seu admirado mentor, não teve, decerto, o efeito esperado no homenageado, que, pelo contrário, declarou-se um tanto embaraçado. Em carta a Vergara, na primeira da série, depois de reportar recibo da obra dedicada, dizia-lhe ao autor:

«Não tenho mais do que uma pequena observação a vos fazer. Vossa dedicatória, tão amável com meu irmão e comigo, não sobrepassa um pouco a medida? E quando eu ofereça vosso livro às diversas Sociedades de Geografia, não terei de colar uma folha branca sobre esta dedicatória?»⁹⁴

93 VERGARA y Velasco, Francisco Javier, *Nueva Geografía de Colombia según el sistema natural de regiones geográficas*, Bogotá, Imprenta de Zalamea Hermanos, 1888.

94 Carta de Reclus a Vergara, Clarens, Suíça, 8 de outubro de 1888, *AGN-FJVV*, v. 1, f. 4.

Reclus não teria decerto de fazê-lo, pois nas seguintes edições da *Nova Geografia da Colômbia* a dedicatória foi em efeito retirada, e os irmãos Reclus, «os primeiros a ter estudado a terra e o homem de um modo verdadeiramente científico, racional e inteligível»,⁹⁵ foram trasladados à introdução como «inspiradores do método e do plano de trabalho». De fato, a *Geografia* de Vergara, também «nova» como a de Reclus, também escrita «segundo o sistema natural de regiões geográficas», conceito extremamente flexível e caro à Geografia, que permite dividir e agrupar pedaços do mundo com critérios bastante abertos (e não tão «naturais») nas mais diversas escalas, acompanha de perto a *Nova Geografia Universal*, que esse ano completava treze volumes que o colombiano decerto possuía.⁹⁶ A «*Advertencia*», aliás, com que Vergara encabeça a primeira edição de sua *Geografia* é, de fato, em boa parte calcada do «*Avertissement*» do primeiro volume da *Nova Geografia Universal*, publicado mais de uma década antes:

<p align="center">«Avertissement» (RECLUS, <i>Nouvelle Géographie Universelle</i>, v. I, 1876)</p>	<p align="center">«Advertencia» (VERGARA, <i>Nueva geografía de Colombia</i>, 1888)</p>
<p>«La publication d'une Géographie universelle peut sembler une entreprise téméraire, mais elle est justifiée par les progrès considérables qui se sont accomplis récemment et qui ne cessent de s'accomplir dans la conquête scientifique de la planète. Les contrées qui sont depuis longtemps le domaine de l'homme civilisé ont laissé pénétrer une grande partie de leurs mystères ; de vastes régions, que l'Européen n'avait pas encore visitées, ont été rattachés au monde connu, et les lois mêmes auxquelles obéissent tous les phénomènes terrestres ont été scrutées</p>	<p>«La publicación de una nueva y extensa Geografía del país, pudiera parecer empresa temeraria, si no la justificasen dos clases de razones: los progresos en la conquista científica del suelo patrio y el ensanche de los conocimientos de la humanidad. Las comarcas, tiempo ha morada del hombre, han dejado penetrar casi todos sus misterios, y de aquellas que ayer eran poco conocidas, muchas aumentan hoy el dominio de la Geografía. Con más precisión sábense también las leyes de los fenómenos terrestres, únicas que explican los hechos de la vida del Globo. Los datos</p>

95 VERGARA y Velasco, Francisco Javier, *Nueva Geografía de Colombia*, Bogotá, Imprenta de Zalamea Hermanos, 1892, p. XII.

96 No catálogo da sua biblioteca figuram, a pesar do seu elevado preço -do qual ele mesmo chega a reclamar- os dois volumes de *La Terre*, os dezenove da *Nouvelle Géographie Universelle* e os seis de *L'Homme et la Terre* (AGN-FJVV, v. III, f. 334).

<p>avec une précision plus rigoureuse. Les acquisitions de la science sont en trop grand nombre et trop importantes pour qu'il soit possible d'en introduire le résumé dans quelque ouvrage ancien, fût-il même de la plus haute valeur, comme l'est celui de l'illustre Malte-Brun. A une période nouvelle, il faut des livres nouveaux.» (p. I)</p>	<p>nuevamente adquiridos son tantos y tan importantes, que es imposible agregarlos como resumen a ninguna de las obras antiguas sobre Geografía del país, aun cuando sean del mayor mérito. Un periodo nuevo requiere libros nuevos.» (p. IX)</p>
<p>«La géographie conventionnelle qui consiste à citer les longitudes et les latitudes, à énumérer les villes, les villages, les divisions politiques et administratives, ne prendra qu'une place secondaire dans mon travail ; [...] Je ne voudrais pas, en me donnant la facile besogne d'intercaler en grand nombre des tableaux de noms et de chiffres, [...] et je craindrais d'empiéter sur un domaine qui est celui de la cartographie et de la statistique pure.» (p. II)</p>	<p>«La geografía convencional que consiste en citar longitudes, enumerar lugares y amontonar cifras, no tendrá aquí sino puesto muy secundario, ya que esos trabajos pertenecen no a la verdadera geografía sino a la cartografía y a la estadística.» (p. XIII)</p>
<p>«Ma grande ambition serait de pouvoir décrire toutes les contrées de la Terre et les faire apparaître aux yeux du lecteur comme s'il m'avait été donné de les parcourir moi-même et de les contempler sous leurs divers aspects ; mais, relativement à l'homme isolé, la Terre est presque sans limites, et c'est par l'intermédiaire des voyageurs que j'ai dû faire surgir l'infinie succession des paysages terrestres. Toutefois j'ai taché de ne point suivre mes guides en aveugle et je me suis efforcé par d'incessantes lectures de contrôler les descriptions et les récits. Avant de reproduire les paroles, j'ai toujours attendu de m'en être rendu un compte exact ; j'ai revivre la nature autour de moi.» (p. I)</p>	<p>«La gran ambición del geógrafo es poder describir todas las comarcas de que se ocupa, haciéndolas aparecer a los ojos del lector como si le hubiera sido dable recorrerlas por sí mismo, contemplándolas desde sus diversos puntos de vista; pero no pudiendo conseguirse esto, es por medio del dicho de otros como hará surgir ante los lectores la infinita sucesión de paisajes, sin seguir ciegamente a los guías, sino confrontándolos y rectificándolos cuidadosamente.» (p. XI-XII)</p>

Tanto Reclus quanto Vergara começam por justificar sua obra nos avanços da «conquista científica» do mundo recentemente executados pela civilização europeia –da qual Vergara se sentia parte–, conquista adiantada em termos da «precisão com que são conhecidas as leis impessoais que governam o mundo» mas, principalmente, em termos de explorações efetivas. Com certeza, eram «novos tempos» menos porque houvesse um paradigma cognitivo novo que exigisse a revisão do conhecimento geográfico, mas, de maneira mais prosaica, como apontam os dois autores, porque a quantidade de informações novas (e dispersas) requeria uma nova síntese. Reclus referia-se ao *Précis de géographie universelle* de Conrad Malte-Brun (1775-1826),⁹⁷ já bastante envelhecido, enquanto Vergara pensava na obra interrompida de Codazzi, aliás, segundo ele considerava, maltratada pelos encarregados de dar-lhe forma.

Ambos, sem embargo, declaram-se distantes de uma certa «geografia convencional» dita «enumerativa» e aspiram em troca à elaboração de *descrições* certas que consigam estimular no leitor evocações sensoriais vividas, eminentemente de tipo visual. A retórica científica em geral, antes e agora, é abundante em metáforas visuais (e a Geografia, por razões evidentes, longe de ser a exceção, é a ciência por excelência neste respeito). Pense-se por exemplo em Heródoto –e em toda a tradição antiga helênico-romana– garantindo a validade de seu discurso em sua condição de «testemunha ocular», ou nas «demonstrações» matemáticas, ou em todas as vezes que alguém quer «mostrar» ou «focar» alguma coisa desde certa «perspetiva», quando alguém «apresenta» um argumento ou «esclarece» uma questão, na idéia de «cosmovisão», na idéia de «descoberta», ou no uso que fiz, algumas linhas acima, do adjetivo «evidente». Ou pense-se em poderosos dispositivos de «mostrar» como a

97 *Précis de la Géographie Universelle ou description de toutes les parties du Monde sur un plan nouveau, d'après les grandes divisions naturelles du Globe, précédé de l'Histoire de la Géographie chez les Peuples anciens et modernes, et d'une théorie générale de la géographie mathématique, physique et politique, et accompagné de cartes, de tableaux analytiques, symboliques et élémentaires, et d'une table alphabétique des nomes de lieux*, Paris, F. Buisson, 8 v., 1855-1858 [1810-1829]. É considerada a «primeira geografia moderna». Cf. “Géographies Universelles”, em: BRUNET, Roger (dir.), *Géographie Universelle*, Paris, v. 1, 1990, p. 263. Segundo o autor do verbete, a *Geografia* de Malte-Brun «anuncia em mais de um traço o perfil de Reclus», como o interesse de ambos por beneficiar-se das últimas informações. Podemos acrescentar, com base no título: a idéia de «divisões naturais», a importância dada à história da geografia, a aspiração a uma «teoria geral» sistemática e a presença de mapas e tabelas que, a pesar das protestas de Reclus no «Avertissement» de 1876, ocupam boa parte e de fato constituem um dos grandes atrativos da *Nouvelle Géographie Universelle*.

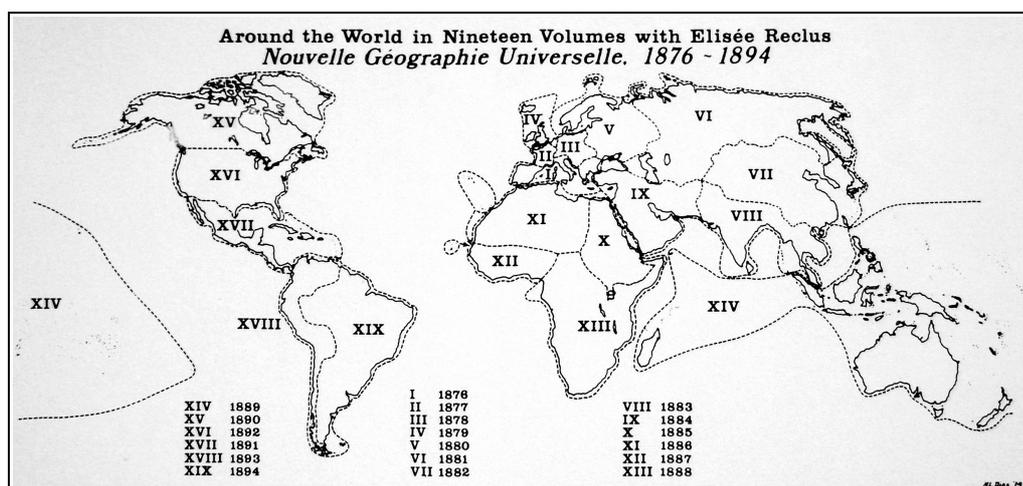
cartografia e a estatística, que apesar de ser associados por ambos autores de maneira um pouco pejorativa à tal «geografia convencional», estiveram no centro de suas preocupações e receberam deles enorme atenção: a *Geografia* de Reclus conta com várias centenas de quadros estatísticos –que o autor pretendia aliás ir atualizando num volume anual, que apareceu uma vez só–, ao tempo que Vergara preenchia sua obra de tabelas e diagramas, baseava seu método de cálculo de cotas e posições num sistema estatístico e, como funcionário público, tentava impulsionar vários censos. No tocante aos mapas, a *Nouvelle Géographie Universelle* conta com mais de quatro mil e sabe-se das dificuldades que passou Reclus para achar um cartógrafo que o satisfizesse, antes de encontrar o anarquista suíço Charles Perron;⁹⁸ Vergara, por sua parte, conseguiu finalmente em 1901 incluir uma centena de mapas mais ou menos rústicos em sua *Nova Geografia*, e passou a dedicar os anos seguintes, os mais produtivos de sua vida, a traduzir a linguagem cartográfica todo o seu conhecimento acumulado, resultando daí o citado *Atlas completo*, gravado por Antonio Madero, da Escola de Gravura.

Reclus, por outra parte, para orientar sua divisão regional do mundo, pretende outorgar maior relevo aos atributos provenientes da paisagem do que às divisões políticas e administrativas humanas, às quais diz outorgar uma posição secundária. No entanto, à regionalização do mundo estruturada nos dezenove volumes da *Nouvelle Géographie Universelle* é superposta a uma divisão de capítulos por países ou Estados-nação, como não podia deixar de ser, entre outras, por razões editoriais.

Apesar disso –além de costumes praticamente inevitáveis como o de começar cada capítulo com uma discussão sobre a questão de limites–, não é Reclus precisamente um representante do tipo de compreensão mais essencialista do Estado-nação, que ele entendia muito mais como fenômeno histórico transitório do que como ideal. No entanto, não surpreende, a França ganhou um volume para ela sozinha (v. II), assim como os Estados Unidos (v. XVI), país que até o fim de sua vida Reclus enxergou com utópico otimismo. A Europa precisou de um total de cinco volumes, enquanto que

98 Charles Perron (1837-1909), anarquista seguidor de Bakunin, cartógrafo principal do volume três em diante, preocupado primordialmente, como veremos, pela representação cartográfica do relevo e pela construção de mapas tridimensionais. Segundo Dumber «[...] foi [para Reclus] muito difícil achar e manter um bom cartógrafo. Os cartógrafos em Paris estavam sobrecarregados de trabalho, e Reclus desesperava-se por encontrar um desenhista decente.» DUMBAR, (1978), p. 75. Este é um dos trabalhos clássicos sobre Reclus e até hoje um dos que mais presta atenção a este tipo de aspectos mundanos, caros a esta pesquisa.

para a Ásia bastaram quatro. Num agrupamento um pouco bizarro, que mostra a variedade e a flexibilidade do repertório de critérios de que é capaz a geografia para definir regiões, Madagascar é inserida na Oceania (v. XIV), considerando desta vez sua insularidade.



Áreas cobertas pelos dezenove volumes da *NGU* (Tomado de DUMBAR, Gary, *Élisée Reclus: Historian of nature*, Hamden, Archon Books, 1978, p. 80.) Sendo um mapa de áreas proporcionais permite a comparação da superfície tratada em cada volume.

Alguns países, por outra parte, foram cortados em dois na divisão regional da *Nova Geografia Universal*: o Sudão, dividido em «Sudão egípcio» (v. X) e «Sudão ocidental» (v. XII); a Rússia, em ocidental (v. V) e asiática (v. VI); e, justamente, a Colômbia, da qual Panamá aplicando critério morfológico é incluída no conjunto dos «Istmos americanos» (v. XVII), deixando o resto do país nas «Regiões Andinas» (v. XVIII).

O Panamá foi mesmo separada da Colômbia em 1903. A sua importância estratégica global, bem reconhecida pelos europeus já no século XVI —o primeiro plano de um canal entre o Mar do Norte e o Mar do Sul é de 1529—,⁹⁹ tinha sido dramaticamente incrementada nos meados do XIX pela descoberta de ouro na recém adquirida Califórnia. Nos anos seguintes, pela ferrovia inaugurada em 1855 entre as

⁹⁹ MÚNERA, Alfonso, *Fronteras imaginadas. La construcción de las razas y de la geografía en el siglo XIX colombiano*, Bogotá, Planeta, 2005, p. 90.

idades de Aspinwall no mar Caribe –levantada para tal fim por uma companhia construtora americana e batizada em homenagem a seu maior acionista, apesar dos protestos do governo novogranadino que insistia em chama-la «Colón»– e a cidade de Panamá no Pacífico, passaram milhares de aventureiros de todas as nacionalidades levados pela «febre do ouro».

Um comentarista da época, «o primeiro historiador da Colômbia», geógrafo, político e amante das orquídeas José Manuel Restrepo, vaticinava sem embargo já em 1851:

«[...] essa prosperidade trará à Nova Granada a perda do istmo e a sua incorporação aos Estados Unidos. Todo o mundo crê inevitável este acontecimento e muito mais quando considera-se que a administração granadina nada faz para evitá-lo, bem seja pela sua ineptidão ou bem por apatia, o resultado será igualmente desgraçado.»¹⁰⁰

Fazia tempo sim que os Estados Unidos –como a França e a Inglaterra– consideravam o Panamá assunto de interesse nacional. Reclus mesmo, que visitou Aspinwall em 1855 em seu caminho à Serra Nevada, antecipava o dia em que os povos da terra iriam se encontrar nas metrópoles cosmopolitas a ser ali levantadas, e observava como Restrepo que «a autoridade granadina, longe de governar, devia parabenizar-se de ser apenas tolerada».¹⁰¹ Fazia sentido, de várias formas, separar geograficamente

100 RESTREPO, José Manuel, *Historia de la Revolución de la República de Colombia en la América Meridional*, Besanzon, Imprenta de M. Jacquin, 1827-1858, v. IV [1851] p. 95 apud PARDO Rueda, Rafaél, *La historia de las guerras. Desde la conquista hasta nuestros días, una crónica completa de las guerras en Colombia. La búsqueda de la paz desde el conocimiento de la guerra*, Bogotá, Ediciones B, 2004, p. 247.

101 «O pavilhão tricolor da Nova Granada flameia em uma casa de Aspinwall; mas a autoridade granadina, longe de governar, deve felicitar-se de ser simplesmente tolerada. A companhia da ferrovia, declarada simples proprietária da ilha por ato do congresso granadino, é na realidade a verdadeira soberana da vertente atlântica do istmo, e suas decisões, sejam ou não ratificadas pelo chefe político de Aspinwall ou pelo congresso de Bogotá, tem realmente força de lei. São americanos audazes os que tem ousado colocar pé nesse ilhote malsadio de Manzanilla, que, na lama afumante de miasmas em que a morte germina com as plantas, tem fixado os alicerces em que devia assentar-se a cidade e que tem chamado de todos os pontos da terra os homens ávidos em gritando-lhes: "Fazei como nós, arriscaí vossas vidas pela riqueza!"», RECLUS, *Élisée, Voyage à la Sierra Nevada de Sainte-Marthe : paysage de la nature tropicale*, Paris, Hachette, 1861, p.8-9.

Panamá da Colômbia. Reclus, no entanto, preocupado com não ferir com a sua ciência a sensibilidade nacional de seu colaborador, apressava-se a explicar-lhe em carta que «as divisões geográficas me parece devem primar sobre as divisões políticas».¹⁰² Desnecessariamente pois, Vergara mesmo, já em 1888 –antes de Reclus, como ele mesmo costumava lembrar– tinha localizado o istmo no conjunto da América Central –não do Sul, como o resto do país–, prevendo seguramente a lógica do francês, cuja *Nova Geografia Universal* ele vinha acompanhando.

Enquanto a América do Sul, Reclus dividia-la em três grandes partes: as ditas regiões andinas, a Amazônia e La Plata (ou seja, uma formação orográfica, um tipo de vegetação e uma bacia hidrográfica). Percebem-se logo as dificuldades apresentadas pela superposição do sistema de países ao sistema de regiões, sobretudo quando, como na América do Sul, a maioria deles tem parte em mais de uma daquelas. A Colômbia por exemplo, é também amazônica.

Vergara, que como já dizemos concordava com a separação geográfica de Panamá, considerou válido por outra parte completar sua tradução do capítulo Colômbia importando algumas páginas dos capítulos da enciclopédia sobre o Equador e a Venezuela, cujas descrições dos ecossistemas fronteiriços ele considerava pertinentes. As inabitadas planícies orientais, por exemplo, que constituem quase um terço da superfície do país, foram tratadas por Reclus como parte da bacia do Orinoco e expostas no capítulo sobre a Venezuela. *Definir* a «Colômbia» tinha decerto para Vergara maior importância do que para Reclus.

Vergara claramente encontrava-se familiarizado com a idéia de divisão regional, e a aplicava à Colômbia –questão de escala– de forma mais enfática do que Reclus: nos títulos dos dezenove volumes da *Geografia Universal* a palavra «região» aparece uma única vez, designando *casualmente* as «regiões andinas», e é bastante difícil achar um só parágrafo de Reclus tematizando o conceito ou explicando sua própria divisão do mundo. Vergara no entanto, declarava desde o subtítulo que escrevia sua *Nova*

102 Carta de Reclus a Vergara, Clarens, Suíça, 7 de maio de 1890: «[...] ocupo-me por enquanto de escrever o volume XVII, compreendendo o México, a região dos Istmos Americanos e as Antilhas. A parte colombiana destes istmos, isto é, a província de Panamá, faz assim parte do meu campo de estudos, pois, vós o sabeis, as divisões geográficas parece-me que devem primar sobre as divisões políticas, e, por outra parte, não estão longe os tempos em que todos os hispano-americanos se sentirão e se dirão irmãos.» *AGN-FFJV*, t. I, f. 12-13.

Geografía da Colômbia «segundo o sistema natural de regiões geográficas» –«regiões naturais» na edição de 1901–, cartografava o assunto e escrevia sobre ele nos jornais, chegando até a propor uma audaz reforma administrativa invocando a Deus –autor das regiões– e à Geografia –a Ciência encarregada de determiná-las. Declara nesse sentido, na citada «Advertência» que vimos comentando:

«No sigo fórmulas envejecidas y falsas, no describo a Colombia siguiendo divisiones políticas que dependen del capricho de los hombres y a menudo rompen y mezclan las grandes regiones naturales: éstas, y sólo éstas, creadas por quien no está sujeto a los vaivenes del mundo, serán la base del trabajo, que así tendrá la ventaja de no envejecer al menor cambio administrativo; corregido un cuadro el libro queda de nuevo al corriente, puesto que las grandes modificaciones del terreno requieren siglos para hacerse sensibles.»¹⁰³

Vergara pensava na especial instabilidade do país, que mudava com excessiva frequência de nome, Constituição e regime, segundo os resultados das múltiplas guerras civis (Vergara passou por quatro na sua vida), e tinha aliás como referência imediata o trabalho de Codazzi em boa parte obsoleto antes mesmo de ser terminado, graças a uma reforma administrativa (federalista), recentemente contestada pelo regime centralista da Regeneração. De forma muito significativa, explica o geógrafo Eduardo Acevedo Latorre, responsável da re-impressão moderna da *Nova Geografía da Colômbia* na apresentação desta última:

«Seus estudos [do Vergara] dos mestres europeus, a sua amizade com Reclus, cuja obra sobre a Colômbia traduziu, animou-o a trabalhar no estudo do país desta forma [por regiões], tal vez a mais acertada maneira de conhecer e interpretar sua geografia com visão clara e firme. Quando Codazzi acometeu a sua labor, guiou-se pela visão politico-administrativa

103 VERGARA Y VELASCO, (1888). As «grandes regiões naturais da Colômbia» definidas por Vergara permanecem até hoje na ideologia geográfica nacional: Andina, Caribe, Pacífico, Orinôquia e Amazônia.

então baseada nas províncias e em 1858, quase no final do longo e duro trabalho encontrou-se com que o governo da Nova Granada tinha disposto mudar completamente a sua estrutura administrativa encaminhando-la para o sistema Federal e assim desapareceram as províncias e surgiram os Estados da Confederação Granadina. Não foi pouco o desconcerto de Codazzi, que via que a sua obra analisada por divisões políticas abolidas, não ia cumprir com a finalidade que o governo tinha-se proposto: como era o ensino da geografia pátria e a direção dos negócios da nação. Não foram então poucas as dificuldades que surgiram com este problema e o geógrafo teve horas de pena vendo-se enfrentado à perda dos esforços de tantos anos. Todo isto conhecia Vergara, e por isso optou por estudar o país por regiões naturais.»¹⁰⁴

Víamos que Vergara atribuía tal instabilidade –sem dúvida com muita razão– à «extravagante» divisão política do país e propunha então uma reforma radical, que com base nas «leis geológicas da divisão do território» garantisse o funcionamento do sistema centralista regenerador e o «progresso da nação», mas que implicava a tarefa impossível de dividir os nove Departamentos da época, antigas Províncias, depois Estados Soberanos, em vinte e seis novas «províncias geográficas».¹⁰⁵

Tanto Vergara quanto Reclus tinham interesse na precisão de sua geografia e sua cartografia –o que deve ser dito já que apesar de ser este um aspecto central da ideologia moderna é muitas vezes subvalorizado pela historiografia mais subjetivista–, assim como plena consciência do caráter efêmero de suas obras –as duas coisas vão juntas–, e faziam decerto quanto podiam para «controlar» suas descrições e prolongar sua vigência. Como base de sua estratégia estava a coleta e sistematização *crítica* –ou abstração– do maior número possível de referências –as mais recentes, as melhores–, e

104 ACEVEDO Latorre, Eduardo, «Presentación», em: VERGARA y Velasco, *Nueva Geografía de Colombia. Escrita por regiones naturales*, Bogotá, Banco de la República, 1974, v. 1, p. IX.

Codazzi mesmo dizia ao governo: «A nova organização que tem-se dado à República dividido-la em Estados independentes, tem mudado totalmente o sistema seguido até hoje no levantamento das cartas corográficas por províncias.» CODAZZI, “Informe sobre los trabajos de la Comisión Corográfica luego de la reorganización de la República bajo el sistema federal”, Bogotá, 22 de noviembre de 1857 apud SÁNCHEZ, Efraín, *Gobierno y Geografía. Agustín Codazzi y la Comisión Corográfica de la Nueva Granada*, Bogotá, Banco de la República, 1998, p. 430.

105 VERGARA y Velasco, Francisco Javier, “División territorial”, s. d. , *AGN-FJVV*, t. II, f. 14-16.

posteriormente «confrontar e retificar umas com as outras», cuidadosamente, desenvolvendo para aquilo –adaptando, re-elaborando– determinados mecanismos, encruzilhadas conceituais ou «teorias» com o fim de poder «separar o grão da palha», diferenciar, jerarquizar, entrecruzar, dar sentido e traduzir as informações.

Quando Vergara fala de «corrigir um quadrado» para atualizar o mapa, não há dúvida de que se inspira no método de «mapa padrão» usado pelos espanhóis na Casa da Contratação de Sevilha, o famoso centro de cálculo que desde 1591 prestava à Coroa, nas palavras de Vergara, um encomiável «serviço de informações e reconhecimentos». Vergara conhecia também o famoso formulário desenvolvido para tal fim pelo Cosmógrafo Maior desta casa e Cronista maior das Índias de Filipe II, Juan López de Velasco. Vergara afirma haver adaptado este sistema de questionário, com considerável sucesso, em duas oportunidades (1886 e 1895), numa espécie de «censo geográfico nacional».

Vergara, decerto, assim como Reclus, colocava o máximo empenho na recolção de informações e aspirava nesse sentido a uma documentação quase que exhaustiva. Sua exposição de fontes, quase ausente na edição de 1888, foi ganhando espaço nas seguintes, não por acaso, na seção titulada «Exploração»: Vergara sabe que a história do conhecimento do território vem de mãos dadas com a história da formação territorial.¹⁰⁶

Primeiro foram os Descobridores espanhóis: Rodrigo de Bastidas, Juan de la Cosa, Alonso de Ojeda, Colombo mesmo, Núñez de Balboa y Pizarro. Depois os Conquistadores, «esses homens que não tem segundo na história»: Alfínger, Heredia, Cesar, Robledo, Fernández de Lugo, Spira, Fredermánn, Belalcázar e Quesada. Segue a «gloriosa» obra de Colonização, e seu legado territorial-documental: diversas *Memórias* políticas e econômicas de Presidentes e Vice-reis, informes de engenheiros e construtores de caminhos, comissões de costas, de limites e botânicas e, é claro, as missões, «decisivas para a geografia do centro da América meridional». Vem depois Caldas, «ilustre pai da Geodesia colombiana» e iniciador da Geografia científica no país. Segue o «célebre explorador dos Andes» Alejandro Humboldt e sua «magna obra»,

106 VERGARA y Velasco, *Nueva Geografía de Colombia. Escrita por regiones naturales*, Bogotá, Banco de la República, 1974 [1901], p. 8-17.

completada pelo botânico francês Boussingault. Interfere aqui a Guerra de Independência, que segundo Vergara deu em seu momento certo impulso à exploração e à cartografia, mas que depois de terminada deixava em queda o interesse pelo conhecimento científico do território. Coube renová-lo ao presidente geógrafo Tomás Cipriano de Mosquera, que consegue atrair à Colômbia o já mencionado engenheiro italiano Agostinho Codazzi, que acabava de levantar o mapa da Venezuela. Codazzi, continua Vergara, «trabalha como um Hércules de 1849 a 1855, percorrendo uns 20,000 quilômetros de vias fluviais e terrestres, medindo centenas de cotas e calculando dezenas de coordenadas»; trabalho que, segundo ele, apesar de ter sido interrompido pela fatalidade, «resultou imortal, porque mesmo que encerre numerosos erros, escusáveis por razões óbvias, a labor do eminente engenheiro –cartas e memórias geográficas– é a base de tudo quanto na Colômbia tem sido feito depois nestas matérias [não muito bem, segundo ele] e apresenta o primeiro quadro aceitável da terra colombiana».

Acrescenta sem rodeios:

«[...] la base de nuestro trabajo es su obra, que íntegra queda incluida en estas páginas; pero no la obra publicada por otros quitando el nombre de su autor y compilada sin criterio científico y sin conocimiento de las leyes de la Cartografía, y llena de errores de que no es responsable el malogrado geógrafo, sino la obra original sometida a la crítica racional que el mismo ingeniero habría empleado para fundirla en un solo cuerpo si la muerte no le hubiera impedido darle la última mano, puesto que él escribió la geografía del país por provincias que después se reunieron en secciones territoriales de mayor magnitud.»¹⁰⁷

É, sim, a obra de Codazzi a base do trabalho de Vergara, mas não, como ele se apressa em explicar, a *Jeografía física i política de los Estados Unidos de Colombia* de

107 *Ibid.*, p. 15-16.

Felipe Perez,¹⁰⁸ nem a *Carta Jeográfica*¹⁰⁹ e o *Atlas de los Estados Unidos de Colombia*¹¹⁰ de Manuel María Paz e Manuel Ponce de León, pessoal oficialmente encarregado de concluir a obra do malogrado geógrafo, cujos resultados levantaram graves polêmicas que atingiram os mais altos níveis do Estado colombiano.¹¹¹ Sim, pelo contrário, «as cartas originais, existentes na Biblioteca Nacional, cuidadosamente copiadas e retificadas mediante estudo de rascunhos que possui a família [de Codazzi]» e outros documentos inéditos «que não foram inclusos na Geografia publicada em 1862, suprimindo o nome do autor».¹¹²

Como fica registrado tanto na correspondência quanto nas legendas de um par de mapas do capítulo Colômbia em que Reclus atribui a autoria à dupla Codazzi-Vergara, Reclus teve o privilegio de conhecer por favor deste último cópias de algumas peças desta documentação cartográfica única, aliás já trabalhados e retificados por ele, que tinha neste respeito bastante iniciativa.

Vergara não perdia ocasião de hostilizar esses autores, principalmente a Perez, a quem dedicou mais de um artigo de jornal acusando-o abertamente de ter plagiado Codazzi, tildando-o de «falso geógrafo» e de «delinquente em geografia». Enquanto aos mapas, Vergara sempre considerou os seus próprios, ainda que «deficientes desde o

108 PEREZ, Felipe, *Jeografía física i Política de los Estados Unidos de Colombia*, Bogotá, 1862. Reeditada depois como: *Compendio de Jeografía Jeneral de los Estados Unidos de Colombia*, Bogotá, Imprenta de Echeverría Hermanos, 1876; e finalmente como: *Geografía General Física y Política de los Estados Unidos de Colombia y Geografía particular de la ciudad de Bogotá*, Bogotá, Imprenta de Echeverría Hermanos, 1883.

109 *Carta Jeográfica de los Estados Unidos de Colombia, Antigua Nueva Granada. Construída de órden del Gobierno Jeneral con arreglo a los trabajos corográficos del Jeneral A. Codazzi i a otros documentos oficiales*, por Manuel Ponce de León, ingeniero miembro de la Sociedad Jeográfica de París, i Manuel María Paz. Bogotá, 1864. Publicada en la Administración del Dr. Manuel Murillo Toro, i bajo la inspección del Gran Jeneral T.C. de Mosquera, Grabada por Erhard Schièble. Impresa por Thierry Frères, París, 1865. Reeditada em 1890.

110 *Atlas de los Estados Unidos de Colombia, antigua Nueva Granada, que comprende las cartas jeográficas de los Estados en que está dividida la República, construídas de órden del Gobierno Jeneral con arreglo a los trabajos corográficos del Jeneral Agustín Codazzi i a otros documentos oficiales*. Por Manuel Ponce de León i Manuel María Paz. París, Tipografía i litografía de Renou i Maulde, 1865. Comprende los siguientes mapas: Antioquia; Bolívar; Boyacá; Cauca; Parte Oriental i menos poblada del Estado del Cauca; Parte Oriental i menos poblada del Estado de Cundinamarca; Cundinamarca; Panama; Magdalena; Tolima; Santander. Reeditada em 1889.

111 Um relato detalhado das contendas políticas desatadas por essas obras encontra-se em SÁNCHEZ, Efraín, (1998), p. 453 et seq. Este livro é com certeza o trabalho mais importante feito até agora sobre história da geografia e da cartografia no país e uma de minhas constantes fontes de consulta. Vergara, dito seja de passagem, conhecia a obra de Codazzi muito melhor e a valorava mais do que o professor Sánchez acredita.

112 VERGARA Y VELASCO, (1974) [1901], p. 1125.

ponto de vista artístico» –referindo-se aos da *Nova Geografia da Colômbia*–, mais precisos, mais acurados, mais certos, e convidava em múltiplas notas de rodapé a compará-los com aqueles, tentando arrebatá-los o título de oficiais que possuíam suas edições de 1889 e 1890.¹¹³ O *Atlas completo de geografia colombiana*, claramente portador de um conjunto maior de proposições mais solidamente articuladas do que os oficiais, mais rico conceitual e tematicamente também bastante melhor desde o ponto de vista estético com respeito aos mapas da *Nova Geografia*, apesar de ter sido como estes xilografados em Bogotá e não, como os oficiais, gravados em metal na França–, foi sua última tentativa nesse sentido, mal sucedida, pois o *Atlas* e a *Carta* de Manuel Paz e Manuel Ponce continuaram sendo a imagem oficial do país até a publicação, a partir de 1921, dos mapas da Oficina de Longitudes.¹¹⁴

Reclus mesmo, no capítulo Colômbia da *Geografia Universal*, ignora completamente tanto a *Jeografía* de Felipe Perez –provavelmente prevenido por Vergara– quanto, mesmo sendo oficiais, os mapas de Paz e Ponce de León, de cujas deficiências estava decerto apercebido, pois tinha sido encarregado de examiná-los em 1866 pela Sociedade Geográfica de Paris:

«Desde o primeiro golpe de vista [diz Reclus no seu informe], dá para perceber que as diferentes partes destas cartas, desenhadas na escala de oitocentos e mil, não tem todas o mesmo valor. As regiões populosas das mesas, ou seja quase toda a superfície dos Estados de Cundinamarca, Boyacá, Santander, Antioquia e os vales do Cauca, do Patía, do San Juan, são tratadas com o maior zelo, e encerram um conjunto de lineamentos e de posições geográficas que não se encontram em carta precedente nenhuma. Pelo contrário, os outros países neo-granadinos não oferecem, exceção feita das costas, mais do que um dédalo de linhas traçadas como

113 Não deve entender-se este aspecto da ciência em termos de uma separação progressiva do grão da palha, do subjetivo ao objetivo, do erro ao certo. Vergara pretendia fazer isso, mas o que fazia realmente, pelo contrario, era misturar mais as coisas, criar vínculos cada vez mais enredados, ajudar a consolidar arranjos. Cf. LATOUR, (2004) [1999], p. 307 et seq. Enquanto mais a ideologia moderna proíbe terminantemente a mistura de sujeitos e objetos, as ciências mais produzem híbridos, *cyborgs*, quase-objetos, redes, arranjos, Coletivos, Territórios. Cf. LATOUR, (1993).

114 SÁNCHEZ, Efraín, (1998), p. 510.

ao acaso. É assim que a parte realmente séria da carta, a única que possui interesse geográfico, não se compõe na realidade que dos itinerários de Agostinho Codazzi, este modesto sábio que fez tanto pela topografia do seu país de adoção, a Colômbia. Aquilo que, nas grandes folhas gravadas por nosso colega Erhard, não reproduz pura e simplesmente as cartas manuscritas de Codazzi, não é mais do que um recheio inútil.

É importante que a república colombiana se ocupe de fazer publicar logo o diário de viagem do eminente engenheiro e a lista de posições por ele fixadas. Não hesitamos dizer que desde o ponto de vista geográfico, uma publicação tal seria bem mais útil do que o carimbo de uma carta em que os lineamentos duvidosos, puramente hipotéticos, ou mesmo certamente errados, não se distinguem por signo nenhum das reproduções fieis do terreno.»¹¹⁵

Depois de uma avaliação tal dos mapas oficiais do país e de demandar do governo colombiano, como vimos, a publicação dos dados brutos de Codazzi, Reclus continua seu informe –com base em dados adquiridos graças a certos *confrères* que infelizmente não chama pelo nome– resumindo o itinerário da Comissão Corográfica, só para reafirmar que a «topografia geral das regiões do interior não visitadas por ela, estava ainda para esboçar». Baseado na sua própria viagem de dez anos atrás pela Serra Nevada de Santa Marta –que coincide aliás com a época das explorações de Codazzi–,¹¹⁶ Reclus oferece um exemplo dos «erros grosseiros» que era possível achar

115 RECLUS, Élisée, “Atlas de la Colombie, publié par ordre du gouvernement colombien”, *Bulletin de la Société de Géographie*, Paris, v. 12, 1866, p. 140-146. Como veremos, dos trinta e dois mapas que acompanham o capítulo Colômbia da *Nova Geografia Universal de Reclus*, publicado três décadas depois deste informe, doze atribuem o crédito a Codazzi. Correspondem às partes já aqui consideradas por ele como de valor, complementadas com os mapas do francês Édouard André, explorador dos Andes colombianos, do Alemão Wilhelm Sievers, explorador da Venezuela, e com mapas inéditos do próprio Vergara.

116 Apesar de ter sido uma renomeada empresa, não há evidência de que Reclus, que morou na Serra Nevada entre finais de 1855 e meados de 1857, tenha ouvido falar dos trabalhos da Expedição Corográfica que nesse momento se faziam e que sem dúvida tivessem chamado bastante a atenção do jovem republicano socialista que então já se dizia «prenhado de uma criatura geográfica», desejava «jogar sua tinta sobre os Andes» e tinha escrito o plano de *La Terre*. Talvez seja porque a Expedição ficou parada por falta de fundos quase todo o ano de 1856, ou porque ao recomençar em dezembro desse ano dirigiu-se às montanhas do sul e não ao Caribe, mas Reclus não teve, aparentemente, notícia dela. (Na *Viagem à Serra Nevada de Santa Marta* chega a citar o famosa *Peregrinação de Alpha* de Manuel Ancízar, agregado da Comissão

nestes mapas, e conclui anelando, com seu inesgotável otimismo,

«que a nação colombiana, justamente desejosa de conhecer a topografia de seu imenso e magnífico o território, que não se contentará com estes trabalhos ainda incompletos, e se apressará a levar a bom fim as explorações tão felizmente começadas pelo valente e devoto Codazzi.»¹¹⁷

Nos curtos três lustros que há desde a publicação deste informe e a elaboração dos capítulos dedicados à Colômbia na *Nova Geografia Universal*, a exploração da Colômbia avançou decerto bastante, mais por conta de não poucos porém isolados esforços de particulares, nacionais ou estrangeiros, do que –apesar do otimismo de Reclus– devido a um compromisso contínuo das instituições da nação, que estava mais ocupada nas questões da guerra do que em fazer o mapa nacional. Reclus dizia com razão nesse informe, escrito sete anos depois da morte de Codazzi, que não havia por enquanto ninguém que encarasse seriamente o trabalho de continuar sua obra inacabada. E ainda ia passar algum tempo até esse alguém se apresentar: Vergara, precisamente, que no momento de publicação deste texto contava com seis anos de idade.

Voltando às fontes da *Nova Geografia da Colômbia*, Vergara destaca, além de Codazzi, um conjunto de exploradores estrangeiros que ele julgava «tinham realmente feito progredir nossa geografia»,¹¹⁸ e menciona também alguns outros, que, pelo

Corográfica, mas, além de que o livro não alude em momento nenhum ao conjunto do projeto desta Comissão, parece tratar-se de um livro conhecido por Reclus não na Nova Granada, mas de retorno na França, em alguma biblioteca.) Codazzi dedicou a segunda metade de 1857 a determinar o traçado e começar a construção de um caminho de Bogotá ao rio Magdalena, e o ano seguinte a percorrer o flamante Estado de Cundinamarca –até pouco antes «Província». Em dezembro embarcou-se rumo aos estados caribenhos de Bolívar e Magdalena com a idéia de concluir o trabalho de exploração do país e passar de cheio ao trabalho de gabinete. Começando fevereiro, caminho à Serra Nevada, cai enfermo de febres e morre o dia 7, na aldeia de Espírito Santo, hoje chamada Codazzi. Cf. SÁNCHEZ, (1998), p. 388 et seq. Não custa imaginar, se a fortuna tivesse sido outra, Reclus unindo-se à Comissão Corográfica.

117 RECLUS, (1866), p. 146.

118 «Entre los que realmente hicieron progresar nuestra geografía, debemos citar á *Boussingault* y á *Reiss* y *Stübel*, que exploran los Andes de Cundinamarca al Ecuador por el Tolima y el Cauca; á *Hettner*, que hace lo propio de Antioquia á la frontera venezolana por Cundinamarca, Boyacá y Santander; á *Sievers*, que visita la región de la Sierra Nevada de Santa Marta y los valles de Cúcuta; á *Greife*, *Shenck* y *Stainhel*, que recorren los Andes antioqueños; á los dos *White*, que exploran el Chocó; á *Simonds*, que levantó por cuenta del Gobierno las cartas corográficas de Bolívar y Magdalena; á *Crevaux*, que siguió las huellas de los misioneros peninsulares en las desiertas comarcas orientales; á *Wiener*, que realizó igual labor más al Sur; a los geógrafos

contrário, «apenas recolheram impressões e redigiram viagens anedóticas sem verdadeiro valor científico», em todo caso, «úteis para a geografia descritiva».¹¹⁹ Adverte que devem acrescentar-se a estes os nomes de muitos outros «engenheiros e escritores» colombianos e estrangeiros, buscadores de minas ou de vias navegáveis, construtores de caminhos, ferrovias e linhas telegráficas, demarcadores de fronteiras, militares e funcionários cadastrais. Passa a comentar censos geográficos impulsionados por ele em 1886 e 1895, inspirados como já foi dito no questionário de López de Velasco e, finalmente, declara ter retificado, em «longas correrias, a parte central do país», –correiras que, na realidade, não foram tão longas assim: Vergara, tal como Reclus, foi muito mais um expedicionário de arquivo do que de campo.

Suas referências, é claro, não se limitavam às mencionadas, e prometia colocar no último volume de sua *Geografía* uma bibliografia detalhada das fontes que a apoiavam, «tão detalhada, que nela figurarão até artigos de jornais nacionais e estrangeiros, documentos ainda inéditos existentes nos escritórios públicos ou em poder de particulares, planos nas mesmas condições, etc.»¹²⁰ documento que, infelizmente, nunca vai ser publicado.

Nada é, sem embargo, toda aquela acumulação de referências sem as transformações e cruzamentos a que as mesmas devem ser «submetidas» mediante a «crítica racional», antes de virar conhecimento novo. Vergara revela nesse sentido, utilizando uma metáfora têxtil, alguns detalhes da confecção do *cañamazo* de sua obra,

brasileros que nos han hecho conocer el Amazonas y parte de sus afluentes; a *West y Gilbert*, que estudian el Magdalena; a las comisiones científicas (Bonaparte Wyse) de la Empresa del Canal interoceánico, que conquistaron para la ciencia el Darién y la región del Chiriquí; a los ingenieros del ferrocarril intercontinental, que pasaron su nivel de la frontera del Ecuador a Cartagena; a los dos *Reclus* (Elisée y Armand), que visitaron la Sierra Nevada y el Darién, y, en fin, a los marinos ingleses que delinean de manera definitiva el trazo del litoral.» VERGARA Y VELASCO, (1974) [1901], p. 14. Esses nomes, valha já dizer, foram também a base do trabalho de Reclus sobre a Colômbia. Valha lembrar que Reclus não tocou um barômetro ou coisa parecida durante a sua permanência na Serra Nevada...

119 «Gaje, o Conde de Gabriac, Vigne, Safray, Andrée, Ceremoise, Strifleur, Chanfajon, Brisson, Monnier, De Brettes, D'Espagnat, etc.» *Ibid.*, p. 15. Curiosamente, Vergara classifica as aventuras juvenis de Reclus na Serra Nevada dentro da geografia científica, em tanto que as explorações de Edouard Andrée –com todo e seus mapas originais, amplamente copiados por Reclus na *Geografía Universal*– parecem-lhe «geografia anecdótica». Cf. ANDRÉ, Édouard, “L'Amérique Équinoxiale (Colombie – Équateur – Pérou)”, *Le Tour du Monde*, v. 34, 2e semestre, 1877, p. 1-64; v. 35, 1er semestre, 1878, p. 129-224; v. 37, 1er semestre, 1879, p. 97-147; v. 38, 2e semestre, 1879, p. 273-368; v. 45, 1er semestre, 1883, p. 337-416.

120 VERGARA Y VELASCO, (1974) [1901], p. 1125.

que não é outra coisa que a teia de linhas-base sobre a qual vai ser bordada a geografia do país.¹²¹

Mais reveladora nesse respeito é a *Memoria*¹²² que acompanha a *Nova carta* e o *Atlas completo*, na qual Vergara relata o processo de elaboração dos mapas e fornece detalhes sobre a o processo de sistematização dos dados e a metodologia usada para calcular as posições e as altitudes comparando as medições feitas por outros –que na maioria dos casos discordavam entre si.

A questão da altitude já gozava de ampla atenção na tradição geográfica colombiana. O sábio Caldas, por exemplo, carente de um barômetro aceitável, tinha desenvolvido um instrumento –o *hypsometro*– com o qual conseguia medir a altura com base na temperatura de ebulição da água –que varia segundo a pressão atmosférica, que por sua vez muda segundo a altitude– e efetuava com ele longas correrias pelos Andes centrais. A altitude, acreditava Caldas –e também Reclus e Vergara–, determinava os possíveis graus de civilização a que uma sociedade podia aspirar: «corrigia» nos Andes equatoriais os «efeitos negativos» da latitude tórrida –preguiça, indolência, paixões violentas– e fornecia um clima «parecido com o europeu», ou seja, adequado à civilização.¹²³

121 «Las demás fuentes y documentos consultados, en especial en la Cartografía, se indican en cada caso, pero conviene desde ahora señalar en sus grandes lineamientos, cómo hemos formado el *cañamazo* que ha servido de pauta para escribir esta *Nueva Geografía de Colombia*. Hemos considerado y tomado como base las cartas hidrográficas del Almirantazgo inglés, hoy casi perfectas, y que abarcan el litoral de la República en ambos mares, con coordenadas referidas al Observatorio de Greenwich. A esta base se enlaza la carta del río Magdalena en su parte navegable, o sea de la boca a Neiva, fijando la posición de los lugares ribereños, y a la fecha también muy correcta por la manera como ha sido trabajada. A su turno, esta gigantesca línea de trescientas leguas, se enlaza con Cartagena, Santamaría, Medellín, Ocaña, Bucaramanga, Ibagué y Bogotá, por estudios detallados para proyectar o construir ferrocarriles y carreteras: la capital ha sido así enlazada al río por las vías de Carare, Guarumo, Honda, Cambao, Girardot y Fusagasuga. De igual suerte están unidos Ibagué a Cartago, Buenaventura a Medellín, Cúcuta con Tamalameque, Ipiales con Cartagena, Túquerres con Barbacoas, Popayán con el Micay, Medellín con el Atrato, Bogotá con el Meta, Purificación con el Guaviare, etc. etc., rectificadas además estos datos con el cálculo repetido de las respectivas coordenadas geográficas. La *red* así formada se completa y verifica a su vez por medio de todos los demás documentos atrás indicados, con lo cual la obra final resulta de una precisión que no puede ser superada sino el día en que se proceda a levantar metódicamente la carta geodésica del país.» VERGARA Y VELASCO, (1974) [1901], p. 17.

122 VERGARA Y VELASCO, Francisco Javier, *Memoria sobre la construcción de una Carta geográfica de Colombia y de un Atlas completo de geografía colombiana*, Bogotá, Imprenta Eléctrica, 1906.

123 Os antigos gregos já dividiam o mundo em zonas climáticas: duas polares e uma tórrida, inabitáveis, e duas faixas intermédias temperadas aptas à civilização. De fato *especularam* muito,

Na última edição da *Nova geografia da Colômbia* –as duas anteriores tinham sido publicadas antes do capítulo Colômbia da *Geografia Universal* de Reclus– Vergara inclui com orgulho as palavras do geógrafo francês, «autoridade indiscutível», nas quais certamente encontra refletida sua própria opinião:

«Como país de asiento para los colonos de toda raza, el territorio de Colombia presenta ventajas excepcionales. Del mar a la cumbre de las montañas ofrece el regular escalonamiento de todos los climas: calor, temperatura moderada, frío, combinados según la exposición, con diversos grados de sequía o humedad; pero en tanto que en otras Repúblicas de América [México no original de Reclus] el paso de clima a clima se hace bruscamente y como de un salto de la tierra ardiente a la tierra fría, y que la zona templada, la más favorable al hombre y a sus cultivos, está representada por estrechas fajas de territorio, Colombia, singularmente privilegiada, prolonga sus montes y antemontes a gran distancia del núcleo central, y las regiones cuyo clima puede compararse al de la Europa occidental por la temperatura, ocupan una extensión considerable, bastante crecida para sustentar los habitantes por decenas de millones.»¹²⁴

Vergara declara em sua *Memória* ter reunido quantas cotas de altitude tinham

no sentido mais literal da palavra, sobre as possíveis civilizações da «outra» faixa temperada, nas chamadas «antípodas» (Cf. VIGNOLO, Paolo “El Nuevo Mundo: ¿Un mundo al revés? Los antípodas en el imaginario del Renacimiento”, BONNET, Diana y CASTAÑEDA, Felipe (eds.), *El Nuevo Mundo. Problemas y debates*, Bogotá, Universidad de los Andes, 2004, p. 23-60). A relação entre clima e civilização é omnipresente na ideologia nacional colombiana. Ainda hoje, nos Andes colombianos, os lugares são classificados em «tierra caliente», «tierra templada» y «tierra fría», correspondendo a esta última o maior grau de «cultura». Bogotá, que ocupa um altiplano de 2.600 metros de altitude, ganhou na época que nos ocupa o incerto título de «Atenas sul-americana».

124 RECLUS, E., *Nouvelle Géographie Universelle. Colombie*, v. XVIII, 1893, p. 223 apud VERGARA y VELASCO, (1974) [1901], p. 18-19. Esta é uma das pouquíssimas referências a Reclus feitas na *Nova Geografia da Colômbia*. Em verdade, pouca coisa podia citar Vergara da obra de Reclus sobre a Colômbia, baseando-se esta no seu próprio trabalho e havendo fornecido ele boa parte da documentação essencial. Vergara estava decerto tão informado quanto Reclus. De fato, estava melhor informado: sendo um especialista, conhecia virtualmente toda a bibliografia usada por Reclus, contava aliás com um considerável volume de outros dados levantados de diversas maneiras –entre elas censos e arquivos– e contava também com mais tempo para trabalhá-los. Reclus, por sua parte, fez um amplo trabalho de documentação, não só para a Colômbia, mas para cada país do mundo.

sido levantadas no país pelos diversos exploradores de que tinha-se notícia, cujas enormes divergências para um mesmo ponto constituíam um dos maiores problemas da geografia colombiana da época. Vergara pretende ter descoberto a causa destas divergências, que atribui a um certo ciclo meteorológico ou «maré atmosférica» de ciclos diários, mensais e anuais, que afetariam as medições até em dezenas de metros e que, uma vez levada em conta e corrigida, «reduzida a zero», revelaria a real coincidência de todos os observadores. Com essa teoria, averiguando o melhor possível o estado da dita maré atmosférica no momento em que tinham sido feitas as diferentes medições e o tipo de instrumento utilizado em cada caso, fazendo as correções correspondentes com o fim de *equalizar* as medições e procedendo a comparar os resultados assim obtidos, Vergara conseguiu construir uma altimetria colombiana bastante sólida quase sem sair de Bogotá.

É com base nesta altimetria que foram construídos o *Atlas completo* e a *Nova carta geográfica da Colômbia*, acolhidos com indiferença no país, e que sem embargo receberam em 1912 uma *médaille vermeil* da Sociedade Geográfica de Paris. Dois anos depois, como funcionário da Secretaria de Guerra, descendo o Magdalena com a missão de inspecionar o parque militar das cidades colombianas do Caribe, adquire febre amarela e falece em Barranquilla, em 21 de janeiro de 1914, com apenas 54 anos.

Sua obra ainda aguarda um balanço aprofundado.

Território: Poder, Coletivo, Historicidade

Como resultado direto do «*detour* brasileiro» desta pesquisa –aparte da estranha língua em que está escrita, que se aproxima do português–, um conceito completamente ausente do primeiro trabalho veio complementar a orientação da mesma, por enquanto, mais como noção, intuição, incógnita e sobretudo como derroteiro, do que como certeza formalizada: este é o conceito de território.

Foram indispensáveis nesse sentido duas disciplinas: em primeiro lugar,

«História da Geografia no Brasil», com o professor Manoel Fernandes de Sousa Neto, na qual, devido ao ênfase por ele outorgado às metodologias dos estudos da ciência e suas aplicações à história da geografia, tive a fortuna de poder dar continuidade ao tipo de discussão que tinha adiantado no primeiro trabalho, esta vez desde a perspectiva particular da geografia, conseguindo como resultado um aprofundamento no reconhecimento do principal leque de formulações e abordagens desta tradição, assim como, acredito, o fortalecimento da problematização acerca da mesma.

Em segundo lugar, «Geografia Humana, geral e do Brasil», do professor Antonio Carlos Robert Moraes, na qual tive a chance de entrar em contato com a discussão geográfica contemporânea, com uma perspectiva ampla da geografia humana e com o conceito de território, que, no caso, na tradição da geografia política, implica a observação prioritária dos sistemas de organização política a grande escala e suas manifestações espaciais, testemunhas do processo conhecido como «formação territorial».¹²⁵

A noção de «rede», usada para descrever principalmente a atividade e a associação de Reclus e Vergara, conduz intuitivamente ao pensamento espacial, podendo ser ela mesmo definida como uma configuração espacial –ou espaciotemporal–, dotada de forma e de dinâmica, diretamente abocada a compreender a relação poder/distância.

Onde estava a América antes da descoberta de Colombo? Não estava. E continuou não-estando por vários anos mais, até acabar, aos poucos, depois de muitas polêmicas e dúvidas, fixando-se no mapa e deslocando a Espanha e Portugal das margens para o centro do mundo, do Novo Mundo. Onde andava o território antes dos geógrafos (médicos, poetas, exploradores, funcionários ou cronistas) vir a falar nele? Não andava! O território, para sê-lo, precisa ser apropriado –reivindicado, desejado, sonhado, disputado–, e para reivindicá-lo é preciso, muito ou pouco, mais algum tipo de conhecimento. O território, então, precisa de humanos, de grupos humanos, «unidades políticas». Estas podem ser de diversas escalas, desde a familiar –ou mesmo a individual– até a «aldeia global». Um dos tipos de agrupação humana mais importantes,

125MORAES, Antonio Carlos Robert, *Bases da formação territorial do Brasil. O território colonial brasileiro no "longo" século XVI*, São Paulo, Hucitec, 2000 [1991].

talvez o tipo de unidade política fundamental da modernidade para efeitos territoriais a grande escala, é sabido de todos, é o Estado. É possível pensar, sem dúvida, tanto uma territorialidade global quanto uma territorialidade familiar. Também, com certeza, em territorialidades não modernas. Mas, dada a importância dos Estados-nações na história moderna, é possível que tenha alguma utilidade tentar pensar a territorialidade estatal-nacional –inclusive na medida em que entra em contato ou mesmo em conflito com territorialidades «outras».

Então, onde estava o território antes das unidades políticas? De novo, não estava. Vêm juntos. E com eles vem, nem antes nem depois, mas sempre junto, algum tipo de conhecimento. Mas conhecimento de que? No caso dos Estados, em princípio, *qualquer* conhecimento que o possa adiantar em alguma coisa na difícil tarefa de definir/fazer um território, que é uma das exigências que o Estado, por definição, deve satisfazer. Não pode haver Estado sem território, embora possa haver território sem Estado. O território, aliás, é diferente aqui e lá (não é que «tudo é tudo»: o Coletivo é, claro que sim, diferenciável, e as ciências prestam um grande serviço nesse sentido. Tudo tem a ver com tudo, sim, mas não da mesma forma nem no mesmo grau). Como seria possível construir um Estado e uma nação –e uma economia de mercado– sem saber o que há lá, o que não há, como chegar, ou se tem alguém? Ou, pelo menos, sem saber com certeza se de fato há um *lá*? Os governantes –os Estados costumam ter governantes– nem sempre tem tempo ou vontade de ir até lá a ver o que há. Muitas vezes, as distâncias e as incertezas são enormes. Alguns deles, como no caso da Colômbia, até se orgulhavam de não conhecer o mar e de não precisar descer das alturas da fria Bogotá para viver em «civilização» –outra das palavras mágicas da época– e, enfim, para governar. De fato, o governo é, em geral, uma coisa feita *à distância*. Mas como controlar lugares e pessoas distantes? Como fazê-los entrar na desejada ordem Estatal-nacional? Certo tipo de conhecimentos, especialmente um que veio receber o nome de Geografia Moderna, podia, sem dúvida, prestar aqui um serviço considerável.¹²⁶ Prestou-o, de fato. Mas a

126O jovem Reclus, comentando a rivalidade –comercial– entre as cidades de Santa Marta e Riohacha, afirmava: «se a municipalidade [desta última] não entrasse algumas vezes em conflitos com os governos de Santa Marta e Bogotá, se as decisões da administração federal, tomadas a uma grande distância e sem um perfeito conhecimento de causa não ferissem frequentemente os interesses locais, toda revolução, todo transtorno político viria a ser impossível ali.» RECLUS, (1861), p. 181. Vemos como Reclus coloca o problema da relação entre distância e poder, localizando a origem dos conflitos sociais na falta de um certo conhecimento que, aliás, de forma

Geografia Moderna, assim como o território, também não saiu do nada. É parte, fruto e condicionante do território. Tem uma história, é claro. Eis o argumento e o fio condutor deste trabalho: a formação territorial e o conhecimento do território tem uma história. Melhor, são uma história –não duas. Ou que, para contar a história do território é preciso contar a história da ciência do território, e que para contar a história da ciência do território é preciso levar em conta os diversos atores –humanos e coisas– que dita ciência faz possíveis, reconhecíveis ou diferenciáveis. Ou que, assim como o conhecimento do território tem uma história, o território tem uma historicidade dada pelo estado da ciência do território. Não estou afirmando que as pessoas tenham que ir consultar o geógrafo antes de ir construir territorialidade, mas que os recursos que os homens de Estado têm para fazer o território nacional estão definidos, em grande parte, por sua capacidade de adquirir e renovar seu conhecimento de entidades e dinâmicas ausentes e distantes.

O que fazer com a pergunta «o que é o espaço?»: estudar formação territorial! As pessoas, seus parceiros sociais não-humanos e a distribuição, as dinâmicas, os fluxos, as concentrações e as tendências dos seus vínculos. O território é resultado de um conjunto de associações que envolvem simultaneamente *physis*, *logos* e *polis*, o mundo, a ciência e a política, outorgando-se mutuamente historicidade.¹²⁷ O governo dos homens –o Estado moderno no caso– é o agente por excelência da gestão espacial, ou, dito de outra forma, da formação territorial. O Estado é o ator chave da configuração espacial do Coletivo moderno. Sim, há múltiplos atores –colonos livres, terras férteis, febre amarela–, e cada um faz sua parte, mais é o Estado, muito claramente no século XIX, o agente que em termos de formação territorial carrega o piano, que está obrigado a ter a iniciativa. O território não é dado, tem que ser conquistado. Não é só o espaço «efetivamente dominado», pois a efetividade sempre tem um limite. Para chegar a

um tanto platônica, demanda ser perfeito. Tal vez era pedir demais! Mais adiante, no tempo da *Nova Geografia Universal*, Reclus irá-se mostrar mais prático e realista. Para manter a paz pública e conformar um Coletivo mais justo e estável é suficiente um conhecimento apenas certo, sólido, confiável, seguro. Lembrando a pergunta de Fidel Castro, falando dos aviões de combate americanos não-tripulados: é isso uma necessidade do mundo? Pode acrescentar-se: é possível desenvolver esse tipo de aparelhos mas não é possível resolver o problema da fome, ou fechar um cano quebrado? CASTRO, Fidel, “Siete puñales en el corazón de América”, *Granma*, 05-08-2009. <http://www.granma.cubaweb.cu/secciones/ref-fidel/art160.html>

127 Cf. LATOUR, (2004).

dominar um território este tem que ser definido, desejado, reivindicado, desenhado, medido, calculado, enfim, conhecido.

A questão do poder é a de como os poucos e fracos conseguem dominar os muitos e fortes: como uns quantos portugueses mantinham no seu lugar milhões de escravos, como um punhado de ingleses conseguem se apoderar da Índia. Afirmar que o poder simplesmente «está na ponta do fuzil» é considerar apenas uma parte do problema –e um pouco de falta de imaginação. Para Sócrates –trata-se de um problema antigo–¹²⁸ a chave está nas demonstrações geométricas. Para Reclus, na «ciência moderna e seu rigoroso sistema de observação e experimentação». Para ambos, nas leis impessoais e imutáveis do mundo exterior, que devem ser reimportadas pelos cientistas ao mundo social e fechar assim as discussões e manter afastada a incômoda e terrível massa de leigos. Segundo ambos «a verdade vos fará livres», a Verdade eterna e imutável, encontrada pela filosofia para um e pela ciência moderna para o outro. Reclus afirma não reconhecer outras leis que não as da natureza, que para ele devem ditar os preceitos da vida social. Mas para reconhecer as leis da natureza é preciso usar a ciência, ponta de lança e manifestação por excelência da civilização e, em consequência –e neste ponto a geografia teria muito a dizer–, a encarregada de organizar a vida do Coletivo. Não é a primeira vez que isto acontece. De fato, a característica central da modernidade é a aspiração a uma sociedade governada pelas leis não-humanas. Sociedades utópicas «perfeitas» baseadas na ciência foram a República platônica e a Ilustrada, a *Utopia* e a *Nova Atlântida*, e o mesmo Sócrates não duvidava em conferir a esta Verdade a origem de toda moral e virtude. A sociedade moderna, pode mesmo ser definida como aquela que pretendeu se organizar a partir da Ciência, e não das ciências.

Pode entender-se então o território como um nó de problemas, e tentar compreender as «grandes questões» –a Modernidade, o Eurocentrismo, a Ciência, o Estado-nação, a Raça, a Região– a partir do estudo empírico dos processos de formação territorial, tentando segurar na mesma explicação as propriedades dos atores não-humanos, a história do conhecimento que faz possível definir essas propriedades e os

128 Cf. o comentário de Bruno Latour do *Gorgias* de Platão, em: LATOUR, (2001), p. 247 et seq. A tradução correta do subtítulo do livro de Latour seria «Ensaio sobre a realidade dos estudos da ciência» (*Science Studies*), e não «estudos científicos». Esse lamentável equívoco de tradução – que não é o único– aparece em cada página do livro...

processos de formação de unidades políticas. Determinismo ou possibilismo? O que define a história, as estruturas ou as vontades? O mar Mediterrâneo ou o Rei? Lenin ou a proletarização? A agência, desprende-se deste enfoque relacional, não é propriedade do sujeito nem do objeto, mas da associação: uma coisa é um Estado sem mapa e outra um Estado com –bons– mapas. O Estado mesmo, assim como os mapas e os territórios, são, *em-si*, redes, diferenciáveis mas interdependentes. O território é uma parte da Rede, e conserva boa parte de suas propriedades. Tem extensão, forma –relevo, topografia, rugosidade– e dinâmica. Tem história e historicidade. É uma «rede dentro da rede», definida por um tipo de estudo que consiste na observação de um processo conhecido como «formação territorial», que tenta dar conta das configurações espaciais relativas à formação de um corpo político, por meio do acompanhamento das inter-relações entre os atores que o conformam, buscando identificar as incidências relativas destes –entre os quais, por exemplo, os famosos geógrafos, de campo e de gabinete.

Se estamos interessados na política da ciência e na ciência da política, a Geografia pode ser um bom lugar de experimentação. No fim das contas, com muita frequência, os políticos interessaram-se em geografia e os geógrafos interessaram-se em política.

Capítulo 3

Reclus, Vergara... e alguns outros

Reclus era, decerto, um geógrafo de gabinete, de biblioteca, mapoteca e arquivo. últimos. Dizia já no primeiro capítulo da *Nova Geografia Universal*, depois de listar as fronteiras do conhecimento geográfico europeu (o centro da África, uma parte da Austrália, a Nova Guinéia e o centro da Ásia), caracterizando a metodologia que seu projeto lhe impunha:

«Enquanto aos países já visitados pelos viajantes e figurados nas nossas cartas com uma rede de itinerários, não poderíamos esperar conhecê-las em detalhe em sua geografia íntima antes de havê-las submetido a uma longa série de estudos comparados. Quanto tempo será preciso para rejeitar as contradições, os erros de toda espécie que os exploradores misturam a seus descrições e a seus relatos! Que prodigioso labor demandará o conhecimento perfeito do clima, das águas e das rochas, das plantas e dos animais! Quanto de observações classificadas e raciocinadas para que seja possível indicar as modificações lentas que se realizam no aspecto nos fenômenos físicos dos diversos países! Quanto de precauções a tomar para saber constatar com certidão as mudanças que se operam pelo jogo espontâneo do organismo terrestre, e as transformações devidas à boa ou má gestão do homem! E portanto é lá que deve-se chegar para poder arriscar-se a dizer que se conhece a Terra.»¹²⁹

Comparar, ponderar, classificar, racionalizar... o trabalho dos exploradores: o geógrafo é muito importante para ficar deambulando!

Que exploradores mereceram o inquérito moral de Reclus e foram envolvidos, de uma forma ou outra, em seu próprio trabalho?

Uma das realizações desta etapa da pesquisa é a reconstrução, até agora horizontal, do aparelho bibliográfico dos capítulos Colômbia e Panamá da *Geografia Universal* de Reclus, levantada a partir das rápidas e minimalistas notas colocadas a rodapé do texto, conseguindo desta forma fazer um mapeamento geral do jogo de

129 RECLUS (1876), p. 2.

referências ativado por Reclus no caso, composto de um total de noventa e quatro autores e cento e vinte um documentos.

No capítulo Panamá são citados quarenta e seis títulos e trinta e sete autores, dezesseis deles, um pouco menos da metade, de nacionalidade francesa, o qual se explica, evidentemente, não só pela nacionalidade do autor, mas pelo interesse direto deste país na projeção do canal e na sorte das obras de abertura, que já tinham sido iniciadas, uma década antes, pela famosa *Compagnie Universelle du Canal Interoceanique*.

Segue na ordem os Estados Unidos, que soma seis autores se contamos os cientistas suíço-americanos Luis Agassiz (1807-1873, zoólogo, geólogo, grande defensor da poligênese humana e contraditor de Darwin, muito citado por Reclus na *Nova Geografia Universal*)¹³⁰ e Jules Marcou (1824-1898, geólogo, paleontólogo, aliás também correspondente de Vergara) e o engenheiro hidráulico cubano-americano Aniceto García Menocal, estudioso da rota interoceânica pela Nicarágua. Pode deduzir-se destes três casos que os Estados Unidos dependiam ainda bastante nesse momento da ciência européia, mas que ainda assim tinham força com que atrair talentos estrangeiros, europeus e latino-americanos. Os três americanos restantes são W. Gabb (1839-1878, paleontólogo, colecionador de conchas de mar), C. B. Adams (1814-1853, geólogo e naturalista, observador dos moluscos de Panamá), e o economista Joseph Nimo (1830-1909), funcionário do departamento oficial de comércio interior e estatística desse país.

A Alemanha apresenta cinco representantes nesta bibliografia: Humboldt, referência metodológica fundamental de Reclus desde sempre; Karl Hermann Berendt (1817-1878, médico, linguista, etnólogo, autor de mapas linguísticos da América Central, onde esteve como refugiado político); Bernard Thiel (1850-1901, bispo alemão, viajante); Hellmuth Polakowsky (1847-1917, botânico, colecionista, autor de uma *Flora Costarricensis*); e Moritz Wagner (1813-1887, naturalista, explorador, colecionista, geógrafo e cartógrafo, viajante pela América do Norte, América Central e o Caribe, conhecido pelo conceito de «isolamento geográfico»).

130 Sobre Agassiz Cf. o fantástico GOULD, (2003) [1981], que mereceria ser mais conhecido na geografia pelas suas implicações no debate determinismo/possibilismo. Aparte, o contraste entre o racismo extremo de Agassiz, revelado neste livro, e o «eurocentrismo moderado» de Reclus é abrumador.

Continuam a lista dois ingleses, ambos exploradores da Nicaraguá: Thomas Belt (1832-1878, geólogo, naturalista, evolucionista) e Orlando Roberts, um comerciante.

Há também dois espanhóis –ambos do período colonial, pois na época certamente não tinham nada novo que oferecer em termos de conhecimento geográfico de suas ex-colônias:¹³¹ Antonio de Herrera y Tordesillas (1559-1625), autor de uma famosa *Historia general de las Indias Occidentales* –título aliás do volume que agora analisamos, que abrange o México, os Istmos Americanos e as Antilhas– e um livro sobre pirataria compilado por Justo Zaragoza (1833-1896) a partir das obras do historiador, geógrafo e explorador Dionisio de Alsedo (1690-1777).

Completam a lista um italiano (G. Chierchia, zoólogo da corveta Vettor Pisani da marinha desse país, que em 1882-1883 deu a volta ao mundo coletando animais marinhos e que passou pelo golfo de Panamá, onde além de capturar um tubarão de nove metros cartografaram as costas Pacíficas da Colômbia e do Equador e entrevistaram na controvérsia limítrofe entre estes dois países); um belga (Gustave de Molinari, economista ultra liberal, proponente do «anarco-capitalismo»); e um costarriquenho, Manuel María Peralta (1847-1930), compilador de uma coleção de documentos do século XVI sobre a América Central obtidos nos arquivos espanhóis.

Colombianos só aparecem citados dois: Ezequiel Uricoechea (1834-1880), educado em medicina nos Estados Unidos e depois em ciências naturais na Alemanha, autor de uma gramática da língua chibcha e de um extenso catálogo dos mapas em que aparece a Colômbia, levantado em várias bibliotecas da Europa. E, certamente, Francisco Javier Vergara y Velasco, que tinha então conseguido adiantar a publicação do capítulo de sua geografia da Colômbia dedicado a orografia do istmo –talvez pensando em oferecê-lo a Reclus, cuja enciclopédia vinha acompanhando, e que de fato compartilhou com ele, no início de sua relação epistolar– e que aparece citado uma única vez. Vergara ganhou também um lugar nos agradecimentos do volume, embora com o sobrenome errado...

131 Sem embargo, permaneciam ativos na descrição geográfica dos restos do seu antigo grande império, como é possível deduzir da nota de agradecimento do volume: «Em Espagne, j'ai trouvé aussi pour mes recherches le meilleur accueil auprès de MM. Francisco Coello, Jimenez de la Espada, Justo Zaragoza. M. Jimeno Agius, qui m'avait déjà facilité la description des Philippines, ne m'a pas été moins secourable pour l'étude des colonies espagnoles de l'Antilie, Cuba et Puerto Rico.» RECLUS, *Nouvelle Géographie Universelle*, Paris, Hachette, vol. XVII, 1891, p. 901.

«MM. Paynó, Antonio del Castillo, Desiré Pector, C. et F. Medina, Palacios, Javier Vergara y Vergara [sic] tem direito a meu reconhecimento pelos documentos que tem-me fornecido ou –serviço bem maior ainda– pelas correções com que tem honrado meu trabalho.»¹³²

No caso de Vergara, as correções a que Reclus alude foram o gérmen de uma tradução intitulada *Colombia*, «*Traducida y anotada com autorización del autor por Francico Javier Vergara y Velasco*», publicada em 1893, logo depois da publicação original.¹³³

Os franceses citados por Reclus no capítulo Panamá são os seguintes: Bertrand de Boucheporn (1811-1857), geólogo, autor de mapas geológicos; Jules Flachat, explorador do Darién, autor em 1866 de uma proposta de traçado de canal interoceânico (acompanhada de dois planos); Napoleón Garella, engenheiro do Corpo Real de Minas, também autor de um projeto de canal e de um mapa do mesmo; Achille Monchicourt, liquidador da falida Companhia do Canal, autor de um relatório a respeito; um médico de sobrenome Nicolas, estudioso do paludismo; Alexandre Olivier Oexmelin (1645-1707), autor de um relato de piratarias; Alphonse Pinart (1852-1911), um rico colecionador, etnólogo e linguista, que explorou o Panamá em 1877; Lucien de Puydt, explorador do istmo entre 1861 e 1865; seu irmão mais novo, Armand Reclus (1846-1927), explorador do istmo e autor da proposta de rota do canal finalmente adotada pela companhia, junto com Lucien Bonaparte Wyse (1845-1895), engenheiro, oficial da marinha, o autor mais citado do capítulo; os senhores Salles e Sallot des Noyers, exploradores do mar das Antilhas; o engenheiro Luis Verbrugge, autor de uma proposta de canal, oposta à de Reclus/Wyse; um senhor Vernial, que escreve sobre a

132 *Ibidem*.

133 RECLUS, Élisée, *Colombia*, «*Traducida y anotada com autorización del autor por Francico Javier Vergara y Velasco*», Bogotá, Papelería de Samper Matiz, 1893b. Vergara tomou por «autorização», acreditamos, o seguinte aparte de uma carta de Reclus: «Vós me dizeis que documentos muito preciosos virão-me mais tarde e que seria bem útil em consequência que eu pudesse retardar a publicação do meu capítulo Colômbia. Isto desafortunadamente não pode ser feito. Mas pouco importa. Se meu trabalho, com tudo o defeituoso que seja, parece-vos digno de ser corrigido e emendado, vós podeis lhe fazer o mesmo trabalho de correção que havei feito para a península ístmica de Panamá, e em seguida nós dois publicaremos uma Geografia colombiana digna desse nome.» Carta de Reclus a Vergara, 13 de agosto de 1892, AGN-FJVV, v. I, f. 22-23.

aclimação européia no Panamá; e, por fim, o doutor Camille Viguiet, médico, explorador do istmo entre 1876 e 1877.

Pode ver-se que a grande maioria dos autores citados por Reclus são contemporâneos seus, e quase todos exploradores. A distribuição cronológica das obras citadas neste capítulo, preparado em 1890, revela que com exceção de quatro, todas elas tinham sido publicadas depois de 1860, um terço das quais só na década anterior à publicação do capítulo.

Reclus acudia avidamente aos periódicos científicos da época, principalmente os franceses, mas também os americanos, alemães e de outros países. Neste capítulo, são usados trabalhos aparecidos no *Boletim* do Museu de Zoologia Comparada de Harvard – a cargo do citado Agassiz –, na revista da Sociedade Filosófica da Filadélfia, nos *Boletins* da Sociedade Geográfica da França, da Sociedade Geológica, da Sociedade de Geografia Comercial, da Sociedade de Antropologia, na *Revue d'Ethnographie*, na *Revue Suisse*, no periódico da Real Sociedade Geográfica de Londres e no *Petermanns Geographische Mitteilungen*,¹³⁴ assim como informações de jornais econômicos como o *American Record of Notes and Queries* e o *Boletim* da citada Companhia do Canal do Panamá.

Por sua vez, o capítulo Colômbia da *Nova Geografia Universal* de Reclus cita setenta e oito documentos e sessenta e três autores. Desta vez os colombianos são maioria, com dezenove representantes. Segue de perto a França com quinze, depois a Alemanha com oito, e a Inglaterra e a Espanha, empatados com sete. Há também três venezuelanos e dois americanos naturalizados: o suíço Agassiz, como já vimos também citado no capítulo Panamá, e o etnógrafo alemão Plumacher, representante dos Estados Unidos em Maracaibo entre 1877 e 1890. Há seis autores comuns aos dois capítulos: Agassiz, Pinart, Sallot des Noyers, Moritz Warner, Ezequiel Uricoechea e, certamente, Vergara y Velasco.

A lista dos colombianos começa com Joaquín Acosta (1800-1852), militar, geólogo, político, engenheiro, cartógrafo, historiador dos chibchas, uma das grandes

134 Trata-se do mais antigo periódico geográfico alemão e o mais importante da época nesse país, caracterizado por seu excelente material cartográfico. Reclus, que dominava o alemão desde jovem, usou amplamente esta publicação na elaboração de sua *Geografia Universal*. Foi fundada em 1855 e desapareceu só em 2004.

Cf. http://de.wikipedia.org/wiki/Petermanns_Geographische_Mitteilungen

figuras do país no século XIX, pai da famosa cientista e escritora Soledad Acosta de Samper, quem aparentemente mantinha como Vergara correspondência com Reclus.¹³⁵ Segue Enrique Arboleda, conservador, historiador, explorador, estudioso da questão de limites; Salvador Camacho Roldán (1828-1900), político liberal, advogado, jornalista, viajante forçado; os irmãos Antonio e Carlos Cuervo (1834-1893, 1858-1930), políticos conservadores, militares, geógrafos, muito próximos de Vergara; Joaquín Díaz, autor de um tratado sobre a «conquista» do então muito desconhecido oriente colombiano; Joaquín Esguerra, autor de um dicionário geográfico; Tomás Cipriano de Mosquera, militar, várias vezes presidente, também geógrafo e cartógrafo; Felipe Paúl, Ministro da Fazenda; Ricardo Pereira, diplomático, muito ativo nas controvérsias limítrofes do país; Miguel Triana, liberal, explorador do Putumayo, autor de mapas também; o citado Ezequiel Uricoechea, que além de seu catálogo de mapas tinha uma gramática da língua chibcha; Manuel Uribe Angel, médico, geógrafo da região de Antioquia; Velez Barrientos, arqueólogo; José María Vergara y Vergara, tio de nosso Vergara, autor de um texto então já clássico sobre a história da literatura no país; e, é claro, Francisco Javier Vergara e Velasco, o autor mais citado do capítulo.

O primeiro francês da lista é Édouard André (1840-1911), paisagista, botânico, horticultor, explorador dos Andes colombianos entre 1875 e 1876 e autor de um extenso relato dessa viagem, amplamente ilustrado com gravados e mapas originais, estes últimos amplamente considerados por Reclus; segue Jean de Brettes, explorador da Serra Nevada de Santa Marta; o citado Jean Baptiste Boussingault (1802-1887), botânico, químico, agrônomo, tido por inventor da química agrícola, explorador dos Andes equatoriais, traduzido por Joaquín Acosta; Jules Crevaux (1847-1882), médico, militar, explorador da Colômbia e da Venezuela; Jean Dauxion-Lavaysse (1770-1826), explorador da Venezuela e das ilhas venezuelanas no Caribe; Paul Durand, explorador do caribe colombiano; François Roulin (1796-1874), médico, naturalista, ilustrador, companheiro de viagem de Boussingault; Charles Saffray, etnógrafo, autor de uma viagem à Colômbia entre 1869 e 1870; Henri Ternaux-Compans (1807-1864),

135 Várias vistas de paisagens do capítulo Colômbia (entre elas «Chute de Tequendama», p. 253, uma das imagens mais clássicas do país) dizem haver sido gravados «segundo uma fotografia comunicada por Madame Acosta de Samper». Lamentavelmente, o arquivo desta ilustre dama não está aberto ao público.

explorador da Guiana; e Hugues Weddell (1819-1877), explorador da Bolívia.

Os alemães são Paul Ehrenreich (1855-1914), explorador do rio Xingu e autor de um mapa etnográfico do Brasil; Heinrich Grisebach (1814-1879), médico, botânico, fito-geógrafo, autor de um famoso tratado sobre a distribuição da vegetação do globo segundo os climas, na melhor tradição humboldtiana; Alfred Hettner, explorador dos Andes colombianos entre 1882 e 1884, posteriormente um dos mais importantes teorizadores da geografia; Hermann Karsten (1817-1908), botânico, geólogo, explorador da Venezuela, Equador e Colômbia entre 1844 e 1856, autor de uma obra sobre a geologia destes países –muito criticada por Vergara; Von Schenck, explorador da cordilheira ocidental do país entre 1880 e 1881, autor de vários mapas; Wilhelm Sievers (1860-1921), geógrafo, botânico, explorador dos vales de Cúcuta e da Serra Nevada; e, finalmente, Alphons Stübel (1835-1904), naturalista, geólogo, vulcanólogo, explorador da Colômbia e o Equador entre 1868 e 1874, autor de um mapa dos vulcões destes países.

São os ingleses o etnólogo e arqueólogo William Bollaert, explorador da Colômbia, o Equador, o Peru e o Chile; o geógrafo Clenents Markham (1830-1916), secretário por décadas e depois presidente da Real Sociedade Geográfica, interessado em aclimatar a quina andina na Índia; Albert Millican, um famoso «caçador de orquídeas», morto violentamente na Colômbia em 1899; Philip Selatter (1829-1913), zoólogo, ornitólogo; F. A. A. Simons, explorador e cartógrafo da Goajira e da Sierra Nevada; T. H. Wheeler, economista e diplomata; e Robert Blake White, explorador da parte central da Colômbia.

Entre os espanhóis, Reclus cita três cronistas: os missionários jesuítas Bernabé Cobo (1582-1657, interessado nas plantas, principalmente na quina, autor de uma *História do Novo Mundo*) e Joseph Gumilla (1686-1750, célebre autor de *El Orinoco Ilustrado*), e o franciscano fray Pedro Simón (1574-1628), autor de uma história da conquista. Cita também documentos da chamada Expedição Fidalgo, que sob o comando do *brigadier* Joaquín Francisco Fidalgo percorreu o mar Caribe de Maracaibo a Chagres entre 1793 e 1802, deixando um conjunto de excelentes mapas marítimos e costeiros que no tocante à cartografia constituem o aporte mais sofisticado e o último feito pelos espanhóis na América colombiana. Cita também uma coletânea francesa das

obras de Jorge Juan (1713-1773) e Antonio de Ulloa (1716-1795), acompanhantes oficiais da expedição francesa do meridiano de Quito, autores de mapas originais e de diversos estudos de interesse para a história da cartografia. O único espanhol contemporâneo citado no capítulo Colômbia é um senhor Zerolo, gramático, que aparentemente mantinha correspondência com Reclus.

Os venezuelanos, para terminar, são o historiador, jornalista, filólogo e poeta Rafael Maria Baralt (1810-1860), autor, junto com Ramón Díaz, de uma história da Independência da Venezuela; e, finalmente, Alejandro Goiticoa, explorador da Goajira.

A distribuição cronológica destas obras revela de maneira mais clara ainda o esforço de Reclus por servir-se dos trabalhos mais recentes: o capítulo Colômbia registra entre suas fontes mais de sessenta obras aparecidas depois de 1850, vinte das quais nos três anos anteriores a sua publicação em 1893.

Entre os periódicos usados por Reclus para redigir este capítulo se encontram os franceses *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences*, *Le Tour du Monde*, *Revue de Géographie*, *Bulletin de la Société de Géographie*, *Bulletin de la Société de Géographie commerciale*, *Revue d'Ethnographie*, *Revue d'Anthropologie*, o citado periódico alemão *Petermanns Geographische Mitteilungen*, os periódicos ingleses *Proceedings of the Royal Geographical Society*, *Monthly Record of Geography*, *Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, os americanos *Bulletin of the Museum of Comparative Zoology*, *American Anthropologist*, *Diplomatic and Consular Reports on Trade and Finance*, assim como o *Diario oficial* da Colômbia e o *Boletim* do Ministério de Obras Públicas.

O autor mais consultado do capítulo é, de longe, Vergara y Velasco com vinte e duas citações. Em segundo lugar está Édouard André com dezesseis, em terceiro Simons com dez, em quarto Sievers e Hettner com nove cada, em quinto Ancizar com oito, em sexto Acosta e Pereira com sete cada, em sétimo White com seis, em oitavo lugar Karsten com cinco e finalmente Uribe, Ternaux-Compans, Shenk e Vergara tio com quatro citas cada. Os outros autores aparecem citados menos de quatro vezes.

Não são citados nem Codazzi nem Humboldt. O primeiro só chegou a publicar memórias dispersas nos jornais das localidades onde passava a Expedição Corográfica, e Reclus teve acesso à sua obra principalmente através de documentos comunicados por

Vergara, por ele processados e copiados para Reclus. Humboldt é mais citado nos capítulos sobre Equador e Venezuela, e constitui para Reclus, mais do que uma fonte de observações, uma referência metodológica chave.

Na nota de agradecimento do volume aparece de novo o nome de Vergara –desta vez corretamente escrito:

«Para a redação deste volume, o ante penúltimo da *NGU*, devo meus reconhecimentos a todos eles que bem tem tido a vontade de ajudar-me com seu concurso pelo envio de livros, de documentos, por suas comunicações verbais, pela anotação ou a correção das provas. M. Francisco Javier Vergara y Velasco, de Bogotá, tem-me colmado de preciosos envios, cartas, impressos, manuscritos, relativos à Colômbia e aos países vizinhos. Se o primeiro volume da *Geografia da Colômbia*, a enciclopédia nacional que ele procura publicar, houvesse estado pronta a tempo, eu tivesse podido evitar alguns erros e dar às minhas estatísticas uma precisão muito maior. A minha gratidão é tanto mais viva quanto que tem-me doado para numerosos detalhes às premissas de suas pesquisas.»¹³⁶

Não era pouco isto último. Estava em jogo nada menos que a grave questão da atribuição do conhecimento.

136 RECLUS, (1893), p. 825. Já na carta acima citada (13 de agosto de 1892) Reclus declarava a impossibilidade editorial de retrazar a publicação deste volume para poder incluir as cifras oficiais de 1892 que Vergara lhe oferecia. Reclus chegou a receber as estatísticas oficiais dos departamentos de Bolívar e Magdalena, que aparecem reportadas na correspondência (f. 28) e citadas no livro, assim como as de Cauca e Antioquia. Para o resto do país (Tolima, Cundinamarca, Boyacá e Santander) deveu conformar-se com os dados de Ricardo Pereira, publicados dez anos atrás –quando o país se dividia em Estados– e que Reclus considerava «evidentemente erradas» (f. 24). Em contraste, a publicação do volume XVI –Estados Unidos, publicado em 1892, depois do volume XVII– foi retrazada para que Reclus pudesse viajar a este país e aprimorar sua base documental, dirigindo-se então à cidade de Washington, em 1891, a explorar na Biblioteca do Congresso e no Instituto Smithsonian.

Eurocentrismo, atribuição do saber e «geografia da geografia»

O que tem a ver a posição geográfica relativa destes geógrafos com a forma que construíram seu conhecimento e com o conteúdo e a lógica do mesmo?¹³⁷ Que nos diz sobre os processos de atribuição da propriedade intelectual, que, como sabemos, é sempre múltipla, mas também apropriada e individualizada? Que importância tem aqui a localização no mapa destes cientistas na compreensão de seu trabalho e da relação entre eles? Por que Reclus precisa de Vergara, parece claro desde o epígrafe. Mas por que Vergara faz questão de «colmar» de documentos o francês, de fazer copiar mapas para ele –aliás como se fosse coisa fácil? Que nos diz sua relação sobre o funcionamento do eurocentrismo?

Este último, entanto que forma dominante de ser/conhecer da Modernidade, é uma questão essencial: constitui a força dinamizadora e doadora de sentido da relação entre estes dois geógrafos. Do que falamos é da história europeia –ou de tipo europeu– do conhecimento e apropriação do mundo. O eurocentrismo é um fato. O mundo é eurocêntrico. Melhor, foi «eurocentrado» –por alguém, em alguma parte, em algum momento, de algum modo.

Reclus mesmo, em um revelador texto titulado «Hégémonie de l'Europe»,¹³⁸ reconhece a «avançada europeização» do mundo. Diz de entrada: «O mundo inteiro tem-se europeizado: podemos dizer mesmo que está europeizado já», e pergunta-se precisamente o que faz que a Europa, «o continente menor», esteja «à vanguarda da humanidade» e seja capaz de concentrar a metade da riqueza do mundo. Em primeiro lugar, responde, devido à Ciência Moderna, e «seu rigoroso método de observação e experiência», máxima expressão da Civilização. E, segundo –invocando a Ritter, que tinha refletido sobre a relação entre a história dos humanos e a forma dos continentes,

137 Sobre a «geografia da ciência», Cf. LIVINGSTON, David, *Putting Science in its place. Geographies of Scientific Knowledge*, Chicago, University of Chicago Press, 2003.

138 RECLUS, Élisée, “Hégémonie de l'Europe”, *La Société Nouvelle*, t. 1, n° 112, 1894b, p. 433-443.

no famoso texto traduzido por Reclus ao francês—,¹³⁹ devido à sua disposição geográfica, especialmente favorável às comunicações e a todo tipo de trocas, principalmente o comércio, que sempre foi visto por Reclus como elemento positivo, dinamizador, veículo de Civilização, oposto à conquista violenta. Tal Civilização, diz Reclus, tinha sua origem na Índia, e vinha se deslocando como uma flama numa trajetória de sudeste a noroeste, passando por Síria, Caldeia e Egito, para ser recebida pelas penínsulas grega e italiana, morfologicamente dispostas de forma paralela a esta trajetória, facilitando sua entrada, e ser desde ali difundida a toda a Europa e logo mais ao mundo extra-oceânico, ocupando a França neste último movimento um lugar intermediário mas, por isso mesmo, nada menos que «o mais importante da história». A Europa tinha então adiantado bastante a tarefa de unificar o mundo —evento inevitável, segundo Reclus, pois cada ciclo de civilização abrangia áreas cada vez maiores— e, sem que isso fosse significar sua própria decadência, tinha traspassado a flama aos nascentes Estados Unidos, encarregados de consumir sua globalização. O que podia acontecer depois, quando a dita civilização, com suas ciências e indústrias, continuasse sua trajetória histórica e se encaminhasse desde a América para a China e ao Japão —que já nesses anos era capaz de derrotar no campo de batalha uma antiga potencia militar como era a Rússia? Poderia a Europa encarar semelhante revolução econômica, suportar a concorrência das grandes indústrias que sem dúvida iam aparecer, segundo ele, não só na China, mas na Índia, no México e no Brasil? Estava em condições de assegurar o bem estar a seus cidadãos? Sim, acredita Reclus, mas só mudando de regime: suprimindo o espírito de concorrência, especulação e monopólio, substituindo-lo por uma política de solidariedade, compreensão comum e boa vontade entre os homens, e construindo assim, com base na europeização do mundo, e com ajuda do comércio e do irresistível movimento científico, uma «imensa Internacional».¹⁴⁰

O eurocentrismo, retomando, é a lógica, a ordem que faz possível que o colombiano dedique sua primeira obra a Élisée Reclus, que legitima o pedido de ajuda deste último e que explica a resposta de aquele.

139 RITTER, Carl, 1859 [1850], p. 241-267.

140 Recentemente, na comemoração dos sessenta anos da Revolução Chinesa, o presidente cumprimentou em seu discurso a «China socialista, que abraça a modernização, abraça o mundo e abraça o futuro». Não por acaso, Reclus passou seus últimos anos estudando a história do Oriente...

Mas não se trata neste caso de um movimento que conduz simplesmente arranjos conceituais do centro para a periferia e «dados brutos» no sentido contrário, mas, o que mostra a correspondência e em geral a história da relação entre Reclus e Vergara é existência de um intercâmbio um mais rico, desigual, provavelmente, mas, com certeza, não unidirecional. Reclus não era uma espécie de «devorador de dados» nem Vergara era um simples copista ou compilador. Copistas e compiladores eram ambos, é claro, mas, com certeza, nada simples. Vergara não raro mostrava iniciativa metodológica e conceptual em diferentes áreas e Reclus uma posição disposta a compartilhar os créditos e retribuir a colaboração deste, acreditando sinceramente na Ciência como uma causa coletiva, vendo-se isto refletido claramente na sua atitude com respeito a questão da atribuição da propriedade intelectual, generosa, pode dizer-se, concordante aliás com sua posição libertária frente a questão da propriedade em geral.

Reclus argumenta seu pedido de colaboração ao colombiano nas primeiras cartas da série, quando apenas começava sua relação –iniciada seguramente com envios por parte deste último das primeiras impressões da sua própria *Nova Geografia da Colômbia*–, com quatro tipos de argumento: a «causa universal» da ciência, seu laço sentimental com a Colômbia –chegando a declarar-se compatriota de Vergara e chamar o país de «nosso»–, o interesse geográfico particular da Colômbia em razão de sua capacidade produtiva e da sua posição estratégica global e, finalmente, o reconhecimento dos créditos correspondentes somada à proposta reiterada de avançar juntos em uma «obra comum».

Mais ainda, quando este último, como vimos, propõe-lhe ao francês retardar a publicação do capítulo Colômbia com o fim de aguardar uma série de «preciosos indícios» [*renseignements*, «sinais»] que estariam por chegar-lhe, e perante a impossibilidade editorial de tal adiamento, Reclus responde a Vergara propondo-lhe a publicação conjunta de uma Geografia da Colômbia «digna desse nome» com base nas correções deste último a seu texto.¹⁴¹ Reclus reporta posteriormente o envio a Vergara das provas de impressão do capítulo, que o francês mesmo acha cheias de erros. Mais adiante, seguramente depois de ter recebido a revisão de Vergara destas provas, Reclus declara:

141 Carta de Reclus a Vergara, Sèvres, 13-08-1892, *AGN-FJVV*, t. I, f. 22-23.

«Aquilo que já recebi de vossa tradução anotada e corrigida parece-me admiravelmente feito. Nessa obra de colaboração vós sois o “mestre”, pois sabeis o melhor. Não há razão pela qual eu possa dar-vos esse título, dada minha natureza igualitária, mas também não há-la para não ficar satisfeito com o título ainda mais precioso de amigo.»¹⁴²

Vergara deseja, naturalmente, incluir os mapas de Reclus na publicação – introduzindo ele, como era de se esperar, algumas correções–, e solicita a este as pranchas originais. Mas, segundo a explicação do francês, a casa Hachette não estava em capacidade de conceder nem os clichês dos mapas nem os direitos de tradução, pois, simplesmente, tinha-os vendido. Sem embargo, na opinião da editora, as notas críticas de Vergara faziam do texto uma obra inteiramente nova –muito superior, segundo Reclus–, e não havia problema em publicar a tradução.¹⁴³

No entanto, apesar da impossibilidade técnica manifesta de incluir na tradução os mapas originais de Reclus e Perron por mais que Vergara pudesse intervi-los, o francês declara-se muito interessado em continuar com ele sua co-laboração cartográfica. Na missiva citada, depois de dizer-lhe que seu mapa «genial» de 1'350.000 era «completamente insuficiente», propõe-lhe o projeto de «sistematizar todos os trabalhos parciais» e construir uma carta topográfica nacional à escala de 50.000, ou, pelo menos, de 100.000. Pergunta ao colombiano nesse sentido:

«Quais são os documentos que vos parecem agora utilizáveis? Não sera possível já desenhar a folha de ensablagem da carta futura? Qual seria o plano a seguir para la execução do grande projeto? Que documentos podemos nós reproduzir aqui? Poderíamos nós reproduzir vossos documentos, desenhar as cartas, construir os relevos? A vantagem em este assunto é que eu serei um dos vossos, tentando fazer rápido e bem aquilo que convenha para o sucesso da obra comum.»¹⁴⁴

142 Carta de Reclus a Vergara, Ténès (Algérie), 20-02-1893, *AGN-FJVV*, t. I, f. 29.

143«A nota da casa Hachette que vos tenho enviada explica a situação. Havendo M. [ilegível] comprado os direitos de tradução e os clichês, a casa Hachette não pode se permitir oferecer aquilo que já vendeu. Ela não poderia mesmo conceder-vos o direito de tradução, se vosso trabalho, gracias às suas preciosas notas, não fosse mais do que um comentário –bem superior ao original.» Carta de Reclus a Vergara, 18-04-1893, *AGN-FJVV*, f. 32-33.

144 *Ibidem*.

Esta última citação e a seguinte revelam um pouco das vantagens e desvantagens relativas derivadas da localização histórico/geográfica de cada um destes cartógrafos na realização de uma empresa como esta de fazer a carta de um país e revela aspectos interessantes da variável anarquista da questão da propriedade do saber. Reclus oferece não só a capacidade documental dos grandes centros de cálculo europeus –note-se que «centro de cálculo» é um conceito aliás já bem geográfico–, mas também a infraestrutura de reprodução, desenho de cartas e até de construção de relevos, tudo que carecia Vergara, que devia fazer enormes esforços logísticos e financeiros para estar a par dos debates metodológicos e ou simplesmente das novidades relativas ao conhecimento geográfico do seu país que circulavam na Europa, para não falar dos obstáculos –a maioria das vezes insuperáveis– que enfrentou para publicar na Colômbia mesma. Vergara por sua vez possuía documentação única, relativa principalmente à zona andina, produzida muitas vezes por exploradores locais –incluído ele mesmo–, e desconhecida na Europa. Por exemplo, logicamente, a documentação inédita de Codazzi, ou, também, a obtida por Vergara a partir dos censos geográficos organizados por ele como funcionário oficial. Tinha, como mais adiante em nova carta Reclus mesmo salienta, «juventude», as vantagens da «permanência no local» e da «tradição dos estudos», isto é, tempo, posição e sistema, enfim, um olhar treinado e especializado, concentrado na Colômbia, em contraste com a mirada global de Reclus, e, como ele diz, com a «multiplicidade de suas ocupações». Reclus oferecia a Vergara toda a sua ajuda na realização do seu anelado projeto de fazer a carta nacional do país, garantindo desse jeito pela formidável força do eurocentrismo que a parte correspondente a este país no seu Grande Globo –no qual já trabalhava–, ficasse feita com o provado zelo de seu colaborador. Oferecia também a Vergara a possibilidade de ser reconhecido universalmente –ou seja, na Europa– como autoridade na matéria, «consagrar-se», e por essa via fortalecer sua voz em um país que não se decidia a prestar-lhe a atenção que de seguro merecia. Tinham, nesse sentido, programas de ação inteiramente complementares.

Enquanto ao «patriotismo» colombiano de Reclus, contrasta a declaração acerca de seu desembarque no Havre em 1857 depois de uma dura temporada de penúrias e

enfermidade no Novo Mundo com que finaliza o relato público desta viagem, segundo a qual, apesar de todo, «reentrando na madre pátria, parecia-lhe tocar a terra do exílio»,¹⁴⁵ com uma outra de caráter privado acerca do mesmo instante, em carta à sua irmã Loïs, afirmando: «Não, a pátria não é uma palavra vazia, eu a senti ao retomarem meus pés possessão da terra francesa.»¹⁴⁶

Mas do que uma contradição, trata-se de um deslocamento, possibilitado a Reclus pelo universalismo europeu já bastante desenvolvido, que era sua herança fundamental e que permitia-lhe chamar-se de «cidadão do mundo».

Imagine-se por um momento o caso oposto: Reclus enviando a Vergara sua *Nova Geografia da França*, dedicada ao geógrafo colombiano, criador da Teoria da Maré Atmosférica, autor de uma *Nova geografia universal* publicada em Bogotá para a qual solicita a ajuda do francês em relação à documentação referida ao seu país, em nome da ciência, da obra geográfica em comum e de seu carinho para com a «nossa» França, chegando a chamar Reclus de «compatriota». O eurocentrismo faz com que este arranjo seja impensável. O anarquismo de Reclus explica que este, em atitude não muito comum no mundo real da ciência, ofereça sinceramente a seu colaborador ultramarino criar uma obra comum, copiar documentos para ele, colocar exploradores a seu serviço –como veremos– e mostrar-se desinteressado com relação ao reconhecimento. Observe-se que a lógica do princípio de propriedade intelectual é a mesma que opera para a propriedade em geral, que para Reclus não devia ser individual mas coletiva, mais ainda tratando-se de ciência.

Não podemos imaginar uma resposta fria por parte de Vergara, sendo aliás perguntado dessa forma por Reclus pelo «plano a seguir». As conversações, de fato, parecem haver avançado nesse sentido. Na carta em que Reclus reporta a Vergara o recibo do citado jornal bogotano em que ele e sua obra são atacados, o francês mostra-se preocupado pela sorte, a raiz deste incidente, de certos «interesses geográficos» conjuntos, e pede a seu colaborador para descartar uma certa proposição aparentemente já elevada por ele, por intermédio do colombiano, a um destinatário não identificado

145 RECLUS, (1861), p. 296. Valha anotar que estas mesmas palavras e em general a valoração sumamente otimista de Reclus sobre o porvir do país contida no livro, ganharam-lhe, com décadas de antecipação, a atenção e esmerada colaboração de Vergara, que na época da sua publicação acabava de nascer.

146 FERRETI, (2010a), p. 10.

mas que não deve ser outro que o governo desse país, dado que a tradução do capítulo estava destinada a ser a memória oficial do mesmo para a Exposição Universal de Chicago –de onde o compreensível escândalo do citado editorialista. Reclus, no entanto, reafirma sua decisão de ajudar à Colômbia a «impulsar mais energicamente sua missão de “conhecer-se a si-mesma”, enviando», diz a Vergara, «alguns colaboradores dos quais eu me considerarei como garante responsável.»¹⁴⁷

Alguns meses depois Reclus toca de novo o tema dos expedicionários, de um modo igualmente interessante tanto como variante pouco comum da questão da atribuição da propriedade intelectual, que era mais para Reclus uma «coisa de capitalistas» com a que tinha que lidar, e não uma grande preocupação pessoal –como era sim para Vergara, como fica patente nas advertências colocadas na frente de todas as suas obras, principalmente nos mapas do *Atlas completo*– quanto para continuar ponderando a «geografia do conhecimento geográfico»:

«De que maneira poderíamos nós trabalhar eficazmente um e outro na obra comum da Geografia Colombiana? Eu tenho na minha contra a minha idade avançada e a multiplicidade das minhas ocupações; vos tenes para vós a juventude, as vantagens do lugar de permanência, a tradição dos trabalhos. Se alguma coisa séria deve nascer de nossa colaboração, será preciso que eu seja representado lá pelo menos por dois trabalhadores, ambos bons geodésicos e calculadores, mas um deles ocupado principalmente com a rede de medições e o outro com as observações gerais dos aspetos da natureza. Sua colaboração especial, de um lado com vos, e do outro comigo, nos permitirá trabalhar concertadamente, a menos que preferais que eu fique de lado e a obra devenha, como seria justo, puramente colombiana.»¹⁴⁸

Reclus conclui a missiva exprimindo seu interesse por começar as obras quanto antes e ratificando seu compromisso de enviar dois *messieurs* a Bogotá, remunerados por ele.

147 Carta de Reclus a Vergara, Sèvres, 18-08-1893, *AGN-FJVV*, t. I, f. 34.

148 Carta de Reclus a Vergara, 17-12-1893, *AGN-FJVV*, t. I, f. 38-39.

Não há indícios de que tal ocorrência tenha sido efetivada...

A seguinte carta da série demorou três anos e meio em chegar, e tinha a ver com um outro projeto cartográfico, ainda mais insólito.

Capítulo 4

A cartografia «reclusiana» e os mapas dos capítulos «Colômbia» e «Panamá» da *Nova Geografia Universal*¹⁴⁹

149 Uma versão preliminar deste trecho foi apresentada no 3º Simpósio Ibero-americano de História da Cartografia, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2010, como "«Élisée Reclus y la geografía de Colombia»: blog de la investigación". Disponível em:
<http://3siahc.wordpress.com/memorias/#David%20Alejandro%20Ram%C3%ADrez%20Palacios>

Reclus, decerto, interessava-se pela cartografia: no começo de sua carreira ofereceu à Sociedade de Geografia de Paris múltiplas resenhas de mapas e atlas; compilou, nos vinte anos dedicados à elaboração da *Nova Geografia Universal*, uma considerável coleção cartográfica que serviu de base para os quatro milhares de mapas que acompanham a obra; projetou, posteriormente, a construção de um Grande Globo terráqueo a escala, para cuja realização só faltou, como ele diz, o apoio dos «capitalistas»; na Bélgica, no período final de sua vida, criou um instituto geográfico e uma sociedade anônima com o propósito de impulsionar diversas empresas cartográficas, entre as quais destacam seus projetos de mapas tridimensionais.

Temos já dito que uma das características mais inovadoras e atraentes da *Nova Geografia Universal* é o extenso uso dado por Reclus à ilustração cartográfica da obra, que segundo ele, como veremos, aspirava a «dar relevo» a seu relato, para o qual seus cartógrafos – neste caso o já citado Charles Perron– dedicaram-se ao estudo da representação do relevo.

Yves Lacoste e Béatrice Giblin, que desde o fim da década de 1970 impulsionaram a «redescoberta» da geografia reclusiana, chegaram a comentar a cartografia da *Geografia Universal* e de *O Homem e a Terra*, observando sua originalidade, criatividade, diversidade temática e sua coerência geral com o conjunto das obras, destacando, por exemplo, os mapas dos pogrons da Rússia, do pangermanismo, das monarquias do Sudão, das missões religiosas na África, da expansão do Islã, da guerra dos Bôers e da penetração inglesa na Pérsia, entre outros.

O citado Gary Dumber, autor de uma já clássica biografia de Reclus –ainda a mais importante em língua inglesa–, interessou-se especialmente no projeto do Grande Globo, cujas vicissitudes se encontram nesta obra relatadas com algum detalhe.¹⁵⁰

O geógrafo francês Gilles Palsky,¹⁵¹ pela sua parte, julga Reclus como um dos pioneiros da cartografia temática e estatística. Ponderando a riqueza dos debates cartográficos da época, particularmente aqueles relativos a questões de projeção,

150 DUMBAR (1978).

151 PALSKEY, Gilles, (2005), “Élisée Reclus et la cartographie de son temps. L'exemple de l'Atlas sphéroïdal et universel de géographie de F. A. Garnier (1862)”, *Colloque Élisée Reclus et nos géographies*, Lyon, 2005. Disponível, por concessão do autor, em: <http://reclus.files.wordpress.com/2008/08/palsky-lyon.pdf>

comenta a resenha de Reclus¹⁵² do *Atlas esferoidal* de seu contemporâneo e confrade da Sociedade de Geografia, François-Adrien Garnier.¹⁵³ Este último, misturando uma projeção ortográfica com um efeito de perspectiva artística, conseguia representar no papel a esfericidade do planeta e o relevo de sua superfície. Seu sistema, que se bem tinha como desvantagens a impossibilidade de mostrar mais de um hemisfério por vez e a deformação dos objetos em função da distância do centro do mapa, tinha para Reclus a virtude crucial de conservar, a diferença das «falsas» e «distorcidas» projeções estereográficas, os tamanhos relativos dos continentes. Este efeito realista dos mapas de Garnier motivou decerto a admiração e o entusiasmo de Reclus, cujas iniciativas cartográficas pensadas «no limite da utopia», para usar a expressão de Palsky, irão sempre professar segundo este último um «ideal mimético» animado pela recriação constante de uma oposição conceitual entre natureza e artifício.¹⁵⁴

Neste sentido, autores como Dumbarton e Palsky tem reparado nas sentenças críticas dirigidas por Reclus em diferentes oportunidades contra as cartas planas em geral, das quais se pronunciava em termos surpreendentemente negativos, chegando inclusive a se proclamar partidário de sua total exclusão do sistema educativo. Em um texto do período belga sobre o ensino da geografia,¹⁵⁵ depois de caracterizar o espírito da ciência moderna como um «retorno à natureza» e de suas proclamas habituais sobre a «observação direta» da mesma e sobre a primazia do sentido da vista nos fazeres das ciências geográficas, Reclus afirma que de sê-lhe encarregada a iniciação geográfica de uma quadrilha de meninos, começaria por retirar das mãos destes os livros e os mapas, procedendo a continuação a conduzi-los por longos passeios no campo com o fim de incentivar a sua curiosidade e treinar sua observação.

Imaginando suas hipotéticas aulas, Reclus chama a atenção sobre a «flagrante contradição» pedagógica que segundo ele haveria entre a afirmação da redondeza da

152 RECLUS, Élisée, “Atlas sphéroïdal et universel de géographie, par F. A. Garnier”, *Bulletin de la Société de géographie*, vol. 3, 1862, p. 117-182.

153 Disponível na “David Rumsey Historical Map Collection”:
http://www.davidrumsey.com/luna/servlet/view/search/who/Garnier,+F.+A.,+1803-1863/?sort=Pub_List_No_InitialSort%2CPub_Date%2CPub_List_No%2CSeries_No&q=garnier&pgs=50&res=1

154 PALSKEY, (2005).

155 RECLUS, Élisée, “L'Enseignement de la Géographie”, *Bulletin de la Société Belge d'Astronomie*, n° 11, 1903, p. 5-11. Disponível em:
<http://reclus.files.wordpress.com/2010/04/reclus-enseignement-de-la-geographie-1903.pdf>

Terra e a exposição subsequente de «uma folha quadrada de papel» como demonstração. Declara haver sido ele mesmo na infância «vítima das impressões contraditórias» logradas nele pelas «deformações de todo gênero» resultantes do uso indiscriminado de escalas e projeções desiguais, especialmente no tocante à forma e às proporções dos continentes. Prefere, decerto, o uso regular do globo terráqueo nas escolas, «documento esférico», no melhor dos casos «reduções proporcionais exatas da Terra mesma», se bem com a desvantagem, por seu volume, de serem aparatosos e difíceis de armazenar .

Finalmente, ciente das dificuldades logísticas e financeiras que podia implicar para muitas escolas a dotação de globos apropriados para o ensino, Reclus propõe como alternativa seus «discos globulares»: seções convexas do globo, a escalas diversas, que procuram reproduzir fielmente a curvatura e o relevo do planeta e que, aliás, podem empilhar-se para serem guardados. Alguns destes discos globulares foram de fato construídos. Conservam-se até hoje uns quantos deles na Biblioteca Pública de Genebra, onde foram dar provenientes do falido museu cartográfico fundado e dirigido até seu transpasso pelo citado cartógrafo Charles Perron (1837-1909), nativo da cidade, co-responsável dos mapas da *Nova Geografia Universal*, militante anarquista e pedagogo, que apesar de ter recusado os insistentes convites de Reclus para trasladar-se à Bélgica, continuou participando ativamente em seus projetos cartográficos. Foi ele, de fato, o responsável da construção do único fragmento materializado do projetado globo gigante, o painel correspondente à Suíça, merecedor de medalha de ouro na Exposição Universal de Paris de 1900. Seu museu cartográfico, segundo informa Federico Ferretti,¹⁵⁶ foi construído com base no material cartográfico levantado por Reclus durante o processo de elaboração da *Geografia Universal*, deixado pelo francês a resguardo de Perron logo da conclusão do mesmo. Em 1920 deveu ser fechado, como é possível imaginar, por motivos financeiros.

Com vários pontos em comum com o já citado Palsky, são precisamente os recentes trabalhos do citado pesquisador italiano Federico Ferretti¹⁵⁷ os que tem-se concentrado de forma mais particular na análise tanto dos processos criativos como da lógica particular e os sentidos da cartografia de Élisée Reclus e seus colaboradores. Em

156 FERRETI, Federico, “Charles Perron, cartographe de la «juste» représentation du monde”, *Les blogs du Diplo, Le Monde Diplomatique*, 2010b. Disponível em: <http://blog.mondediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste>

157 Principalmente FERRETI, Federico, *Il Mondo senza la mappa : Élisée Reclus e i geografi anarchici*, Reggio Emilia, Zero in Condotta, 2007a. Também, do mesmo autor, “Élisée Reclus, le géographe qui n’aimait pas les cartes”, *Visions cartographiques*, Les blogs du Diplo, Le Monde Diplomatique, 2007b: <http://blog.mondediplo.net/2007-11-11-Elisee-Reclus-le-geographe-qui-n-aimait-pas-les>; Também, FERRETI (2010b).

seu livro sobre os geógrafos anarquistas¹⁵⁸ (Reclus, Perron e os russos Kropotkin e Metchnikoff), recuperando uma parte até agora esquecida do debate geográfico da virada do século, a maioria das vezes restrito pela historiografia à oposição entre «escola alemã ratzeliana» e «escola francesa vidaliana»-, Ferretti identifica o enfrentamento ocorrido entre uma perspectiva geográfica «global», representada por este grupo de geógrafos, referida ao conjunto do globo e a suas reproduções tridimensionais, e, pela outra parte, a geografia tida por eles por «convencional» e sua carta bidimensional «normativo-simbólica», associada ao poder estatal e ao controle do território, chegando o autor até a ver nesta postura uma crítica do eurocentrismo. Segundo Ferretti, Reclus, da mesma forma que seu mestre Karl Ritter, questiona as insuficiências da carta topográfica, de uso eminentemente militar, que segundo o francês terminam por silenciar a sociedade, a história e a organização dos territórios.¹⁵⁹ Isto é, podemos dizer: atenção aos silêncios dos mapas, percepção clara do vínculo essencial entre cartografia e poder (Estado, Nação, Império ou Revolução), e, enfim, uma crítica política da cartografia, cem anos antes de J. B. Harley.

No entanto, apesar de todas as suas reservas ideológicas perante a cartografia plana, Reclus realizou um uso dela tão extenso quanto intenso, principalmente, como já foi dito, na *Nova Geografia Universal*. Na apresentação da obra, que comentamos acima, Reclus anuncia o caráter e o sentido pretendido por seus mapas, começando por se distanciar da que ele chama «cartografia pura», associada por ele à dita «geografia convencional»:

«Acrescentando o meu livro com numerosas cartas, não tenho a ambição de compor uma sorte de atlas e de dispensar assim o leitor de recorrer a obras especiais. Em tanto que as cartas gerais tem tido por objetivo oferecer a aqueles que as estudam todas as informações, sem exceção, relativas à configuração do solo e à posição dos mares, as pranchas e as figuras da Nova Geografia Universal estão destinadas unicamente a colocar em relevo os fenômenos a que o texto se refere. Sem deixar de lado as condições obrigatórias de exatidão e precisão, estas descuidarão os detalhes secundários. Longe de substituir um atlas, as minhas cartas não fazem, por assim dizer, mais do que comentar, explicar o sentido íntimo da relação entre os fenômenos da natureza e os acontecimentos da história.»¹⁶⁰

158 FERRETTI (2007a).

159 FERRETTI, (2007b.)

160 RECLUS, (1876), p. III.

Que tanto desses propósitos e atributos podem ser de fato encontrados nos mapas que acompanham os capítulos Colômbia e Panamá da *Nova Geografia Universal*? De que referências cartográficas serviu-se Reclus, quais foram suas «peças cartográficas chave», quais foram os critérios usados para seu processamento e transformação em mapas novos?

O capítulo Panamá inclui dezesseis mapas e quatro gravados –duas paisagens, uma casa indígena e uma vista dos trabalhos do canal. Quatro destes mapas carecem da indicação da fonte consultada: o istmo de Chiriqui, a cidade de Panamá, as obras do canal entre esta cidade e a de Colón no Caribe, e o célebre «passo da Raspadura», espécie de semi-canal ou «arrastadeiro» que comunicaria na estação mais chuvosa o rio San Juan, que cai no Pacífico, com o rio Atrato, que termina no Caribe, permitindo desta forma a navegação interoceânica, de pequenas embarcações pelo menos.

Sobre este, diz Reclus,

«El canal de Raspadura o del Padre, indicado por la primera vez por Humboldt, como de una vía de comunicación abierta en 1788 entre los dos océanos, no es en verdad un canal; Armand Reclus llega hasta negar su existencia. Apenas puede decirse que existe; es un simple foso de demarcación, de unos 5 kilómetros, abierto precisamente sobre el lomo divisorio de aguas, entre el arroyo de Raspadura, afluente del Atrato, y el de Perico, que baja al San Juan y, por consiguiente, al Pacífico. Sucede á veces que durante la estación lluviosa la zanja se llena íntegramente, y una piragua puede utilizarla para pasar de una a otra vertiente pero ese paso de ocasión no puede ser considerado como base de una navegación seria, y ni un estudio se ha hecho todavía para el trazo de una vía regular á través del lomo que allí divide las dos hoyas. La distancia de mar á mar, de las bocas del Atrato a las del San Juan, mide 362 kilómetros.»¹⁶¹

Humboldt, de fato, tinha registrado esta passagem –com mais otimismo do que Reclus, que parece neste ponto fortemente influenciado pela opinião de seu irmão.

Segundo Humboldt:

161 RECLUS, (1958) [1893], p. 280.

«O pequeno canal da Raspadura, que um padre de Nóvita fez abrir pelos índios da sua paróquia em um barranco periodicamente cheio pelas inundações naturais, facilita a navegação interior sobre 75 léguas de longo entre a foz do rio San Juan sobre Neconama e a do Atrato, que tem também os nomes de rio Grande do Darien, rio Dabeiba e rio do Chocó. É por esta via por onde, nas guerras que tem precedido a revolução da América espanhola, tem chegado a Cartagena de Índias consideráveis quantidades de cacau de Guayaquil. O canal da Raspadura, cujas primeiras noções na Europa pretendo telas dado eu, só oferece passagem a barcos menores, mas poderia facilmente alargar-se.»¹⁶²

O sábio Caldas tinha grande interesse nesta potencial passagem ultramarina – sabe-se que elaborou uma memória e até uma carta ao respeito– e talvez tenha sido ele quem chamou a atenção de Humboldt sobre o mesmo. Caldas afirma, em carta dirigida desde Popayán a seu amigo Santiago Arroyo, em 5 de junho de 1797:

«O istmo do Panamá é uma barreira inacessível, por outra parte que não seja o "Arrastradero de San Pablo". Este trânsito era digno de immortalizar a qualquer um, rompendo a pequena *bolonia* que separa os rios Atrato e San Juan; o resto é calcular no ar, deslumbrar a plebe e fazer os sábios rirem. Anexo a você uma carta levantada com pressa e conforme a memória adjunta que você verá [...]»¹⁶³

Em outra carta –datada em Quito em 20 de fevereiro de 1803, quer dizer depois da visita de Humboldt ao país e de seu encontro com ele–, consultando com seu protetor e mecenas José Celestino Mutis a melhor rota de uma projetada expedição botânica e geográfica pelo país, Caldas afirma pretender aventurar-se pela costa do Pacífico até a

162 HUMBOLDT, *Viaje a las regiones equinocciales del Nuevo Continente*, París, Rosa, 1826.

Disponível na Biblioteca Virtual da Biblioteca Luis Ángel Arango (Bogotá):

<http://www.lablaa.org/blaavirtual/geografia/viage5/viageqi0a.htm>

163 CALDAS, Francisco José de, *Cartas de Caldas*, Bogotá, Academia Colombiana de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, 1978, p. 38.

embocadura do rio San Juan «subir até Calima, atravessar o arrastadeiro de San Pablo, embarcar-me no Atrato, e descê-lo até sua embocadura no golfo Darién», no mar do Caribe. Acrescenta, mais adiante:

«O Arrastadeiro de San Pablo, que tem dado tanto que pensar aos políticos, [...] merece uma atenção distinguida; por ele podem-se unir os dois mares, e causar uma daquelas revoluções que fazem época. Até hoje, mal se conhece o terreno que divide as aguas do Atrato e o San Juan, não se tem feito boas nivelações, nem medidas exatas para poder decidir sobre este grande problema político. Se verificam-se estas, se delas resulta a possibilidade, se a nação as adota, e realiza-se este canal, quanta seria a glória, quanto o reconhecimento da Monarquia e em especial da América, para com Mutis, autor e promotor desta viagem?»¹⁶⁴

Resulta interessante a expressão «em especial da América» usada aqui por Caldas, que testemunha já para esse ano em uma atitude aberta a possibilidade de colocar a Monarquia em um segundo plano com respeito a América, representativa talvez da rapidez e a facilidade com que ele adotou –ardorosamente– a causa Republicana, podemos dizer, de um dia para o outro.

Mas, voltando ao inventário dos mapas do capítulo Panamá da *Nova Geografia Universal*, o cartógrafo mais citado por Reclus é o comandante da marinha dos Estados Unidos, Oliver Selfridge, autor em 1874 de uma notícia e de um mapa sobre as possíveis rotas do canal, mapa que Reclus reproduz, assim como os do Golfo de San Blas e a baía de Caledônia. Dos mapas publicados por seu irmão Armand junto com Bonaparte Wyse, Reclus reproduz o do Golfo de San Miguel e outro de um projeto de canal desde este golfo até o de Urabá. Usa também dois mapas do capitão inglês Henry Kellet, que entre 1847 e 1849 levantou a costa pacífica do Equador e da Colômbia numa viagem de circunavegação que terminou no Ártico à procura do navegante e cartógrafo perdido Sir John Franklin. Os mapas de Kellet usados por Reclus são o golfo de Panamá e a baía de Cupica. Reclus cópia também dois mapas da Companhia francesa do canal

¹⁶⁴ *Ibid.*, p. 217-218.

publicados num plano geral da obra de 1890, um sobre o sistema de eclusas e outro sobre os lagos artificiais projetados. Completam os mapas do capítulo Panamá um plano de Colón, feito pela marinha americana, e duas cartas antigas: um mapa espanhol do século XVI que marca o curso do rio Chagres, antigo caminho que levava da cidade com esse nome no Caribe até o porto fluvial de Cruces e daí a pé até Panamá no Mar do Sul, e que seria posteriormente a base do canal; e, segundo, «um facsimile de um globo de 1520» sem dúvida do astrônomo e cartógrafo alemão Johannes Schöner, discípulo de Waldseemüller, que apresenta a chamada «teoria dos estreitos»,¹⁶⁵ presente em vários mapas e globos renascentistas: um passo ao sul entre uma grande ilha chamada «América» –então boa candidata a nova parte do mundo, hoje «América do Sul»– e um continente austral espiralado; e outro na altura da atual Panamá, separando esta América de umas terras boreais chamadas Párias, do lado das quais, para o oeste, encontra-se logo a famosa ilha de Cipango, o Japão. Uma caravela acaba de franquear este segundo estreito, de ocidente a oriente, através de umas águas sem nome.

Tematicamente, nove dos dezesseis mapas do capítulo Panamá tratam o assunto da comunicação interoceânica: as duas cartas antigas, o mapa do istmo de Chiriquí, o mapa do traçado do canal, o mapa do sistema de eclusas, o mapa dos lagos artificiais projetados, os dois mapas que resumem os diferentes projetos de escavação (por Panamá, o Darién e ou golfo de Urabá) e o mapa do passo de Raspadura.

Cinco mapas representam golfos ou baías (as de Cupica e Panamá e o golfo de San Miguel no Pacífico, e a baía de Caledônia e o golfo de San Blás, no Caribe), segundo Reclus destinadas a servir como portos de futuras metrópoles universais, «Alexandrias» e «Constantinoplas»,¹⁶⁶ que depois da abertura do canal iriam se assentar no istmo animadas pelo comércio mundial, que em seu conceito foi sempre um elemento positivo, dinamizador e civilizador.

165 Cf. LOIS, Carla, *Plus Ultra Equinoctialem: El descubrimiento del hemisferio sur en los mapas y libros de ciencia en el Renacimiento*. Tesis de doctorado, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2008, p. 171 et seq. A viagem de Magalhaes e os avistamentos espanhóis do Mar do Sul em Panamá contribuíram a dotar de identidade o oceano Pacífico e o continente americano como uma parte nova do mundo. *Ibid.* p. 224 et seq.

166 Já dizia nosso autor sobre o Panamá no relato juvenil de sua passagem pela Nova Granada: «Um dia os povos da terra encontrarão-se nesse ponto; Constantinoplas e Alexandrias levantarão-se nas embocaduras dos seus rios; seus pântanos transformarão-se em campos férteis, e o vulcão pagão de Momotombo –que, segundo a tradição, fazia questão de engolir os missionários cristãos– admitirá sem duvida em seus extensos flancos os pacíficos lenhadores e agricultores.» RECLUS, (1861), p. 15.

No padrão do conjunto da obra, tanto os mapas relativos ao canal quanto estes de golfos e baías esmeram-se por salientar a tridimensionalidade topográfica, sendo a expressão cartográfica desta sua principal preocupação e a do seu cartógrafo, assim como sua característica visual mais imediata e marcante.

Finalmente, em dois casos trata-se de mapas urbanos, Panamá e Colón, mais vilarejos que cidades então –principalmente esta última, incendiada um lustro antes, durante a rebelião liberal que provocou a citada «reação política» chamada Regeneração– mas que testemunham o interesse do autor pela cartografia do desenvolvimento urbano, nada comum na geografia da época nem na imediatamente subsequente.

O capítulo Colômbia conta com trinta e dois mapas e quinze gravados (treze paisagens, um indígena e um «ídolo muisca»).

Seis destes carecem de toda atribuição autoral a terceiros ou indicação alguma dos mapas de referência utilizados: «Viagens principais de exploração na Venezuela e na Colômbia», que registra as vias de reconhecimento do país desde a conquista –com a ausência notória de Humboldt e Codazzi–, que provavelmente teve por base o mapa das rotas dos conquistadores que abre a segunda edição do citado *Atlas* de Manuel Maria Paz.¹⁶⁷ Outro dos mapas sem créditos do capítulo, «Principais nações e tribos indígenas da Colômbia» –que registra uma centena de grupos ramificados em torno dos rios principais–, foi provavelmente também feito a partir deste, complementado seguramente por Reclus com as múltiplas informações etnográficas novas que decerto possuía.

Ainda dentro deste conjunto de mapas sem referências externas de autoria, e segundo o padrão da obra para a maioria das cidades capitais do mundo, encontra-se o mapa «Bogotá e suas rotas de acesso», em escala de 1'200.000, que mostra os diferentes caminhos que partiam de Bogotá –principalmente em direção oeste à procura do rio

167 “Carta de Colombia que representa la ruta de los conquistadores y exploradores en el territorio que forma la República, la posición de las Tribus y las primeras fundaciones y divisiones políticas”, em: CODAZZI, Agustín, PAZ, Manuel María, PEREZ, Felipe, *Atlas Geográfico e Histórico de la República de Colombia (Antigua Nueva Granada), el cual comprende las Repúblicas de Venezuela y Ecuador; con arreglo á los trabajos geográficos del general de ingenieros Agustín Codazzi ejecutados en Venezuela y Nueva Granada*, París, 1890, mapa I. No Wikimedia Commons, na categoria "Maps by Agustin Codazzi", encontram-se boas imagens do *Atlas da Venezuela* (1840) e dos *Atlas* da Colômbia de 1865 e este de 1890. O mapa citado ainda não foi colocado.

http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Maps_by_Agustin_Codazzi

Magdalena–, as duas ferrovias então já construídas nesse sentido e a projetada para o norte em direção às ricas minas de sal de Zipaquirá.

«Vias de comunicação da Colômbia», também sem referência de autor, mostra os principais rios navegáveis do país (e de parte da Venezuela e do Equador), os escassos quilômetros então construídos de ferrovias (que em geral procuravam, com enormes dificuldades, conduzir os produtos agrícolas das montanhas colombianas ao rio Magdalena e daí ao Caribe para ser exportados), e as rotas marítimas a vapor de serviço regular nos mares Pacífico e Caribe, estas últimas representadas com linhas de fluxos concentradas no Panamá e projetadas principalmente em direção do Atlântico Norte.

Aparece também sem indicação de autoria «Divisões administrativas da Colômbia», que mostra os nove departamentos do ordenamento territorial vigente desde 1886 (Magdalena, Bolívar, Panamá, Santander, Boyacá, Cundinamarca, Tolima, Antioquia e Cauca) e os literalmente imensos «Territórios» Oriental e do Caquetá – paradoxal nomenclatura oficialmente aplicada à «Terra incógnita», ao não-conquistado, ao não-território–, que constituem a metade sudeste do país. Este mapa deve ter seguramente por base o mapa correspondente a este delicado e até dramático tema no citado *Atlas*.¹⁶⁸

Para fechar a resenha dos mapas sem fonte indicada, está a carta das «Principais produções vegetais da Colômbia», que, de forma até curiosa, apresenta o território colombiano inteiro, com exceção dos desertos da Goajira e das grandes alturas das cordilheiras, coberto de um extenso, contínuo e homogêneo «*forêt*».

Trata-se nos seis casos de mapas temáticos traçados acima de simples croquis sem informação topográfica –com exceção do mapa das rotas de acesso a Bogotá–, o que talvez possa explicar a razão pela qual o autor sentiu-se eximido nestes casos de indicar suas referências cartográficas.

Três mapas do capítulo Colômbia são atribuídos a «diversos documentos», o que pode ler-se logicamente como mais um indicio da participação bastante ativa de Reclus

168 “Carta de la República de Colombia (Antigua Nueva Granada) Dividida en Departamentos [segundo o ordenamento territorial de] 1886”, *Ibid.*, mapa XIII.

http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mapa_Colombia_1890.jpg

Lembre-se que Codazzi viu perdida boa parte de seu trabalho em 1857 pelas mudanças na configuração territorial administrativa do Estado colombiano, *exemplar* que não influenciou pouco o gosto de Vergara pela categoria de região.

na preparação das cartas que acompanham sua obra. Estes são: um mapa da Serra Nevada de Santa Marta em escala de 2'000.000, feito seguramente a partir do mapa de Sievers de 1888,¹⁶⁹ por sua vez baseado no mapa de Simons de 1881,¹⁷⁰ que Reclus decerto também conhecia; um mapa de Buenaventura –o único e precário porto colombiano no Pacífico– desenhado provavelmente com base nos já citados mapas da marinha americana e do inglês Kellet; e o mapa de «Bogotá e seus arredores», carta colorida, em dupla página, em escala de 115.000, seguramente a partir de mapas inéditos de Vergara.

O cartógrafo mais citado do capítulo é Agostinho Codazzi, que figura em doze mapas, quatro deles, segundo os créditos, corrigidos a partir dos trabalhos de Sievers, André e Vergara.

Os mapas do capítulo Colômbia elaborados «segundo Codazzi» são: «Maciço da Colômbia», ponto em que a cordilheira dos Andes, entrando no país pelo sul, divide-se em três ramos paralelos dando nascimento aos rios Cauca e Magdalena, que percorrem os dois vales inter-cordilheiranos antes de juntar-se e desembocar no Caribe, destinados em consequência a comunicar o interior populoso com a civilização exterior e a ser a coluna vertebral da nacionalidade colombiana, segundo reza o *leit-motiv* geográfico mais tradicional do país.

Seguindo com os mapas atribuídos por Reclus a Codazzi, «Mesa de Herveo e vulcão do Ruíz» tem relação com uma disputa limítrofe acontecida em 1857 entre os novos Estados de Antioquia (norte) e Cauca (sul) pela jurisdição da vila de Maria, que contou com a intervenção direta do cartógrafo italiano em qualidade de árbitro. Citando o relato do professor Efraín Sánchez:

169 “Karte der Sierra Nevada de Santa Marta, Staat Magdalena, Colombia. Auf Grund der Karte von Simons und nach eigenen Aufnahmen”, Berlin, Dietrich Reimer, 1888. Veja-se o mapa em alta resolução na Digital Map Collection da American Geographical Society:

http://collections.lib.uwm.edu/cdm4/item_viewer.php?CISOROOT=/agdm&CISOPTR=337&CISOBX=1&REC=7

Segundo consta na ficha, este mapa foi usado na construção do “Hispanic American Map” de 1'000.000 feito por esta sociedade no período entre guerras.

170 “Map of Sierra Nevada de Santa Marta. State of Magdalena”, SIMONS, F. A. A., “On the Sierra Nevada of Santa Marta and Its watershed (State of Magdalena, U. S. of Colombia)”, *Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography*, v. 3, n° 12, Dec., 1881. Também disponível na Digital Map Collection da American Geographical Society:

http://collections.lib.uwm.edu/cdm4/item_viewer.php?CISOROOT=/agdm&CISOPTR=339&CISOBX=1&REC=4

«Segundo os termos da lei 11 de maio de 1855 dito limite estava definido por um rio que, descendo do páramo do Ruíz, corria ao norte da aldeia de Maria, perto de Manizales. Os antioquenhos afirmavam que a lei era inexata, e que o rio que nasce no páramo do Ruíz, conhecido hoje como Molinos, não corre pelo norte de Maria, mas pelo sul, depois de ter vertido suas águas no rio Claro. Como consequência da inexatidão da lei, Maria permaneceu durante algum tempo em uma zona interestadual em disputa. Codazzi foi chamado pelo governo para servir de árbitro e viu seus conceitos geográficos postos em causa pelo líder do partido anti-antioquenho de Maria, o regente Ramon María Arana. De aceitar-se a letra da lei, incluindo a estipulação referente ao páramo de Ruíz, Maria ficaria baixa a jurisdição do Cauca. Isto satisfazia é claro a Arana, para quem, refutando o geógrafo, dito páramo não era outra coisa do que a grande mole que nos mapas antigos e no do próprio Codazzi [e no de Reclus] conhecia-se como Mesa de Herveo. A batalha geográfica por Maria não teve então conclusão satisfatória para nenhuma das partes devido principalmente a interesses políticos e às confusões geográficas que ainda prevaleciam. Porém, [...] a investigação geográfica posterior deu a razão à população de Maria em seu argumento de que a Mesa de Herveo não se achava mas do que nos mapas dos sábios.»¹⁷¹

(Talvez, neste caso, em algum ponto da cadeia de referências, houve um explorador ou um copista bêbado, que enxergou duas montanhas onde havia uma só...)

Um outro mapa do capítulo Colômbia que indica a Codazzi como referência é o de «Popayán e passagem de Guanacas», a primeira uma das cidades mais importantes do sul do país, importante centro escravista colonial e capital dos vastos territórios do Cauca, e o segundo um dos «*pasos*» mais importante da cordilheira central, entre o rio Cauca e o Magdalena.

No mapa titulado «Mesa Túquerres e vale do Guaitara», aparece também Codazzi indicado como fonte. Trata-se de um conjunto de férteis altiplanos de clima

171 SÁNCHEZ, (1998), p. 423-424. O lugar conserva os dois nomes.

temperado no sul do país, próximos de Quito e do oceano Pacífico, interessantes para Reclus como lugar de colonização européia.

Finalizam os mapas que indicam a Codazzi como única referência quatro cartas de rios: «Desfiladeiro de Nare», estreito do Magdalena e aldeia homônima localizada no extremo de um antigo caminho indígena entre o rio e o interior da Antioquia e que constituiu durante muito tempo o único porto desta província no grande rio; «Bacia do Suma-Paz», que nasce nos páramos do sudoeste de Bogotá e vai cair no Magdalena, perto do porto fluvial de Girardot; «Cotovelo de Girardot», mapa da pronunciada curva ali efetuada pelo Magdalena, que mostra a ponte construída sobre o mesmo nesse ponto e o caminho que sobe a Bogotá; e, finalmente, «Vale superior do Cauca», que mostra o curso deste rio entre Popayán a Cartago, as cordilheiras adjacentes o porto de Buenaventura e o rio San Juan.

Já o mapa do «Distrito de Cúcuta», na fronteira com a Venezuela, sobre o ramo da cordilheira oriental que vira em direção desse país, foi preparado por Reclus corrigindo Codazzi a partir dos mapas do já citado naturalista e geógrafo alemão Wilhelm Sievers, que enviado pela Academia das Ciências de Berlim percorreu entre 1888 e 1889 Valledupar, Santander e a Serra Nevada, completando o trabalho de Simons. Para «Mesa de Pasto e bacia da Cocha», além do Codazzi, Reclus cita Edouard André, provavelmente a oitava carta de seu itinerário por Colômbia e Ecuador «De Popayán à Pasto».¹⁷² E, finalmente, atribui dois mapas a Codazzi e Vergara: «Passagem do Quindío», o passo mais importante da cordilheira central, entre os vales dos rios Cauca e Magdalena; e «Chiquinquirá e lagoa de Fúquene», a primeira uma vila dos altiplanos da cordilheira oriental, ao norte de Bogotá, próxima da segunda, já em tempos de Reclus dissecada aos poucos com o fim de ganhar-lhe terras de cultivo e pastoreio.

Só em um dos mapas do capítulo aparece Vergara citado como único autor: «Honda e a ferrovia de La Dorada», sendo a primeira o principal porto do Magdalena no interior do país –dado que neste ponto a navegação fica interrompida por uma série de rápidos infranqueáveis, dividindo o rio em «Alto Magdalena» e «Magdalena meio»– e a segunda referindo-se aos escassos dez quilômetros construídos da via de ferro que

172 “Itinéraire du voyage de M. Ed. André dans l’Amérique équinoxiale 1875-1876. 8° Carte. Colombie. De Popayán à Pasto”, ANDRÉ, Édouard, “L’Amérique Équinoxiale (Colombie – Équateur – Pérou)”, *Le Tour du Monde*, v. 38, 2e semestre, 1879, p. 301.

seguindo o rio em direção norte pretendia chegar até La Dorada, que fica a pouco mais de trinta.

Foi, sem embargo, a contribuição de Vergara à cartografia do capítulo Colômbia da *Nova Geografia Universal* de Reclus, bastante maior do que as legendas dos mapas de Reclus testemunham. Na época, apesar não ter conseguido ainda a publicação de nenhum mapa –o primeiro mapa impresso conhecido de sua autoria é a divisão regional do país incluída no apêndice por ele acrescentado à sua tradução dos capítulos Colômbia e Panamá de Reclus–, o colombiano decerto já se ocupava seriamente de estudá-los e de fazê-los.

Reclus reporta a este último na correspondência a recepção de uma quantidade considerável de mapas da Colômbia –sem contar o envio extraviado pelo sistema de correios–, alguns deles registrados pelo francês em suas missivas apenas como «planos diversos de cidades», «cartas diversas manuscritas», «croquis diversos do rio Magdalena» ou até como «vossa carta genial a 1'350.000». Ao longo da correspondência, no entanto, Reclus chega a registrar um total de vinte um mapas por seu título, cuja relação comparada com os títulos dos mapas efetivamente publicados no capítulo Colômbia retorna oito coincidências diretas, sendo fácil imaginar, sem embargo, um uso ainda mais amplo por parte do francês do conjunto do material facilitado por seu colaborador de ultramar.

Por exemplo, as escalas dos mapas atribuídos por Reclus a Codazzi (o maciço da Colômbia, duas Mesas, Popayán e seus arredores, dois detalhes do Magdalena, a bacia de um rio menor e o vale superior do Cauca), não coincidem com as dos mapas conhecidos deste último, terminados e publicados, como já foi dito, pelos senhores Paz y Ponce de León, e arranjados para representar um Estado Soberano por folha. Sabe-se que Vergara tinha acesso à documentação original da Comissão Corográfica, inclusive ao material preparatório dos mapas de Codazzi, a cujo exame entregava-se com afinco. Infere-se a partir das cartas de Reclus que Vergara teve a bem proporcionar-lhe cópias de estes materiais inéditos –aliás, sem dúvida, já submetidos por este a algum tipo de processamento.

Coincidências diretas entre mapas fornecidos a Reclus por Vergara e mapas publicados no capítulo «Colômbia» da <i>Nova Geografia Universal</i>	
<i>Nova Geografia Universal</i>	Reportados na correspondência
Mesa de Herveo e vulcão do Ruíz	Mesa de Herveo
Maciço da Colômbia	Maciço colombiano
Delta interior do Magdalena	Anastomose do Magdalena
Mesa de Túquerres e vale do Guaitara	Maciço de Túquerres
Península Goajira	Carta da Goajira
Bogotá e suas rotas de acesso	Bogotá e as rotas do Magdalena
Bacia do Sumapaz	Plano da bacia do Sumapaz
Honda e ferrovia de La Dorada	Ferrovia de La Dorada

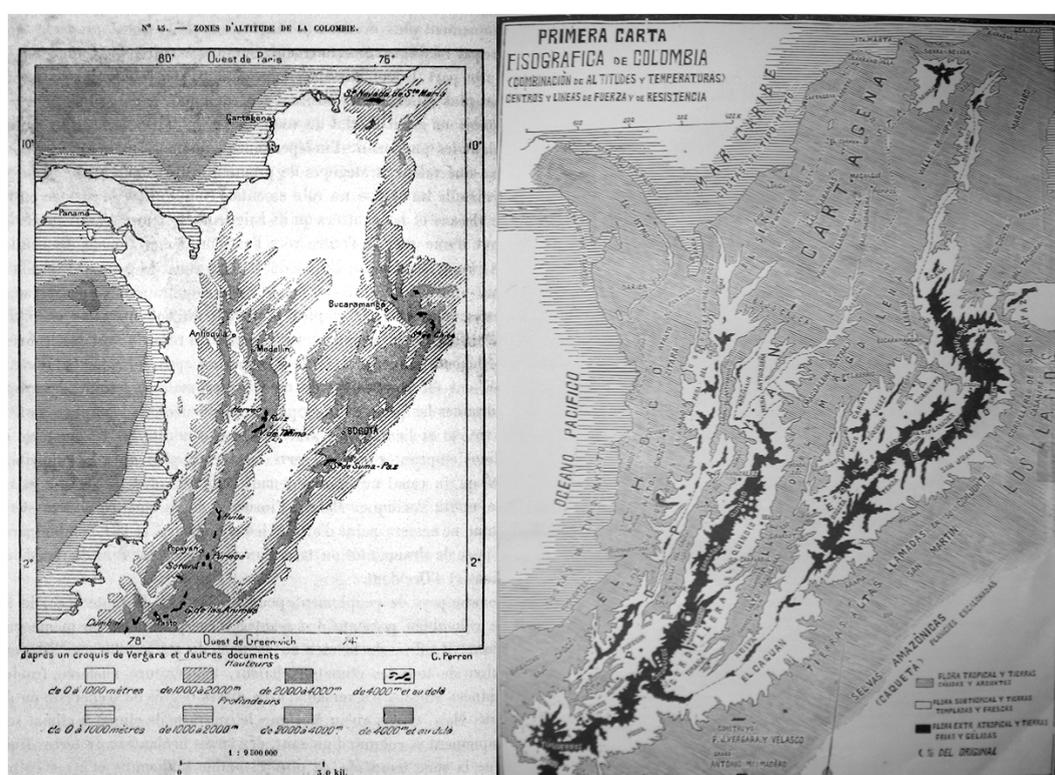
O único mapa atribuído explicitamente a Codazzi na correspondência de Reclus a Vergara, «Rota entre Facatativá e Ambalema» –neste caso um impresso–, refere-se ao caminho traçado e desmatado por Codazzi em 1857 por encargo do governo entre aquela cidade, localizada 30 quilômetros ao noroeste de Bogotá e conectada com esta por trem. Esta cidade, que era o ponto de partida do tradicional e difícil «caminho de Cambao», que conduzia descendo a montanha ao porto desse nome no rio Magdalena, foi também escolhida por Codazzi como começo de sua rota, que ia dar por via rodoviária e mais curta ao porto de Ambalema, um pouco mais ao sul. Devido principalmente a pressão dos proprietários das terras adjacentes à antiga rota, o caminho de Ambalema acabou rapidamente sendo abandonado.¹⁷³ No mapa de Reclus sobre Bogotá e as suas rotas de acesso –feito aliás seguramente com base no mapa enviado por Vergara titulado «Bogotá e as rotas do Magdalena»–, este caminho não aparece nem sequer entre os «projetados», embora registre a localização do porto de Ambalema.

Pode mencionar-se também nesse sentido a vista do cenário da célebre Batalha de Boyacá (que definiu a sorte das Guerras de Independência nesta seção do Império Espanhol), reproduzida por Reclus no capítulo Colômbia «segundo desenho inédito de Codazzi, comunicado por M. Vergara». Privilégio de Reclus.

Menção especial deve ser feita de um mapa do capítulo Colômbia em que

173 Cf. SÁNCHEZ, (1998), p. 419 et seq. Tal vez seja este um exemplo de contradição entre forças conservadoras e forças modernizadoras como os estudados em: NETO, Manoel Fernandes de Sousa, *Planos para o Império: os planos de viação do Segundo Reinado (1869-1889)*, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2004.

Vergara desempenhou uma intervenção especial. Já tínhamos visto que o jovem geógrafo colombiano tinha chegado a fazer correções nos mapas de Reclus, registradas e agradecidas por este último na correspondência. Em carta sem data –mas, pelo texto, ainda a tempo para que Reclus introduzisse modificações–, dizia o francês a seu entusiasta colaborador: «Não preciso dizer-vos que levarei em conta vossas correções do relevo para minha carta do volume XVII e que farei segundo vosso modelo uma carta especial no volume XVIII»,¹⁷⁴ que, não deve ser outra que a intitulada «Zonas de altitude da Colômbia».



«Zonas de altitude da Colômbia» de Reclus (*NGU*, v. XVIII, 1893, p. 224), «segundo um croquis de Vergara e outros documentos» (esquerda); e «Primeira carta fisiográfica da Colômbia» de Vergara y Velasco, publicada no *Atlas completo de geografia colombiana*, (1906-19010, f. 6).

Esta carta, que trata um tema, como já foi dito, transcendentemente vinculado a questão da ordem social e das possibilidades (e impossibilidades) de civilização do país,

174 Carta de Reclus a Vergara, s. d., *AGN-FJVV*, t. I, f. 26-27.

foi aludida por Vergara em um de seus muitos escritos de jornal dedicados às inumeráveis polêmicas geográficas da época –que dito seja de passagem produziam no país um grande entusiasmo e eram amplamente ventiladas em letra impressa–, no caso, sobre a questão –ainda viva hoje– da delimitação fronteira com a Venezuela. Comentando a passagem –estimulada segundo ele por necessidades militares– que vinha-se desenvolvendo durante décadas do paradigma hidrográfico na cartografia para o paradigma orográfico, Vergara coloca em nota de rodapé:

«Nos mapas modernos não mais se pintam montanhas, marcam-se zonas de altitude e nada mais, como pode ver-se em Reclus: com este sistema está feito e foi retificado aqui o da Colômbia que acompanhará o tomo XVIII da monumental geografia daquele autor».¹⁷⁵

Não deixa de soar um pouco ingênua a advertência de Vergara, pois as zonas de altitude, que não são outras que as «curvas de nível», encontravam-se já então bem inventadas –são usadas, de fato, em boa parte da cartografia usada por Reclus como referência–, e não se pintavam mais montanhas nos mapas desde tempos de Humboldt. Mais ainda tratando-se de Reclus, cujo objetivo cartográfico principal, como vimos, era dar uma resposta alternativa ao problema da representação do relevo. É interessante que Vergara indique como modelo e autoridade um mapa verdadeiramente singular na coleção da *Nova Geografia Universal*, único que apresenta uma técnica de representação topográfica e uma estética em geral diferente. Provavelmente, conta aqui muito o crédito que Vergara podia obter –e do qual decerto estava precisando– ao aparecer publicamente como «retificador» do trabalho de um sábio europeu e seu igual em termos metodológicos.

Três longos lustros depois, em seu Atlas completo de geografia colombiana, Vergara publica uma carta intitulada «Primeira carta fisiográfica da Colômbia», «combinação de altitudes e temperaturas», que acreditamos seja muito parecida aquela oferecida a Reclus nos tempos da *Nova Geografia Universal*.

Além do dito mapa da Serra Nevada de Santa Marta, continuando com o

175 VERGARA Y VELASCO, Francisco Javier, "Límites con Venezuela", s. d. [1892], *AGN-FJVV*, t. II, f. 19.

inventário dos responsáveis pelos mapas de referência do capítulo Colômbia, Reclus atribui ao citado explorador inglês Simons mais três mapas: o titulado «Península Goajira»¹⁷⁶ –zona aliás que o autor percorreu de jovem, chegando até a morar um tempo com os indígenas wayú, segundo o relatado em seu romance geográfico *Viagem à Serra Nevada de Santa Marta*; e os titulados «Delta interior do Magdalena» e «Bifurcações de Mompós», ambos sobre o problema da navegação entre a parte final do rio e os portos do Caribe pelas zonas pantanosas depois desta vila, que separa o «Magdalena meio» do «Baixo Magdalena». A base destes dois últimos mapas foi também provavelmente parte do material inédito facilitado a Reclus por Vergara, como é possível inferir a partir de uma declaração deste último no recém citado artigo de jornal:

«No ano de 1881 publicou o senhor J. A. A. Simons, da real Sociedade geográfica de Londres, um notável plano da Serra Nevada de Santa Marta e sua vizinha La Pintada, trabalho justamente elogiado pelos inteligentes. Com este motivo celebrou o Governo nacional contrato, com o senhor Simons, com o fim que este engenheiro levantasse os mapas de Bolívar e Magdalena que a morte impediu de fazer ao eminentíssimo geógrafo Codazzi. Estes mapas foram concluídos em 1887 e recebidos e bem achados pelo Governo nacional em 1888: deles tomei copia com permissão do Governo para enviar a Reclus, Vivien Saint Martin e outros geógrafos estrangeiros.»¹⁷⁷

Continuando com a relação dos mapas do capítulo: uma carta das «Bocas do rio Atrato» – que termina no Caribe e que atravessa a zona ístmica, sendo portanto candidato a canal interoceânico–, foi feita, segundo sua legenda, com base nos citados mapas da dupla Armand Reclus/Bonaparte Wyse e nas cartas marinhas americanas de 1889. A estas últimas Reclus outorga também o crédito em mais duas cartas de portos caribenhos: «Rada e portos de Sabanilla», que compreende a extensão litorânea do delta

176 “Goajira Peninsula”, em: SIMONS, F. A. A., “An Exploration of the Goajira Peninsula, U. S. of Colombia”, *Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography*, v. 7, n° 12, 1885, p. 781-796.

177 VERGARA Y VELASCO, Francisco Javier, "Límites con Venezuela", s. d. [1892], *AGN-FJVV*, t. II, f. 19.

do Magdalena, e «Cartagena seus portos», um pouco mais ao sul.

E, para fechar, dois exploradores alemães além do citado Sievers: Alfred Hettner, citado no mapa «Socorro, Bucaramanga e gargantas do Sogamoso» –prósperas cidades andinas do nordeste do país, bastante «pré-industrializadas» então, e o rio que as comunica com o Magdalena; e, finalmente, o explorador Friedrich Von Schenck, indicado por Reclus como fonte do mapa «Regiões auríferas do Departamento de Antioquia», aludindo seguramente aos mapas que acompanham o relato de suas explorações pela região –citado na bibliografia do capítulo–, ocorridas entre 1880 e 1881.

Cabe ressaltar o nome de Hettner (1859-1941), «precursor da geografia alemã nos países Andinos»¹⁷⁸ e outro dos grandes modernizadores da disciplina. Chegou em Bogotá na segunda metade de 1882, depois de concluir a faculdade, atendendo a oferta de instalar-se ali por um par de anos como preceptor do filho do embaixador inglês no país. Este último, inconformado com a cidade, decidiu adiantar seu retorno, não sem antes reconhecer a seu empregado os honorários que correspondiam-lhe por contrato. Hettner, em consequência, ficou livre para explorar a vontade durante 1883 e 1884 a cordilheira de Bogotá, depois do qual retornaria à Alemanha onde começaria a publicar os resultados de suas observações.¹⁷⁹ Com o tempo, Hettner iria ser um dos «pensadores

178 Segundo as palavras de Ernesto Guhl, geógrafo colombiano de origem alemão, tradutor de Hettner, no prologo de: HETTNER, Alfred, *La Cordillera de Bogotá. Resultados de viajes y estudios*, Bogotá, Banco de la República, 1959 [1892], p. 7.

179 Diz o professor Efraín Sánchez, sublinhando o fato de dois importantes geógrafos haverem começado suas carreiras escrevendo sobre a Colômbia: «Hettner, nascido em Dresden o mesmo ano da morte de Agostinho Codazzi, culminou seu doutorado em Estrasburgo e, depois de viajar pelo Chile e a Patagônia chegou na Colômbia em 1882 por convite do embaixador britânico em Bogotá, J. P. Harries-Gastrell. Permaneceu ali até 1884. Ao seu retorno à Alemanha começou a publicar seus primeiros artigos, a saber: “Die Sierra Nevada Von Santa Marta”, aparecido em *Petermanns Mitteilungen* em 1885, “Reisen in Columbien”, publicado em Berlim nesse mesmo ano, e finalmente “Die Bogotaner”, do ano seguinte. Seu primeiro livro foi *Reisen in den Conlumbianischen Anden* (“Viagens pelos Andes Colombianos”) [citado por Reclus no capítulo Colômbia]. Impresso em Leipzig em 1888 e ilustrado com um mapa baseado na carta geral de Codazzi elaborada por Ponce de León e Paz, está escrito em um estilo que lembra de perto ao de Peregrinación de Alpha de Manuel Ancizar. É um animado relato de seus percursos pela Colômbia desde sua chegada no Panamá e sua navegação pelo Magdalena até Bogotá, e de suas excursões às antigas províncias de Antioquia e Mariquita e aos estados de Boyacá e Santander. O próprio Hettner, aludindo a ela como obra de juventude, confessou que à sua chegada na Colômbia tinha pouca experiência de trabalho de campo geográfico. Porem, as faltas científicas que Hettner viu em *Viagens pelos andes colombianos* ficaram compensadas com o seu segundo livro, *Die Kordillera von Bogota. Ergebnisse von Reisen und Studien* (“A cordilheira de Bogotá. Resultados de viagens e estudos”), publicado como suplemento a *Petermanns Mitteilungen* em

geográficos» mais influentes da história da disciplina. Sua proposta geográfica, em concordância com o tipo de trabalho que realizou na Colômbia, consagra a região como unidade espacial de pesquisa por excelência do geógrafo, que segundo ele deve ser capaz de identificá-las, defini-las e compará-las. Foi professor na Universidade de Heidelberg de 1899 a 1928. Sua obra cume, publicada em 1927, intitula-se *Die Geographie: Ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden*. Reclus cita no capítulo Colômbia seu texto de 1888, *Viagem nos Andes Colombianos*. Na época das explorações de Hettner na cordilheira de Bogotá, Vergara, apenas um ano mais novo, já tinha iniciado suas atividades geográficas. Apesar de ser citado por este último em todos seus balanços bibliográficos –elogiosamente, o que com ele não era fácil–, não há registro de haver existido entre eles contato pessoal.

Enfim, todo um elenco de exploradores –de bons exploradores, na maioria do casos–, que foram os olhos de Reclus nesta parte do mundo e não teria conseguido ver nem saber nada. Reclus foi desconfiado e exigente com todos, escreveu bastante a lápis antes de cobrir em tinta, em todas as ocasiões demandou as provas do caso, não grandes pedras –por fortuna–, mas sim textos fortes e bons mapas.

Dos trinta e dois mapas do capítulo Colômbia da *Geografia Universal de Reclus* cinco poderiam ser classificados como «mapas temáticos», isto é, no caso, que abrem mão da representação topográfica para apresentar algum outro tipo de distribuição ou fluxo em escala nacional. São estes os mapas das viagens de exploração do país, das produções vegetais, das tribos indígenas, das vias de comunicação e das divisões administrativas, e suas escalas vão desde os 15 até os 20'000.000. Os mapas temáticos do capítulo somariam seis, se considerássemos no conjunto o citado mapa das zonas de altitude da Colômbia feito «segundo modelo» de Vergara, cujo tema é decerto a topografia –que é o tema predominante dos mapas do capítulo, como já será possível ver– mas que no caso encontra-se tratada, como vimos, de maneira especial. A escala deste é de 1 para 9'500.000.

Três dos mapas do capítulo representam portos marítimos: Cartagena e Sabanilla no Caribe, e Buenaventura no Pacífico. Quatro, na realidade, incluindo o mapa das

1892. Tanto Reclus quanto Hettner reconheceram sua dívida com Codazzi.» SÁNCHEZ, (1998), p. 598 e 599.

bocas do rio Atrato, que, mais do que o rio –via potencial de um canal interoceânico–, representa o golfo de Urabá, lugar estratégico na leitura de Reclus para construção de futuros portos cosmopolitas, ficando este mapa mais próximo nesse sentido da lógica daqueles do capítulo sobre Panamá. As escalas deste grupo oscilam entre os 110.000 e os 825.000.

Oito cartas correspondem especificamente a rios, seis das quais ao Magdalena: três acidentes do Alto e do Meio rio e três detalhes de sua parte baixa, duas de suas ramificações (ou «anamorfoses», para usar o termo de Vergara) e uma de sua foz. Os dois restantes são o Sumapaz, cuja bacia comunica a esquina sudoeste da mesa de Bogotá com o rio Magdalena, e o Cauca, em sua parte alta, de Popayán até Cartago. A parte do mapa da bacia do Sumapaz que mostra os páramos desse nome onde este rio nasce, foi construída talvez com base nos resultados cartográficos de uma expedição à sua cima efetuada por Vergara a finais de 1892 ou começos de 1893, registrada em carta de Reclus, quem o parabeniza pela mesma e lhe agradece os correspondentes indícios [*renseignements*] comunicados.¹⁸⁰

Estes dois últimos mapas bem podiam estar também classificados na categoria seguinte, a predominante do capítulo: a das cartas que apresentam a topografia de áreas mais ou menos reduzidas da zona andina do país, a localização dos principais centros de agrupamento humano nestas áreas, os caminhos de toda classe, «existentes e projetados», e, de maneira muito marcada, as vias de comunicação fluvial em direção dos grandes rios do país, muito especialmente do Magdalena. Reclus compreendia decerto o grande problema histórico/geográfico do país: a construção de uma ordem social dirigida desde a isolada Bogotá e a comunicação das mesas andinas férteis e povoadas com o mundo exterior, chamado por Reclus «civilização». Reclus mesmo, em Santa Marta, como já tínhamos dito, sofreu em carne própria os rigores desta configuração geográfica: procurava chegar até a capital, e, principalmente, até os vulcões nevados da cordilheira central, mas, financeiramente, considerando só a travessia, era mais fatível para ele retornar à França. Não era possível desta vez simplesmente ir «a pé».

Quinze dos trinta e dois mapas do capítulo, contando aqueles dois,

180 Carta de Reclus a Vergara, Ténès (Algérie), 20-02-1893, *AGN-FJVV*, t. I, f. 29.

correspondem a estas características. Podemos chamá-los de «Andinos». Tirando os mapas das regiões auríferas de Antioquia e da parte alta do rio Cauca, que consideram extensões superiores aos 60.000 quilômetros quadrados –mas que conservam, no entanto, a mesma lógica geral–, assim como o mapa da Serra Nevada, que cobre mais de 30.000 –e que tem capítulo aparte na vida do autor; e, tirando também o mapa de Bogotá e seus arredores em página dupla e o mapa de Chiquinquirá e a lagoa de Fúquene, que não chegam a cobrir os 1.000 quilômetros quadrados, os dez mapas restantes optam por um enquadramento de entre 2.000 e 10.000 quilômetros quadrados, efetivando o interesse declarado do autor de «dar relevo» a seu relato linear. As escalas deste conjunto vão desde os 5 até os 10 milhões.

Superfícies cobertas pelos mapas “Andinos” do capítulo «Colômbia» da Nova Geografia Universal de Reclus (km²)	
Bogotá et ses environs	630
Chiquinquirá et lac de Fúquene	728
Plateau de Túquerres et vallée du Guaitara	1960
Passage du Quindío	3200
Massif de Colombia	3234
Popayán et col de Guanacas	3710
Bassin du Suma-Paz	5200
District de Cúcuta	7104
Socorro, Bucaramanga et gorges du Sogamoso	8100
Plateau de Pasto et bassin du Cocha	8200
Mesa de Herveo et volcan de Ruíz	8246
Bogotá et ses routes d'accès	9792
Sierra Nevada de Santa Marta	30720
Vallée supérieure du Cauca	61516
Régions aurifères du Département d'Antioquia	64449

Aparte dos mapas «Passagem do Quindío», «Popayán e passagem de Guanacas» e «Maciço da Colômbia», que tem interesse pelo fato de serem acidentes geográficos particulares –sendo os dois primeiros os «passos» mais importantes da cordilheira central, entre a bacia do Cauca e do Magdalena, o primeiro deles bem no centro da região andina do país e o segundo mais ao sul, perto precisamente do Maciço colombiano, que não é outra coisa que o ponto de ruptura das cordilheiras colombianas

e do nascimento dos rios nacionais—, todos estes mapas «andinos» do capítulo Colômbia tem o intuito fundamental de apresentar zonas de colonização: montanhas semi-povoadas, de climas salubres e terras férteis, ricas em água, senão próximas do mar como no caso da Serra Nevada, vinculadas por vias fluviais ou mistas —existentes ou projetadas— com o rio Magdalena ou com o Cauca.

Sabe-se que Reclus era favorável as empresas de colonização, havendo sido ele mesmo, neste país, um colono mal sucedido. Embora condenasse, como observa Giblin,¹⁸¹ os métodos violentos por meio dos quais a civilização europeia havia-se expandido até então —e apesar de sua posição também favorável frente ao que hoje chamaríamos de «mistura genética e cultural»—, Reclus não albergava dúvida nenhuma acerca da «superioridade moral» do homem europeu, de sua ciência, e de sua posição à «vanguarda da humanidade», e via na Colômbia, muito especialmente nestes «plateaux», nestas «solidões», uma área privilegiada para a recepção das grandes ondas de europeus pobres que aventuravam-se então ao «sonho americano» na procura de um lugar no mundo.

Até podem lembrar-se suas palavras de juventude, em carta a sua mãe desde a Nova Granada:

«Ainda que estivesse tentado de jogar-me em alguma especulação de agricultura ou de comercio, acho que em parte nenhuma poderia eu melhor sucesso do que ali. Pode ser que tente me estabelecer definitivamente sobre algum dos afluentes granadinos ou peruanos, e terei tal vez a felicidade de atrair perto de mim alguns camponeses [*paysans*], «paisanos», *iguais*] do velho mundo que, lá, estão condenados a uma miséria de todo dia, em tanto que, na América do Sul, seria-lhes quase impossível não estar à vontade. Já a emigração parece desviar-se dos

181 Na sua análise da posição de Reclus no caso da Argélia, onde esta ambigüidade é mais patente. Nas suas palavras: «Reclus n'attaque pas directement le principe même de la colonisation de peuplement, il accepte la domination coloniale française sur l'Algérie comme un fait inéluctable et acquis. Parmi les hommes "de gauche", il ne fut pas le seul. Ce qu'il critique finalement, c'est plus certaines méthodes coloniales particulièrement choquantes que la colonisation de peuplement entant que telle, car elle représente pour lui une des modalités de la maîtrise de l'homme sur la terre.» GIBLIN, Béatrice, “Élisée Reclus et les colonisations”, *Hérodote*, n° 22, 1981b, p. 66.

Estados Unidos e começa a se voltar para a América do Sul e, sob a influência dessa onda de estrangeiros as republicas espanholas progressam a olhos vista em civilização, em comercio, em industria. [...] o vale do Amazonas é tão vasto como para fazer viver na abundância e o luxo os mil e duzentos homens que há sobre a terra.»¹⁸²

Fora desta classificação fica o mapa da península da Goajira, no extremo norte do país, que, devido principalmente à sua aridez, não constituía decerto para Reclus uma zona especialmente atraente de colonização ou de urbanização portuária. Seu interesse por cartografá-la seguramente está mais relacionado com sua experiência pessoal na península e com sua convivência com os índios goajiros, aos que dedica várias páginas do capítulo, ponderando sua independência histórica do Estado colombiano –até hoje relativamente mantida. Reclus dispunha aliás para o caso do citado mapa da península publicado por Simons em 1885 assim como de um outro fornecido por seu colaborador na Colômbia, que talvez seja uma versão daquele e forme parte dos citados mapas apresentados pelo explorador inglês ao governo colombiano, conhecidos por Vergara e copiados por ele para o francês.

O silêncio cartográfico mais notável deste capítulo corresponde às vastas planícies orientais do país –ou «região da Orinoquia» na divisão de Vergara, a maior parte dela marcada nos mapas da *Nova Geografia da Colômbia* como «*terra incognita*»– e ao não menos vasto sudeste amazônico, áreas que, somadas, e considerando a extensão que a Colômbia apresentava nos mapas de então –muito maior que a atual–, chegam a ser facilmente o 60% do território nacional. Nenhum mapa do capítulo corresponde a estas regiões, verdadeiramente pouco conhecidas e aliás, por outra parte, tratadas por Reclus nos capítulos Venezuela e Brasil, respetivamente. Cabe anotar que nesse mesmo ano Vergara y Velasco junto com Carlos Cuervo Márquez (1858- 1930) –geógrafo, cartógrafo, historiador, político e militar conservador, grande aliado de Vergara–, empreenderam uma viagem de exploração a esta «região oriental» ou «*Llanos orientales*», conseguindo fazer alguns levantamentos cartográficos, perceptíveis nos mapas do *Atlas completo* deste último.¹⁸³

182 Carta de Élisée Reclus à mãe, 13 de novembro de 1855, em: RECLUS, (1911), p. 110.

183 Em *El Correo Nacional* de Bogotá –mesmo jornal que fez a crítica do capítulo Colômbia de

Após um longo silêncio desde o tempo da publicação do capítulo Colômbia da *Nova Geografia Universal*, Reclus retoma o contato com seu colaborador andino, tentando juntar forças para seu projeto do Grande Globo. Duas cartas testemunham esta reaproximação. Na primeira, datada em Bruxelas o 6 de julho de 1897, Reclus diz:

«Há anos que o silêncio fez-se entre nós e vos sabeis no entanto que eu vos devo o reconhecimento pelos serviços que havei emprestado-me. Nenhum dos meus colaboradores foi mais expedito.

Sem embargo, depois de que a distância e a divergência de trabalhos tem deixado-me na ignorância de vossos atos, vós havei muito provavelmente acrescido o haver cartográfico da Colômbia e havei acrescentado preciosos documentos a vossas coleções.

Todos esses tesouros podem ser-me de uma utilidade capital, pois venho de ser encarregado da construção de um globo a 320.000 para a Exposição de Paris. Veis, pois, o lugar importante que a Colômbia teria sobre este esferoide e não depende mais do que de você que este lugar seja preenchido em forma original e verdadeira. Vos someterei todos meus desenhos mas com a rogativa de facilitá-los com envios preliminares de vossa parte.

Já havei contribuído em grande medida a desembrulhar um pouco o caos de linhas que costumava representar vosso país, e pela grande carta que nós trabalharemos juntos chegareis de uma forma definitiva a fixar em seus grandes traços a cartografia colombiana»¹⁸⁴

Reclus e da tradução de Vergara–, publica no começo de fevereiro de 1893 uma carta datada o 22 de janeiro em San Martín, na entrada da região, em que dão notícia de suas expedições e projetos. CUERVO Márquez, Carlos, “La Región Oriental”, em: *El Correo Nacional*, Bogotá, 11-02-1893. Três dias depois, no mesmo jornal, Cuervo Márquez reporta a elaboração de uma carta da região compreendida entre os rios Meta, Orinoco e Guaviare, dando destaque à colaboração do padre Fray José de C. Vela, catequizador da região e explorador dos rios Guaviare, Meta e Vichada. O mapa, segundo Cuervo, que reporta estar sendo enviado ao Museu Nacional para seu resguardo, registra a localização da até então desconhecida região denominada *La Serrania*, que divide as águas do Meta e do Guaviare. CUERVO Márquez, Carlos, “Donación al Museo”, em: *El Correo Nacional*, Bogotá, 14-02-1893.

184 Carta de Reclus a Vergara, Bruxelas, 06-07-1897, *AGN-FJVV*, t. I, f. 40-41. O projeto do globo, posteriormente, chegou a atingir a escala de 1 para 100.000.

A reação do colombiano deve ter correspondido com certeza ao nível do desafio, pois Reclus na réplica agradece sua «excelente» resposta e declara-se «confuso» pelo empenho colocado por ele em colaborar com a sua obra. Confessa a este que o projeto se encontra no mesmo ponto em que estava desde a carta anterior, exprime sua desconfiança com respeito às promessas de financiamento por parte dos «capitalistas» e mostra-se finalmente prudente com respeito a animar seus colaboradores ao trabalho sem as seguridades do caso. E acrescenta:

«Mas com vós é outra coisa, pois os vossos trabalhos são de uma importância capital, e mais cedo ou mais tarde nos permitiram desenhar uma carta a grande escala que substituirá as precedentes e será para nós todos um ponto de partida para pesquisas ulteriores mais completas. Nossa obra será duradoura e de entrada posso assegurar-vos meu concurso vivaz se fazeis gravar vossas cartas na Europa, da mesma forma em que eu conto com vós para meu Globo Terrestre. Eu disse “meu”, mas devo dizer “nosso”, pois será devidamente constatado para nosso Globo que a Colômbia tem por autor a M. F. J. Vergara y Velasco.

Um dos meus colaboradores vos enviará sem dilação uma notícia relativa a nossos procedimentos cartográficos e a nosso meridiano. Em outra, eu me encargarei de escrever-vos, desde que tenha completa certeza do respaldo do meu trabalho.»¹⁸⁵

Não há rastro no arquivo de Vergara do anunciado instrutivo cartográfico da equipe de Reclus –lamentavelmente– e esta é, de fato, a última carta da série.

Podemos, no entanto, ter uma idéia com base no resumo feito por Ferretti das regras e critérios com respeito à construção de mapas tridimensionais promovidas por Perron.¹⁸⁶ Em primeiro lugar, o objeto dos relevos deve ser o de «mostrar a configuração do solo tal como ele é»; segundo, devem carecer completamente das convenções próprias das cartas planas; terceiro, não deve estar representado nada que não esteja a escala; quarto, devem reproduzir exatamente a curvatura da terra; quinto,

185 Carta de Reclus a Vergara, Bruxelas, 24-09-1897, *AGN-FJVV*, t. I, f. 42-43.

186 FERRETI, (2007a), p. 111.

devem ser construídos utilizando procedimentos mecânicos suficientemente precisos; e, sexto, os relevos deviam ficar para Perron no domínio das ciências exatas, sendo objetos de arte só em um segundo plano.

O ponto relativo a utilização de procedimentos mecânicos não era exclusivo da construção de relevos tridimensionais mas, também, era um recurso e um requerimento da elaboração da topografia de cartas planas como as da *Nova Geografia Universal*, como pode deduzir-se da seguinte declaração de Perron:

«O instrumento então empregado para o traçado das linhas sobre pedra ou sobre metal não podia servir sobre o papel. Eu devia achar outra coisa. Fiz a ferramenta que encontra-se hoje nas mãos de todos os cartógrafos. Está composta de uma simples régua de aço marcada na borda como são os decímetros e contra a qual monta-se uma esquadra de ângulo modificável, munida de uma mola que, deslizando-se sobre a régua, clica ao passar por cada milímetro. O ângulo mais ou menos aberto da esquadra, junto com o número de milímetros percorridos entre cada parada da mesma permite aproximar ou afastar em qualquer medida os traços dos grisês.»¹⁸⁷

Destes últimos dependia, é claro, a qualidade do efeito visual da forma do relevo. No entanto, acrescenta Ferretti,

«As cartas de Charles Perron tem pouco a ver com a “geografia matemática”, isto é, que a localização geodésica e a uniformidade topográfica não eram seus principais objetivos: elas são um suporte ao texto e apresentam-se frequentemente sob a forma de que hoje chamaria-se de “carta temática”. Cartas físicas, estatísticas, históricas, cartas da população são então empregadas para acompanhar a exposição de temáticas sociais.»¹⁸⁸

187 Apud FERRETI, (2010b).

188 *Ibid.*

Neste ponto, pelo menos no tocante ao capítulo Panamá e principalmente ao capítulo Colômbia da *Nova Geografia Universal*, devemos discordar de Ferretti. É verdade que, como foi visto, as cartas que podem ser classificadas como «puramente temáticas», isto é, sem alusão à topografia, constituem uma parte muito significativa do conjunto da cartografia do capítulo, mas, ainda se o conceito de «temático» amplificara-se para incluir as cartas topográficas que não tratam exclusivamente do relevo mas também, por exemplo, das vias de comunicação –que no caso é um outro dos temas dominantes–, ainda chegaríamos à conclusão que a representação fiel da topografia estava sim bem acima na lista de prioridades de Reclus e Perron, até por serem, como Ferretti mesmo diz, o suporte do texto.

Lembre-se que Reclus mesmo em carta citada propõe a Vergara a construção conjunta de uma carta *topográfica* na escala de 50.000 ou de 100.000. Inclusive recomendava ao colombiano já desde a segunda carta da série, comentando os projetos cartográficos deste e oferecendo seu concurso:

«Não crede que o principal objetivo será o de desenhar uma carta pelos processos rápidos [...]. Não preciso dizer que seria impossível realizar uma carta topográfica militar, sobretudo se, como na Espanha, deve prever-se que o trabalho durará mil anos, mas uma obra verdadeiramente útil pode ser feita em poucos anos.»¹⁸⁹

Isto é, que a construção de uma carta topográfica nacional do país –que de fato não existia senão muito parcial e fragmentariamente, certamente não como síntese, que era o projeto de ambos– seria para Reclus o primeiro ideal a atingir e a base de qualquer outro tipo de mapas –e nisto os militares eram, indiscutivelmente, os donos da tradição e os especialistas. Mas, ele sabe, não há condições no país para a realização de uma expedição tão detalhada quanto ele gostaria, e, no entanto, chega a oferecer mesmo assim apadrinhar uma expedição geodésica para estabelecer –«fixar»– seus traços orográficos essenciais. É claro que problema do relevo era a questão cartográfica mais prevalente da época, derivada da virtual finalização do trabalho de mapeamento das

189 Carta de Reclus a Vergara, Clarens, 23-01-1889, *AGN-FJVV*, t. I, f. 6-7.

costas do mundo e do subsequente movimento explorador sistemático europeu em direção do interior dos continentes, cujo auge Reclus recolhe. A resposta dos cartógrafos anarquistas a esta questão, principalmente sua ênfase na cartografia tridimensional, foi apenas a mais audaz.

Capítulo 5

Uma *outra* «nova» Geografia Universal

Mais de dez anos depois da última carta de Reclus a Vergara y Velasco, havendo inclusive já falecido aquele e encontrando-se este ocupado na publicação dos últimos fascículo de seu *Atlas completo de geografia colombiana*, voltou o colombiano a receber correspondência de um sábio francês solicitando-lhe ajuda com a elaboração de uma Geografia Universal. Tratava-se desta vez do geógrafo Pierre Denis, que escrevia-lhe desde Paris solicitando seu auxílio em nome da nova geografia universitária francesa e de seu líder, Vidal de la Blache, em carta que por seu interesse permito-me transcrever inteira:

«*Monsieur,*

Não sei se você conhece o projeto da “*Nova Geografia Universal*” do qual *monsieur* Vidal de la Blache, diretor dos *Anais de Geografia*, e chefe da Escola geográfica francesa, prepara a publicação. Trata-se de uma obra destinada a substituir para o público francês e, se possível, para o público internacional, a *Geografia* de Reclus, velha mais ainda por seu método do que por seu conteúdo. [...]

Eu estou encarregado pela minha parte do volume relativo à América do Sul. Eu bem conheço o zelo infatigável que você tem aportado ao estudo da geografia colombiana, e o mérito de seus trabalhos em este país de acesso com frequência difícil, como para não ter o mais vivo desejo de entrar em correspondência com você. Bem que eu tenha visitado vários dos Estados da América do Sul, não me há sido possível ir à Colômbia, de sorte que o meu trabalho, para esta parte do continente deve reduzir-se a uma comparação e um apontamento dos documentos existentes. Eu sei de outra parte por experiência pessoal encontrar obras de real valor, publicadas na América, escapando desafortunadamente com demasiada frequência aos leitores da Europa: pode ser que você possa me ajudar a evitar estes inoportunos esquecimentos.

Um dos pontos mais delicados da minha tarefa é o de preparar a ilustração do meu volume. Ela deve ser ao tempo artística, e de valor documental: fotografias de paisagens típicos do nordeste da América [do Sul], tanto da Venezuela quanto da Colômbia, faltam-me absolutamente.

Acredita você que existam na Bolívia [sic!] alguns recursos desta espécie, tem amadores ou fotógrafos profissionais que possuam coleções interessantes? A quem poderia eu me dirigir para comprar as vistas?

Espero que você tenha a bem me excusar, *Monsieur*, a liberdade com a qual eu me dirijo a você. Você sabe quanto as informações deste gênero são difíceis de recolher sem uma viagem custosa, e para a qual aliás falta-me o tempo, e até que ponto seriam preciosos os menores conselhos e a menores indicações que você poderia me outorgar.»¹⁹⁰

Ressalta em primeiro lugar a declaração explícita de Denis no sentido de pretender «substituir» a geografia de Reclus, como sendo este um ponto claro na agenda da Escola que representava, aliás enfatizando as diferenças de método e não o avanço das explorações –cujo auge, decerto, havia diminuído. Enquanto à ilustração da obra, chama a atenção a ausência total de questões relativas à cartografia na carta de Denis, que limita-se perguntar a Vergara pela existência de fotografias de paisagens típicos, já não em nome da ciência e da causa comum da humanidade como em Reclus, mas, simplesmente, em troca de dinheiro.

Há mais uma carta de Pierre Denis no arquivo de Vergara, datada três meses depois da anterior, em que o francês agradece a resposta positiva do colombiano –que era previsível– e anuncia-lhe o futuro envio de um questionário com os pontos que ele considera «mais obscuros» da geografia colombiana.¹⁹¹ Não há registro nos arquivos, sem embargo, de tal documento e, aparentemente, a sociedade entre estes geógrafos chegou só até aqui.

Vergara, de fato, não aparece citado no capítulo Colômbia da «nova» *Geografia Universal*, publicado em 1927, ou seja, dezessete anos depois da correspondência entre aquele e o autor.¹⁹² Tal capítulo está suportado sobre uma bibliografia mais bem sucinta, que com respeito a de Reclus apresenta poucas novidades, precisamente, ao contrário do que Denis afirmava em sua primeira carta a Vergara, por conta de explorações recentes, principalmente, as efetuadas pelo geólogo alemão Hans Stille no rio Magdalena (1907),

190 Carta de Pierre Denis a Vergara, Paris, 05-03-1910, *AGN-FJVV*, t. I, f. 67-68.

191 *Ibid.*, f. 69-70.

192 DENIS, Pierre, *Amérique du Sud*, em: VIDAL de la Blache, Paul & GALLOIS, Lucien, *Géographie Universelle*, Paris, Librairie Armand Colin, t. XV, v. II., 1927.

as de P. P. Bauer no Amazonas e nos *Llanos* (1919) e as adiantadas pela flamante Oficina de Longitudes, que tinha publicado já então sua Carta geral da República em escala de 1'000.000 (1920) e as cartas departamentais a escala de 500.000 de Cundinamarca (1919), Antioquia (1920), Boyacá (1921) e Caldas (1924), todas citadas por Denis e base da cartografia do capítulo. Esta, de fato, está composta apenas de sete mapas, dois da cordilheira de Bogotá baseados em Hettner e a Oficina de Longitudes, um dos quais complementado com as observações geológicas de Stille; um sobre as passagens inter-andinas da cordilheira central, com a mesma fonte –e no qual a citada «mesa de Herveo» aparece ainda bem diferenciada do nevado do Ruíz e com o nome de «mesa nevada», ficando o aquele mote à faixa paramosa que acompanha de norte a sul a alinação dos picos nevados da cadeia montanhosa; um detalhe geológico do Magdalena Meio, segundo Stille (um «*fosse d'effondrement*»); uma carta das «bocas» deste rio, segundo também a Oficina de Longitudes; um mapa da costa do Chocó, no Pacífico, sem créditos; e, finalmente, um mapa da zona sudeste do país entre os rios Meta e Putumayo, segundo Bauer.

O resto da bibliografia do capítulo Colômbia de Pierre Denis pode resumir-se em um parágrafo: o velho livro de Perez com base nos rascunhos de Codazzi –detestado por Vergara e desconsiderado por Reclus, mas qualificado por Denis como «fonte essencial»; Boussingault; todos os trabalhos de Hettner; Simons e Sievers para a Serra Nevada de Santa Marta; Shenck e Manuel Uribe para Antioquia; Robert Blake White; e, como únicas novidades com respeito as fontes de Reclus, um compêndio estatístico do Departamento de Comércio americano e o famoso livro de F. M. Chapman sobre a distribuição das aves no país (1917).

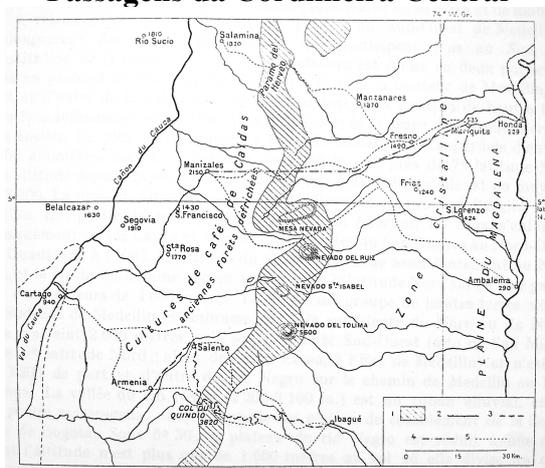
Enquanto as múltiplas fotografias de paisagens que acompanham o capítulo, seja-me permitido dizer que, embora algumas delas tenham valor artístico, a maioria está longe do gosto e do charme das gravuras escolhidas por Reclus para sua *Geografia Universal*.

Que dizer do capítulo Panamá da mesma obra, encarregado ao geógrafo Max Sorre?¹⁹³ Em primeiro lugar, o istmo, já separado da Colômbia e com o canal construído –não por

193 SORRE, Max, *Mexique - Amérique Centrale*, em: VIDAL de la Blache, Paul & GALLOIS, Lucien, *Géographie Universelle*, Paris, Librairie Armand Colin, t. XIV, 1928.

eles, mas pelos americanos—, é juntado com a Costa Rica em um capítulo só —revelando mais uma vez a mágica e a plasticidade do conceito de região. Ilustram-o só duas cartas: uma do Golfo do Panamá com um perfil do istmo e outra, logicamente, do canal, ambas sem créditos. Na bibliografia, enquanto a cartas, Sorre cita unicamente o «Mapa de la República de Panamá» da American Geographical Society da Nova Iorque, adotada como mapa oficial do país. Além deste mapa completam a bibliografia sobre o Panamá três autores americanos (Hill, sobre a «história geológica do istmo» (1898); Goldmann, «Mammals of Panama» (1920); Verner, «The San Blas Indians of Panama») e, em destaque, um britânico: J. F. Frazer (*Panama, l'œuvre gigantesque*).

Passagens da Cordilheira Central



Pierre Denis
Segundo a carta a Oficina de Longitudes

1: 1'200.000
GU, t. XV, v. II, p. 243

1927

Mesa de Herveo e vulcão do Ruíz



Élisée Reclus
Segundo Codazzi

Gravador: Charles Perron
1: 1'350.000

NGU, v. XVIII, p. 239
1893

Tematicamente, nenhuma revolução: um pouco de história, a estrutura orográfica do istmo, o clima, um comentário etnográfico, e, finalmente, o canal, para o qual o autor augura a prosperidade sob a «proteção» dos Estados Unidos.

O comentário etnográfico de Sorre é interessante:

«No fim do século XIX, os trabalhos do canal conduziram ali negros dos Barbados e brancos de toda nacionalidade, e mesmo chineses, sem proibição alguma que pudesse detê-los. De sorte que esta população, de mais de 400.000 almas, tirando a zona do canal, representa a mais estranha mistura que possa-se ver, como corresponde a uma das grandes encruzilhadas do mundo.»¹⁹⁴

Contrasta com a atitude de Reclus sobre o mesmo tema, não falando acerca do Panamá mas da Nova Orleans –recém pousado nesta cidade no começo de sua primeira experiência americana–, em carta a o seu irmão: «É aqui que se coloca a questão etnográfica mais interessante do século, aquela da fusão das raças, [...] a fraternidade das cores, que efetua-se quase que unicamente pela força bruta da gravitação».¹⁹⁵

O temário do capítulo Colômbia de Pierre Denis também não representa um distanciamento considerável daquele que era de esperar-se em um livro chamado «de geografia»: três capítulos sobre as cordilheiras, um para cada, enfatizando sua morfologia, com algumas palavras sobre as vilas e cidades, sobre as produções vegetais, a colonização da Antioquia, os picos nevados e as passagens inter-cordilheiranas. Seguem capítulos descrevendo o rio Magdalena, os vales do Patia e do Cauca, a Serra Nevada, a Goajira, a zona oeste do baixo Magdalena, a costa Pacífica e os *Llanos* orientais, quase que ausentes no capítulo de Reclus. Um capítulo final titulado «O Estado colombiano», que mais do que outra coisa dedica-se a constatar a progressiva inserção do país no comércio internacional exprimida no incremento de suas exportações, alude em uma surpreendente coincidência com o capítulo equivalente de Reclus a aquela guerra já antiga então que teve por resultado o regime da Regeneração, criticado por Reclus no seu capítulo censurado:

«As lutas políticas tem mais de uma vez mascarado antagonismos regionais. As antigas províncias, divididas em departamentos depois da

194 *Ibid.*, p. 145.

195 Carta de Élisée a Elie Reclus, Nouvelle-Orléans, s. d. [1855], em: RECLUS, (1911).

Revolução de 1885 [da «reação política», como é chamada Reclus com mais acerto, pois foi sobre a derrota da sublevação que foi construído o novo regime], qui abole o regime federal, Antioquia, Cauca, Cundinamarca, etc., não eram puras circunscrições administrativas, mas verdadeiras regiões naturais.»¹⁹⁶

Vergara com certeza concordaria com Denis em atribuir a proclividade do país às revoluções a problemas estruturais de organização territorial administrativa, embora não, como afirma o francês, por coincidirem demais as «regiões naturais» com as antigas circunscrições administrativas, mas precisamente pelo contrário, pelo fato destas últimas não acompanharem aquelas. É interessante, no entanto, encontrar uma asseveração tal no texto de Denis, que no fundo compartilha não só com Vergara mas com a tese hoje dominante entre os historiadores da formação nacional da Colômbia, a característica essencial de enfatizar fragmentações internas do país outorgando a razões decididamente geográficas boa parte da explicação.¹⁹⁷

Este capítulo, aliás, para ressaltar finalmente outra idéia de Denis, mostra que o principal problema histórico/geográfico da Colômbia, depois de mais de vinte anos entre um e outro, continuava sendo o mesmo já apontado por Reclus —e por tantos outros: «O Magdalena é a grande rota da Colômbia. Para garantir a plena utilização desta via fluvial, a Colômbia deve resolver dois problemas: habilitar as bocas impraticáveis do rio, e enlaçar o Magdalena às regiões de produção».¹⁹⁸

No concernente ao método e a lógica gerais, nenhuma revolução. Na carta transcrita, Denis dirige a Vergara os protestos tradicionais relativas às vantagens e desvantagens de suas respectivas localizações, explicando que pelo fato de não haver estado ele nunca na Colômbia, não tinha outro caminho que a análise documental (como se Vergara pelo fato de habitar em Bogotá estivesse eximido dela!), e solicitava sua ajuda na consecução de dados e informações, mas note-se que em momento nenhum

196 DENIS, (1927), p. 262.

197 Por exemplo: MÚNERA, Alfonso, *El fracaso de la nación. Región, clase y raza en el Caribe colombiano: 1717-1810*, Bogotá, Banco de la República – El Áncora Editores, 1998; e PALACIOS, Marco & SAFFORD, Frank, *Colombia: país fragmentado, sociedad dividida*, Bogotá, Editorial Norma, 2002.

198 DENIS, (1927), p. 263.

reconhece no colombiano –a diferença de Reclus, evidentemente– a possessão de algum tipo de conhecimento ou muito menos de sistema.

Trata-se sim de uma geografia mais sucinta, mais fria, mais descritiva, pensada mais para os *negócios* do que para o *comércio*, que segundo Reclus leva civilização aos povos. Alguma alusão histórica, uma palavra sobre os processos recentes de povoamento, um par de mapas, mas nada sobre o embelecimento da terra, os sistemas de trabalho, a distribuição da terra ou a organização política, para nomear só alguns dos elementos do temário habitual das descrições de Reclus. Com respeito a geografia deste último a «GU» de Vidal parece verdadeiramente mais uma contrarrevolução.

Recapitulação

Havendo partido e concluído mostrando o lugar contraditório ocupado por Reclus na história da disciplina, especialmente no relativo à sua relação com a «Escola geográfica francesa», no primeiro capítulo com base em bibliografia e no último a partir de documentação inédita, parece que temos voado rapidamente, como por entre túneis pouco lineais, da história para a geografia, da história da geografia para a geografia histórica, da geografia da geografia (ou geografia dos conhecimentos geográficos) para a política da cartografia, da história política à história natural, da história do território ao território das ciências, da história da França para a geografia da Colômbia, do anarquismo para o relevo, de Bogotá a Nova Caledônia, tudo no meio de um mar de referências –mais ou menos coerentes em alguns pontos chave.

Vimos com base na bibliografia como a geografia acadêmica conseguiu apagar a geografia reclusiana e consagrar um outro modelo bem mais restrito em termos de geograficidade, e as graves questões políticas que no fundo estavam em jogo com relação à institucionalização da disciplina e à «referência a Reclus».

Repassando rapidamente a estrutura de sua biografia tentamos ver como podiam ficar juntos neste projeto o puritano calvinista, o anarquista radical e o geógrafo ritteriano probo e criativo no contexto da febre da ciência e do progresso, fortemente ajudada esta última pela teoria da evolução.

Localizamos os alicerces mais sobressalientes do sistema de pensamento e o projeto científico deste autor, que procura nada menos que uma descrição exaustiva do mundo em três movimentos, um primeiro de fundamentação «tectônica» (*La Terre*), seguido de um «estado da arte» ou inventário geral do mundo e das relações entre seus habitantes (a *NGU*) e, finalmente, uma visão em profundidade da história dos grupos humanos. Hettner, por exemplo, só para ficar em um autor contemporâneo seu, opunha-se a este tipo de abordagem, que parecia-lhe anticientífica por considerar que não era possível desenvolver um projeto como tal no tempo de uma vida humana, preferindo para a geografia um tipo de pesquisa mais regional. Reclus no entanto teve o inquestionável mérito de haver-lo tentado e tê-lo conduzido até onde foi-lhe possível, conseguindo dar forma a uma série de resultados que constituem certamente um dos

momentos mais significativos da história da disciplina, cuja compreensão pode talvez prestar alguma ajuda na interpretação de alguns de seus problemas importantes.

Salientamos nesta parte a continuidade básica dos elementos centrais de seu pensamento desde as cartas de juventude desde o Novo Mundo e suas obras de madurez.

Passamos posteriormente a resenhar a origem desta pesquisa e da descoberta e lenta familiarização do seu autor com determinadas linhas de trabalho, agendas de pesquisa, conjuntos de problemas ou tipos de discussões, tentando apresentar a confluência de uma série de vertentes metodológicas e temáticas que ajudaram à formulação da pergunta central acerca da relação entre a história e a geografia política do território e a história e a geografia política dos conhecimentos geográficos e cartográficos.

Perfilando brevemente o caráter e os resultados da etapa anterior desta pesquisa conseguimos apresentar o co-protagonista da história, Vergara y Velasco, a importância para ele de seu vínculo com Reclus e alguns elementos relativos a suas próprias preocupações e repostas, ligadas fundamentalmente com a produção e a sistematização da informação geográfica do país, em especial a relativa às altitudes com o fim de construir a carta nacional, vendo como era esta uma questão chave da ideologia geográfica nacional e a sua expressão territorial que contava com tradição no país, representada especialmente por Caldas.

Identificamos as referencias fundamentais utilizadas por Vergara, com o fim de focar sua valoração e uso dos documentos originais de Codazzi, de cuja obra ele decidiu ser continuador.

Tentamos indicar o estilo e o sentido geral da *Nova Geografia Universal* de Reclus, comentando seus múltiplos, complexos e flexíveis critérios de regionalização do espacio mundial, com o fim principalmente de localizar os capítulos Colômbia e Panamá no conjunto da obra e explicar sua separação.

No aparte mais experimental tentamos colocar algumas questões sobre a dimensão territorial ciclo ordem/conhecimento, procurando sublinhar a centralidade da questão do poder e a possibilidade de uma abordagem da questão «homem-natureza» que procure a distribuição da agencia entre os humanos e os não-humanos sem

fundamentalismos, isto é, sem atribuir *a priori* a nenhum dos membros do coletivo a iniciativa exclusiva ou a predominância histórica, acreditando com Reclus que cada configuração impõe seu exame particular e que a pesquisa deve manter-se em devir. Encontramos que é possível aplicar ao «objeto» território a advertência colocada por Latour *et al* acerca da historicidade das coisas –que nesta perspectiva deixa de ser uma propriedade exclusiva do humano– e sua relação direta com o processo de conhecer.

Passamos a continuação a fazer o reconhecimento do corpo bibliográfico que sustenta os capítulos «Colômbia» e «Panamá» da *Nova Geografia Universal* de Élisée Reclus, tentando organizá-los, hierarquizar seus elementos, localizá-los cronológica e corologicamente, procurando achar as características chave deste sistema de circulação de referências, aplicando para isso não raro estratégias quantitativas, e destacando finalmente a parte correspondente à de Vergara y Velasco entre todo elenco de geógrafos e exploradores. Encontramos que a documentação de Reclus foi verdadeiramente exaustiva, muito atenta não só à produção europeia mais recente (francesa, inglesa e alemã) mas também à produção «local», que no caso da Colômbia foi mais profunda ainda por causa da intervenção do geógrafo colombiano.

A continuação vimos em ação a inexorável força do eurocentrismo no enorme empenho de Vergara em colaborar com Reclus e a resposta deste último, singularmente generosa em termos de troca de créditos e conhecimentos, em consonância aliás com suas posições igualitárias e libertárias e no papel essencial da localização geográfica de cada um deles nesta troca. Descobrimos, também, a intenção de Reclus de financiar uma expedição geodésica à Colômbia sob o co-mando de Vergara que acabou por frustrar-se, aparentemente, por considerações políticas.

Seguimos adiante com um exercício similar ao aplicado à bibliografia dos capítulos em questão mas, desta vez, à cartografia do capítulo. Tentamos compreender com base em bibliografia e nas declarações de Reclus ao respeito os interesses cartográficos particulares deste autor e os debates relacionados nos quais estava envolvido, especialmente com relação a questão da topografia e a representação da tridimensionalidade. Avançamos na reconstrução da mapoteca de referência dos citados capítulos conseguindo identificar boa parte dos cartógrafos consultados por Reclus e a importância relativa por ele atribuída a cada um deles no conjunto dos mapas do

capítulo. Elaboramos uma classificação temática dos mesmos encontrando que as declarações do autor no sentido de pretender com a cartografia da obra «dar relevo» ao texto linear das descrições foram coerentes com a temática dominante dos mapas do capítulo, sem que por isso faltasse espaço para um tipo de mapas também muito representativos da cartografia reclusiana que receberam na tradição o nome de «temáticos» por oposição precisamente aos «topográficos». Esta seção contou com um par de incursões de tipo mais vertical, nos casos da passagem interoceânica de Raspadura, da mesa de Herveo e das zonas de altitude do país, considerando em destaque o aporte de Vergara à cartografia do capítulo. Em conclusão, Reclus destaca nesta última as regiões andinas do país, que vê como destino privilegiado de colonização, e suas comunicações existentes ou potências com o Velho Mundo.

Finalmente, comparamos a relação entre Reclus e Vergara com aquela mais fugaz mantida entre este último e os representantes da geografia universitária francesa depois da morte daquele, assim como o caráter dos capítulos respectivos de suas respectivas «novas» geografias universais, demonstrando com documentação inédita a validade do juízo emitido neste respeito pelos geógrafos da *Hérodote*, com o qual começamos a dissertação.

O mapa da interseção entre o geógrafo anarquista francês Élisée Reclus e sua obra e este país chamado Colômbia, está, acreditamos, estabelecido em seus rasgos principais. O terreno está preparado para uma imersão mais funda nos conteúdos da geografia do país, em chave de formação territorial.

Bibliografía

- ACEVEDO Latorre, Eduardo, «Presentação», em: VERGARA y Velasco, *Nueva Geografía de Colombia. Escrita por regiones naturales*, Bogotá, Banco de la República, 1974, v. 1.
- ANDRADE, Manuel Correia de, “Atualidade do pensamento de Élisée Reclus”, ANDRADE, Manuel Correia de (comp.), *Élisée Reclus: Geografia*, Ática, São Paulo, 1985.
- ARRAULT, Jean-Baptiste, “La « référence Reclus ». Pour une relecture des rapports entre Elisée Reclus et l’Ecole française de géographie”, Lyon, *Colloque Élisée Reclus et nos géographies*, 2005.
- BERDOULAY, Vincent, *La Formation de l’École Française de Géographie (1870-1914)*, Paris, Bibliothèque Nationale, 1981.
- BUARQUE de Holanda, Sérgio, *Visão do Paraíso: os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*, São Paulo, Editora Brasiliense, 2000 [1959].
- CAPEL, Horacio, *Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea*, Barcelona, Barcanova, 1981.
- CASTRO, Fidel, “Siete puñales en el corazón de América”, *Granma*, 05-08-2009. <http://www.granma.cubaweb.cu/secciones/ref-fidel/art160.html>
- DESCOLA, Philippe (2002): “La antropología y la cuestión de la naturaleza”, em: PALACIO, Germán y ULLOA, Astrid, *Repensando la naturaleza. Encuentros y desencuentros disciplinarios en torno a lo ambiental*, Bogotá: UN-Imani-ICAHN-Colciencias, 2002
- DUMBAR, Gary, *Élisée Reclus: Historian of Nature*, Hamdem, Archon Books, 1978 .
- ESCOBAR, Arturo, *El final del salvaje. Naturaleza, cultura y política en la antropología contemporánea*, Bogotá, ICAN-CEREC, 1999.
- FERRETTI, Federico, *Il Mondo senza la mappa : Élisée Reclus e i geografi anarchici*, Reggio Emilia, Zero in Condotta, 2007a.
- _____, “Élisée Reclus, le géographe qui n’aimait pas les cartes”, *Visions cartographiques*, Les blogs du Diplo, Le Monde Diplomatique, 2007b. <http://blog.mondediplo.net/2007-11-11-Elisee-Reclus-le-geographe-qui-n-aimait-pas-les>
- _____, “Comment Élisée Reclus est devenu athée. Un nouveau document

- biographique”, *Cybergeo*, Epistémologie, Histoire de la Géographie, Didactique, article 493, 2010a. <http://cybergeo.revues.org/index22981.html>
- _____, “Charles Perron, cartographe de la « juste » représentation du monde”, *Les blogs du Diplo, Le Monde Diplomatique*, 2010b. <http://blog.mondediplo.net/2010-02-05-Charles-Perron-cartographe-de-la-juste>
- GALLOIS, Lucien, “La France de l'Est, par P. Vidal de la Blanche, *Annales de Géographie*, v. 27, n° 145, 1918, p. 11-24.
- “Géographies Universelles”, em: BRUNET, Roger (dir.), *Géographie Universelle*, Paris, v. 1, 1990
- GIBLIN, Béatrice, “Géographie et anarchie: Élisée Reclus”, *Hérodote*, n° 2, 1976, p. 30-49.
- _____, “Élisée Reclus, 1830-1905”, *Hérodote*, n° 22, 1981a, p. 7-12.
- _____, “Élisée Reclus et les colonisations”, *Hérodote*, n° 22, 1981b., p. 57-76.
- _____, “Reclus: un écologiste avant l'heure?”, *Hérodote*, n° 22, 1981c, p. 107-118.
- _____, “Introducción”, RECLUS, Elisée, *El hombre y la tierra*, México, FCE, 1986, pp. 13-93.
- GOULD, Stephen Jay, *A falsa medida do homem*, São Paulo, Martins Fontes, 2003 [1981].
- GUHL, Ernesto, “Prólogo”, HETTNER, Alfred, *La Cordillera de Bogotá. Resultados de viajes y estudios*, Bogotá, Banco de la República, 1959 [1892].
- HARLEY, J. B., “Maps, knowledge and power” em: Cosgrove, D. y Daniels, S., *The iconography of landscape: essays on the symbolic representation, desing and use of past environments*, Cambridge University Press, Cambridge, 1988.
- LACOSTE, Yves, “Géographicité et géopolitique : Élisée Reclus”, *Hérodote*, n° 22, 1981, p. 14-55.
- _____, “Editorial: Hérodote et Reclus”, *Hérodote*, n° 117, 2005a, p. 5-9.
- _____, “Élisée Reclus, une très large conception de la géographicité et une bienveillante géopolitique”, *Hérodote*, n° 117, 2005b, p. 29-56.
- LATOURET, Bruno, “Drawing things together” em: LYNCH, Michael & WOOLGAR, Steve (ed.), *Representation in Scientific Practice*, Cambridge, MIT Press, 1990 (1988), p. 19-68.
- _____, *Ciencia en acción. Cómo seguir a los científicos e ingenieros a través de la sociedad*, Barcelona, Editorial Labor, 1992 (1987).
- _____, “One more turn after social turn”, em: Mc MULLIN, Ernan, *The Social Dimensions of Science*, Notre Dame, University of Notre Dame Press, 1992.
- _____, *We Have Never Been Modern. Essay on symmetric anthropology*, Cambridge (MA), Harvard University Press, 1993.
- _____, *A esperança de Pandora. Ensaio sobre a realidade dos estudos científicos*, Bauru, EDUSC, 2001 [1999]

- _____, *Políticas da natureza. Como fazer ciência na democracia*, Bauru (SP), EDUSC, 2004 [1999].
- LAW, John Law, "Objects, Spaces and Others", *Centre for Science Studies*, Lancaster University, 2000.
- LEJEUNE, Dominique, *Les sociétés de géographie en France et l'expansion coloniale au XIXe siècle*, Paris, Éditions Albin Michel, 1993.
- LIVINGSTON, David, *Putting Science in its place. Geographies of Scientific Knowledge*, Chicago, University of Chicago Press, 2003.
- LOIS, Carla, *Plus Ultra Equinoctialem: El descubrimiento del hemisferio sur en los mapas y libros de ciencia en el Renacimiento*. Tesis de doctorado, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2008.
- MIYAHIRO, Marcelo Augusto, "A viagem científica de Élisée Reclus ao Rio de Janeiro da Primeira República", em: *II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico*, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2009.
http://enhpgii.files.wordpress.com/2009/10/texto_marcelo_augusto_miyahiro.pdf
- MORAES, Antonio Carlos Robert, *Geografia: Pequena História Crítica*, São Paulo, HUCITEC, 1983.
- _____, *Bases da formação territorial do Brasil. O território colonial brasileiro no "longo" século XVI*, São Paulo, Hucitec, 2000 [1991].
- _____, *A gênese da geografia moderna*, São Paulo, Hucitec-Edusp, 2002.
- MÚNERA, Alfonso, *El fracaso de la nación. Región, clase y raza en el Caribe colombiano: 1717-1810*, Bogotá, Banco de la República – El Áncora Editores, 1998.
- _____, *Fronteras imaginadas. La construcción de las razas y de la geografía en el siglo XIX colombiano*, Bogotá, Planeta, 2005.
- _____, *A gênese da geografia moderna*, São Paulo, Hucitec-Edusp, 2002, p. 147.
- NÆS, Anne, "Spinoza and Ecology", em: *Philosophia*, v. 7, n° 1, 1977, p. 45-54.
- NETO, Manoel Fernandes de Sousa, *Planos para o Império: os planos de viagem do Segundo Reinado (1869-1889)*, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2004.
- NIETO Olarte, Mauricio, "Poder y conocimiento científico: nuevas tendencias en historiografía de la ciencia", *Historia Crítica*, n° 10, 1995, p. 3-14.
- _____, *Remedios para el Imperio: Historia natural y la apropiación del Nuevo Mundo*, Bogotá, ICANH, 2000.
- NIETO Olarte, Mauricio (comp.), *La obra cartográfica de Francisco José de Caldas*, Bogotá, Universidad de los Andes, 2006.
- OBREGÓN, Diana, *Sociedades científicas en Colombia: la invención de una tradición, 1859-1936*, Bogotá, Banco de la República, 1992.
- PALACIOS, Marco & SAFFORD, Frank, *Colombia: país fragmentado, sociedad dividida*, Bogotá, Editorial Norma, 2002.

- PALSKY, Gilles, "Élisée Reclus et la cartographie de son temps. L'exemple de l'Atlas sphéroïdal et universel de géographie de F. A. Garnier (1862)", *Colloque Élisée Reclus et nos géographies*, Lyon, 2005.
- PARDO Rueda, Rafaél, *La historia de las guerras. Desde la conquista hasta nuestros días, una crónica completa de las guerras em Colombia. La búsqueda de la paz desde el conocimiento de la guerra*, Bogotá, Ediciones B, 2004.
- RAMÍREZ, David, «Las Geografías de Reclus y Vergara: Itinerario de una red», Monografía para optar ao título de Historiador, Bogotá, Universidad Nacional de Colombia, diciembre de 2006.
- _____, "História de la historiografía sobre Francisco Javier Vergara y Velasco", *Memoria y Sociedad*, Bogotá, Universidad Javeriana, separata vol. 10, n° 20, 2006.
- _____, "La historiografía ambiental y la cuestión de la naturaleza", *Revista Espaço Acadêmico*, n° 95, abril de 2009.
- <http://www.espacoacademico.com.br/095/95palacios.htm>
- _____, "«Élisée Reclus y la geografía de Colombia»: blog de la investigación", 3° Simpósio Iberoamericano de História da Cartografia, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2010.
- <http://3siahc.wordpress.com/memorias/#David%20Alejandro%20Ram%C3%ADrez%20Palacios>
- SÁNCHEZ, Efraín, *Gobierno y Geografía. Agustín Codazzi y la Comisión Corográfica de la Nueva Granada*, Bogotá, Banco de la República, 1998.
- VESENTINI, José William, "Apresentação: Geografia e Liberdade em Piotr Kropotkin", São Paulo, *Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, n° 13, 1986.
- VICENTE Mosquete, Teresa, "Eliseo Reclus y su labor geográfica en la Universidad Nueva de Bruselas", em: BERDOULAY, Vincent & MENDOZA, Héctor (eds.), *Unidad y perspectivas del pensamiento geográfico en el mundo. Retos y perspectivas*, México, IG-UNAM/INEGI, 2003, p. 249-270.
- VIGNOLO, Paolo "El Nuevo Mundo: ¿Un mundo al revés? Los antípodas en el imaginario del Renacimiento", BONNET, Diana y CASTAÑEDA, Felipe (eds.), *El Nuevo Mundo. Problemas y debates*, Bogotá, Universidad de los Andes, 2004, p. 23-60.
- VILLANUEVA, Martínez Orlando (et al), *Biófilo Panclasta: el eterno prisionero. Aventuras y desventuras de un anarquista colombiano*, Bogotá, Ediciones Proyecto Cultural Alas de Xué, 1992.
- ZEMLIAK, Martin, "Reclus, les anarquistes et les marxistes", em: *Hérodote*, n° 22, 1981, p. 98-106.

Documentação

- CALDAS, Francisco José de, *Cartas de Caldas*, Bogotá, Academia Colombiana de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, 1978.
- CUERVO Márquez, Carlos, “La Región Oriental”, em: *El Correo Nacional*, Bogotá, 11-02-1893.
- _____, “Donación al Museo”, em: *El Correo Nacional*, Bogotá, 14-02-1893.
- DENIS, Pierre, *Amérique du Sud*, em: VIDAL de la Blache, Paul & GALLOIS, Lucien, *Géographie Universelle*, Paris, Librairie Armand Colin, t. XV, v. II., 1927.
- HUMBOLDT, *Viaje a las regiones equinocciales del Nuevo Continente*, París, Rosa, 1826. <http://www.lablaa.org/blaavirtual/geografia/viage5/viageqi0a.htm>
- PEREZ, Felipe, *Jeografía física i Política de los Estados Unidos de Colombia*, Bogotá, 1862. Reeditada depois como: *Compendio de Jeografía Jeneral de los Estados Unidos de Colombia*, Bogotá, Imprenta de Echeverría Hermanos, 1876; e finalmente como: *Geografía General Física y Política de los Estados Unidos de Colombia y Geografía particular de la ciudad de Bogotá*, Bogotá, Imprenta de Echeverría Hermanos, 1883.
- RECLUS, Élisée, “Atlas sphéroïdal et universel de géographie, par F. A. Garnier”, *Bulletin de la Société de géographie*, vol. 3, 1862, p. 117-182.
- _____, “Hégémonie de l'Europe”, *La Société Nouvelle*, t. 1, n° 112, 1894, p. 433-443.
- _____, *L'Evolution, la révolution et l'ideal anarchique*, Paris, Bibliothèque sociologique, 1898.
- _____, *Estados Unidos do Brasil. Geographia, Ethnographia, Estatística*, Tradução e Breves Notas de B. F. Ramiz e Anotações sobre o Território contestado pelo Barão do Rio Branco, H. Garnier, Rio de Janeiro - Paris, 1900.
- _____, "L'Enseignement de la Géographie", *Bulletin de la Société Belge d'Astronomie*, n° 11, 1903, p. 5-11.
- _____, *Colombia. Traducida y anotada com autorización del autor por Francisco Javier Vergara y Velasco*, Bogotá, Biblioteca de la Presidencia, 1958 [1893b].
- _____, *Correspondance*, Paris, Schleicher frères, 1911, 2 v. e Costes, 1925, v. 3.
- [RECLUS, Loïs, *Enfance et jeunesse d'Élisée Reclus*, c.1888], em: FERRETTI, Federico, “Comment Élisée Reclus est devenu athée. Un nouveau document biographique”, *Cybergeo*, Epistémologie, Histoire de la Géographie, Didactique,

- article 493, 2010a. <http://cybergegeo.revues.org/index22981.html>
- RITTER, Carl, "De la configuration des continents sur la surface du globe, et leurs fonctions dans l'histoire", *Revue germanique*, vol. 8, n° 11, 1859 [1850], p. 241-267.
- SORRE, Max, *Mexique - Amérique Centrale*, em: VIDAL de la Blache, Paul & GALLOIS, Lucien, *Géographie Universelle*, Paris, Librairie Armand Colin, t. XIV, 1928.
- VERGARA y Velasco, Francisco Javier, *Nueva Geografía de Colombia*, Según el sistema natural de regiones geográficas, Bogotá, Imprenta de Zalamea Hermanos, 1888.
- _____, *Nueva Geografía de Colombia*, Introducción – Primera parte (El territorio – El medio y la raza, Bogotá, Imprenta de Zalamea Hermanos, 1892.
- _____, *Nueva Geografía de Colombia*, Escrita por regiones naturales (Prospecto – Programa), Bogotá, Imprenta de Vapor, 1901. [Reimpressão: Bogotá, Banco de la República, 1974]
- _____, *Memoria sobre la construcción de una Carta geográfica de Colombia y de un Atlas completo de geografía colombiana*, Bogotá, Imprenta Eléctrica, 1906.
- _____, Francisco Javier, "División territorial", s. d., *AGN-FJVV*, t. II, f. 14-16.
- _____, "Límites con Venezuela", s. d. [1892], *AGN-FJVV*, t. II, f. 19.

Mapas citados

ANDRÉ, Édouard, "Itinéraire du voyage de M. Ed. André dans l'Amérique équinoxiale 1875-1876. Carte 8°. Colombie. De Popayán à Pasto", em: ANDRÉ, Édouard, "L'Amérique Équinoxiale (Colombie – Équateur – Pérou)", *Le Tour du Monde*, v. 38, 2e semestre, 1879, p. 301.

CODAZZI, Agustín, PAZ, Manuel María, PONCE de León, Manuel, *Carta Jeográfica de los Estados Unidos de Colombia, Antigua Nueva Granada. Construída de orden del Gobierno Jeneral con arreglo a los trabajos corográficos del Jeneral A. Codazzi i a otros documentos oficiales*, por Manuel Ponce de León, ingeniero miembro de la Sociedad Jeográfica de París, i Manuel María Paz. Bogotá, 1864. Publicada en la Administración del Dr. Manuel Murillo Toro, i bajo la inspección del Gran Jeneral T.C. de Mosquera, Grabada por Erhard Schièble. Impresa por Thierry Frères, París, 1865.

_____, *Atlas de los Estados Unidos de Colombia, antigua Nueva Granada, que comprende las cartas jeográficas de los Estados en que está dividida la República, construídas de orden del Gobierno Jeneral con arreglo a los trabajos corográficos del Jeneral Agustín Codazzi i a otros documentos oficiales*. Por Manuel Ponce de León i Manuel María Paz. París, Tipografía i litografía de Renou i Maulde, 1865. Comprende los siguientes mapas: Antioquia; Bolívar; Boyacá; Cauca; Parte Oriental i menos poblada del Estado del Cauca; Parte Oriental i menos poblada del Estado de Cundinamarca; Cundinamarca; Panama; Magdalena; Tolima; Santander.

CODAZZI, Agustín, PAZ, Manuel María, "Carta de Colombia que representa la ruta de los conquistadores y exploradores en el territorio que forma la República, la posición de las Tribus y las primeras fundaciones y divisiones políticas", em: *Atlas Geográfico e Histórico de la República de Colombia (Antigua Nueva Granada), el cual comprende las Repúblicas de Venezuela y Ecuador, con arreglo á los trabajos geográficos del general de ingenieros Agustín Codazzi ejecutados en Venezuela y Nueva Granada*, París, 1890, mapa I.

_____, "Carta de la República de Colombia (Antigua Nueva Granada) Dividida en Departamentos [segundo o ordenamento territorial de] 1886", em: *Atlas Geográfico e Histórico de la República de Colombia (Antigua Nueva Granada), el cual comprende las Repúblicas de Venezuela y Ecuador, con arreglo á los trabajos geográficos del general de ingenieros Agustín Codazzi ejecutados en Venezuela y*

Nueva Granada, París, 1890, mapa XIII.

- DENIS, Pierre, "Passagens da Cordilheira Central", em :DENIS, Pierre, *Amérique du Sud*, em: VIDAL de la Blache, Paul & GALLOIS, Lucien, *Géographie Universelle*, Paris, Librairie Armand Colin, t. XV, v. II., 1927, p. 243.
- SIEVERS, Wilhelm, "Karte der Sierra Nevada de Santa Marta, Staat Magdalena, Colombia. Auf Grund der Karte von Simons und nach eigenen Aufnahmen", Berlin, Dietrich Reimer, 1888.
- SIMONS, F. A. A. "Map of Sierra Nevada de Santa Marta. State of Magdalena", em: SIMONS, F. A. A., "On the Sierra Nevada of Santa Marta and Its watershed (State of Magdalena, U. S. of Colombia)", em: *Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography*, v. 3, n° 12, Dec., 1881.
- _____, "Goajira Peninsula", SIMONS, F. A. A., "An Exploration of the Goajira Peninsula, U. S. of Colombia", *Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography*, v. 7, n 12, Dec. 1885, p. 781-796.
- VERGARA Y VELASCO, Francisco Javier, «Primeira carta fisiográfica de Colombia», em: *Atlas completo de geografia colombiana*, 1906, f. 6.

Arquivos

- **Arquivo Geral da Nação, Bogotá, Colômbia (AGN)**
Seção «Coleções», Fundo «Francisco Javier Vergara e Velasco»
3 vols.

Periódicos e Jornais

- *Boletín de la Sociedad Geográfica de Colombia*, Bogotá
- *El Correo Nacional*, Bogotá
- *El Telegrama*, Bogotá
- *Diário Oficial*, Bogotá

Websites

- Biblioteca Virtual – Biblioteca Luis Angel Arango, Bogotá
<http://www.lablaa.org/bibliotecavirtual.htm/>
- David Rumsey Historical Map Collection
<http://www.davidrumsey.com/>
- Digital Map Collection - American Geographical Society
<http://collections.lib.uwm.edu/>
- Élisée Reclus, le site
<http://raforum.info/reclus/>
- Eliseo Reclus y la geografía de Colombiana
<http://reclus.wordpress.com/>
- Gallica: Biblioteca Numérica da Biblioteca Nacional da França
<http://gallica.bnf.fr/>
- Maps by Agustin Codazzi
http://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Maps_by_Agustin_Codazzi/
- Proyecto de Archivo Digital Francisco Javier Vergara y Velasco
<http://padfranjaber.wordpress.com/>
- Razón Cartográfica – Red de história de las geografias y cartografias de Colômbia
<http://razoncartografica.wordpress.com/>
- Wikipedia
<http://wikipedia.org>

APÉNDICE A

Cronologia biográfica de Élisée Reclus

1830	Nascimento (Sainte-Foy-la-Grande)
1831-1838	Primeira infância com os avos maternos (La Roche-Chalais)
1838-1842	Segunda infância com os pais e irmãos (Castértarbes/Orthez)
1842-1844	Primeira viagem (Neuwied, Alemanha). Primeiros estudos formais.
1844-1848	Retorno à França e finalização do <i>Baccalauréat</i> (Sainte-Foy-la-Grande)
1848-1849	Início da universidade (Montauban)
1849-1851	Retorno à Neuwied
1851	Retorno à Orthez
1852-1857	<i>Wanderjahre</i> (Primer exílio: Inglaterra, Irlanda, Estados Unidos, Nova Granada)
1857-1870	Escritor em Paris (<i>La Terre</i> , 1868-1869)
1871-1872	<i>Deux années terribles</i> (Guerra/Comuna/Prisão)
1872-1890	Segundo exílio: Suíça (<i>Nova Geografia Universal</i> , 1876-1894)
1890-1894	Retorno à França
1894-1905	Professor na Bélgica (<i>L'Homme et la Terre</i> , 1905-1908)
1905	Falecimento (Bélgica)

APÊNDICE B

Obras de Reclus sobre a Colômbia, em ordem cronológica

- 1855-1857** *Correspondance*. Tome premier, Décembre 1850 – Mai 1870, Paris, Librairie Schleicher Frères, 1911.
- 1857** “Nouvelle-Grenade”, *L’Union*, New Orleans, v. 1, n° 175, 26 July, 1857, p. 2-3; n° 178, 29 July, 1857, p. 2-3; n° 179, 30 July, 1857, p. 2-3; n° 180, 31 July, 1857, p. 2; n° 181, 1 August, 1857, p. 2-3; n° 183, 3 August, 1857, p.2-3; n° 185, 5 August, 1857, p. 2-3; n° 186, 6 August, 1857, p. 2; n° 188, 8 August, 1857, p. 2-3; n° 190, 10 August, 1857, p. 2-3; n° 191, 11 August 1857, p. 3.
- 1859** “Quelques mots sur la Nouvelle-Grenade”, *Bulletin de la Société de Géographie*, Paris, v. 17, n° 97-98, 1859, p. 111-141.
- 1859-1860** “La Nouvelle-Grenade, paysages de la nature tropicale. I. Les Côtes néo-grenadines”, *Revue des Deux Mondes*, v. 24, 1859, p. 624-661; “II. Sainte-Marthe et la Horqueta”, v. 25, 1860, p. 609-635; “III. Rio-Hacha, les indiens Goajires et la Sierra-Negra”, v. 26, 1860, p. 419-452; “IV. Les Aruaques et la Sierra-Nevada”, v. 27, 1860, p. 50-83.
- 1861** *Voyage à la Sierra-Nevada de Sainte-Marthe. Paysages de la nature tropicale*, Paris, Hachette, 1861. [Reedição da anterior]
- 1862** “Ensayo sobre las revoluciones políticas y la condición social de las repúblicas colombianas, por José M. Samper”, *Bulletin de la Société de Géographie*, v. 3, 1862, p. 96-112.
- 1866** “Atlas de la Colombie, publié par ordre du gouvernement colombien”, *Bulletin de la Société de Géographie*, v. 12, 1866, 140-146.
- 1891** “Panama”, *Nouvelle Géographie Universelle. La Terre et les hommes*, v. XVII – Indes occidentales, Paris, Hachette, 1891.
- 1893** “Colombie”, *Nouvelle Géographie Universelle. La Terre et les hommes*, v. XVIII – Amérique du sud. Les régions andines, Paris, Hachette, 1893.

APÉNDICE C

Estrutura da *Nouvelle Géographie Universelle* de Élisée Reclus¹⁹⁹

1. Géographie de l'Europe (5 v.)

- I. L'Europe Méridionale (1876)
Grèce, Turquie, Pays des Bulgares, Roumanie, Serbie et Montagne Noire, Italie, Espagne et Portugal
- II. La France (1877)
- III. L'Europe Centrale (1878)
Suisse, Austro-Hongrie, Empire d'Allemagne
- IV. L'Europe Septentrionale (1879)
(Nord-Ouest)
Belgique, Hollande, Iles Britanniques
- V. L'Europe Scandinave et Russe (1880)

2. Géographie de l'Asie (4 v.)

- VI. L'Asie Russe (1881)
Caucasie, Turkestan et Sibérie
- VII. L'Asie Orientale (1882)
Empire Chinois, Corée et Japon
- VIII. L'Inde et L'Indo-Chine (1883)
- IX. L'Asie Antérieure (1884)
Afghanistan, Bélouchistan, Perse, Turquie d'Asie, Arabie

3. Géographie de l'Afrique (4 v.)

- X. L'Afrique Septentrionale (1885)
1re Partie : Bassin du Nil
Soudan Égyptien,
Éthiopie, Nubie, Égypte
- XI. L'Afrique Septentrionale (1886)
2a Partie : Tripolitaine, Tunisie, Algérie, Maroc, Sahara

- XII. L'Afrique Occidentale (1887)
Archipiels Atlantiques,
Sénégal, Soudan Occidental
- XIII. L'Afrique Méridionale (1888)
Îles de l'Atlantique austral,
Gabonie, Angola, Cap, Zambèze, Zanzibar, Côte de Somal

4. Géographie de L'Océanie (1 v.)

- XIV. L'Océan et les Terres Océaniques (1889)
Îles de l'Océan Indien, Insulinda, Philippines, Micronésie, Nouvelle-Guinée, Mélanésie, Nouvelle-Calédonie, Australie, Polynésie

5. Géographie de l'Amérique (5 v.)

- XV. L'Amérique Boréale (1890)
Groenland, Archipel Polaire, Alaska, Puissance du Canada, Terre-Neuve
- XVI. Les États-Unis (1892)
- XVII. Les Indes Occidentales (1891)
Mexique, Isthmes Américains, Antilles
- XVIII. L'Amérique du Sud (1893)
Les Régions Andines :
Trinidad, Vénézuéla, Colombie, Ecuador, Pérou, Bolivie et Chili
- XIX. L'Amérique du Sud (1894)
L'Amazonie et La Plata :
Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine

199 RECLUS, Élisée, *Nouvelle Géographie Universelle. La Terre et les Hommes*, Paris, Hachette, 19 vols., 1876-1894.

APÊNDICE D

Fontes do capítulo «Panamá» (1891) da *Nouvelle Géographie Universelle* de Élisée Reclus

- AGASSIZ, Alexander, *Bulletin of the Museum of Comparative Zoology*, Cambridge, March, 1869
- BELT, Thomas, *The naturalist in Nicaragua. A narrative of a residence at the gold mines of Chontales: Journeys in the savannahs and forests, with observations on animals and plants in reference to the theory of evolution of living forms*, London, John Murray, 1874
- BERENDT, *American Record and Repertory of Notes and Queries*, 1874
- BOUCHEPORN, *Bulletin de la Société Géologique de France*, 1^o série, vol. XV *Bulletin interocéanique*, 1er février 1880
Bulletin interocéanique, 15 mars 1880
- CHIERCHIA, G., “The Voyage of the Vettor Pisani”, *Nature*, v. 30, n^o 772, 1884, p. 365-366.
- FLACHAT, J., *Étude du bassin du Darién, au point de vue de la communication interocéanique*
- GABB, W., *Proceedings of the Philosophical Society*, Philadelphie, 1876
- HERRERA y Tordesillas, Antonio de, *Historia general de las indias occidentales, o de los hechos de los castellanos en las islas y tierra firme del mar*, Amberes, Juan Bautista Verdussen, 1728, 4 v.
- HUMBOLDT, *Essai politique sur le royaume de la Nouvelle-Espagne*, Paris, Chez Antoine-Augustin Renouard, 1825, v. I.
- MARCOU, Jules, “Le Canal Interocéanique et le Congrès International de Paris”, *Bibliothèque universelle et Revue suisse*, a. LXXXIV, t. III, 1879, p. 413-436.
- MONCHICOURT, Rapport de liquidation
- NICOLAS, *Chantiers et terrassements en pays paludéens*, Paris, Edité par G. Masson, Editeur Libraire de l’Académie de Médecine, 1889.
- NIMMO, *Weekly Times*, Sept. 14, 1880
- OEXMELIN, Alexandre Olivier, *Histoire des aventuriers qui se sont signalés dans les Indes, contenant ce qu’ils ont fait de plus remarquable depuis vingt années. Avec la vie, les mœurs, les coutumes des habitants de Saint Domingue & de la Tortuë, & une description exacte de ces lieux. Où l’on voit l’établissement*

- d'une chambre des comptes dans les Indes, & un etat, tiré de cette chambre, des offices tant ecclesiastiques que seculiers, où le roy d'Espagne pourvoit, les revenus qu'il tire de l'Amérique, & ce que les plus grands princes de l'Europe y possèdent*, Jacques Le Febvre, 1688, 2 v.
- PERALTA, Manuel María (ed.), *Costa-Rica, Nicaragua y Panamá en el siglo XVI. Su historia y sus límites según los documentos del Archivo de Indias de Sevilla, del de Simancas, etc.*, Madrid, Libreria de M. Murillo, Paris, Libreria de J. I. Ferrer, 1883.
- PINART, Alphonse, *Bulletin de la Société de Géographie*, 1885.
- _____, "Les indiens de l'État de Panama", *Revue d'Ethnographie*, v. 6, 1887, p. 33-56/117-132.
- POLAKOWSKY, H., *Petermanns Geographische Mitteilungen*, 1884.
- _____, "Die Cunos- oder Tulé-Indianer in Darien. Nach dem Bericht eines Missionars bearbeitet", *Petermanns Geographische Mitteilungen*, Gotha, 1886, Heft IX, p. 276-279.
- PUYDT, Lucien de, "Explorations in the Isthmus of Darien", *Proceedings of the Royal Geographical Society of London*, v. 12, n° 2, 1867-1868, p. 63-72.
- Rapport de la Commission d'études envoyée à Panamá
- RECLUS, Armand, *Notes manuscrites*
- _____, *Panama et Darien. Voyages d'exploration (1876-1878)*, Paris, Hachette, 1881.
- _____, "Le Canal Interocéanique et les explorations dans l'Isthme Américain", *Bulletin de la Société de géographie commerciale de Paris*, v. 1, 1879, p. 29-52.
- ROBERTS, Orlando W., *Narrative of voyages and excursions on the east coast and in the interior of Central America; Describing a journey up the river San Juan, and passage across the lake of Nicaragua to the city of León. Pointing out the advantages of a direct commercial intercourse with the natives*, Edinburgh, Constable & Co., London, Hurst, Chance & Co., 1827.
- SALLES, "Autour de la mer des Antilles", *Club Alpin-Français*, 1889.
- SALLOT DES NOYERS, Alexandre-Étienne-Denis, *Mer de Antilles et Golfe du Mexique*
- URICOECHEA, Ezequiel, *Mapoteca colombiana. Colección de los títulos de todos los mapas, planos, vistas, etc. relativos á la América Española, Brasil é islas adyacentes. Arreglada cronológicamente i precedida de una introducción sobre la historia cartográfica de América*, Lóndres, Trübner y Cia., 1860.
- VERBRUGGHE, Luis, *A travers l'Isthme de Panama. Tracé interocéanographique de L. N. B. Wyse et A. Reclus*, Paris, A. Quantin Imprimeur, 1879.
- _____, *Le canal interocéanique de Panama. Coup d'œil sur les tracés maritimes proposés entre l'Atlantique et le Pacifique à travers l'isthme américain*, Paris,

- Imp. de A. Quantin, 1879.
- VERGARA, J. F., *Geografía de Colombia* [sic]
- VERNIAL, P., “Note sur l’acclimatement dans l’isthme de Panama”, *Bulletin de la Société d’anthropologie de Paris*, v. 12, 1889, p. 85-91.
- VIGUIER, C., *Mémoires de la Société d’Anthropologie*, 1878
- WAGNER, Moritz, “Eine Reise in das Innere der Landenge von San Blas und der Cordillere von Chepo in der Provinz Panama, mit besonderer Berücksichtigung der hypsometrischen Verhältnisse and der Kanalfrage”, *Petermanns Geographische Mitteilungen*, Gotha, 1862, Heft IV, p. 128- 141.
- _____, “Die Provinz Chiriqui (West- Veragua) in Mittel-Amerika”, *Petermanns Geographische Mitteilungen*, Gotha, 1863, Heft I, p. 16-24.
- _____, “Neue aus der Provinz Chiriqui in Mittel-Amerika. Der Goldfund in den Indianischen Grabern. Die Deutsche Einwanderung”, *Petermanns Geographische Mitteilungen*, Gotha, 1863, Heft X, p. 370-372.
- WYSE, Lucien N. B., *Le Canal de Panama*, Paris, Hachette, 1886.
- WYSE et RECLUS, A., “Exposé succinct des divers projets”, 15 mai 1879
- ZARAGOZA, Justo, *Piraterías y agresiones de los ingleses y de otros pueblos de Europa en la América española desde el siglo XVI al XVIII deducidas de las obras de D. Dionisio del Alsedo y Herrera, publicadas D. Justo Zaragoza*, Madrid, Imprenta de Manuel G. Hernández, 1883.

APÊNDICE E

Fontes do capítulo «Colômbia» (1893) da *Nouvelle Géographie Universelle* de Élisée Reclus

- ACOSTA, Joaquín, *Compendio histórico del descubrimiento y colonización de la Nueva Granada en el siglo décimo sexto*, Paris, Imp. de Beau, 1848.
- _____, *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences*, 1859
- AGASSIZ, Alexander, *Bulletin of the Museum of Comparative Zoology*, vol. XXIII, 1892
- ANCÍZAR, Manuel, *La peregrinación de Alpha*, Bogotá, Echeverría, 1853.
- ANDRÉ, Édouard, “L'Amérique Équinoxiale (Colombie – Équateur – Pérou)”, *Le Tour du Monde*, v. 34, 2e semestre, 1877, p. 1-64; v. 35, 1er semestre, 1878, p. 129-224; v. 37, 1er semestre, 1879, p. 97-147; v. 38, 2e semestre, 1879, p. 273-368; v. 45, 1er semestre, 1883, p. 337-416.
- _____, “Voyage dans l'Amérique du Sud 1875-1876”, *Bulletin de la Société de Géographie*, v. 18, 1879, p. 209-235.
- _____, Note à la Végétation du Globe, par Grisebach
- ARBOLEDA Cortés, Enrique, *Consideraciones acerca del invierno y del verano en la ciudad de Bogotá*, Bogotá, Imprenta de Echeverri, 1890.
- _____, *Una Excursión al Sarare*
- BARALT, Rafael Maria & DIAZ, Ramón, *Resúmen de la Historia de Venezuela, desde el año de 1797 hasta el de 1830*, Paris, Imprenta de H. Fournier y Compia, 1841. 2 v.
- BASSILAN, M. de, “Ascension de la Sierra Nevada de Santa Marta (J. de Brettes)”, *Revue de Géographie*, v. 30, 1892, p. 135-137.
- BOLLAERT, William, *Antiquarian, ethnological and other researches in New Granada, Equador, Peru and Chile. With observations on the Pre-incarial, Incarial and other monuments of peruvian nations*, London, Trubner & Co., 1860.
- BOUSSINGAULT, *Bulletin de la Société de Géographie*, août 1847
- _____, *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences*, 1874
- BOUSSINGAULT, M. & ROULIN, *Viajes científicos a los Andes Ecuatoriales ó Colección de memorias sobre Física, Química é Historia Natural de la Nueva*

- Granada, Ecuador y Venezuela, traducidas con anuencia de los autores por J. Acosta y precedidas de algunas nociones de Geología por el mismo*, París, Librería Castellana – Lasserre Editor, 1849.
- CAMACHO Roldán, Salvador, *Notas de viaje: (Colombia y Estados Unidos de America)*, París, Garnier Hermanos, Bogotá, Librería Colombiana, 1890.
- CELEDÓN, Rafael, *Gramática, catecismo i vocabulario de la lengua goajira*, París, Maisonneuve, 1878.
- _____, *Gramática de la lengua köggaba, con vocabularios y catecismos*, París, Maisonneuve, 1886.
- COBO, Bernabé, *Historia del Nuevo Mundo*, Sevilla, Imprenta de E. Rasco, 1890.
- CODAZZI, Agostino, *Geografia Statistica di Venezuela, di Agostino Codazzi. Traduzione dalo Spagnuolo*, Firenze, Tipografia di Andrea Bettini, 1864.
- CUERVO, Antonio, *Colección de documentos inéditos sobre la geografía y la historia de Colombia*, Bogotá, Imprenta de Vapor de Zalamea Hermanos, 1891-1894, 4 v.
- CUERVO, Carlos, dans *Geografía de Colombia* par Vergara y Velasco
- CREVAUX & LEJANNE, E., “Voyage d’exploration a travers la Nouvelle Grenade et le Venezuela (rios Magdalena, de Lesseps ou Guaviere, Orinoco)”, *Le Tour du Monde*, v. 43, 1er semestre, 1882, p. 225-320.
- DAUXION-LAVAYSSE, J. J., *Voyage aux iles de Trinidad, de Tabago, de la Marguerite, et dans diverses parties de Vénézuéla, dans l’Amerique Méridionale*, París, F. Schoëll, 1813.
- Diario oficial, 8 de Diciembre de 1890
- DÍAZ Escobar, Joaquín, *Bosquejo estadístico de la región oriental de Colombia, y medios económicos para su conquista, sometimiento y desarrollo industrial y político*, Bogotá, Imprenta de Zalamea, 1879.
- DURAND, Paul, “Quelques mots sur le Rio Sinu et Carthagène (Colombie)”, *Bulletin de la Société de Géographie commerciale de Paris*, v. XIV, 1892, n° 2, p. 145-152.
- EHRENREICH, Paul, “Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stande unsrer Kenntnisse”, *Petermanns Geographische Mitteilungen*, Gotha, 1891, p. 81-89.
- ESGUERRA O., Joaquín, *Diccionario jeográfico de los Estados Unidos de Colombia. Obra redactada en vista de todos los autores de jeografía del país i de los datos oficiales que se han publicado sobre la materia*, Bogotá, J. B. Gaitán Editor, 1879.
- ERNST, A., *Boletín del Ministerio de Obras Públicas*, 30 de abril de 1892
- FERNANDEZ de Piedrahita, Lucas, *Historia general de las conquistas del Nuevo Reyno de Granada*, Amberes, Juan Baptista Verdussen, 1688.

- GOITICOA, Alejandro, *La Goajira y los puertos de occidente*, Caracas, Imprenta de Espinal e Hijos, 1878.
- GRISEBACH, August Heinrich, *La Végétation du globe d'après sa disposition suivant les climats : esquisse d'une géographie comparée des plantes*, trad. par P de Tchihatchef, 2 v., 1877.
- GUMILLA, Joseph, *El Orinoco Ilustrado, Historia Natural, Civil y Geographica de este gran rio y de sus caudalosas vertientes: gobierno, usos y costumbres de los indios sus habitantes, con nuevas y utiles noticias de Animales, Arboles, Frutos, Aceytes, Resinas, Yervas, y Reices medicinales: Y sobre todo se hallarán conversiones muy singulares á nuestra Santa Fé, y casos de mucha edificación*, Madrid, Manuel Fernandez, 1741.
- HETTNER, Alfred, *Reisen in den colombianischen Andeen*, Leipzig, 1888.
- JUAN, George & ULLOA, Antoine de, *Voyage historique de l'Amérique méridionale, fait par ordre du Roi d'Espagne, ouvrage orne des figures, plans et cartes necessaires, et qui contient une Histoire des Yncas du Perou, et les Abservations Astronomiques & Physiques, faites pour déterminer la Figure & la Grandeur de la Terre*, Paris, Charles-Antoine Jombert, 1752.
- KARSTEN, Hermann, *Géologie de l'Ancienne Colombie Bolivarienne: Venezuela, Nouvelle-Grenade et Ecuador*, Berlin, R. Friedlander & Sohn, 1886.
- Ley 45 de 1890 (“Sobre establecimiento de la navegación por vapor de los ríos Orinoco y Meta, desde Ciudad Bolívar hasta Cabuyaro”), *Diario Oficial*, 16.01.1891, p. 57-58.
- Ley 99 de 1890 (“Por la cual se aprueba el contrato celebrado por el Gobierno con el señor Marco A. Fonseca para abrir y explotar un canal que ponga en comunicación la ciudad de Barranquilla con la Bahía de Sabanilla”), *Diario Oficial*, 27.12.1890, p. 317.
- MARKHAM, Cl, *Proceedings of the R. Geographical Society*, December 1881
- MILLICAN, Albert, *Travels and adventures of an orchid hunter. An account of canoe and camp life in Colombia, while collecting orchids in the Northern Andes. Illustrated by Gustave Guggenheim, from photographs by the author*, London, Paris & Melbourne, Cassell & Company, 1891.
- MOSQUERA, Tomás Cipriano de, *Memoria sobre la geografía física y política de la Nueva Granada*, Nueva York, Imprenta de S. W. Benedict, 1852.
- _____, *Compendio de geografía general, política, física y especial de los Estados Unidos de Colombia*, London, H. C. Panzer, 1866.
- PAÚL, Felipe F., “Informe presentado al Congreso”, 1890.
- PEREIRA, Ricardo Salvador, *Les États-Unies de Colombie : précies d'histoire et de géographie physique, politique et commerciale*, Paris, C. Marpon et E. Flammarion éditeurs, 1883.

- Petermanns Geographische Mitteilungen, "(Notizen). Die Flora der Central und Süd-Americanischen Gebirge verglichen mit der der Alpen", *Petermanns Geographische Mitteilungen*, Gotha, 1867, Heft II, p. 78-79
- PINART, Alphonse, "Les indiens de l'État de Panama", *Revue d'Ethnographie*, v. 6, 1887, p. 33-56; 117-132.
- PLUMACHER, "Curious variety of blood revenge", *The American Anthropologist*, v. 1, n° 1, January, 1888.
- RECLUS, Elie, "Les Cafres", *Revue d'Anthropologie*
- ROULIN, François Désiré, *Histoire Naturelle et Souvenirs de voyage*, Paris, J. Hetzel, 1890.
- SAFFRAY, "Voyage a la Nouvelle-Grenade", I, *Le Tour du Monde*, v. 24, 2° semestre, 1872, p. 81-144; v. 25, 1er semestre, 1873, p. 97-144.
- SALLOT DES NOYERS, Alexandre-Étienne-Denis, *Mer de Antilles et Golfe du Mexique*
- SCHENCK, Fr. von, "Raisen in Antioquia und im Cauca im Jahre 1880 and 1881", *Petermanns Geographische Mitteilungen*, Gotha, 1883, Heft III, p. 81-93, Heft IV, p. 213-220, Heft XII, p. 441-448.
- SCLATER, *Proceedings of the R. Geographical Society*, December 1881
- SIEVERS, Wilhelm, *Reise in der Sierra Nevada de Santa Marta*, Leipzig, Gressner & Schramm, 1887.
- _____, *Venezuela*, 1888.
- _____, *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, 1886
- SIMON, Fr. Pedro, *Noticias Historiales de las Conquistas de Tierra Firme em las Indias Occidentales*, Edición hecha sobre la de Cuenca de 1626, Bogotá, Imprenta de Medardo Rivas, 1882, 5 v.
- SIMONS, F. A. A., "On the Sierra Nevada of Santa Marta and Its watershed (State of Magdalena, U. S. of Colombia)", *Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography*, v. 3, n° 12, Dec., 1881, p. 705-723.
- _____, "An Exploration of the Goajira Peninsula, U. S. of Colombia", *Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography*, v. 7, n 12, Dec. 1885, p. 781-796.
- _____, *Proceedings of the R. Geographical Society*, Dec. 1891
- STÜBEL, Alfons, *Globus*, 1869
- TERNAUX-COMPANS, Henri, *Essai sur l'ancien Cundinamarca*, Paris, A. Bertrand, 1842.
- TRIANA, Miguel, *Colombia Ilustrada*, 1890
- URICOECHA, Ezequiel, *Gramatica, vocabulario, catecismo i confesionario de la lengua chibcha*, Paris, Maisonneuvei, 1871.
- URIBE Angel, Manuel, *Compendio de geografia del departamento de Antioquia*

- en la República de Colombia*, Medellín, Imprenta Republicana, 1887.
- VÉLEZ Barrientos, “Notice sur les antiquités de la Nouvelle-Grenade”, *Bulletin de la Société de Géographie*, v. 8, n° 43-48, 1847, p. 97-109.
- VERGARA y Velasco, F. J., *Geografía de Colombia* [sic]
_____, *Notes manuscrites*
- VERGARA y Vergara, José María, *Historia de la literatura en Nueva Granada*, Bogotá, Echeverría Hermanos, 1867.
- WEDDELL, Hugues Algernon, *Voyage dans le nord de la Bolivie et dans les parties voisines du Pérou ou visite au district aurifère de Tipuani*, Paris & Londres, P. Bertrand & H. Baillièrre, 1853.
- WHEELER, T. H., *Foreign Office, Diplomatic and Consular Reports on Trade and Finance*, n° 804, 1890
- WHITE, Robert Blake, “Notes on the Central Provinces of Colombia”, *Proceedings of the Royal Geographical Society and Monthly Record of Geography*, v. 5, n° 5, 1883, p. 249-267.
- _____, “Notes on the Aboriginal Races of the North-Western Provinces of South America”, *The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, v. 13, 1884, p. 240-258.
- ZEROLO, *Notes manuscrites*

APÊNDICE F

Materiais proporcionados a Élisée Reclus por Francisco Javier Vergara y Velasco, reportados na correspondência do francês ao colombiano, com a data da carta respetiva

Mapas:

Delta interior do Cauca (1892)
Carta das antigas minas de ouro do Chocó (1892)
Bogotá e as rotas do Magdalena (1892)
O relevo da Nova Granada (1892)
O caminho de ferro da Dorada (1892)
O maciço colombiano (1892)
A anastomose do Cauca (1892)
A anastomose do Magdalena (1892)
A anastomose do Cesar (1892)
O baixo Magdalena (1892)
A mesa de Herveo (1892)
O maciço de Ibarra (1892)
O maciço de Tuquerres (1892)
O alto Magdalena (1892)
Rota entre Facatativa e Ambalema (Codazzi) (1892)
Carta da Goajira
Plano da bacia do Sumapaz (1893)
«Vossa carta genial a 1'350.000» (1893)
Diversos planos de cidades (1893)
Diversos croquis do rio Magdalena (1892)
Diversas cartas manuscritas (1892)

Outros documentos:

VERGARA y VELASCO, *Nueva Geografía de Colombia* (1888, 1890, 1892)
VERGARA y VELASCO, *El archipiélago de San Andrés* (1889)
CUERVO, Antonio & VERGARA y VELASCO, *Colección de documentos inéditos sobre la geografía y la historia de Colombia* (1892)
Documentos ministeriais apresentados ao Congresso (1892)
Memórias diversas (1892)
Tabelas estatísticas oficiais de Bolívar e Magdalena (1893)

APÊNDICE G

Escalas dos mapas do capítulo «Panamá» da *Nova Geografia Universal*

	1:
Colón	46000
Panamá	57000
Seuil du canal a écluses	130000
Baie de Cupica	180000
Lacs artificiels projetés sur le seuil de Panamá	240000
Baie de Calédonie	400000
Golfe de San-Miguel	500000
Chantier du canal interocéanique de Panamá	540000
Golfe de San-Blas	600000
Seuil de la Raspadura	750000
Isthme de Chiriqui	1500000
Projet de percement entre le golfe d'Urabá et la baie de San-Miguel	1900000
Golfe de Panamá	3500000
Projets de percement a travers les isthmes de Panamá et Darién	3800000

APÊNDICE H

Escalas dos mapas do capítulo «Colômbia» da *Nova Geografia Universal*

	1:
Coude de Girardot	48000
Défilé de Nare	75000
Honda et le chemin de fer de La Dorada	80000
Rade et ports de Savanilla	110000
Bogotá et ses environs	115000
Cartagena et ses ports	220000
Chiquinquirá et lac de Fúquene	280000
Massif de Colombia	485000
Plateau de Túquerres et vallée du Guaitara	500000
Port de Buenaventura	650000
Bouches de l'Atrato	825000
Bassin du Suma-Paz	830000
Passage du Quindío	850000
Diramations de Mompós	900000
District de Cúcuta	900000
Popayán et col de Guanacas	900000
Plateau de Pasto et bassin du Cocha	1000000
Socorro, Bucaramanga et gorges du Sogamoso	1000000
Bogotá et ses routes d'accès	1200000
Mesa de Herveo et volcan de Ruíz	1350000
Bouches du Magdalena	1600000
Delta intérieur du Magdalena	1900000
Sierra Nevada de Santa Marta	2000000
Péninsule Goajira	2300000
Régions aurifères du Département d'Antioquia	2500000
Vallée supérieure du Cauca	3000000
Zones d'altitude de la Colombie	9500000
Principales nations et tribus indiennes de la Colombie	15000000
Principales productions végétales de la Colombie	15000000
Voies de communication de la Colombie	16000000
Divisions administratives de la Colombie	20000000
Voyages principaux d'exploration dans le Venezuela et la Colombie	20000000

ANEXO 1

Mapas, tipos humanos e vistas de paisagens dos capítulos «Panamá» e «Colômbia» da *Nova Geografia Universal* de Élisée Reclus

Mapas do Panamá

- N° 116 Cours de la rivière Chagres
- N° 117 Golfe de San-Miguel
- N° 118 Golfe de San-Blas
- N° 119 Baie de Calédonie
- N° 120 Golfe de Panamá
- N° 121 Isthme de Chiriqui
- N° 122 Panamá
- N° 123 Colón
- N° 124 «Secret du détroit» au commencement du seizième siècle
- N° 125 Chantier du canal interocéanique de Panamá
- N° 126 Seuil du canal a écluses
- N° 127 Lacs artificiels projetés sur le seuil de Panamá
- N° 128 Projets de percement a travers les isthmes de Panamá et Darién
- N° 129 Projet de percement entre le golfe d'Urabá et la baie de San-Miguel
- N° 130 Baie de Cupica
- N° 131 Seuil de la Raspadura

Tipos humanos e vistas de paisagens do Panamá

- Paysage de Panamá – Le rio Chagres a Matachín
- Habitations indiennes dans les ilots de golfe de San-Blas
- Panamá – Vue paronamique, prise du mont Ancón
- Travaux du Canal de Panamá – Vue prise au chantier de San-Pablo

Mapas da Colômbia

N° 44 Voyages principaux d'exploration dans le Venezuela et la Colombie	N° 60 Bogotá et ses routes d'accès
N° 45 Zones d'altitude de la Colombie	N° 61 Coude de Girardot
N° 46 Sierra Nevada de Santa Marta	N° 62 Honda et le chemin de fer de La Dorada
N° 47 Mesa de Hervey et volcan de Ruíz	N° 63 Chiquinquirá et lac de Fúquene
N° 48 Passage du Quindío	N° 64 Socorro, Bucaramanga et gorges du Sogamoso
N° 49 Massif de Colombia	N° 65 District de Cúcuta
N° 50 Défilé de Nare	N° 66 Popayán et col de Guanacas
N° 51 Delta intérieur du Magdalena	N° 67 Vallée supérieure du Cauca
N° 52 Bouches du Magdalena	N° 68 Régions aurifères du Département d'Antioquia
N° 53 Bouches de l'Atrato	N° 69 Diramations de Mompós
N° 54 Plateau de Túquerres et vallée du Guaitara	N° 70 Rade et ports de Savanilla
N° 55 Plateau de Pasto et bassin du Cocha	N° 71 Cartagena et ses ports
N° 56 Principales productions végétales de la Colombie	N° 72 Port de Buenaventura
N° 57 Principales nations et tribus indiennes de la Colombie	N° 73 Voies de communication de la Colombie
N° 58 Péninsule Goajira	N° 74 Divisions administratives de la Colombie
N° 59 Bassin du Suma-Paz	

Tipos humanos e vistas de paisagens da Colômbia

- Anciennes fortifications espagnoles a Puerto Bello
- Sierra de Santa Marta, vue prise a l'est, de la Punta Tapias
- Chute de Tequendama – Vue prise a la première terrasse
- Chemin des terres chaudes
- Indiens Muysca parés de bijoux anciens
- Idole Muysca
- Piliers d'un temple indien de San Agustín
- Champ de Bataille de Boyacá
- Débarcadère sur le Magdalena, vers le confluent du Sogamoso
- Ocaña – Vue générale
- Santa Marta – Vue générale prise du nord
- Débarcadère de Salgar – Port de Savanilla
- Bogotá – Vue panoramique prise de l'est

NOUVELLE
GÉOGRAPHIE



UNIVERSELLE
DE LA TERRE ET DES HOMMES

Volume XVII

Indes occidentales

Mexique, Isthmes Américains, Antilles

PAR
ÉLISÉE RECLUS

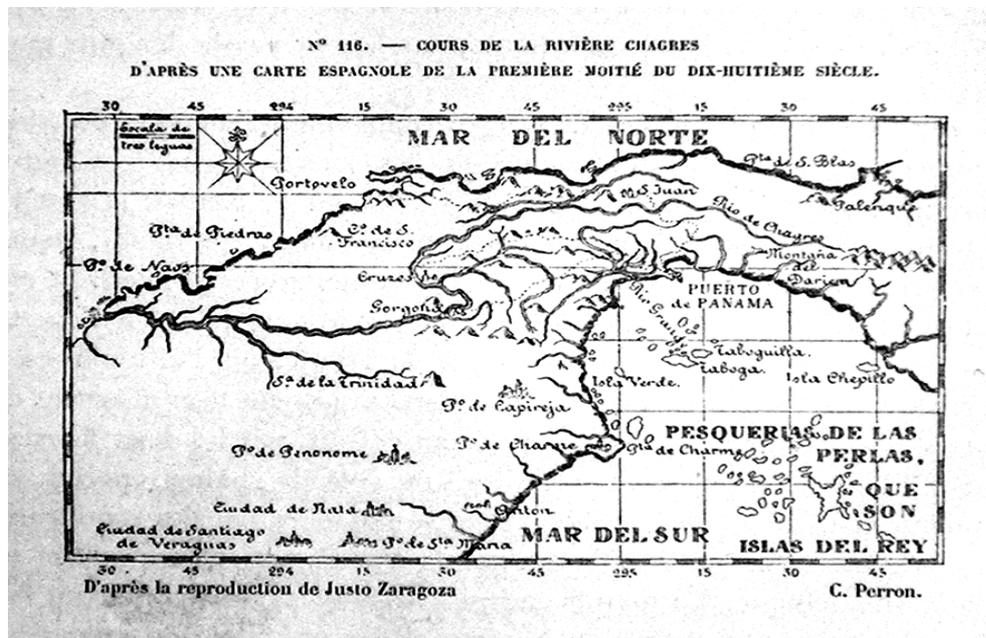
XVII
INDES OCCIDENTALES
MEXIQUE, ISTHMES AMÉRICAINS, ANTILLES

COMPARTIMENT
4 CARTES EN COULEUR DÉPOSÉES À PART
121 CARTES INTÉGRÉES DANS LE TEXTE
ET 22 VIGNES OU ÉTIQUETTES EN TOUT

1891

PARIS
LIBRAIRIE HACHETTE ET C^e
79, BOULEVARD MONTMARTRE, 79
1891
Droits de traduction et de reproduction réservés.

N° 116 Cours de la rivière Chagres



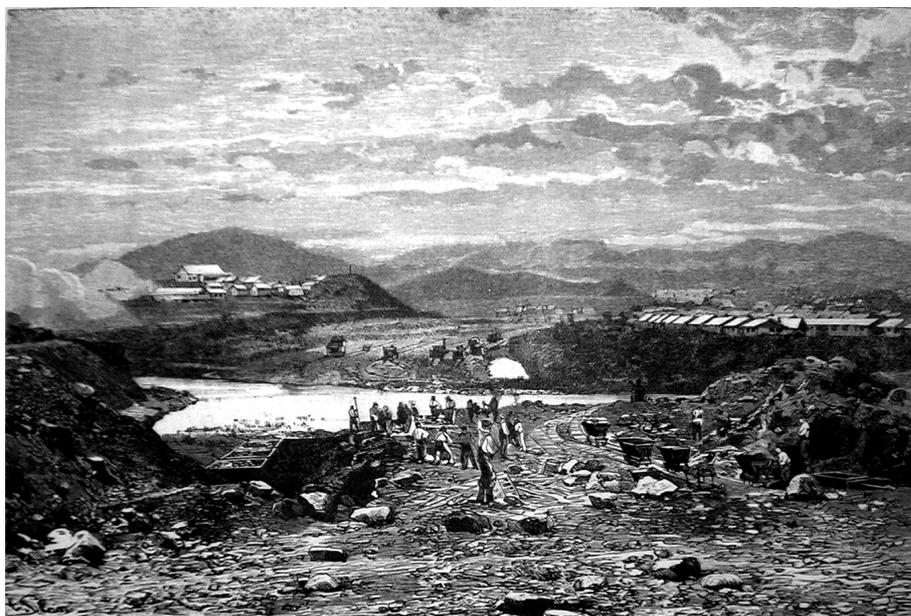
Gravador: Charles Perron

D'après une carte espagnole de la première moitié
du dix-huitième siècle

6 x 10 cm
p. 576

D'après la reproduction de Justo Zaragoza

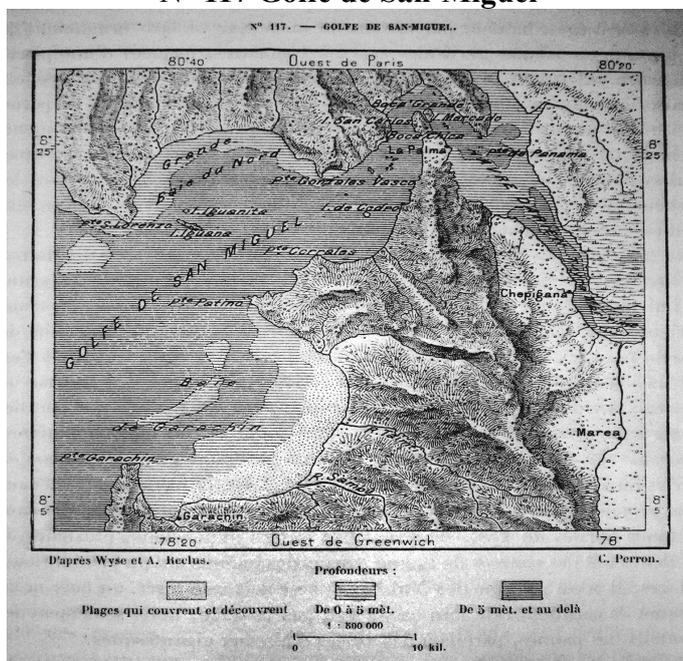
Paysage de Panamá – Le rio Chagres a Matachín



Dessin d'A. Slom, d'après une photographie
communiquée par la Compagnie du canal de
Panamá

19 x 13 cm
p. 577

N° 117 Golfe de San-Miguel



D'après Wyse et A. Reclus

Gravador: Charles Perron

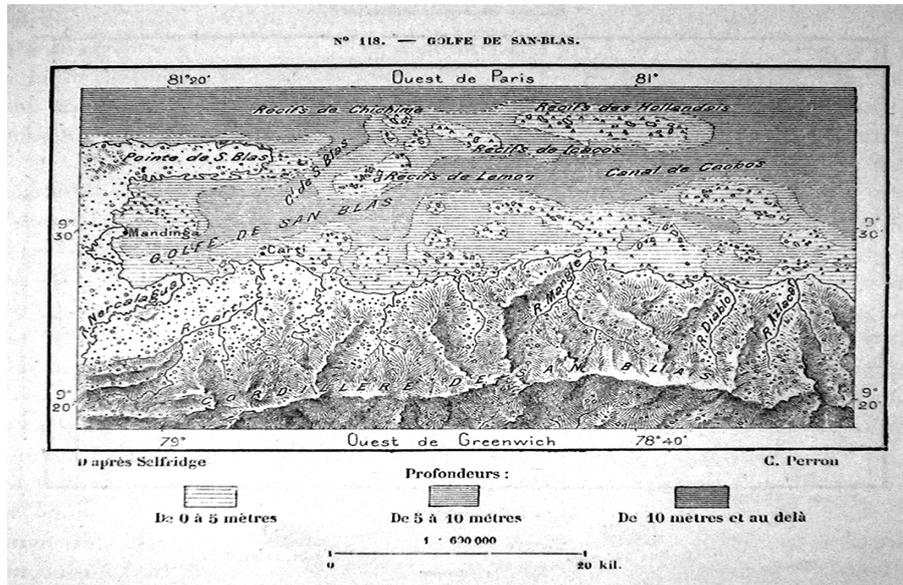
10,5 x 11 cm

1: 500.000

p. 581

Profondeurs

N° 118 Golfe de San-Blas

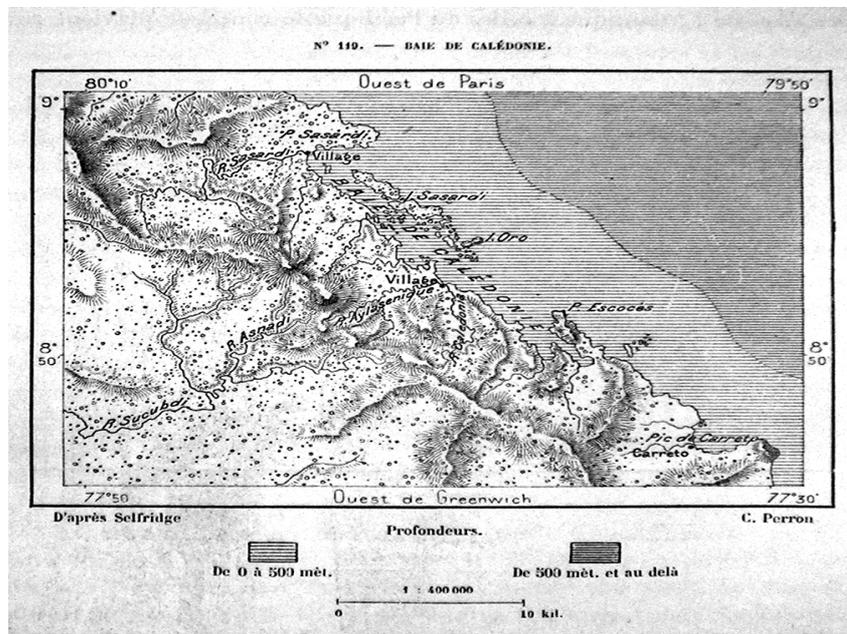


D'après Selfridge

Gravador: Charles Perron

7 x 11 cm
1: 600.000
p. 583
Profondeurs

N° 119 Baie de Calédonie

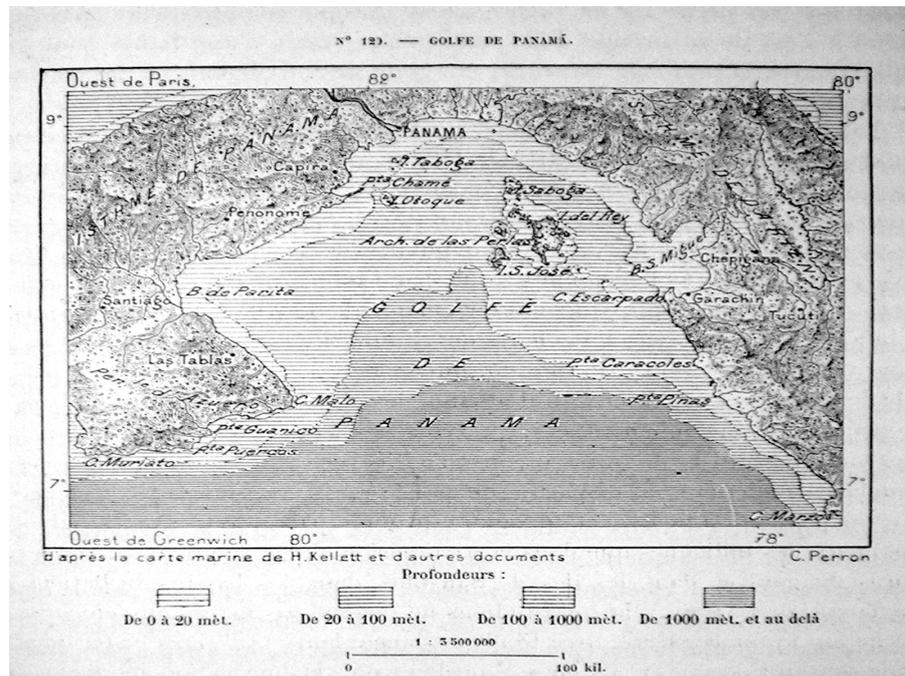


D'après Selfridge

Gravador: Charles Perron

8 x 11 cm
1: 400.000
p. 584
Profondeurs

N° 120 Golfe de Panamá



D'après la carte marine de H. Kellett et d'autres documents

8,5 x 11 cm

1: 3'500.000

p. 585

Gravador: Charles Perron

Profondeurs

Habitations indiennes dans les îlots de golfe de San-Blas

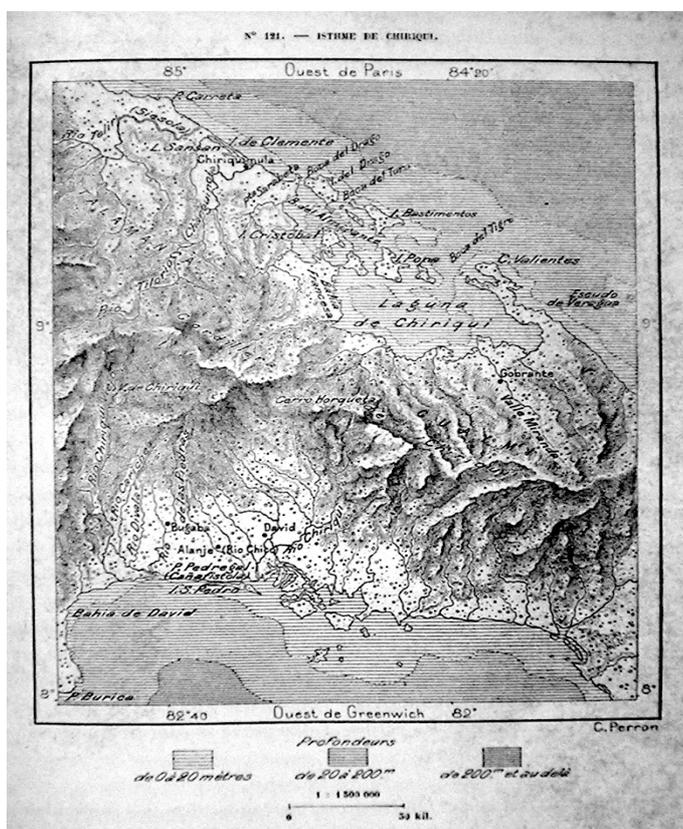


Gravure extraite du volume de M. Lucien B. Wyse, Le Canal de Panamá

19 x 13 cm

p. 593

N° 121 Isthme de Chiriqui



Gravador: Charles Perron

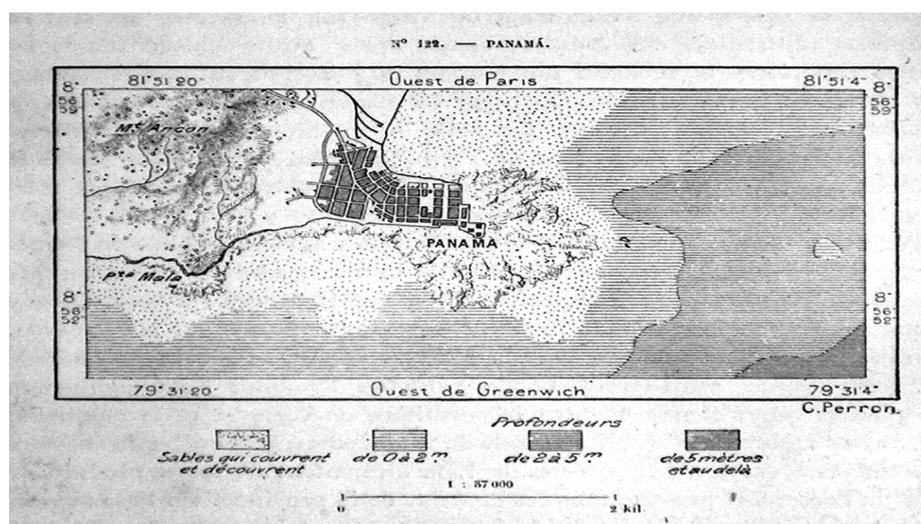
13 x 11 cm

1: 1'500.000

p. 597

Profondeurs

N° 122 Panamá



Gravador: Charles Perron

6 x 11 cm

1: 57.000

p. 600

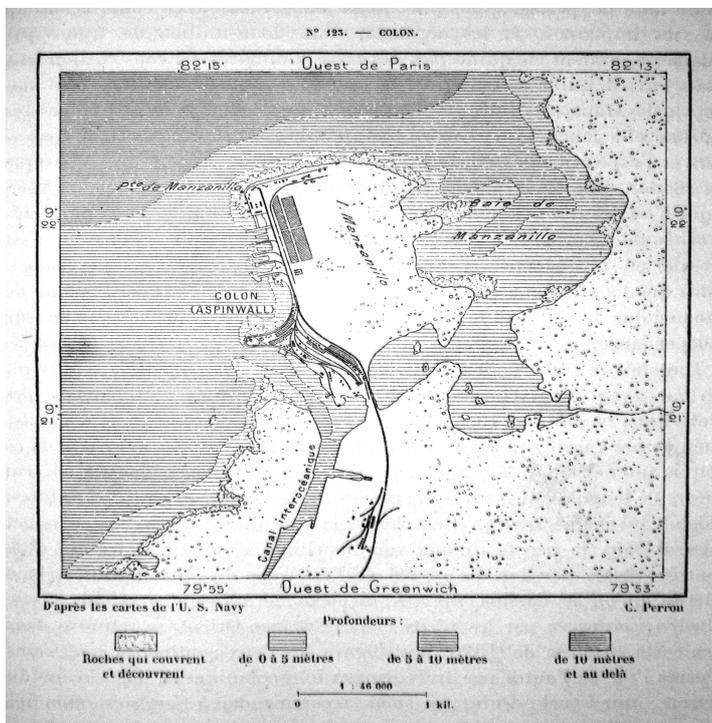
Panamá – Vue panoramique, prise du mont Ancón



Gravure extraite du *Tour du Monde, Explorations aux isthmes de Panamá et Darién*, par A. Reclus

19 x 13 cm
p. 601

N° 123 Colón



D'après les cartes de
l'U.S. Navy

Gravador: Charles Perron

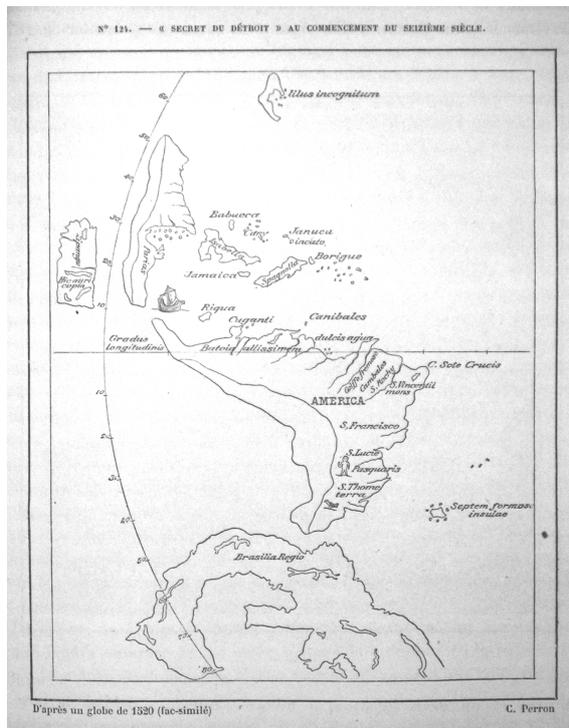
11 x 11 cm

p. 605

1: 46.000

Profondeurs

N° 124 «Secret du détroit» au commencement du seizième siècle

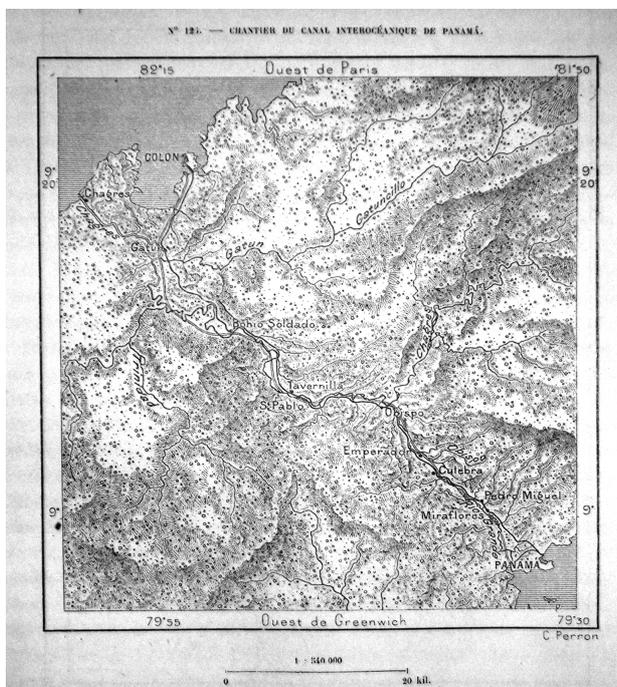


**D'après un globe 1520
(fac-similé)**

14 x 11 cm

p. 607

N° 125 Chantier du canal interocéanique de Panamá



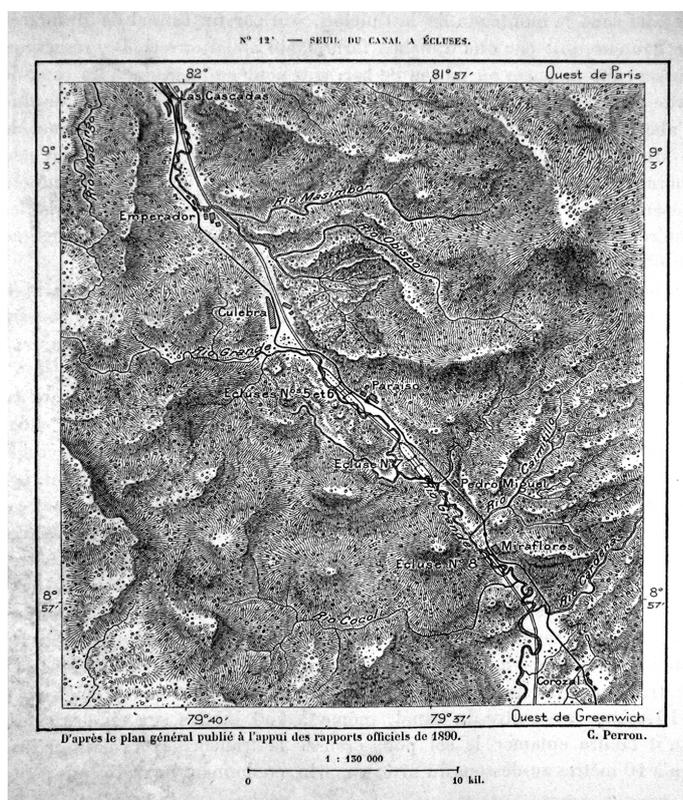
Gravador: Charles Perron

11,5 x 11 cm

1: 540.000

p. 608

N° 126 Seuil du canal à écluses



D'après le plan général
publié à l'appui des
rapports officiels de 1890

Gravador: Charles Perron

13 x 11 cm

1: 130.000

p. 610

Travaux du Canal de Panamá – Vue prise au chantier de San-Pablo

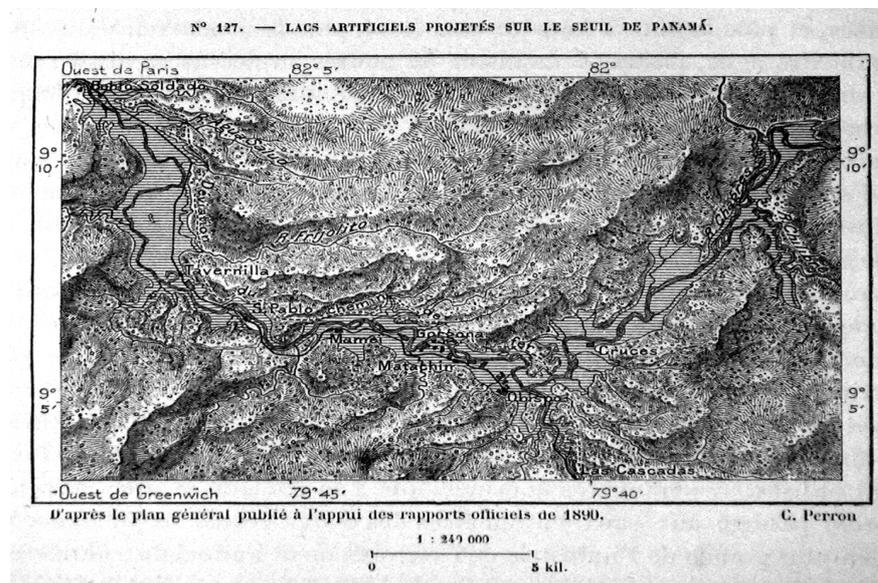


Gravure de Méaulle d'après une
photographie communiquée par la
Compagnie du canal de Panamá

19 x 13 cm

p. 611

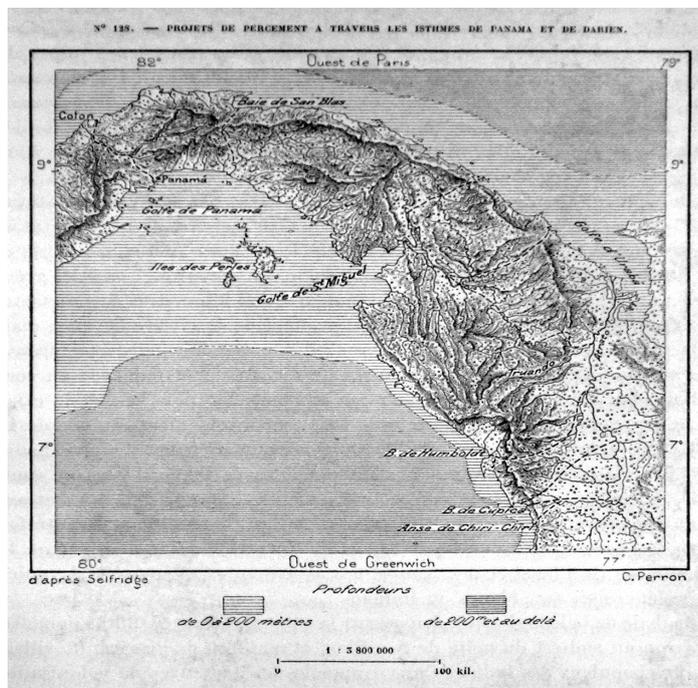
N° 127 Lacs artificiels projetés sur le seuil de Panamá



D'après le plan général publié à l'appui des
rapports officiels de 1890

Gravador: Charles Perron
7 x 11 cm
1: 240.000
p. 613

N° 128 Projets de percement a travers les isthmes de Panamá et Darién



D'après Selfridge

Gravador: Charles Perron

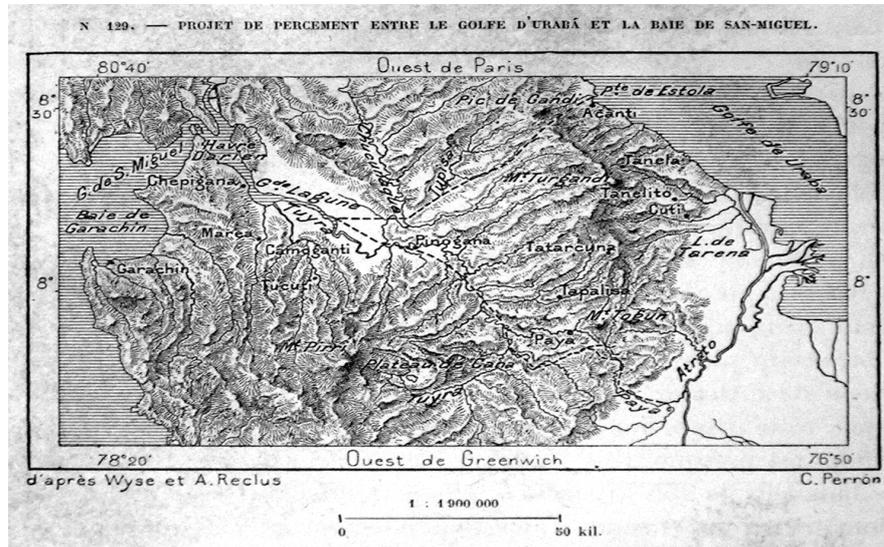
11 x 11 cm

1: 3'800.000

p. 616

Profondeurs

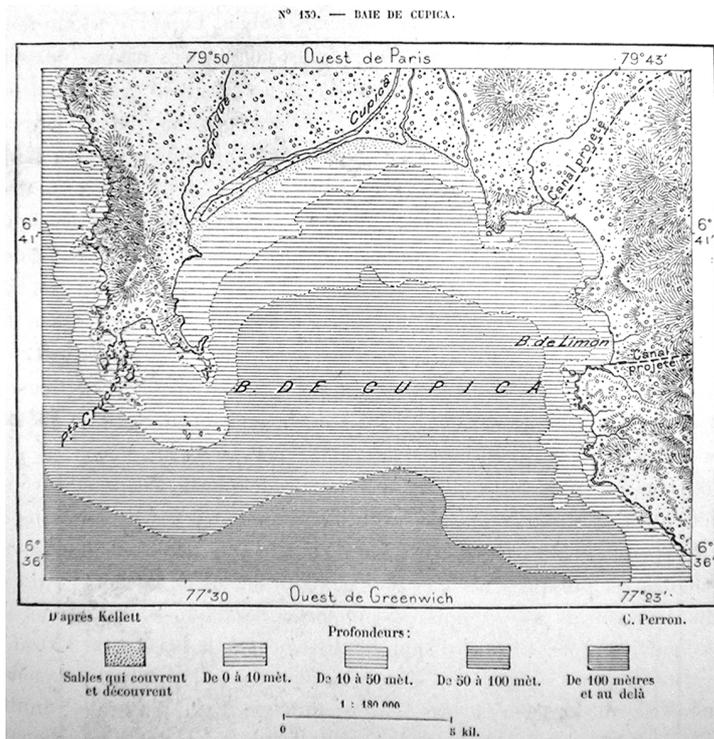
N° 129 Projet de percement entre le golfe d'Urabá et la baie de San-Miguel



D'après Wyse et A. Reclus

Gravador: Charles Perron
 6,5 x 10,5 cm
 1: 1'900.000p. 617

N° 130 Baie de Cupica



D'après Kellett

Gravador: Charles Perron
 9 x 11,5 cm
 1: 180.000
 p. 619
 Profondeurs

Tomo XVIII

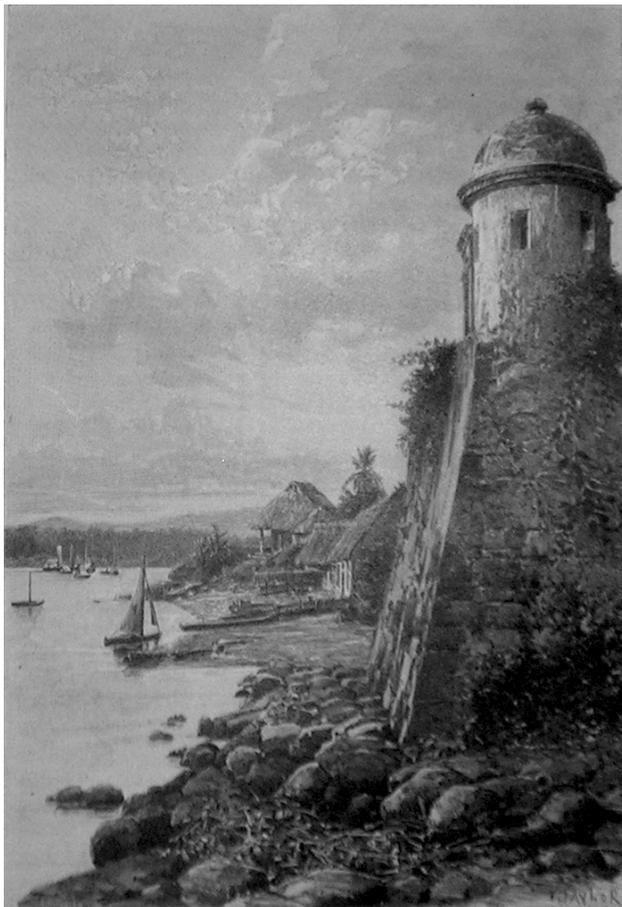
Amérique du Sud

Les régions andines

**Trinidad, Vénézuéla, Colombie, Écuador,
Pérou, Bolivie et Chili**

1893

Anciennes fortifications espagnoles a Puerto Bello

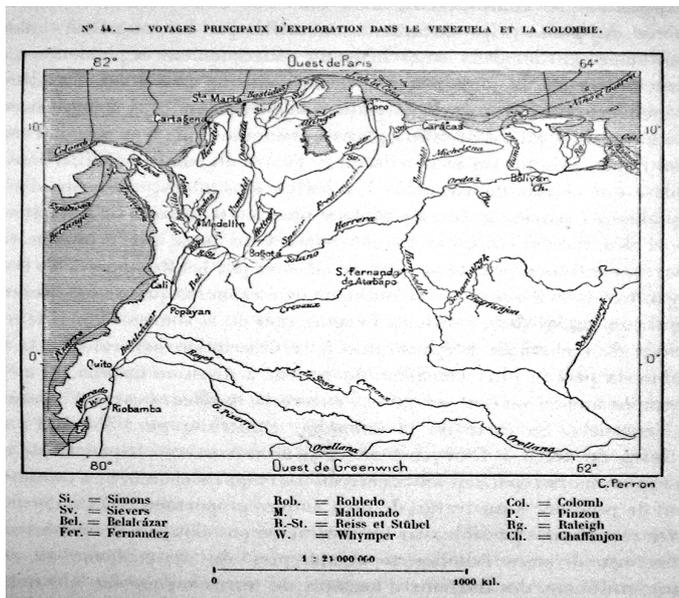


**Dessin de Taylor, d'après
une photographie de M.
Salles**

19 x 13 cm

p. 217

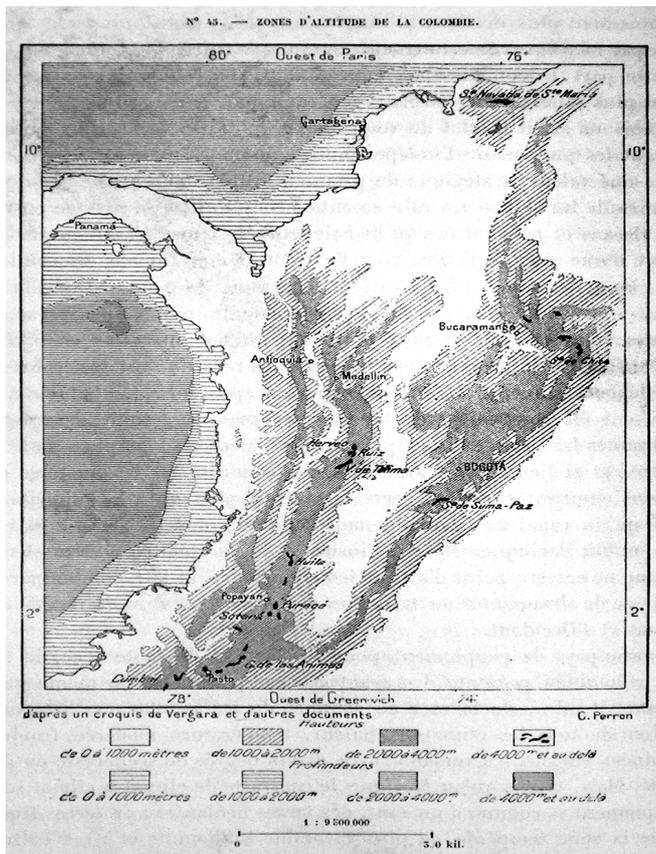
N° 44 Voyages principaux d'exploration dans le Venezuela et la Colombie



Gravador: Charles Perron
8,5 x 11 cm
1: 20'000.000
p. 221

Simons
Sievers
Belalcázar
Fernández
Robledo
Maldonado
Reiss et Stübel
Whymper
Colomb
Pinzón
Raleigh
Chaffanjon

N° 45 Zones d'altitude de la Colombie



D'après un croquis de Vergara et d'autres documents

Gravador: Charles Perron

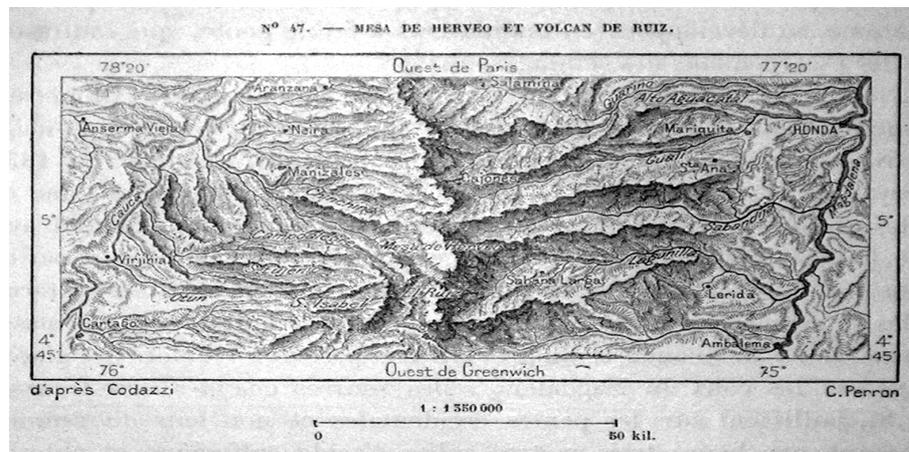
13,5 x 10,5 cm

1: 9'500.000

p. 224

Hauteurs
Profondeurs

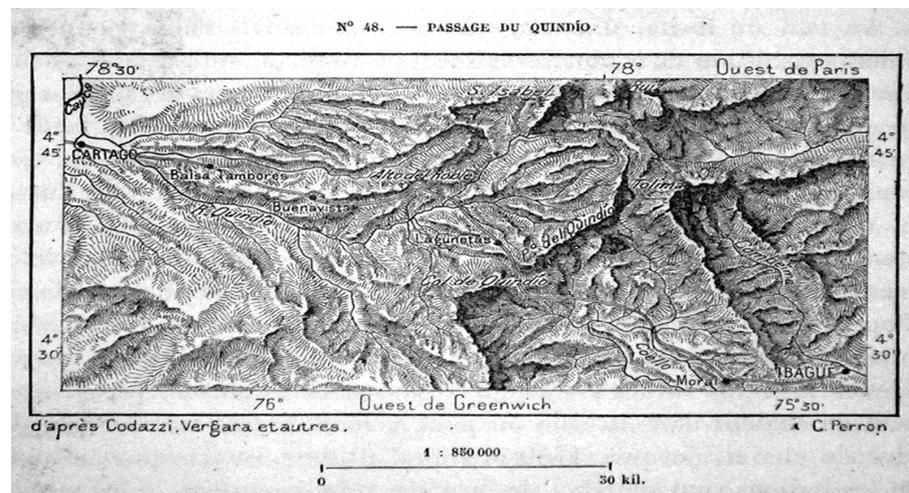
N° 47 Mesa de Herveo et volcan de Ruíz



D'après Codazzi
Gravador: Charles Perron

5,5 x 11 cm
 1: 1'350.000
 p. 239

N° 48 Passage du Quindío



D'après Codazzi, Vergara et autres
Gravador: Charles Perron

6 x 11 cm
 1: 850.000
 p. 241

N° 49 Massif de Colombia



D'après Codazzi

Gravador: Charles Perron

15 x 11 cm

1: 485.000

p. 244

Chute de Tequendama – Vue prise a la première terrasse

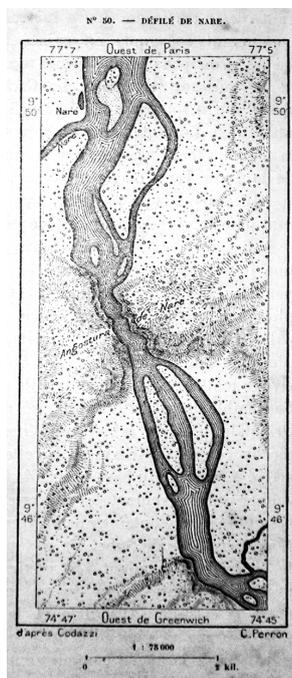


**Dessin de G. Vuillier, d'après une
photographie
communiquée par
Madame S. Acosta de
Samper**

19 x 13 cm

p. 253

N° 50 Défilé de Nare



D'après Codazzi

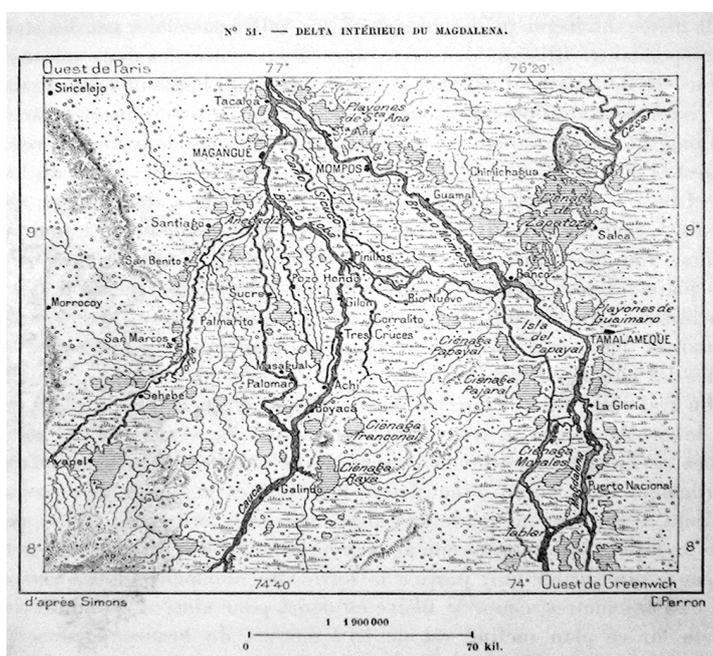
Gravador: Charles Perron

13,5 x 5,5 cm

1: 75.000

p. 255

N° 51 Delta intérieur du Magdalena



D'après Simons

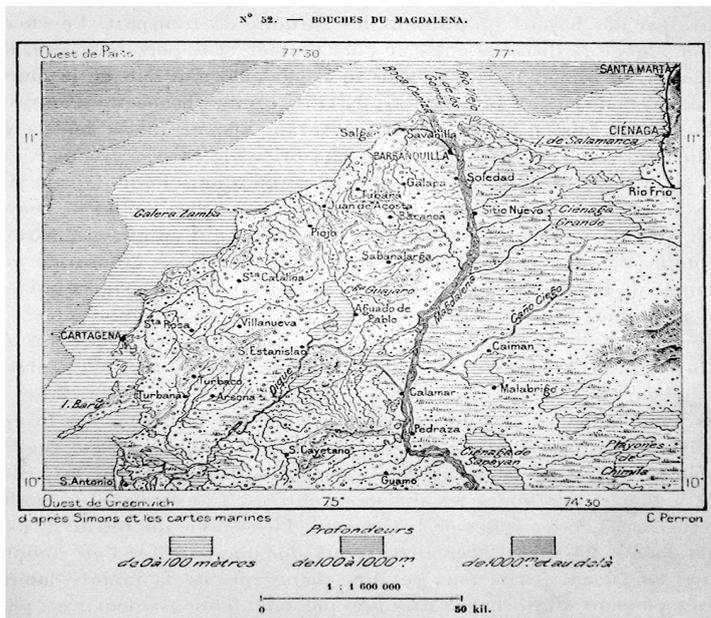
Gravador: Charles Perron

10 x 11 cm

1: 1'900.000

p. 259

N° 52 Bouches du Magdalena



D'après Simons et les cartes marines

Gravador: Charles Perron

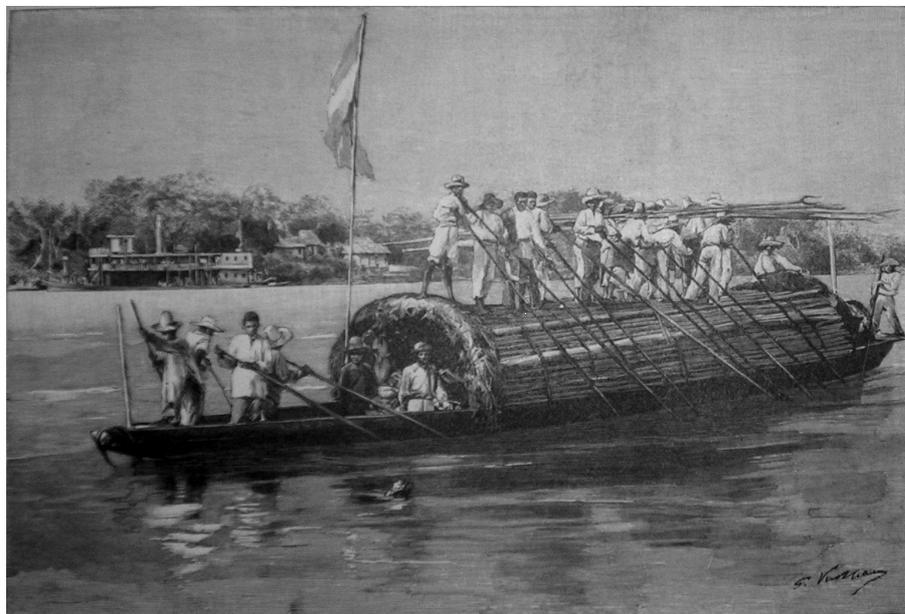
9,5 x 11 cm

1: 1'600.000

p. 263

Profondeurs

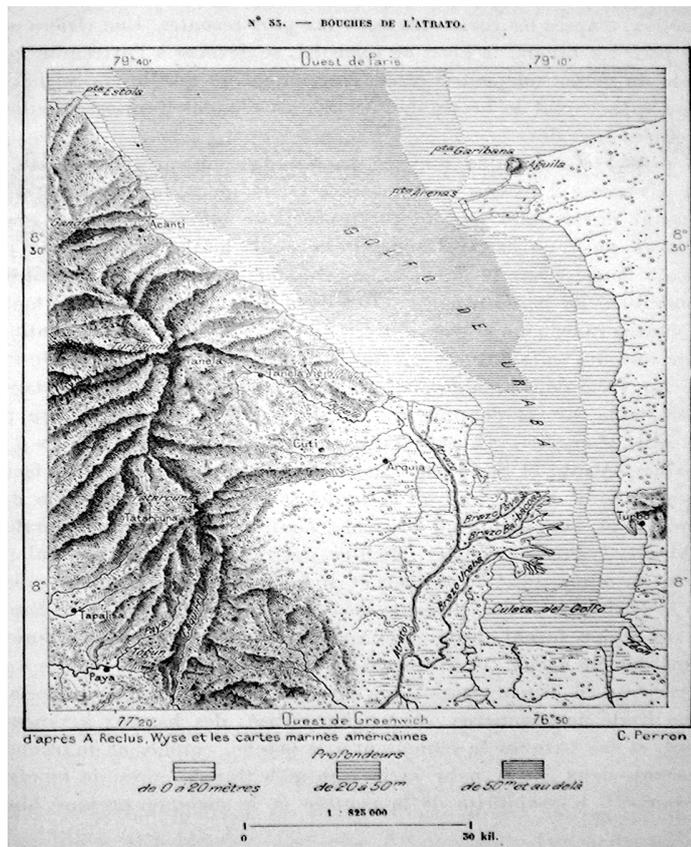
Bongo sur le Rio Magdalena



Dessin de G.. Vuillier, d'après une photographie

19 x 13 cm
p. 265

N° 53 Bouches de l'Atrato



D'après A. Reclus, Wyse
et les cartes marines
américaines

Gravador: Charles Perron

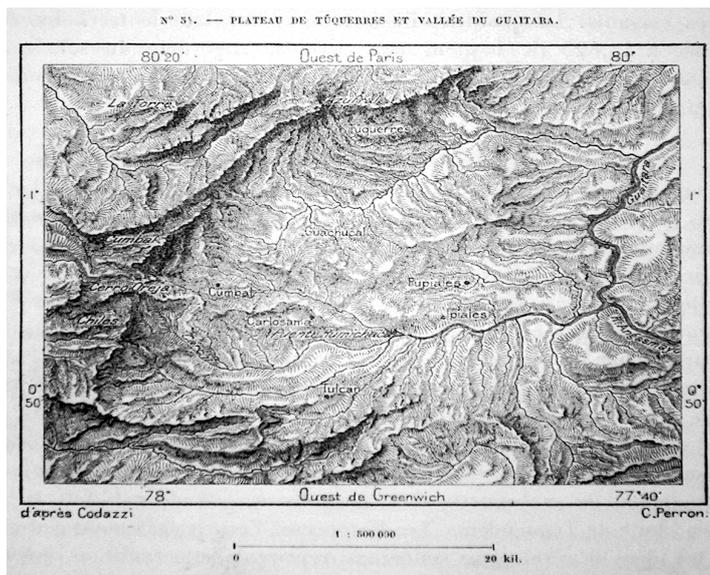
13 x 11 cm

1: 825.000

p. 269

Profondeurs

N° 54 Plateau de Túquerres et vallée du Guaitara



D'après Codazzi

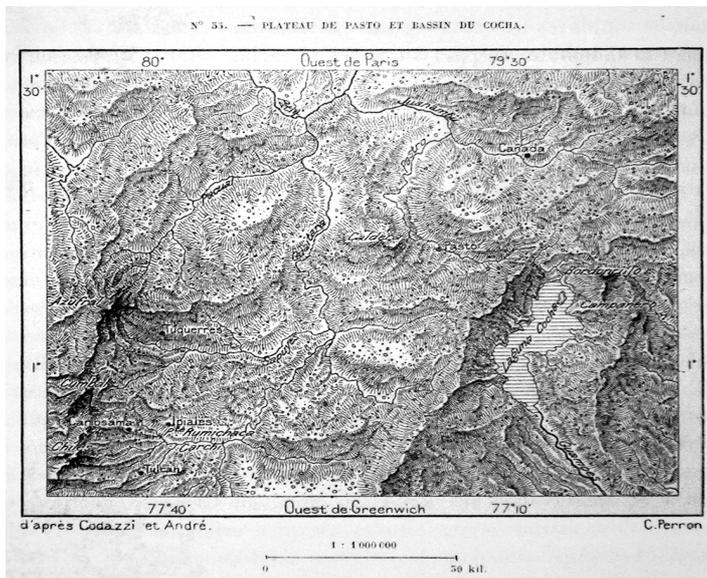
Gravador: Charles Perron

9 x 11 cm

1: 500.000

p. 273

N° 55 Plateau de Pasto et bassin du Cocha



**D'après Codazzi et
André**

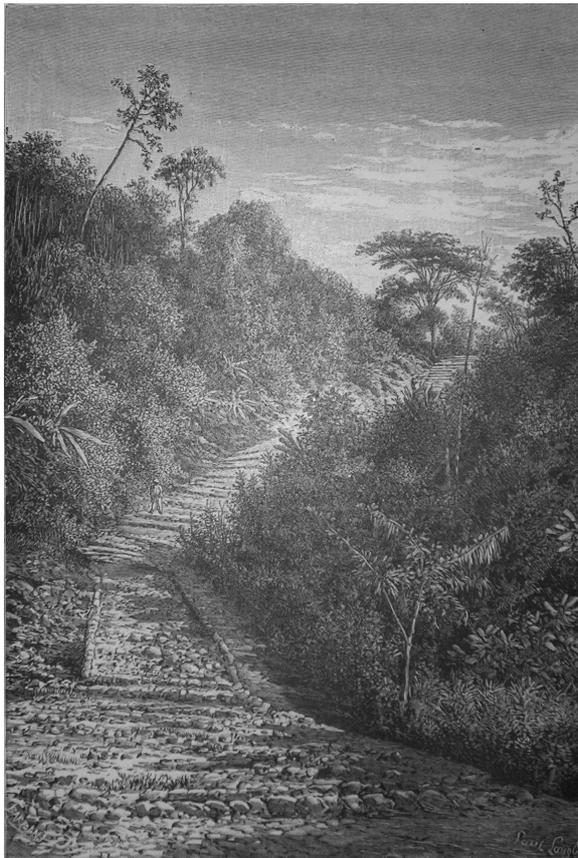
Gravador: Charles Perron

9 x 11 cm

1: 1'000.000

p. 277

Chemin des terres chaudes

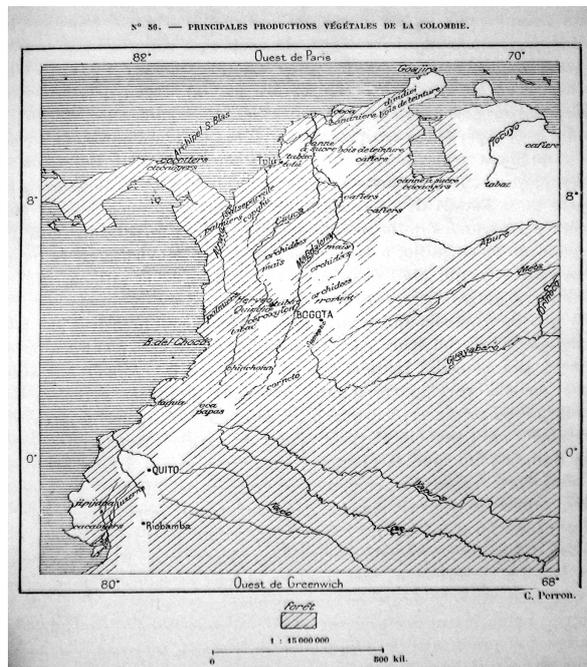


**Dessin de P. Langlois,
d'après une photographie
communiquée par Mme
Acosta de Samper**

17 x 13 cm

p. 285

N° 56 Principales productions végétales de la Colombie



Gravador: Charles Perron

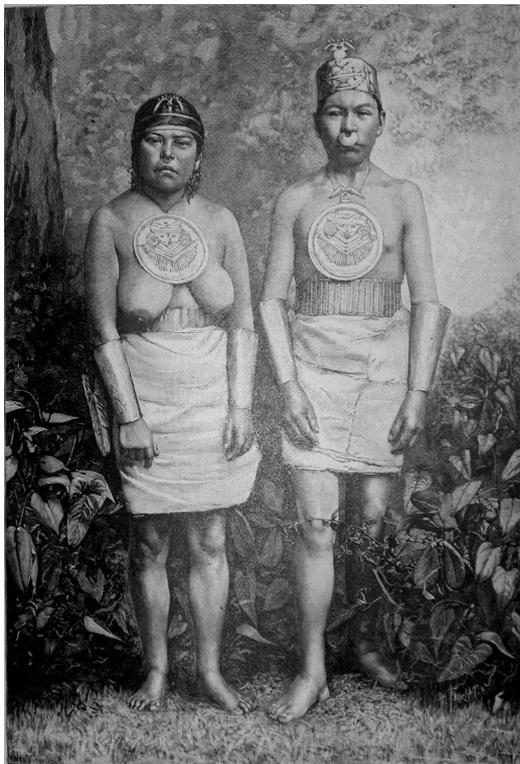
12,5 x 11 cm

1: 15'000.000

p. 287

Forêt

Indiens Muysca parés de bijoux anciens



**Gravure de Thiriat,
d'après une photographie
communiquée par M.
Chaffanjon**

19 x 13 cm

p. 297

Idole Muysca

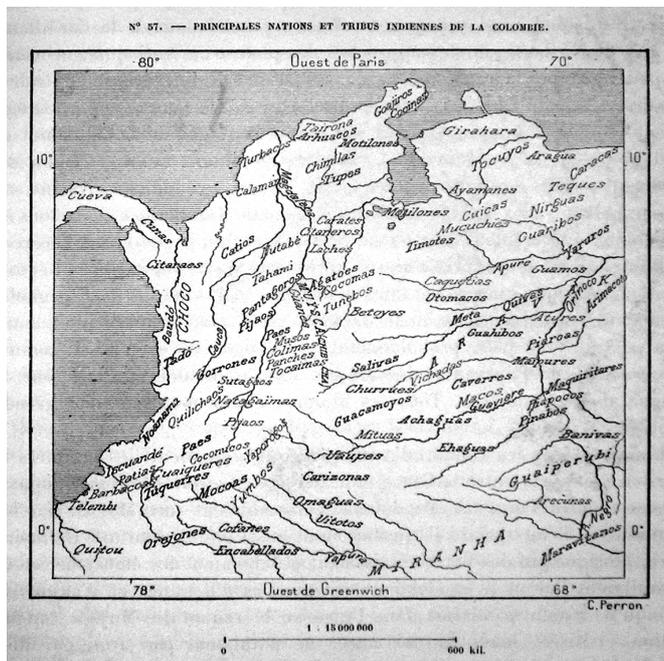


Gravure de Bazin,
d'après une photographie
communiquée par la
Société de Géographie

14,5 x 10 cm

p. 301

N° 57 Principales nations et tribus indiennes de la Colombie



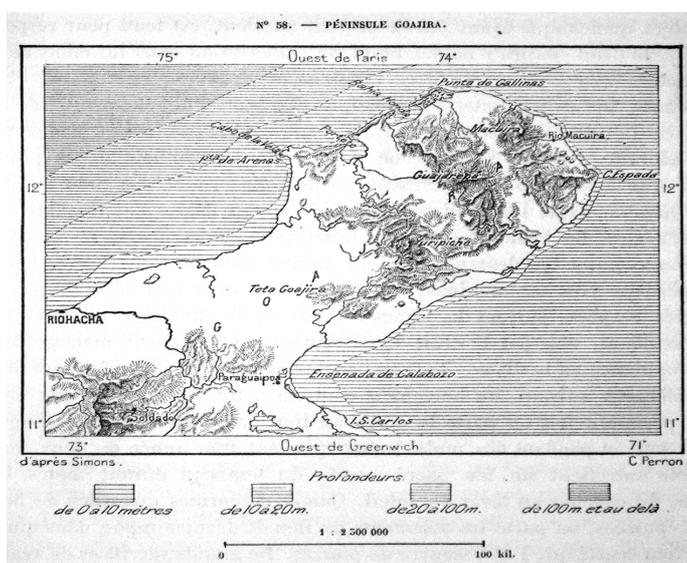
Gravador: Charles Perron

11 x 11 cm

1: 15'000.000

p. 303

N° 58 Péninsule Goajira



D'après Simons

Gravador: Charles Perron

8 x 11 cm

1: 2'300.000

p. 311

Profondeurs

Piliers d'un temple indien de San Agustín

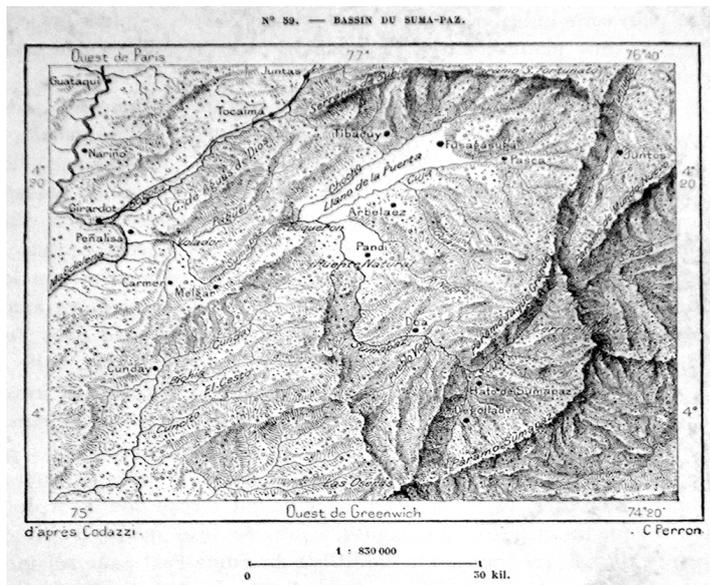


Gravure de Madame Marguerite Jacob,
d'après une photographie de M.
Chaffanjon

19 x 13 cm

p. 319

N° 59 Bassin du Suma-Paz



D'après Codazzi

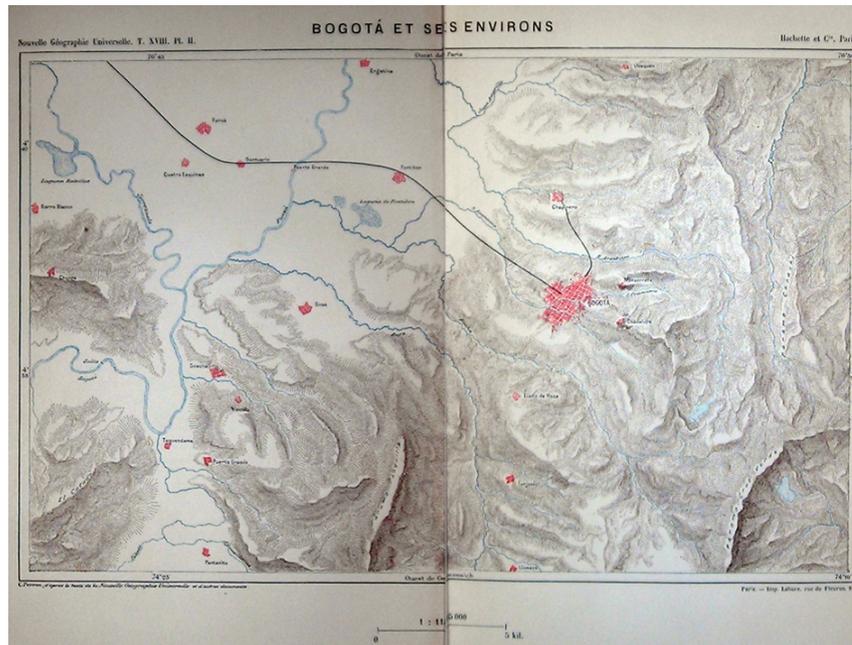
Gravador: Charles Perron

9 x 11 cm

1: 830.000

p. 322

Bogotá et ses environs



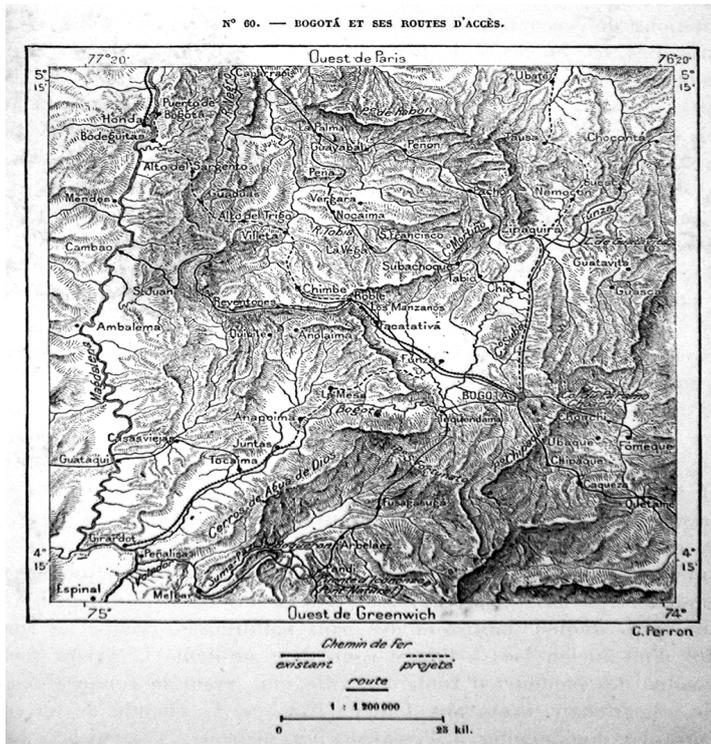
Charles Perron, d'après le texte de la Nouvelle Géographie Universelle et d'autres documents

19 x 29,5 cm

1: 115.000

Pl. II

N° 60 Bogotá et ses routes d'accès



Gravador: Charles Perron

11 x 11 cm

1: 1'200.000

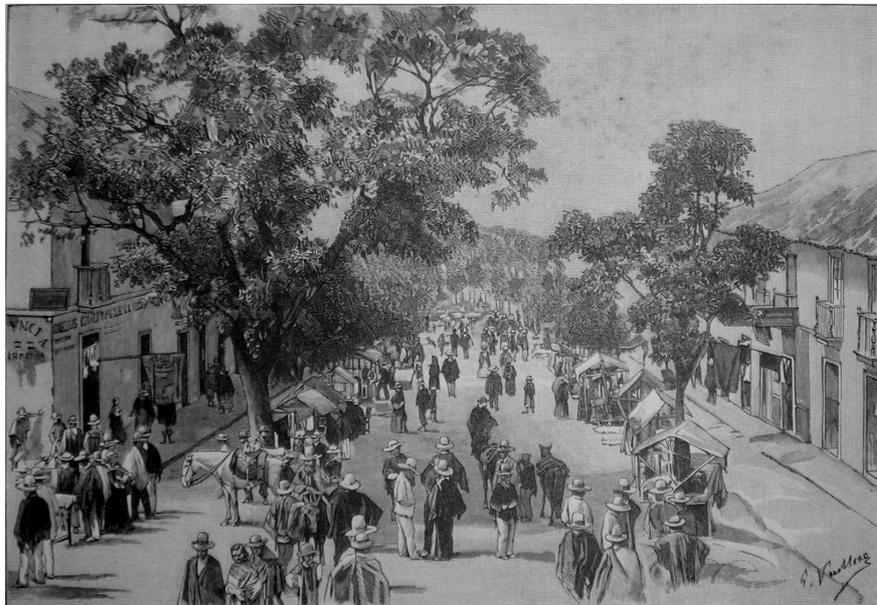
p. 327

Chemin de fer

Existant
Projeté

Route

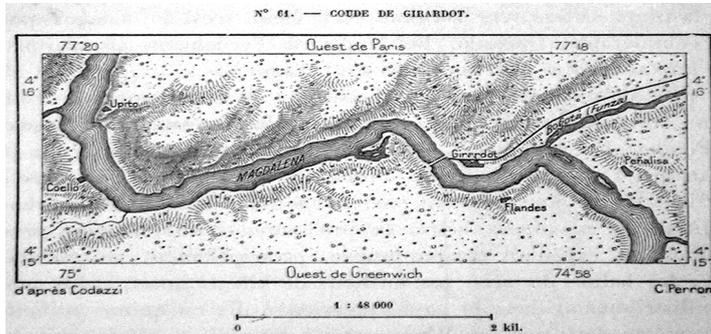
Vue prise à La Mesa



**Dessin de G. Vuillier, d'après une
photographie**

18,5 x 13 cm
p. 329

N° 61 Coude de Girardot



D'après Codazzi

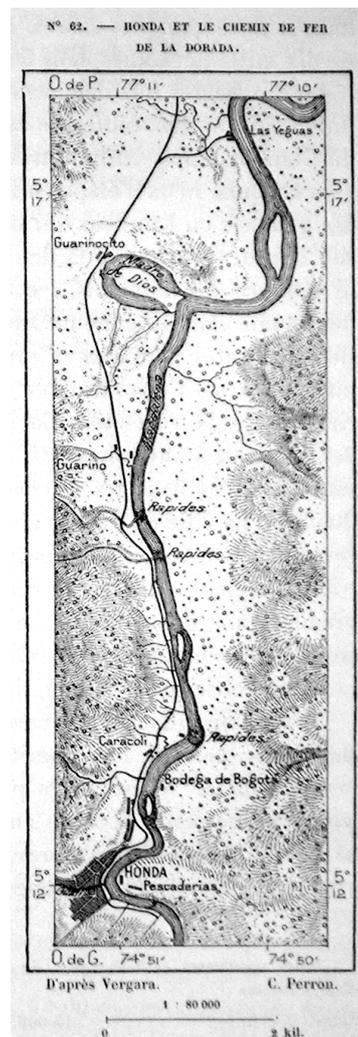
Gravador: Charles Perron

5 x 11 cm

1: 48.000

p. 331

N° 62 Honda et le chemin de fer de La Dorada



D'après Vergara

Gravador: Charles Perron

14,5 x 5 cm

1: 80.000

p. 333

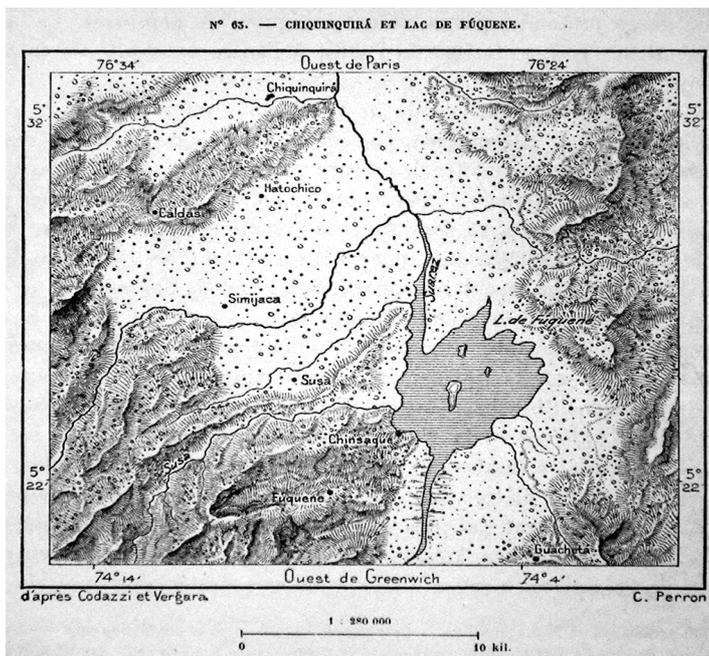
Champ de Bataille de Boyacá



Dessin de A. Stom, d'après un dessin inédit de Codazzi, communiqué par M. Vergara

19 x 13 cm
p. 339

N° 63 Chiquinquirá et lac de Fúquene



D'après Codazzi et Vergara

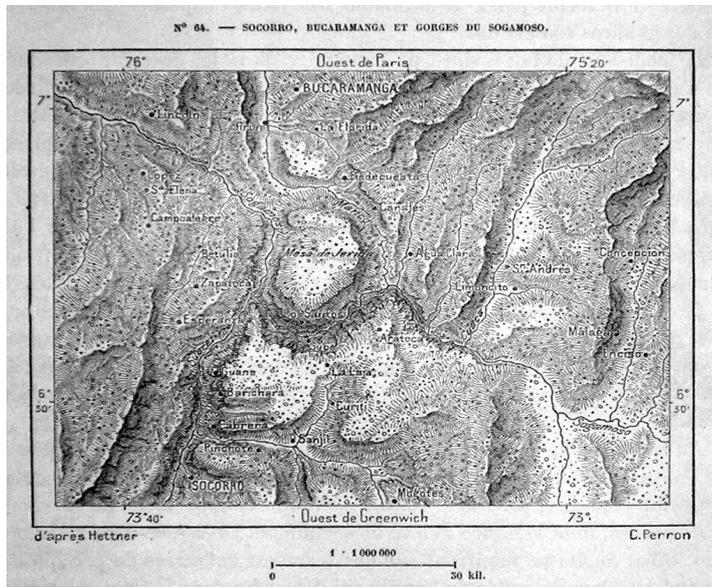
Gravador: Charles Perron

10 x 10,5 cm

1: 280.000

p. 343

N° 64 Socorro, Bucaramanga et gorges du Sogamoso



D'après Hettner

Gravador: Charles Perron

9 x 11 cm

1: 1'000.000

p. 346

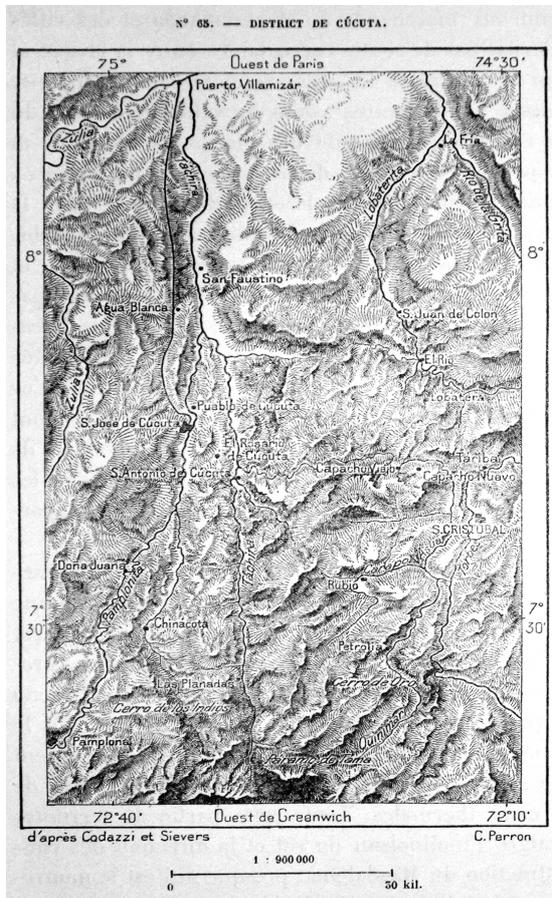
Débarcadère sur le Magdalena, vers le confluent du Sogamoso



Dessin de Riou, d'après une photographie
(Gravure extraite du Tour du Monde)

19 x 13,5 cm
p. 347

N° 65 District de Cúcuta



D'après Codazzi et Sievers

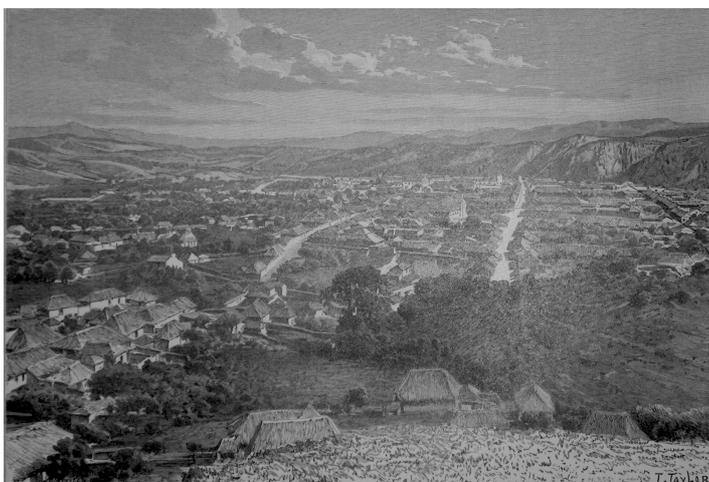
Gravador: Charles Perron

13,5 x 8 cm

1: 900.000

p. 350

Ocaña – Vue générale

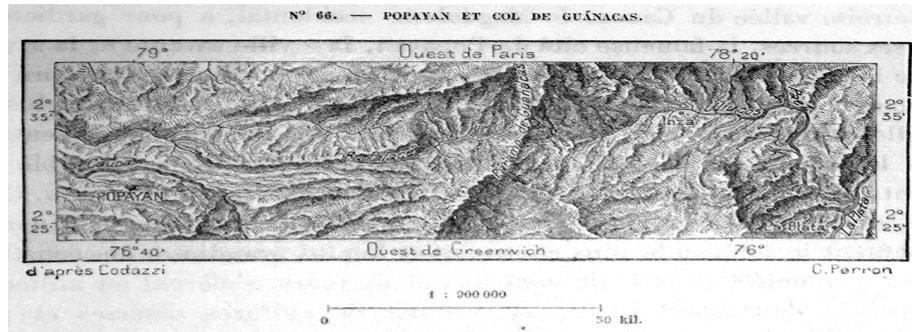


Dessin de Taylor, d'après une photographie de M. Pinart, communiquée par la Société de Géographie

19 x 13 cm

p. 353

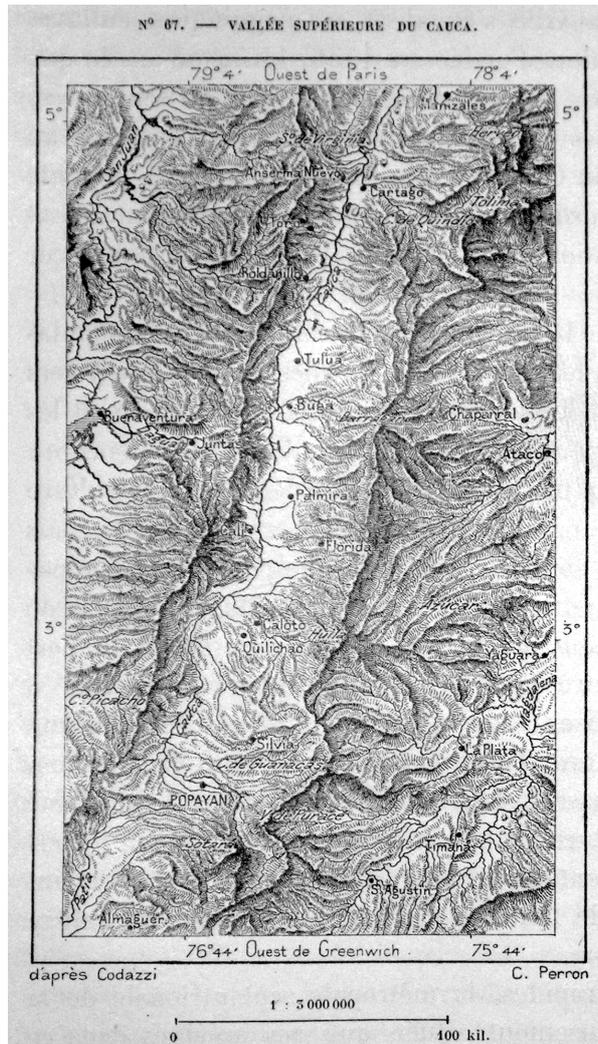
N° 66 Popayán et col de Guanacas



D'après Codazzi
Gravador: Charles Perron

4 x 11 cm
1: 900.000
p. 356

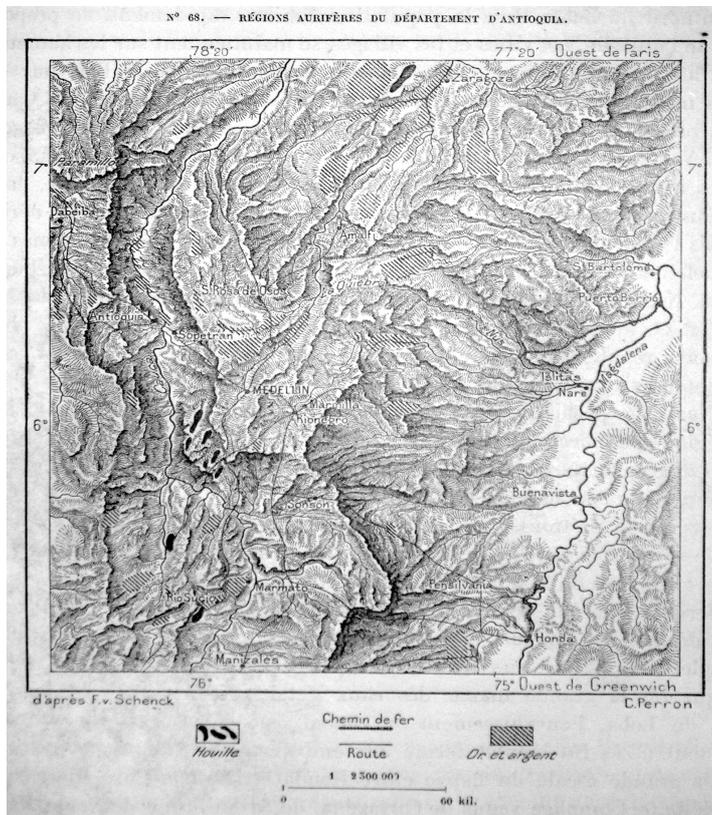
N° 67 Vallée supérieure du Cauca



D'après Codazzi
Gravador: Charles Perron

12 x 7 cm
1: 3'000.000
p. 358

N° 68 Régions aurifères du Département d'Antioquia



D'après F. v. Schenck

Gravador: Charles Perron

12,5 x 11 cm

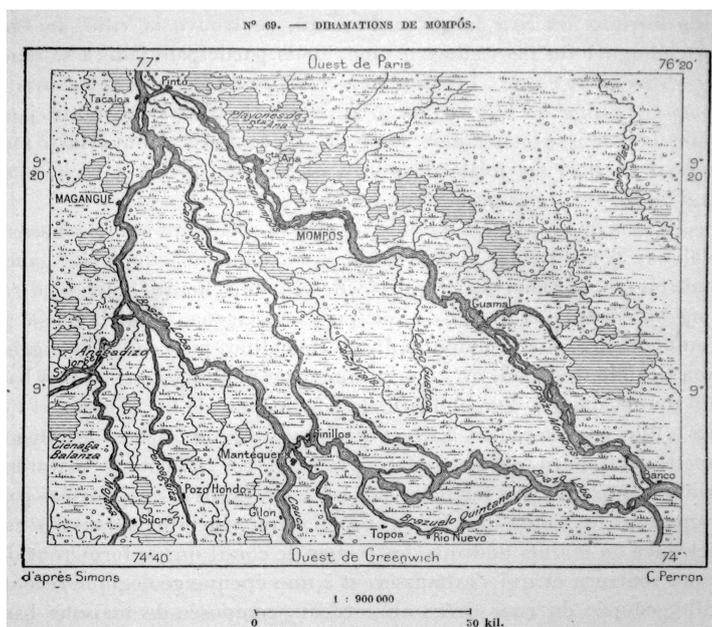
1: 2'500.000

p. 363

Chemin de fer
Route

Houille
Or et argent

N° 69 Diramations de Mompós



D'après Simons

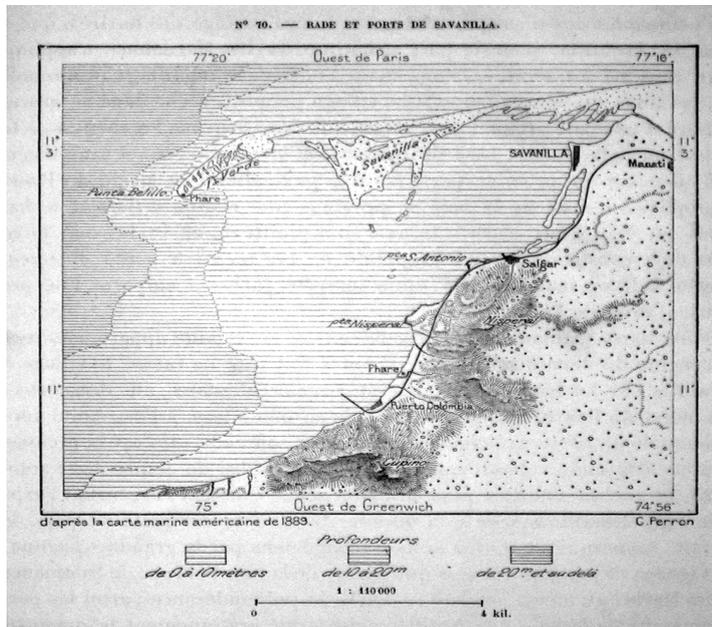
Gravador: Charles Perron

9,5 x 11 cm

1: 900.000

p. 365

N° 70 Rade et ports de Savanilla



D'après la carte marine
américaine de 1889

Gravador: Charles Perron

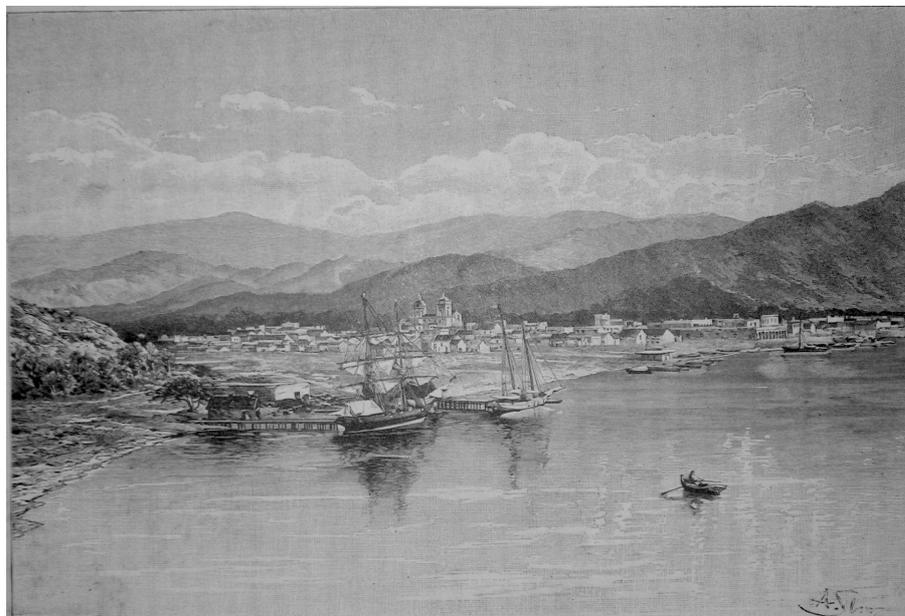
9,5 x 11 cm

1: 110.000

p. 367

Profondeurs

Santa Marta – Vue générale prise du nord



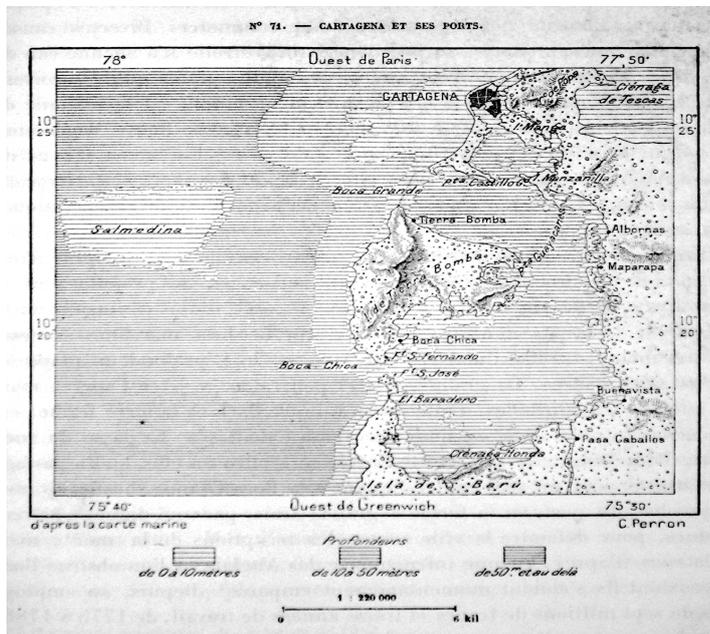
Dessin de A. Stom, d'après une photographie
communiquée par la Société de Géographie

9,5 x 11 cm

19 x 13 cm

p. 369

N° 71 Cartagena et ses ports



D'après la carte marine

Gravador: Charles Perron

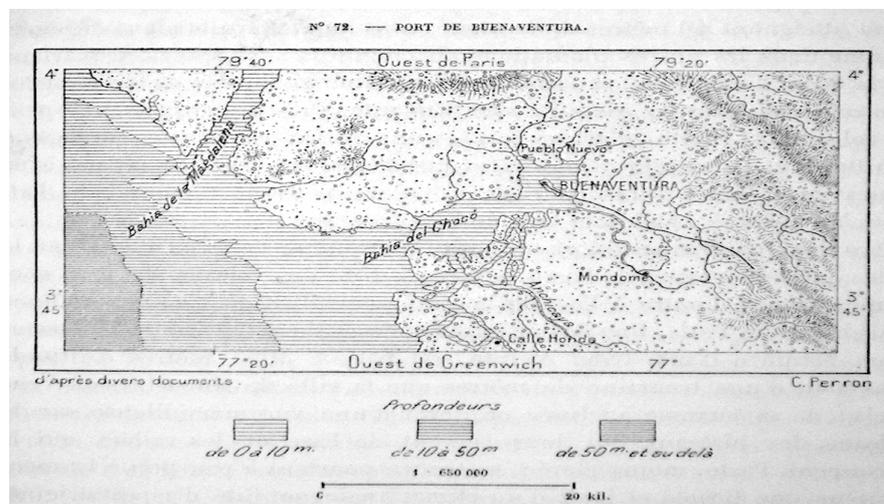
9,5 x 11 cm

1: 220.000

p. 375

Profondeurs

N° 72 Port de Buenaventura



D'après divers documents

Gravador: Charles Perron

6 x 11 cm

1: 650.000

p. 381

Profondeurs

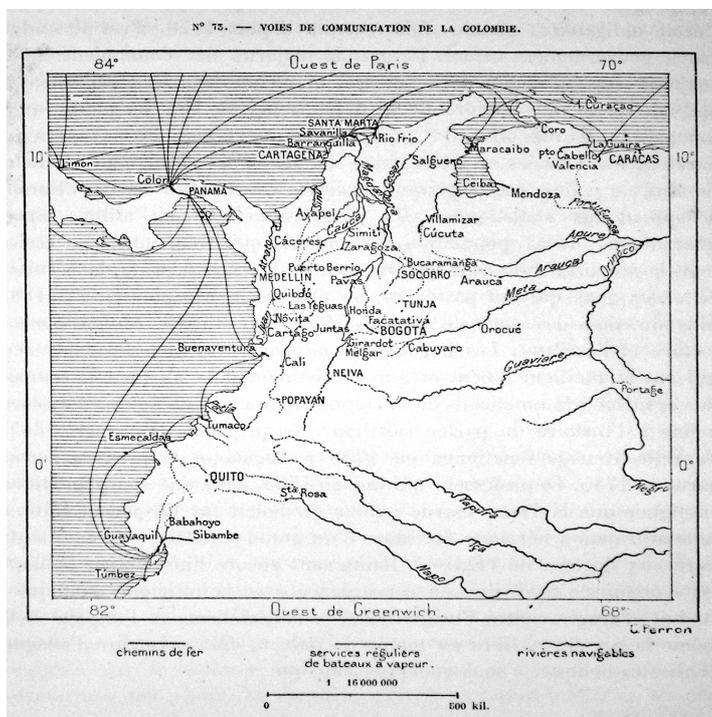
Débarcadère de Salgar – Port de Savanilla



Dessin de A. Slom, d'après une
photographie

19 x 13 cm
p. 393

N° 73 Voies de communication de la Colombie



Gravador: Charles Perron

11 x 11 cm

1: 16'000.000

p. 397

Chemins de fer

Services réguliers de
bateaux à vapeur

Rivières navigables

Bogotá – Vue panoramique prise de l'est



Dessin de A. Slom, d'après une photographie
communiquée par Madame Acosta de Samper

19 x 13 cm
p. 401

N° 74 Divisions administratives de la Colombie



Gravador: Charles Perron

11 x 11 cm

1: 20'000.000

p. 403

I Magdalena
II Bolívar
III Panamá
IV Santander
V Boyaca
VI Cundinamarca
VII Tolima
VIII Antioquia
IX Cauca

ANEXO 2

Correspondência de Élisée Reclus a Francisco Javier Vergara y Velasco

Arquivo Geral da Nação, Bogotá, Colômbia, Seção Coleções, Fundo Francisco Javier Vergara y Velasco, tomo I, fólhos 4-45

Carta 1



[f. 4-5]

Clarens, Vaud, Suisse
8/11/1888

Mon cher Monsieur,

Je vous suis très reconnaissant de l'envoi que vous m'avez fait.

La Nouvelle Géographie de la Colombie me sera très utile et d'avance je me délecte à la pensée de l'étudier.

Je n'ai qu'une petite observation à vous faire. Votre dédicace si aimable à mon frère et à moi ne dépasse-t-elle pas un peu la mesure? Et quand j'offrirai votre livre à diverses sociétés de Géographie, ne serai-je pas obligé de coller une feuille de papier blanc sur cette dédicace?

Je vous remercie encore une fois de vos offres de servir pour renseignements relatifs à l'Amérique du Sud. Certainement, j'espère que j'aurai le bonheur de faire appel à votre bonne collaboration.

Veillez agréer, mon cher Monsieur, mes salutations cordiales,

Élisée Reclus

[f. 6-7]

Carta 2

Clarens,
23/01/1889



Mon cher Monsieur,

Je viens de recevoir plusieurs exemplaires de votre notice sur l'Archipel de San Andrés, dont je m'empresse de distribuer les doubles à diverses sociétés savantes.

Vous désirez peut-être que je le présente au Congrès géographique; mais je crois que je n'assisterai pas à cette réunion: à cette époque, je compte me trouver dans l'Amérique du Nord, où m'appellent les recherches nécessaires pour la rédaction de mon quinzième volume.

C'est en 1892, -si je vis jusqu'à cette date,- que je compte enfin pouvoir mettre la main à la Géographie de la Colombie. D'avance, je puis me féliciter de l'aide que je trouverai chez vous et mes «compatriotes grenadins», puisqu'ils ont la bienveillance de me considérer comme tel. Ce que vous me dites de vos projets relatifs à l'étude complète du sol et du climat colombiens peut nous faire espérer une œuvre grandiose, et pour ma part, je serai très heureux de pouvoir vous aider dans le plan de cette œuvre, ne fût ce que d'une manière infinitésimale.

Ne croyez-vous pas que le principal objectif serait maintenant de rédiger une carte par les procédés rapides, comme celle de l'Éthiopie par M. d'Abbadie ou des Pyrénées par M. Schrader. Il va sans dire qu'il serait impossible de faire une carte topographique militaire, surtout si l'on doit comme en Espagne, prévoir que le travail durera mille ans, mais une œuvre fort utile [f. peut-être] faire en peu d'années. Nous en causerons plus au long, si vous le désirez.

Le voyageur Chaffanjon, chargé d'une mission géographique, m'a demandé une lettre d'introduction pour un savant colombien. J'ai cru devoir lui en donner une portant votre adresse.

Je vous prie d'agréer mes salutations cordiales,

Élisée Reclus

[f. 8-9]

Carta 3



Clarens,
17/04/1889

Monsieur,

J'ai lu avec intérêt la coupure de journal que vous m'avez envoyé. Votre «nouvelle hypothèse» soulèverait une longue discussion parmi les géologues. A mon avis, elle renferme un peu de vrai, mais elle ne me paraît pas donner l'explication des plissements énormes qui ont formé l'Himalaya et les Andes. On remarque très dans les roches profondes des mines une différence dans la propagation du calorique, mais cette différence, qui a certainement pour résultat une modification de l'équilibre des roches, et par conséquent une corrugation du sol, me paraît peu importante. Ne vous semble-t-il pas que le rétrécissement du rayon terrestre a beaucoup plus de valeur pour expliquer les plissements et les renversements des strates, ainsi que les écoulements le long des mers, suivant les lignes de moindre résistance. Puis viennent les érosions, qui sculptent les monts, et leur donnent le pittoresque et la beauté.

Mais il faudrait parler de tout cela longuement et le temps s'enfuit très rapide.

Je suis heureux d'apprendre de vous la bonne nouvelle des expéditions géographiques qui se préparent. M. Chaffanjon, que vous connaissez certainement de réputation, va étudier votre pays: je me suis permis de lui donner votre adresse et une lettre de recommandation pour vous.

Élisée Reclus

Washington, le 14/05/1889
 No. 1007

Monsieur le Ministre,

Comme je suis parti de
 Paris au 10/05/1889, j'ai eu
 beaucoup de plaisir à visiter
 les plateaux de la Colombie, et
 j'ai pu me rendre compte de
 l'importance de ces régions
 géographiques, et de la
 nécessité de les étudier
 avec soin. J'ai donc
 rassemblé un certain nombre
 de documents, et j'ai
 essayé de les classer
 d'après leur importance
 géographique. J'ai
 aussi essayé de rassembler
 un certain nombre de
 documents géographiques
 et statistiques, et j'ai
 essayé de les classer
 d'après leur importance
 géographique. J'ai
 aussi essayé de rassembler
 un certain nombre de
 documents géographiques
 et statistiques, et j'ai
 essayé de les classer
 d'après leur importance
 géographique.

Je vous prie d'agréer
 mes salutations
 cordiales.

Élisée Reclus

[f. 10-11]

Washington, en voyage
14/05/1889

Mon cher Monsieur,

Ce serait une grande chance pour moi de pouvoir continuer mon voyage à travers l'Amérique et d'aller vous [xxx] une visite sur les plateaux de la Colombie; malheureusement, je ne pousserai pas cette fois-ci mon voyage plus avant. Je me suis rendu ici pour visiter la bibliothèque du Congrès et l'institut Smithsonian, dans l'espérance de pouvoir ainsi faciliter mon travail de l'année prochaine sur les États-Unis, puis j'irai au Canada, où je trouverai certainement sans aucune difficulté tous les renseignements désirables.

Je vous remercie bien cordialement de votre bonne promesse, de m'envoyer les diverses publications géographiques, géologiques, statistiques ou même historiques, qui vous paraîtront devoir faciliter mon ouvrage quand j'aurai à m'occuper de notre admirable éventail de plateaux et de monts colombiens. Vous avez bien tort de vous exagérer la valeur de mon travail, car les ouvrages géographiques ne peuvent avoir qu'une valeur essentiellement transitoire; mais telle quelle ma géographie devra son intérêt au soin que j'aurai mis à recueillir tous les documents épars. Il va leur dire que je serai extrêmement si dans le traitement de votre pays, -de notre pays,- je puis conquérir vos suffrages.

Veillez agréer mes remerciements et mes salutations cordiales,

Élisée Reclus

[f. 12-13]

Clarens, Vaud, Suisse
07/05/1890

Carta 5



Mon cher Monsieur,

Le moment est venu de faire appel à votre obligeance.

Ayant terminé mon volume de l'Amérique boréale, je devrais rédiger maintenant le volume des États-Unis, mais il m'a paru convenable de remettre la rédaction de cet ouvrage à l'année prochaine pour attendre la publication du recensement sommaire qui paraîtra vers la fin de cette année. Ayant donc sauté ce volume, je m'occupe maintenant d'écrire le volume XVII, comprenant le Mexique, la région des Isthmes Américains et les Antilles. La partie colombienne des Isthmes, c'est à dire la province de Panama, fait ainsi partie de mon champ d'études, car, vous le savez, les divisions géographiques me semblent devoir primer les divisions politiques, et d'ailleurs les temps ne sont ils pas proches où tous les Hispano-Américains se sentiront et se diront frères.

S'il vous était possible de me faire parvenir des documents nouveaux sur la région colombienne dont je m'occupe maintenant je vous en serai très reconnaissant.

Je vous demande en toute simplicité de me rendre ce service, parce qu'il s'agit d'une cause commune, la science.

Votre bien dévoué,

Élisée Reclus

Carta 6

Clarens, Suisse, le 3. 06. 90.

Monsieur J. Vergara y Vergara,

J'ai eu les documents
de M. Lelarge que vous m'avez
quels. Je les ai lus et j'ai
je suis obligé de regarder vers
vous pour obtenir les documents
qui serviront de base à mon
à commencer à lire très attentivement
ce que vous m'avez déjà envoyé
sur la région isthmique, -serranía
istmica, pages 26 à 39, et pages 481 à 508,
mais vous pouvez certainement me
procurer d'autres matériaux utiles.
J'aimerais aussi avoir votre opinion
sur la Question du canal : j'ai entendu
déjà bien des voix intéressées dans
un sens ou dans un autre ; mais, à
une seule exception près, je n'ai pas
eu encore l'occasion d'entendre
exposé la question par un Colombien.

En vous remerciant cordialement
de l'appui que vous me donnez,
je vous prie d'agréer mes salutations
respectueuses,

Élisée Reclus

[f. 14]

Clarens, Suisse,
03/06/1890

Monsieur Vergara y Vergara [sic]

Je vous suis très reconnaissant de l'envoi que vous m'annoncez e que M. Lelarge me dit devoir me parvenir bientôt [xxxxxx] que je suis obligé de regarder vers vous pour obtenir les documents qui serviront de base à mon étude. Je commence à lire très attentivement ce que vous m'avez déjà envoyé sur la région isthmique, -serranía istmica, pages 26 à 39, et pages 481 à 508, mais vous pouvez certainement me procurer d'autres matériaux utiles. J'aimerais aussi avoir votre opinion sur la Question du canal : j'ai entendu déjà bien des voix intéressées dans un sens ou dans un autre ; mais, à une seule exception près, je n'ai pas eu encore l'occasion d'entendre exposé la question par un Colombien.

En vous remerciant cordialement de l'appui que vous me donnez, je vous prie d'agréer mes salutations respectueuses,

Élisée Reclus

[f. 16-17]

26 rue des Fontaines Sèvres S. et Oise
09/ 01/18 92

Carta 7



Mon cher Monsieur,

Cette année je vais m'occuper de la description des contrées Andines, et je désire pouvoir développer particulièrement la géographie d'un pays que me tient à cœur par tant de liens, la République de Colombie.

C'est vous dire que j'aurai besoin de votre appui.

Cependant j'ai eu si peu de chance, il y a deux ans, que j'ose à peine m'adresser à vous de crainte d'un nouvel accident. Les documents précieux que vous aviez eu la bonté de me faire envoyer ne m'étant jamais parvenus, je serais fort malheureux si une semblable mésaventure devait se produire une seconde fois. Mais j'ai pensé que les accidents seraient moins à craindre si vos envois se faisaient non à l'adresse d'un particulier, mais à celle de notre ambassade. Les cartes envoyées, les livres ou manuscrits resteraient ainsi en terre Grenadine et je pourrais en allant les consulter obtenir du dépositaire des explications utiles.

Je vous prie de considérer cette proposition et de me dire si elle vous semble acceptable. Nous avons vous et moi le même intérêt à ce que l'œuvre commune ne soit entachée d'erreur grossière et donne une image vraie de ce pays si beau dont l'histoire est encore si peu connue et dont la part d'action dans le destinées prochaines de l'humanité aura une si grande importance.

Je vous prie d'agréer mes salutations cordiales et respectueuses,

Élisée Reclus

[f. 18]

Sèvres, 26, rue des Fontaines
24/06/1892

Carta 8



Mon cher Monsieur,

J'ai le plaisir de vous annoncer qu'un de vos ouvrages, envoyé de Bogotá, est retrouvé. La maison Hachette vient de me faire parvenir l'exemplaire de votre Géographie sur lequel vous avez écrit que l'impression sera finie avant le mois de juin et que l'ouvrage contiendra surtout la Géologie et les itinéraires de la Colombie. J'ai grand plaisir à vous annoncer cette trouvaille; espérons que les autres documents se seront également égarés, mais non perdus.

Je vous salue respectueusement,

Élisée Reclus

[f. 20]

Adresse ordinaire, 26, rue des Fontaines, Sèvres
07/08/1892

Carta 9



Mon cher Monsieur,

White, en racontant ton escalade du Cerro Tarrá (Proceedings of the R. Geographical Society, may 1883) dit expressément que cette montagne n'est pas un volcan et lui donne une altitude de 12.600 pieds (3840 mètres). Vous êtes en contradiction avec le voyageur dans votre Géographie, page XLIII. Y avait-il confusion avec une autre montagne? [xxxx] quel est le volcan [xxx] dont vous parlez à la page suivante?

Il est fort probable que votre réponse me parviendra trop tard pour la correction de mon ouvrage, mais elle sera toujours à temps et la bienvenue, pour mon instruction personnelle.

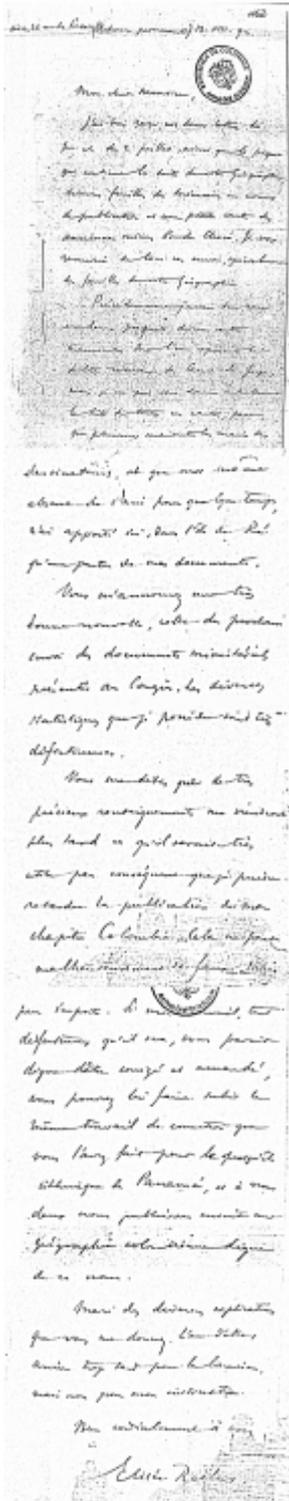
Veillez agréer je vous prie, l'expression de mes sentiments respectueux,

Élisée Reclus

[f. 22-23]

Carta 10

Sèvres, 26 rue des Fontaines (adresse permanente)
13/08/1892



Mon cher Monsieur,

J'ai bien reçu vos deux lettres du 1er et du 2 juillet, ainsi que le paquet qui contient la suite de votre Géographie, diverses feuilles des mémoires en cours de publication et une petite carte des anciennes mines d'or du Chocó.

Je vous remercie de tous ces envois, spécialement des feuilles de votre Géographie.

Précédemment j'avais bien reçu en deux paquets diverses cartes manuscrites dont l'une représente le delta intérieur du Cauca – San Jorge, mais je ne puis vous donner actuellement la liste de toutes ces cartes, parce que plusieurs sont entre les mains des dessinateurs et que moi même absent de Paris pour quelque temps, n'ai apporté ici, dans l'île de Râ, qu'une partie de mes documents.

Vous m'annoncez une très bonne nouvelle, celle du prochain envoi des documents ministériels présentés au Congrès. Les diverses statistiques que je possède sont très défectueuses.

Vous me dites que des très précieux renseignements me viendront plus tard et qu'il serait très utile par conséquence que je puisse retarder la publication de mon chapitre Colombie. Cela ne peut malheureusement se faire. Mais peu importe. Si mon travail, tout défectueux qu'il sera, vous paraît digne d'être corrigé et amendé, vous pouvez lui faire subir le même travail de correction que vous l'avez fait pour la presqu'île isthmique de Panamá, et à nous deux nous publierons ensuite une Géographie colombienne digne de ce nom.

Merci des diverses explications que vous me donnez. L'une d'elles arrive trop tard pour la livraison, mais non pour mon instruction.

Bien cordialement à vous,

Élisée Reclus

Carta 11



[f. 24]

Sèvres,
27/09/1892

Mon cher collaborateur,

La note 1 de la page 675 du volume XVI de ma Géographie doit se compléter ainsi:
Accroissement naturel de la population nord-américaine, sans l'immigration :

1860 à 1880 ... 13 860 566 soit 18,5 pour 100 par année
1880 à 1890 ... 6 933 571 soit 14 " " " "

J'ai bien reçu vos lettres [xxxx] et vous en remercie, toutefois je ne suis pas encore en possession des documents statistiques dont vous parlez, et je crains fort de me trouver forcé de reproduire pour la population des villes et districts colombiens les chiffres évidemment erronés qui se trouvent dans l'ouvrage de Pereira, États-Unis de Colombie.

Bien cordialement à vous,

Élisée Reclus

Carta 12



Mon cher Monsieur,

Je viens de recevoir les deux paquets que vous m'avez envoyés :

1° votre Géographie de la Colombie et les documents inédits que vous avez fait paraître.

2° plusieurs cartes précieuses que vous avez eu l'extrême obligeance de faire copier pour moi: Bogotá et les routes du Magdalena; le relief de la Nouvelle Grenade, le chemin de fer de la Dorada et plusieurs autres croquis du fleuve; la vue du champ de bataille de Boyacá, et le massif Columbia [sic], l'anastomose du Cauca, du Magdalena et du Cesar; le bas-Magdalena, la Mesa de Herveo, le massif de Ybarra et celui du Túquerres, le haut Magdalena, enfin un Plan de Codazzi imprimé donnant le tracé de la route entre Facatativá et Ambalema.

Il va sans dire que je reporte vos corrections du relief sur ma carte du volume XVII, et que je ferai d'après votre modèle une carte spéciale dans le vol. XVIII.

Je vois avec le plus grand plaisir que l'œuvre d'exploration de votre pays est déjà très avancée qu'on ne se le figure généralement, et, comme vous me le conseillez, je me défierai de toutes les assertions hasardeuses des voyageurs de passage. J'avais déjà remarqué les erreurs de Hettner et je n'avais point été dupe des prétentions de Crevaux au sujet du Guaviare. Il ne me reste qu'à vous remercier de toutes les belles choses que vous m'avez envoyées et de celles que vous me promettez, dans un avenir prochain.

Si je ne suis pas à la hauteur de ce que vous attendez de moi, vous pouvez au moins vous laver les mains de toutes mes erreurs; c'est bien moi qui serai le seul coupable.

Une question: les Arruacos de la Sierra Nevada de S^a Marta sont-ils les parents des Arruacos de l'Orénoque? Sievers dit qu'ils parlent une langue apparentée aux Chibchas? Qu'en dit Mr. Rafael Celedón?

2° Pourquoi la crue de Novembre dans l'Orénoque s'appelle-t-elle creciente de los Muertos? Est-ce à cause de la [xxxx]?

3° Comment avez-vous obtenu le débit du Guaviare et du Meta?

Votre dévoué et reconnaissant,

Élisée Reclus

[f. 28]

[s. d.]

Carta 13



Mon cher Monsieur

Où se trouve le village d'El Castigo, au le Patia, dont White parle avec tant d'enthousiasme? Je ne le trouve pas dans les cartes qui sont à ma disposition.

J'espère que vous m'aurez envoyé des tableaux statistiques analogues à ceux que vous m'avez expédiés pour les départements de Bolivar et de Magdalena.

Entre ces documents et ceux que j'avais, il y a de grands écarts et par conséquent j'ai dû commettre de grosses erreurs pour les autres parties de la République.

En corrigeant mes épreuves je vois çà et là de nombreuses erreurs, des méprises, des confusions si vous jetez les yeux sur ces feuilles, vous devez sursauter de mécontentement. Veuillez m'excuser et bien agréer mes salutations cordiales,

Élisée Reclus

Le Dabeiba d'Antioquia est-il le Dabeiba de la chronique, ou bien est-il de fondation récente?

[f. 29]

**Ténès (Algérie), en voyage
20/02/1893**

Carta 14



Mon cher ami et collaborateur,

Il y a longtemps que vous auriez reçu les exemplaires des cartes demandées si cela dépendait de moi, mais la maison Hachette, comme toutes les autres entreprises commerciales de proportions immenses, est une sorte de ministère où chaque chose se fait par une lente méthode et une grande complication de rouages. Aussi je n'ose dire que l'affaire soit déjà terminée.

Je vous félicite vivement du voyage que vous avez entrepris à la cime du Sumapaz et aux sources de l'Ariari; vous en aurez rapporté de précieux renseignements qui aideront aux progrès de la Géographie. Si vous me le permettez, je communiquerai le résultat de vos études à quelques sociétés savantes, à moins que vous ne le fassiez directement.

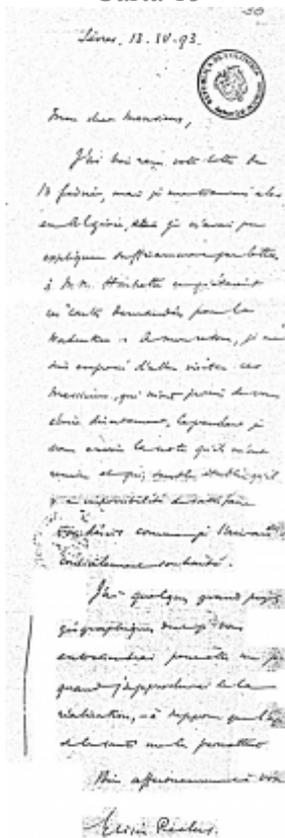
Ce que j'ai déjà reçu de votre traduction annotée et corrigée me paraît admirablement fait. Dans cette œuvre de collaboration c'est vous qui êtes bien le «maître», puisque vous savez le mieux. Ce n'est pas une raison pour que je vous donne ce titre, puisque je suis de nature égalitaire, mais c'en est une pour que je me contente du titre bien autrement précieux d'ami.

Cordialement à vous,

Élisée Reclus

[f. 30]

Carta 15



Sèvres,
13/04/1893

Mon cher Monsieur,

J'ai bien reçu votre lettre du 13 février, mais je me trouvais alors en Algérie, et je n'avais pu expliquer suffisamment par lettres à MM. Hachette ce qu'étaient ces "cartes demandées pour la traduction". A mon retour, je me suis empressée d'aller visiter ces Messieurs, qui m'ont promis de vous écrire directement.

Cependant je vous envoie la note qu'ils m'ont écrite et qui semble établir qu'il y a impossibilité de satisfaire vos désirs comme je l'aurais cordialement souhaité.

J'ai quelques grands projets géographiques dont je vous entretiendrai peut-être un jour quand j'approcherai de la réalisation, – à supposer que l'âge et la santé me le permettent.

Bien affectueusement à vous,

Élisée Reclus

[f. 32-33]

Sèvres,
18/04/1893

Carta 16

Mon cher Monsieur,

J'ai reçu hier un nouvel envoi de votre traduction annotée et divers ouvrages dont je vous remercie. Vous avez aussi la gracieuseté de vous informer de ma santé : elle est meilleure.

La note de la maison Hachette que je vous ai envoyée vous explique la situation. MM. [xxxx] ayant acheté le droit de traduction et les clichés, la maison Hachette ne peut se permettre de donner à qui que ce soit ce qu'elle a déjà vendu. Elle ne pourrait même vous concéder le droit de traduction, si votre travail, grâce à vos précieuses notes, n'était plutôt un commentaire, – bien supérieur à l'original.

Vous insistez pour avoir mon portrait. Le voici, aussi déjà de quelques années. Je suis sensiblement plus chauve.

Je serai très heureux si le cours des années me permet de revoir la Colombie et de continuer ma collaboration avec vous. Mais quand-même je n'aurais pas la chance d'aller vous serrer la main là-haut des plateaux andins, je pourrais peut-être vous être de quelque utilité. Votre carte géniale du 1'350.000 est tout à fait insuffisante. Le temps ne serait-il pas venu de systématiser tous les travaux partiels de réfection pour arriver tôt ou tard à faire une carte topographique à l'échelle du 50.000 ± (que plus du 100.000 au moins) par exemple? Ce que le Mexique a tenté, ne pourriez-vous le tenter aussi?

Quels sont les documents qui vous paraissent déjà utilisables? Ne serait-il pas possible de dessiner déjà la feuille d'assemblage de la carte future?

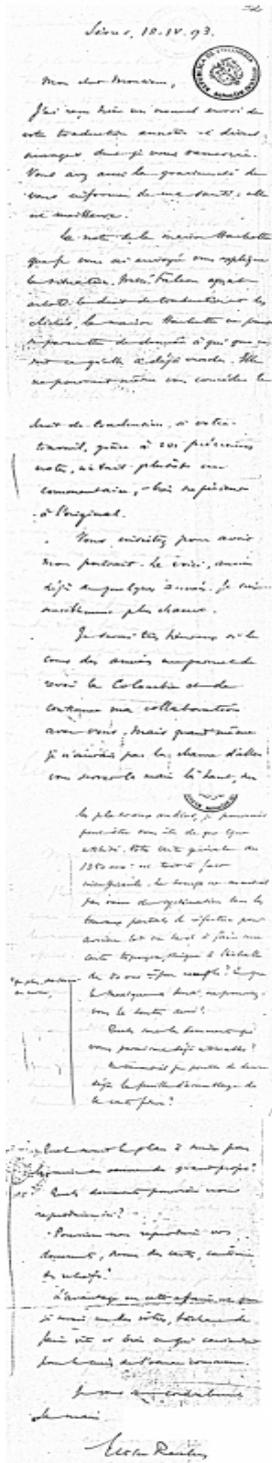
Quel serait le plan à suivre pour la mise en œuvre du grand projet? Quels documents pourrions nous reproduire ici?

Pourrions-nous reproduire vos documents, dessiner des cartes, construire des reliefs?

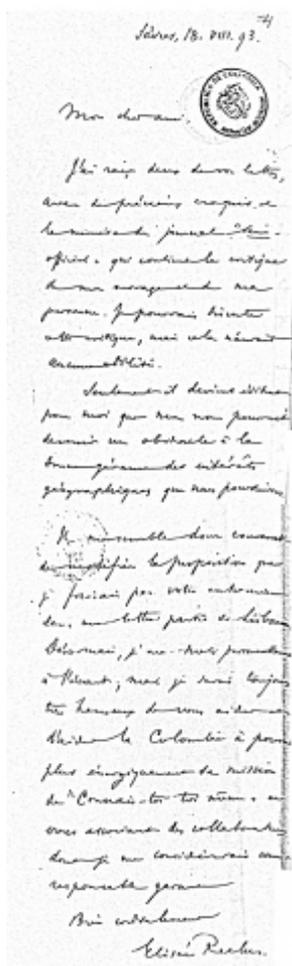
L'avantage en cette affaire est que je serais un des vôtres, tâchant de faire vite et bien ce qui conviendrait pour le succès de l'œuvre commun.

Je vous serre cordialement la main,

Élisée Reclus



Carta 17



[f. 34]

Sèvres,
18/08/1893

Mon cher ami

J'ai reçu deux de vos lettres, avec de précieux croquis et le numéro du journal "Semi-officiel" qui contient la critique de mon ouvrage et de ma personne. Je pourrais discuter cette critique, mais cela n'aurait aucune utilité. Seulement il devient évident pour moi que mon nom pourrait devenir un obstacle à la bonne gestion des intérêts géographiques que nous poursuivons.

Il nous semble donc convenable de modifier la proposition que je faisais par votre entremise dans ma lettre partie de Lisbonne. Désormais je me tiens personnellement à l'écart ; mais je serais toujours très heureux de vous aider et d'aider la Colombie à pousser plus énergiquement sa mission de "connais-toi toi-même" en vous envoyant des collaborateurs dont je me considérerais comme responsable garant.

Bien cordialement,

Élisée Reclus

Sèvres,
24/08/1893

Vitres, 29. VIII. 93.

Mon cher ami,

Reçu votre lettre du 18
Juillet et le précieux document
donnant qu'il me contenait
à mon ami de Paris,
je t'en ai aussi dans
un exemplaire de la
grande encyclopédie,
que j'ai aussitôt porté à la destination;
l'autre à mon adresse, donc
je vous remercie cordialement.

À ce propos, quelques observations:
Je ne m'appelle pas Jean.
Mes prénoms sont Jacques Élisée
simplement. Ce n'est point
Carl Ritter qui m'a détourné de
la théologie. L'évolution morale
était déjà faite, et ce grand
géographe, très fier à lui-même,
ne m'aurait certainement détourné
d'une voie qu'il voyait bonne.

Je rentrai en France à 21 ans,
avant le coup d'État de 1851.

L'introduction au dictionnaire des
communards français a été faite
surtout par mon frère Elie.

La Terre ne m'a pas ouvert les
ports de la Société de Géographie.
On entre dans cette société comme
dans un [xxxx]: il suffit de payer
la cotisation.

Je ne me souviens pas de ce que
j'ai écrit dans le Cri du Peuple
en 1871, mais je doute que j'ai
dit les paroles que l'on me prête.
D'ailleurs, si je suis entré dans
les rangs des commandants, ce n'est
pas comme "incorporé", mais comme
volontaire, après avoir pris avis
de ma conscience.

Enfin, trop d'éloges! trop de fleurs,
trop de fleurs! Nous tous hommes,
nous sommes bien par de chose,
mais il y a la [xxx], il y a la bonté!
il y a la justice!

Je n'ai pas encore eu le temps
d'étudier votre Système du Monde.
À bientôt.

Votre ami,

Élisée Reclus

Mon cher ami,

Reçu votre lettre du 18 Juillet et le précieux document qu'elle contenait.

A mon arrivée du Brésil, j'ai trouvé aussi deux exemplaires brochés de Colombia, l'un pour la Grande Encyclopédie, que j'ai aussitôt porté à la destination; l'autre à mon adresse, donc je vous remercie cordialement.

À ce propos, quelques observations: Je ne m'appelle pas Jean. Mes prénoms sont Jacques Élisée simplement. Ce n'est point Carl Ritter qui m'a détourné de la théologie. L'évolution morale était déjà faite, et ce grand géographe, très fier à lui-même, ne m'aurait certainement détourné d'une voie qu'il voyait bonne.

Je rentrai en France à 21 ans, avant le coup d'État de 1851.

L'introduction au dictionnaire des communards français a été faite surtout par mon frère Elie.

La Terre ne m'a pas ouvert les ports de la Société de Géographie. On entre dans cette société comme dans un [xxxx]: il suffit de payer la cotisation.

Je ne me souviens pas de ce que j'ai écrit dans le Cri du Peuple en 1871, mais je doute que j'ai dit les paroles que l'on me prête. D'ailleurs, si je suis entré dans les rangs des commandants, ce n'est pas comme "incorporé", mais comme volontaire, après avoir pris avis de ma conscience.

Enfin, trop d'éloges! trop de fleurs, trop de fleurs! Nous tous hommes, nous sommes bien par de chose, mais il y a la [xxx], il y a la bonté! il y a la justice!

Je n'ai pas encore eu le temps d'étudier votre Système du Monde. À bientôt.

Votre ami,

Élisée Reclus

[f. 38-39]

Nouvelle adresse: Bourg-la-Reine, Rue du Chemin-de-fer, n° 9
17/12/1893

Carta 19



Mon cher Monsieur et ami,

Je vous remercie fort de l'envoi de votre portrait. Il me semble que [xxx] indiquer de la puissance de la [xxx] une grande persévérance dans le travail, merci encore une fois de m'avoir fait ce plaisir.

Aujourd'hui j'ai donné le dernier bon à tirer de la dernière feuille de mon dernier volume. J'ai ajouté un appendice à l'ouvrage, un "dernier mot" relatif à un volume terminal que je désire rédiger: "L'Homme", volume d'histoire et de géographie comparées, avec vues perspectives sur les temps qui ne sont pas encore.

Espérons que je ne serai pas trop inférieur à mon immense tâche. Peut-être m'occuperai-je aussi d'alléger mes dix-neuf gros volumes en y supprimant tout ce qui se rapporte aux choses transitoires de l'administration, du commerce, de la pure chorographie, pour ne garder que la partie durable de valeur permanente.

De quelle manière pourrions-nous travailler efficacement l'un et l'autre à l'œuvre commune de la Géographie Colombienne? J'ai contre moi mon âge avancé et la multiplicité de mes travaux; vous avez pour vous la jeunesse, les avantages du lieu de séjour, la tradition des travaux. Si quelque chose de sérieux doit [f. nuire] de notre collaboration, il serait nécessaire que je sois représenté là-bas au moins par deux travailleurs, tous les deux bons géodésiens et calculateurs, mais l'un l'occupant principalement du réseau des mesures et l'autre des observations générales et des aspects de la nature. Leur collaboration spéciale, d'un côté avec vous, de l'autre avec moi nous permettraient de travailler de concert, à moins, ce que je préférerais, qu'on me laissât de côté et que l'œuvre devint, ce que serait juste, purement colombienne.

Pour ma part, je considère que le temps est toujours précieux, et s'il est possible de faire quelque chose avant le mois de juillet prochain, il ne faudrait pas le négliger.

On paierait le voyage de ces deux messieurs jusqu'à Bogotá, soit isolés, soit avec leurs femmes, ce qui serait plus juste, ou les contreviendrait, sans honorer, jusqu'au mois de juillet pour les [xxx] à l'œuvre, et à partir du jour où leur travail serait reconnu utile, ce qui serait bientôt si j'imagine, ils seraient rémunérés conformément à leur travail.

Vous avez raison au l'égard de la réédition du livre, supprimez toutes les notes inutiles, ni incorporez ce qui est utile dans le texte, disposez comme il vous conviendra, pourvu que l'œuvre définitive soit conforme à la pensée commune.

Je ne vois pas l'ouvrage spécial sur la Colombie à vous signaler.
Cordialement à vous,

Élisée Reclus

[f. 40-41]

**Bruxelles,
06/07/1897**

Mon cher Monsieur et ami,

Voici des années que le silence n'est fait entre nous et vous savez cependant si je vous dois de la reconnaissance pour les services que vous m'avez rendus. Nul de mes collaborateurs ne me fût plus secourable.

Or, depuis que l'éloignement et la divergence des travaux m'a laissé dans l'ignorance de vos actes, vous avez très probablement accru l'avoir cartographique de la Colombie et vous avez ajouté deux précieux documents à vos collections.

Tous ces trésors pourraient m'être d'une utilité capitale, car je viens d'être chargé de la construction d'un globe au 320.000 pour l'Exposition de Paris. Vous voyez d'ici la place importante que la Colombie prendrait sur ce sphéroïde et il ne dépend que de vous que cette place soit remplie d'une manière originale et vraie. Je vous soumettrai tous mes dessins mais avec prière de les faciliter par des envois préliminaires de votre part.

Déjà vous avez contribué dans une large mesure à débrouiller un peu de chaos de lignes qui était sensé représenter votre pays, et par la grande carte à laquelle nous travaillerons ensemble vous arriveriez d'une façon définitive à fixer dans ses grands traits la cartographie colombienne.

En attendant notre [f. séjour], je suis très cordialement à vous. Je vous prierai de vouloir bien me mettre en rapports directs si cela vous convient avec les quelques sociétés scientifiques de votre pays et de me mettre sur la liste de ceux qui échangent leurs travaux avec les publications officielles.

Bien cordialement à vous,

Élisée Reclus
27, rue des Bruxelles

Carta 20



[f. 42-43]

24/09/1897
27, rue des les Bruxelles

28. IX. 97. 42

Mon cher Monsieur et ami,

Je vous remercie de votre excellente lettre et suis tout confus de l'empressement que vous mettez à collaborer à mon œuvre. Mais souvenez-vous que j'en suis encore au même point qu'à l'époque où j'ai eu le plaisir de vous annoncer mon projet et mes espérances. Les capitalistes me promettent de l'argent; ils doivent même verser deux cent mille francs d'à compte le 30 de ce mois, mais tant que la chose n'est pas absolument certaine, je dois m'abstenir de présenter l'affaire comme faite à mes collaborateurs et ne pas les encourager au travail.

Pour vous c'est autre chose, car vos travaux sont d'une importance capitale, et tôt ou tard nous permettront de dessiner une carte à grande échelle qui remplacera les précédentes et sera pour nous tous un point de départ pour des recherches ultérieures plus complètes. Notre œuvre sera durable et d'avance je puis vous assurer de mon concours empressé si vous faites graver vos cartes en Europe, de même que je compte sur vous pour mon Globe Terrestre. Je dis "mon", mais il faut dire "notre", car il sera dûment constaté pour notre Globe que la Colombie a pour auteur M. F. J. Vergara y Velasco.

Un des mes collaborateurs vous enverra incessamment une notice relative à nos procédés cartographiques et à notre méridien. En outre, je m'engage à vous écrire dès que j'aurai toute certitude à l'égard de mon travail.

Bien cordialement à vous,

Élisée Reclus.

Mon cher Monsieur et ami,

Je vous remercie de votre excellente lettre et suis tout confus de l'empressement que vous mettez à collaborer à mon œuvre. Mais souvenez-vous que j'en suis encore au même point qu'à l'époque où j'ai eu le plaisir de vous annoncer mon projet et mes espérances. Les capitalistes me promettent de l'argent; ils doivent même verser deux cent mille francs d'à compte le 30 de ce mois, mais tant que la chose n'est pas absolument certaine, je dois m'abstenir de présenter l'affaire comme faite à mes collaborateurs et ne pas les encourager au travail.

Pour vous c'est autre chose, car vos travaux sont d'une importance capitale, et tôt ou tard nous permettront de dessiner une carte à grande échelle qui remplacera les précédentes et sera pour nous tous un point de départ pour des recherches ultérieures plus complètes. Notre œuvre sera durable et d'avance je puis vous assurer de mon concours empressé si vous faites graver vos cartes en Europe, de même que je compte sur vous pour mon Globe Terrestre. Je dis "mon", mais il faut dire "notre", car il sera dûment constaté pour notre Globe que la Colombie a pour auteur M. F. J. Vergara y Velasco.

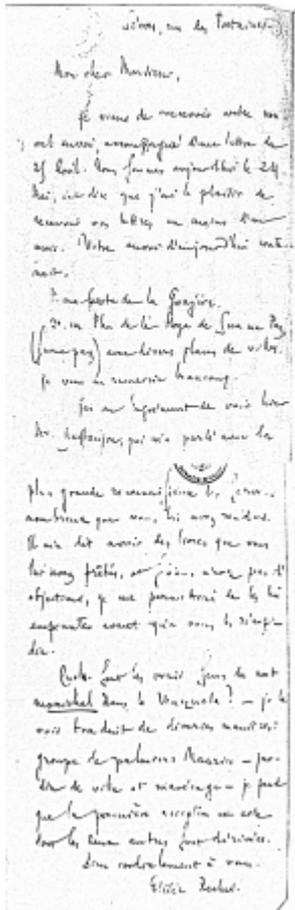
Un des mes collaborateurs vous enverra incessamment une notice relative à nos procédés cartographiques et à notre méridien. En outre, je m'engage à vous écrire dès que j'aurai toute certitude à l'égard de mon travail.

Bien cordialement à vous,

Élisée Reclus

[f. 44-45]

Carta 22



Sèvres, rue des Fontaines
[s. d]

Mon cher Monsieur,

Je viens de recevoir votre nouvel envoi, accompagné d'une lettre du 25 Avril. Nous sommes aujourd'hui le 24 Mai; c'est dire que j'ai le plaisir de recevoir vos lettres en moins d'un mois. Votre envoi d'aujourd'hui contenait, 1° une Carte de la Goajire. 2° un Plan de la Hoya de Summa Paz (Sume-paz), avec divers plans de villes, je vous en remercie beaucoup.

J'ai eu agrément de voir hier M. Chaffanjon, qui m'a parlé avec la plus grande reconnaissance les services nombreux que vous lui avez rendus. Il m'a dit avoir des livres que vous lui avez prêtés, et si vous n'avez pas d'objections, je me permettrai de les lui emprunter avant qu'on vous les réexpédie.

Quels sont les vrais sens du mot Marichal dans le Venezuela? – je le vois traduit de diverses manières: groupe des palmiers Maurice – jardin de villa et marécage – je pense que la première acception est celle dont les deux autres sont dérivées.

Bien cordialement à vous,

Élisée Reclus